

JOSÉ COLLARILE

A ORDENAÇÃO DE FIGURAS
DA
ESCALA WECHSLER-BELLEVUE
COMO
TÉCNICA PROJETIVA

Contribuição para o seu uso, em crianças e adolescentes

T
155.4
C665o

N.Cham. T 155.4 C665o
Autor: Collarilo, Jose
Título: A ordenação de figuras da escal



818453

Ac. 23384

BCS

José Collarile

A ORDENAÇÃO DE FIGURAS
DA
ESCALA WECHSLER-BELLEVUE
COMO
TÉCNICA PROJETIVA

Contribuição para o seu uso, em crianças e adolescentes

TESE DE DOUTORAMENTO
APRESENTADA
A
ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA

155.4
C. 65
1968

FC-00006099-8

R. 818453/98

01/06/98

São Paulo
1968

BIBLIOTECA
DA
ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
FACULDADE DE MEDICINA

BIBLIOTECA

Reg. n. 471

Data 25 / 04 / 1970

A memória de meu Avô

Para meus Pais.

Para minhas Filhas.

Para Lucia

BIBLIOTECA
DA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE MEDICINA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Embora figure eu como o autor desta tese, na verdade ela traduz o trabalho, a colaboração, a dedicação, o ensinamento e o estímulo de outros. Tal como o fruto, é resultante do trabalho continuado e anônimo de muitos, que provavelmente não sabem estarem sendo afetuosamente lembrados neste momento. Se é difícil mencionar nominalmente a todos, impossível seria deixar de enaltecer aqueles que acompanharam de perto as várias fases da minha vida profissional. Raimiro Lotufo, no Departamento Estadual da Criança; Manoel Saldiva Neto, na Clínica Pediátrica do Hospital das Clínicas; Mario Robortella e Aníbal Silveira, no Hospital Central de Juquerí; Thomaz de Aquino Collet e Silva Filho, na clínica particular; Henrique Julio Schlomann e Adelheid Lucy Koch, na análise didática individual e Darcy de Mendonça Uchôa, na supervisão do trabalho analítico e nas atividades universitárias.

Eis o fruto. Ele vem envolto em amizade e dedicação. Maria Luiza Vieira colheu a maioria das estórias do subtítulo da "Ordenação de Figuras". A ela e a Lygia Neddermeyer pertencem os estudos psicológicos dos quais fiz os resumos que acompanham as histórias clínicas. Dos eletroencefalogramas apresento apenas as conclusões de Adail Freitas Julião e Rosa Helena Longo. O estudo foniatríco é de Haydée Pereira Bueno Hollander. Na pesquisa bibliográfica recebi inestimável auxílio de Márcia Mello e Silva, Luiza Maria Seráfico de Assis Carvalho e Sônia Azambuja. Em muitos e prolongados serões, Helda de Barros Nogueira de Castro e Lygia Bastos de Aguiar Toledo, carinhosamente cuidaram da revisão do texto original que foi datilografado por Déa Silvia Fragoso de Moraes.

Os eminentes Professores da Comissão Examinadora dirão das qualidades que ele apresenta. Se boas, o merecimento é de todos, por que colaboraram magnificamente. O que de mau existe deve ser imputado à má qualidade da terra em que foi lançada a semente.

A todos, a minha perene gratidão.

"Un test tiene diferentes significados para diferentes sujetos y sus respuestas pueden tener un sentido por entero diferente".

Allport, G. W. (3) pág. 318.

"Our last remarks suggest that in the definitive classification of a person's intelligence some regard must be paid to the subject's past history, that is, his social, emotional, and, in the case of adults, his vocational and economic adjustments".

Wechsler, D (71), pág. 47.

INDICE

	página
PRIMEIRA PARTE: INTRODUÇÃO	
A:- A inteligência e as funções intelectuais	1
B:- A influência dos fatores da personalidade	6
C:- Os testes psicológicos	7
D:- Os testes de Wechsler-Bellevue (W. B.)	10
E:- A projeção e as técnicas projetivas	18
SEGUNDA PARTE: A PESQUISA	
A:- Objetivos	27
B:- Técnica utilizada	28
C:- Escolha da amostra	29
D:- Material da pesquisa	29
E:- Apresentação e interpretação do material da pesquisa..	33
TERCEIRA PARTE: COMENTÁRIOS E CONCLUSÕES	
A:- Análise geral dos resultados	119
B:- Análise das diferentes séries	124
C:- Conclusões	137
QUARTA PARTE: REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	141

PRIMEIRA PARTE

INTRODUÇÃO

- A:- A inteligência e as funções intelectuais
- B:- A influência dos fatores da personalidade
- C:- Os testes psicológicos
 - Os testes de eficiência
 - A expressão da inteligência em termos de I.M. e Q.I.
- D:- O teste de Wechsler-Bellevue (W. B.)
 - O diagnóstico do Q.I.
 - Dispersão e Padrão ("Scatter" e "Pattern")
 - Índice de deterioração
 - Avaliações qualitativas
 - As aplicações do W. B.
 - O subteste "Ordenação de Figuras"
- E:- A projeção e as técnicas projetivas
 - A projeção
 - As técnicas projetivas
 - A projeção no teste W. B.
 - A projeção no subteste "Ordenação de Figuras".

Quer derive sua origem de "persona" ou de "personare" o termo "personalidade" talvez seja um dos mais difíceis de conceituar ou de definir. Num exaustivo trabalho de pesquisa ALLPORT (3) apresenta cinquenta definições agrupadas segundo os vários sentidos com as quais é usada, finalizando por propor sua definição: "A personalidade é a organização dinâmica, dentro do indivíduo, daqueles sistemas psicofísicos que determinam seus ajustes únicos ao seu ambiente". Representa, segundo sua própria expressão, uma síntese do uso psicológico contemporâneo. Note-se a preocupação em destacar a presença dos fatores psicológicos, fisiológicos e ambientais numa organização dinâmica, isto é, interatuantes. Desaparecem assim, os resquícios do sentido primitivo, da imutabilidade, da dádiva divina ou do determinismo da hereditariedade, para se entrar em plena concepção holística, na dinâmica de uma totalidade que está sempre se diferenciando para se integrar numa nova totalidade.

Na impossibilidade de estudá-la na sua imponente e sedutora complexidade, somos levados a destacar-lhe ínfimas parcelas para, depois de imobilizadas e desvitalizadas, serem submetidas a acurado exame através das lupas com as quais armamos a nossa míope ignorância. Aceitemos a limitação que nos é imposta, mas não nos esqueçamos de que o que se tem em mãos tornou-se parte deformada de um todo, e não nos esqueçamos, principalmente, de que essa parte só voltará ao seu verdadeiro sentido se, depois de analisada, ainda puder ser recolocada em seu devido lugar e compreendida dentro do seu todo.

O que importa não é o pormenor; o objeto do nosso estudo é, e sempre deverá ser, por mais limitados que nos sintamos, o homem no seu dinâmico processo de integração. O presente trabalho será norteado por este princípio diretor e tem a intenção de focalizar mais dinamicamente um dos setores teimosamente mantido como dos mais estáticos dentro da psicologia. Parte êle também, de um pormenor, de uma parcela do material obtido com a aplicação do teste de Wechsler-Bellevue, o subteste da ordenação de figuras; pretende mostrar que com êle pode-se conseguir mais do que uma simples soma de pontos para a obtenção de um número revelador de um QI. É possível ver, através dêle, aspectos muito significativos do dinamismo funcional da personalidade.

A:- A INTELIGÊNCIA E AS FUNÇÕES INTELECTUAIS

Existe muito mais acôrdo entre os estudiosos sôbre como trabalhar e entender o que fica implícito no termo "inteligência" do que sôbre a sua conceituação ou definição. Excluindo o significado etimológico do ter

mo, o qual, segundo LOPES IBOR (46) provem do latim "intus-legere" e significando, portanto, "ler dentro, no interior", existe um número muito grande de definições, quase todas elas considerando-a como uma ou mais capacidades ou habilidades. Para um determinado grupo de autores é a capacidade para lidar com justeza naquelas tarefas que envolvem a possibilidade de fazer abstrações. Serve de exemplo a definição de DELACROIX, segundo citação de LOPES IBOR (46), que o considera uma "máquina de fabricar abstrações". Um segundo grupo de definições abrange aquelas que se referem à capacidade para aprender, como o fazem KÖHLER E KOFFKA quando afirmam ser a "capacidade especial para adquirir conhecimentos novos" (LOPES IBOR (46)). O terceiro grupo, talvez o maior, é aquele que considera a inteligência em termos de capacidade de adaptação dos indivíduos, fazendo-se, ou não, especial referência explícita de que a adaptação se faz ao enfrentar situações novas. Assim, encontramos em HEUYER (31) o conceito de CLAPARÈDE que fala numa "adaptação mental às circunstâncias novas". Para STERN (67) é a "aptidão pessoal para defrontar-se com necessidades novas, fazendo uso adequado do pensamento como meio". JASPERS (34) não tem a preocupação de que a adaptação se faça diante de situações que sejam obrigatoriamente novas quando diz que "chamamos inteligência ao conjunto de todas as capacidades e de todos os instrumentos convenientemente aplicados, utilizáveis para não importa que rendimentos, na adaptação aos problemas da vida". Poder-se-ia constituir um quarto grupo para abranger aquelas definições que fogem totalmente às citadas acima, e aquelas que podem trazer implícitos um ou mais dos itens considerados nos grupos anteriores. Como exemplos temos a definição com a qual WECHSLER (71) praticamente abre o capítulo inicial de sua obra: "a inteligência é a capacidade reunida ou global do indivíduo para atuar com propósito, para pensar racionalmente e para relacionar-se de maneira efetiva com o seu meio ambiente".

Como não se conseguiu uma definição clara e precisa que a todos pudesse satisfazer, sugeriu-se não mais perguntar o que é a inteligência e trabalhar com ela sem defini-la (KRECH e CRUTCHFIELD) (42). Mas ao trabalhar com ela, principalmente quando se tentou medi-la através dos testes mentais, estes foram concebidos à maneira de problemas que eram propostos e que deviam ser resolvidos; ficava implícita a conceituação da inteligência como a aptidão para resolver problemas.

Mas, para a resolução de um problema, mister se faz que se apreendam e compreendam os seus dados e, em função deles sejam elaboradas as respostas. Não resta a menor dúvida que estes trabalhos psicológicos se realizam dentro da esfera cognitiva. Porém, nestas situações, JASPERS (34) faz questão que se distingam as "condições prévias da inteligência" (fixação, memória, percepção, linguagem, que ainda não são inteligência), bem como se separe o "inventário pessoal" ou conhecimento, que deve ser levado em conta porque pode servir de base para a inteligência, mas que ainda não é ela própria; depois dessas exclusões é que se poderia considerar a "inteligência propriamente dita", que é difícil de captar.

Quando se elaboram os dados pode-se chegar a múltiplas possibilidades de respostas, dentre as quais deve-se escolher uma que será

apresentada como solução ao problema, isto é, torna-se necessário fazer uma opção, quando se faz sentir a presença do fator motivacional, de caráter afetivo. Finalmente, executa-se a resposta, momento em que se coloca em ação o campo conativo-motor. Desta maneira, a solução de um problema requer o uso de todas as funções psíquicas, sendo, como todo ato mental, "a um tempo uma cognição, uma afeição e uma conação" (MC DOUGALL) (51).

Muito embora se possa concordar com DELAY e PICHOT (18) em que "o elemento mais característico da conduta inteligente do homem é a aptidão para a formação e a integração de conceitos", é preciso ter-se presente que ela não é apenas isso, ela não pode ser considerada como uma função simples, mesmo que seja a mais elevada do psiquismo humano, ou mesmo a que distinguiria o homem dos outros animais. Ela é complexa porque nela interveem todas as outras funções e ela é complexa porque implica em várias fases ou capacidades, nem sempre fáceis de isolar ou distinguir. Clássicamente consideram-se as capacidades para conceituar, para julgar e para raciocinar, funções que se realizam baseadas num trabalho prévio ou concomitante de uma análise e de uma síntese. Análise que decompõe os elementos do problema e síntese que leva a escolher alguns dos elementos resultantes da fragmentação analítica, para com eles construir uma nova estrutura, uma idéia. Do reconhecimento da necessidade de existirem tantas funções em ação para a produção do trabalho intelectual, decorre um novo conceito para a inteligência, que pode ser expresso em termos de uma "integração das funções psíquicas". Decorre também que, nas diferentes situações nas quais a inteligência se manifesta, as funções que a compõem podem entrar em proporções diferentes, o que leva a acreditar não ser ela uma função unitária e autônoma e sim uma função dependente de várias outras, configurando-se assim, a existência de "inteligências". Realmente, para JASPERS (34) deveriam ser distinguidas as inteligências "práticas", das "teóricas"; as "práticas" que permitem uma grande facilidade de adaptação para possibilitarem uma rápida escolha da melhor solução devido à preponderância do trabalho analítico com situações concretas; as "teóricas" também chamada "conceitual" por LOPES IBOR (46), nas quais existe uma grande capacidade de síntese. Como os problemas a serem resolvidos são apresentados muitas vezes sob forma verbal, preconizou também a existência de uma inteligência "verbal", que no entanto, a maioria, prefere incluir dentro da teórica ou conceitual. THORNDIKE, citado por KANNER (35) sugeriu a existência de três tipos de inteligência: a "abstrata" (capacidade para manejar com eficiência os símbolos e as idéias), a "social" (capacidade para lidar com pessoas e a "mecânica" (capacidade para manejar - coisas e fatos concretos). KRETSCHMER (43) distinguiu a inteligência "reprodutiva", que compreende a faculdade de aprender e reter, da inteligência "produtiva" que compreende, em senso estrito, as manifestações aperceptivas, a formação de juízos e as conclusões, mas que em sentido amplo, compreende toda classe de produções psíquicas novas.

Conceituar a inteligência como aptidão para resolver problemas teve como consequência admitir-se a existência de "inteligências". A perda do seu caráter unitário deu margem a se formular a hipótese de que seria constituída por fatores múltiplos, diferentemente dosados em cada indivíduo particular, mas cada um deles relacionado a tarefas específicas. A análise

se factorial aplicada aos resultados obtidos diante de uma série de problemas, veio confirmar a existência desses elementos específicos, facilitadores da realização de tarefas determinadas, particulares; mas veio também mostrar que existe um outro fator, este de caráter geral, ao qual se somam os específicos, presente em todos os indivíduos e que seria utilizado na realização de toda e qualquer tarefa. Este fator geral foi identificado com aquele admitido por SPEARMAN como existindo em todas as atividades mentais, simbolicamente "g", tornando-se o representante de uma inteligência geral, em oposição às inteligências ou fatores "específicos", simbolicamente "s". O prosseguimento dos estudos realizados com a finalidade de isolar fatores, mostrou a existência de vários outros, entre os quais o "v" (verbal). O próprio WECHSLER (70) aceita que os testes que se propõem medir a inteligência não o fazem completamente, permitindo um "resíduo" no qual ALEXANDER, por ele citado, isolou os fatores "x" e "z" (ligados ao temperamento). WECHSLER preferiu denominá-los "fatores não-intelectivos", relacionando-os com aspectos afetivos e conativos que entram na inteligência global e que não seriam inteligência, mas condições básicas para que ela se exerça.

Em relação a cada um dos aspectos aqui condensados sucintamente pode-se encontrar farta literatura, o mesmo ocorrendo com outros tópicos aos quais não se fez referência. Na imensa maioria predominam as pesquisas sobre os aspectos conscientes do trabalho mental. Mas não basta saber que podemos conceber a inteligência com uma integração das funções psíquicas, como também não basta saber que existem os fatores "g", "v", "s", "x" e "z" ou outros já determinados ou que venham a ser isolados. Algo mais se fez necessário e isso só foi possível com a orientação dos trabalhos numa outra linha de pensamento, permitido pelo evoluir das Psicologias Profundas, dinâmicas, particularmente a Psicanálise. Com esta nova arma a pesquisa pode mostrar não só a existência de uma dinâmica das funções intelectuais, como um melhor conhecimento delas. Fundamentou a influência dos outros elementos, principalmente os afetivos, no funcionamento intelectual, como se mostrará posteriormente.

B:- A INFLUÊNCIA DOS FATORES DA PERSONALIDADE

Concebendo a personalidade como o "homem na sua integração" ou como o fazem DELAY e PICHOT (18), a "organização dinâmica dos aspectos cognitivos, afetivos, conativos, fisiológicos e morfológicos do indivíduo", deveríamos tratar aqui de todos e de cada um, nas suas interações. Seríamos levados a um afastamento desnecessário do nosso propósito básico, ampliado pela necessidade de abordar também os aspectos sócio-culturais. Abordaremos apenas alguns deles, quando se fizer necessário; teceremos, por ora, algumas considerações sobre os aspectos instintivos-afetivos, indispensáveis ao ulterior desenvolvimento do nosso raciocínio.

Retomando o esquema anteriormente apresentado da forma pela qual o indivíduo resolve um problema determinado, pode-se ver que não basta captar os elementos da realidade exterior; mister se faz que os ela

bore, analisando, sintetizando, extraindo o que têm de essencial, comparando com os dados anteriormente obtidos e conservados dentro de si. Só agora está em condições de estabelecer as possíveis soluções dentre as quais escolherá a que melhor lhe parecer para executar como resposta ao problema proposto.

O trabalho analítico mostrou que estes dados da realidade exterior, na sua totalidade ou numa das suas partes ou aspectos, funcionam como estímulos que, reativando núcleos reprimidos, causam o aumento da tensão interior, ameaçadora do ego, sentida como angústia contra a qual necessita se defender. Esta defesa se faz através de uma série de processos ou mecanismos, variáveis de um para outro indivíduo e num mesmo indivíduo, de acordo com as circunstâncias. Estas defesas implicam em alterações do processo "normal", levando à formulação de respostas, não as mais adequadas para a realidade objetiva exterior, porém, as mais satisfatórias para as necessidades da sua realidade interior, subjetiva. Não só angústias podem ser desenvolvidas; essas percepções, podem, pelo contrário, ser identificadas com os objetos de satisfação das necessidades instintivas, ficando carregados de energias instintivas ("drive-object" de RAPAPORT), o que também vai alterar o processo "normal", tornando inadequada a resposta.

A constatação da existência do objeto exterior e a internalização da sua imagem (introjeção), ou a alucinação do objeto pela projeção das imagens mnêmicas previamente formadas (com as vivências prazenteiras ou angustiantes que as acompanham), está na base de todo processo do pensamento, seja na sua origem, seja no seu desenvolvimento ulterior. Estes fenômenos devem ser levados em conta, quando se analisam as respostas oferecidas como solução aos problemas propostos. Os demais mecanismos defensivos utilizados pelo ego darão colorido especial às diferentes situações, impondo, em consequência, a conduta resultante.

Partindo destas mesmas bases, LUZURIAGA (48) - (49) em dois magníficos trabalhos mostra como atuam essas defesas nos diferentes momentos do processo do pensamento, postulando a existência de uma "contra-inteligência" tendo como "essência a negação, a não-compreensão, a desconexão de vínculos significativos". Posteriormente estuda em material clínico co-psicanalítico, a maneira de combatê-la durante o tratamento.

C:- OS TESTES PSICOLÓGICOS

Se pretendêssemos traçar o histórico dos testes psicológicos teríamos que retroceder muitos anos até chegarmos a 1905, quando BINET e SIMON publicaram a primeira escala, criada com finalidade pedagógica e com possibilidade de utilização prática. Desde então inúmeras outras escalas e as mais diferentes variedades de testes surgiram, e sua utilização se difundiu amplamente.

O que hoje se entende por teste mental está praticamente bem estabelecido, sendo concordes os diferentes autores a esse respeito. As várias definições podem facilmente ser reduzidas à que oferece PICHOT (56):

"situação padronizada servindo de estímulo a um comportamento. Este é avaliado por comparação estatística com o de outros indivíduos colocados na mesma situação, permitindo classificar o examinando seja quantitativa, seja tipologicamente", ou à que é adotada pela Associação Internacional de Psicologia: "é uma prova definida, implicando numa tarefa a executar, idêntica para todos os indivíduos examinados, com uma técnica precisa para a apreciação do sucesso ou do fracasso, ou para a notação numérica do êxito". (BOURDIER (7)).

O fato de permitirem o estudo de um determinado comportamento de maneira objetiva, foi um dos fatores determinantes da ampla e fácil aceitação dentro do campo da Psiquiatria. Esta especialidade médica se ressentia de métodos objetivos passíveis de validar ou complementar a subjetividade do exame clínico psiquiátrico. A objetividade permitia não só comparar as manifestações da personalidade de diferentes indivíduos, como também quantificar os resultados. Seria então possível a aplicação dos métodos de tratamento matemático dos resultados obtidos. Estariam, assim a Psicologia e a Psiquiatria dentro do campo das ciências exatas, tomadas como modelos das verdadeiras ciências. Mas, a evidência clínica veio mostrar que essa objetividade era relativa; a quantificação nem sempre possível; a subjetividade não ficava afastada totalmente; a amostra de conduta examinada nem sempre era representativa da personalidade total. Necessário se fez comparar e complementar os resultados dos exames psiquiátrico e psicológico, isto é, dos dados subjetivos e objetivos. Foi esta situação que RAPAPORT (61) erigiu em postulado prático: "dado que os métodos clínicos obtêm uma amostra de conduta ampla, porém, não sistemática, enquanto que os processos de verificação (testes) obtêm uma estreita, porém, sistemática, a boa prática clínica utilizará sempre ambos, que compensarão mutuamente suas desvantagens". A segunda parte da tese apresenta os dados da pesquisa respeitando este postulado.

Ao definir teste mental PICHOT fala em "situação padronizada" referindo-se a uma série de fatos, pois a padronização implica no estabelecimento de um determinado estímulo, que deve ser aplicado sempre de uma determinada maneira, dentro das mesmas condições. Não é esta a única qualidade que se exige de um teste; existem outras, não menos importantes, necessitando estar presentes na caracterização de um bom instrumento de trabalho: capacidade de medir, quando existam, variações mínimas de conduta, bem como não mostrar qualquer variação quando a mesma não tiver sido modificada.

Necessário se torna afirmar serem os resultados influenciados por fatores independentes da estrutura do teste. Alguns estão ligados ao examinando, outros ao examinador. O primeiro pode modificar sua conduta em função da ansiedade e do estado de saúde física no momento do exame. O segundo, interfere pelo conhecimento e prática da prova utilizada e também por fatores inconscientes manifestados através da formulação de questões e na sua avaliação mais rígida ou benevolente. Ambos, examinando e examinador, podem contribuir para o estabelecimento de uma boa ou má interrelação, causa determinante de possível distorção dos resultados.

Os testes de eficiência

São os testes relacionados com o aspecto cognoscitivo da personalidade. Compreendem, entre outros, as escalas de desenvolvimento que têm a intenção de determinar o nível em que nelas se encontra a criança objeto do exame. Baseiam-se no conceito de maturação: passagem da criança *por fases sucessivas, específicas da espécie humana, biologicamente determinadas*, caracterizadas pelo aparecimento de dispositivos novos permitindo um comportamento diferente do observado na fase anterior. Admitindo fosse contínuo o processo maturacional, BINET e SIMON (6) construíram sua escala. *Existem nelas tarefas típicas passíveis de realização por crianças de uma determinada idade, mas inacessíveis às de idade imediatamente anterior.* Na prática cada nível da escala é representativa da capacidade de realização média de um grupo de crianças dessa idade. Avalia-se a eficiência de uma determinada criança através da sua capacidade de realização frente a essa escala. Esses os princípios básicos que norteiam as escalas de BINET-SIMON de 1908 e 1911, bem como as revisões Stanford de 1917 e de 1937.

A expressão da inteligência em termos de Idade Mental e Quociente de Inteligência

Avaliando a inteligência através da realização frente às suas escalas, numa situação concreta, com uma determinada criança, BINET e SIMON verificaram com certa frequência que ela podia não resolver todos os itens relativos à sua idade cronológica; em compensação, solucionava questões de idades superiores à sua.

Dividindo os doze meses do ano pelo número de problemas correspondentes ao nível da escala, obteve a pontuação que deveria ser dada a cada questão resolvida. Pôde assim, com uma simples soma aritmética obter uma quantidade de meses que denominou "idade mental" (I. M.), e que seria a idade de realização da criança frente ao teste. Esta denominação trouxe uma série de confusões, levando STERN (67), em 1914, a propor a troca da idade mental por uma nova notação: o quociente de inteligência (Q. I.). Este obtido pela divisão da idade mental pela cronológica. Chegava-se a um número desvinculado explicitamente da noção de idade e menos capaz portanto, de levar às inferências que a I. M. permitia. Na realidade, tanto o QI quanto a IM nada mais são do que anotações e nada mais dizem de quanto acima ou abaixo da média do seu grupo etário está o indivíduo examinado. Necessita ser acrescido de outros dados para poder melhor ser interpretado, como já preconizava SIMON (6) ao prefaciar o manual do teste: "O nível de inteligência não é resultado que não deva ser comentado. Ele se apresenta como uma conclusão que é preciso ler. Por mais exata que seja a ciência, ela continua a ser vivificada sempre pela arte".

Outra não é a idéia de WECHSLER (71) quando afirma categoricamente "Ainda que o QI seja a medida de inteligência mais simples e melhor, não é a única, nem a medida completa dela. A inteligência, como a

personalidade, é um ente demasiadamente complicado para ser definida por meio de um simples número".

D:- O TESTE DE WECHSLER-BELLEVUE (W. B.)

O W. B. não é considerado apenas um teste capaz de medir a inteligência; é mais do que isso, tem na sua constituição não só elementos ligados à parte cognitiva mas também aos outros aspectos da personalidade. GUERTIN, RABIN, FRANK e LADD (27) ao fazerem a revisão dos trabalhos aparecidos entre 1955 e 1960, afirmam que o próprio WECHSLER "tornou-se cada vez mais convencido que é mais útil interpretar a inteligência como um aspecto da personalidade total ... um efeito, mais do que uma causa".

"Permite uma ampla expressão do indivíduo, e portanto, um diagnóstico clínico (BOURDIER (8)). Isto acontece porque WECHSLER (71), partiu, ao construir sua escala, do princípio de que a inteligência não é uma função simples e unitária. É a expressão de um todo muito mais amplo, a personalidade. Define a inteligência como a "capacidade reunida ou global..."; "global" porque caracteriza a conduta individual como um todo, "reunida" porque é composta de elementos ou habilidades... . A mesma idéia está presente ao admitir "fatores outros, além da habilidade intelectual (por exemplo, os impulsos e as motivações) como fazendo parte da conduta inteligente" (pág. 3).

Por isto, ao construir sua escala, em 1939, utilizou uma série de onze subtestes. Cada um deles já haviam sido experimentado isoladamente ou constituindo parte de outras escalas, (BINET-SIMON, ARMY TEST ALPHA, etc) quando evidenciaram capacidade para medir os aspectos da inteligência com os quais se correlacionavam.

O W. B. pode, e é considerado um excelente instrumento de trabalho. Foi objeto de estudo e validação em centenas de pesquisas realizadas. Vozes discordantes como a de GURVITZ (28) surgem por vezes, fazendo severas críticas ao W. B. Dentre elas destaca-se a referente à mudança da maneira de aplicar e da avaliação de alguns dos seus subtestes. Foi isso feito com a "Ordenação de Figuras", na terceira edição do "The Measurement of Adult Intelligence", não existindo as mudanças correspondentes nas tabelas de Q. I. Conclui por sugerir o abandono do teste em pesquisas, até nova revisão estatística.

Tentaremos indicar alguns dos elementos que permitem a realização de pesquisas; as conclusões a que chegaram alguns estudiosos; as dificuldades encontradas e algumas das críticas feitas. Não existe a intensão revisionista. Qualquer tentativa nêsse sentido não só nos afastaria de nossos propósitos, como também seria inútil pois equipes de grandes conhecedores - do assunto como RABIN, GUERTIN, FRANK e LADD (59) (26) (27) fazem-nos cada cinco anos. Esboçando linhas de pesquisa já utilizadas, mostraremos que não encontramos trabalho análogo ao nosso, muito embora alguns dêles se aproximem em certos aspectos.

O diagnóstico do Q. I.

Com a aplicação de dez destes subtestes, ficando o de Vocabulário como teste suplementar verbal, pode-se obter o índice de inteligência global; com as provas verbais (informação, semelhança, compreensão geral, raciocínio aritmético, memória para dígitos) calcula-se um QI verbal; as demais provas fornecem os elementos para o cálculo do terceiro e último QI, o de execução. O cálculo é feito atribuindo pontos aos acertos total ou parcial; esses pontos variam para os subtestes de acordo com critérios especiais para cada um deles. Com isto pode-se obter uma contagem ("score") bruta, transformada em "ponderada" por meio de uma tabela. Com as contagens ponderadas dos subtestes verbais, obtém-se uma soma que é transformada em QI verbal utilizando uma nova tabela. O mesmo podendo ser feito com os subtestes de execução.

Pode-se notar que o QI da escala W. B. não tem o mesmo sentido daquele das Escalas Binet. Não é mais um quociente entre idades, e sim um número obtido numa tabela preparada estatisticamente. Para maior validade do índice, os cálculos consideram a deterioração mental fisiológica. Dizendo do seu significado WECHSLER (71), mostra-nos ser unicamente um dado relativo: "Um QI diz apenas quanto melhor ou pior, ou, quanto por cima ou por baixo da média se encontra o indivíduo, ao ser comparado com pessoas da mesma idade. O que essa média representa não o sabemos realmente" (pág. 41).

Ao surgir, o Q. I. foi recebido com grande interesse pelas aplicações práticas que trazia, possibilitando a previsão do rendimento escolar e a separação dos deficientes mentais. Gradativamente perdeu seu mérito ao ser verificada a sua variabilidade ligada a inúmeros fatores ambientais e sócio-culturais. Mas, como diz RABIN (58) perdeu apenas o seu valor "profético", porque continua sendo usado nos estudos clínicos que se realizam, necessitando tão só valorização adequada. Exemplo disso é o uso que, em 1963, COLEMAN e RASOF (16) fazem do WISC num grupo de crianças com distúrbios do aprendizado. Uma das mais úteis aplicações do Q. I., relaciona-se com o fato da escala W. B. fornecer um Q. I. verbal e outro de execução. As discrepâncias entre os seus valores podem ser encontradas em pessoas normais e tem sido relacionadas com aspectos vocacionais. Quando a diferença atinge determinado nível, seja favorecendo a escala verbal ou a de "performance", tem significado patológico e, nêstes casos, deve ser interpretada em função de outros dados fornecidos pelo teste. WECHSLER (71) encontrou predomínio da escala verbal nas doenças cerebrais orgânicas, nas psicoses e psiconeuroses. Nos psicopatas e deficientes havia uma discrepância para o lado dos testes de execução.

Dispersão e Padrão ("Scatter" e "Pattern")

Sob a denominação de "dispersão" abriga-se a observação de um indivíduo obter, numa determinada situação de exame, diferentes resultados nas diversas partes componentes de um teste ou de uma bateria deles.

Considera-se com "Padrão" o "scatter" médio de um grupo de indivíduos apresentando uma mesma característica. Pode-se, assim, falar de um Padrão para os esquizofrênicos, para os indivíduos com lesão cerebral, para os normais, etc. Os resultados obtidos até agora têm sido realmente contraditórios. COHEN (15) apresenta trabalho no qual mostra a divergência entre pesquisadores quanto ao valor das dispersões e dos padrões no diagnóstico nosológico dos quadros neuropsiquiátricos. Numa pesquisa em mais de 300 casos, abrangendo psiconeuróticos, esquizofrênicos e pacientes com lesões cerebrais, os protocolos foram examinados por sete psicólogos experimentados. Apenas um deles diagnosticou um número estatisticamente significativo; outros dois fizeram diagnóstico tão somente dentro do grupo das lesões cerebrais. Conclui pela inexistência de correlações entre o padrão do W. B. e o diagnóstico neuro-psiquiátrico. Além disso a detecção dos casos é baixa para ter importância prática.

Em contraposição, PATTERSON (55) verificou a concordância dos diagnósticos do W. B. e dos psiquiatras em 50 casos (78% entre boa e parcial). Conclui pela sua utilidade no diagnóstico dos casos limítrofes e mistos das doenças mentais.

Atribui-se a divergência entre os achados, principalmente, ao fato dos grupos nosológicos aos quais foram aplicados se ressentirem de melhor caracterização das doenças.

Índice de deterioração

A "deterioração" é uma forma particular de dispersão, resultante da maneira pela qual manifestam os diferentes subtestes, a incidência, no indivíduo, do processo fisiológico de envelhecimento e de algumas das perturbações mórbidas que afetam o aparelho psíquico. WECHSLER, em estudo feito, verificou que os subtestes reagem diferentemente com relação ao problema da deterioração: uns são muito afetados e outros pouco afetados, levando-o a classificá-los em dois grupos: o dos que "não se mantêm" e os dos que "se mantêm" (71). O índice de deterioração é calculado através de uma razão, na qual o numerador é formado pela diferença existente entre as contagens dos testes que "se mantêm" e os que "não se mantêm", figurando no denominador a contagem dos que "se mantêm". Esse é o índice de deterioração "psicométrico", do qual se deve subtrair o índice de deterioração "fisiológico" para se obter o "patológico", que só será significativo quando atingir um determinado valor (superior a 20%).

BENSBERG e SLOAN, em 1950, em trabalho citado por GUERTIN, FRANK e RABIN (26), trabalhando com deficientes mentais, concluíram que a deterioração fisiológica que WECHSLER encontrou para as pessoas mais idosas, pode ser um "artefato" devido a inadequação da amostra. No entanto, FOX e BIRREN, no mesmo ano, confirmam os achados de WECHSLER, quando conseguiram excluir as disfunções psicóticas e neurológicas. Ainda segundo a citação de GUERTIN, FRANK e RABIN, em 1952, CORSINI e FARRET verificaram que as pontuações com os testes verbais aumentam com a idade, enquan

to que os de execução diminuem; por isto, sugerem um novo índice "V-P" (verbal-performance) que seria mais sensível, como índice de deterioração, do que o "alteram" - "não alteram" preconizado por WECHSLER.

Avaliações qualitativas

Todos os processos anteriormente citados são considerados psicométricos porque levam à obtenção de um resultado numérico, quantitativo, portanto, e são obtidos avaliando as respostas como corretas ou não.

Já em 1946, HUNT (33) postulava aos psicólogos clínicos dar mais atenção à conduta do paciente na situação de teste, não se concentrando exclusivamente nos valores numéricos resultantes. Embora muita coisa já tenha sido mudada, CHESS (13), em 1967, ainda diz esperar que o examinador, aplicando testes de inteligência, forneça ao psiquiatra infantil outros dados além de um simples valor numérico.

Desde que se passou a estudar a inteligência dentro do contexto da personalidade e não mais como uma função isolada, outros elementos, além das respostas formais, passaram a ser anotados. Assim, valorizou-se a relação do examinando com o examinador, visto que o estado de ansiedade alterava o resultado obtido. Tome-se como exemplo o trabalho de KNIGHT (41) no sentido de esclarecer se a discriminação menos acurada de crianças de 8-9 anos, muito ansiosas, era função da situação de teste ou do conteúdo dos estímulos visualizados. Verificou fazerem os mais ansiosos menor número de discriminações corretas. Isto foi relacionado à situação e não ao conteúdo da cena social representada no teste. Por outro lado, LEVINE, CHEIN e MURPHY (45), em 1942, tentaram apurar a relação existente entre distorção perceptiva e necessidade a ser satisfeita. Verificaram que os processos cognitivos tendiam a mobilizar as energias perceptivas no sentido de gratificar as necessidades. Criava-se também um estado de alerta com relação aos objetos significativos, tornando a percepção mais acurada.

Parece evidente ter o examinando motivações inconscientes que lhe causam ansiedade; esta, altera todo o seu trabalho mental, modificando-se, assim, o resultado. A ansiedade se intensificando, pode atingir nível tal que o leve a um desejo de fuga com as consequentes distorções perceptivas no teste. RASHKIS e WELSH (64), examinando 30 protocolos de casos de ansiedade, verificaram ser os subtestes diferentemente influenciados por ela, possibilitando a divisão em dois grupos: o dos que reagem mais efetivamente e o dos que reagem menos efetivamente. A Ordenação de Figuras não foi focalizada na classificação.

Além do comportamento do testando durante o exame e do conteúdo das suas respostas, sugeriu-se atenção especial às verbalizações, principalmente aquelas não diretamente ligadas à objetividade da pergunta. Já em 1948, CARTER e BOWLES (11) aconselham atenção à conduta do paciente, e investigação das respostas excêntricas e das raras, porque ajudam na compreensão do examinando. Foi a primeira referência encontrada na literatura

ao fato de se inquirir o testando sobre a Ordenação de Figuras, quando ela for diferente da preconizada por WECHSLER, solicitando explicações para o que representam os quadros. LAZARUS (44) mostrou que as lembranças seletivas e a percepção, dependem das características da personalidade, mais do que da natureza específica do material.

A avaliação deste tipo de material fica a cargo do examinador, e a interpretação, dependente da sua posição doutrinária. Em que pese o seu valor no estudo de um caso particular, dificulta sobremaneira o trabalho realizado com o sentido de pesquisa, podendo mesmo impossibilitar totalmente a comparação do material obtido por diferentes investigadores. Para contornar esta situação, SHAFFER, citado por RABIN (58) sugeriu "quantificar" o qualitativo, mas parece que raras tentativas foram realizadas nesse sentido.

As aplicações do Wechsler-Bellevue

Numa sistematização que faz das aplicações do teste de inteligência, em geral, e do W. B. em particular, RABIN (58) afirma que o W. B. não foi introduzido como um instrumento psicométrico apenas, mas, também, como um esquema clínico-diagnóstico. Assim, foi usado nos mais variados casos psicopatológicos, desde o indivíduo normal até o psicótico; desde a avaliação das possibilidades escolares de uma criança, até os efeitos de uma lobotomia; desde uma finalidade vocacional, até o controle de um tratamento psicoanalítico. Fornecendo a possibilidade de vários tipos de índices, níveis de QI, perfis, análises qualitativas, todos eles úteis no estudo de casos individuais, favorecem também a aplicação no campo da pesquisa. Esta se faz dentro de dois sentidos bem delimitados por SCHAFER (65): 1º) estabelecendo índices de diagnósticos diferenciais, utilizando a divisão do material em grupos clínicos bem definidos e 2º) para esclarecer e delinear as diferenças de personalidade, a fim de melhor conhecer as condições intrapsíquicas nas quais vão surgir os fenômenos psicopatológicos. Nos inúmeros trabalhos de pesquisa, abrangendo praticamente todos os campos, utilizaram-se os diferentes tipos de "scatters" e "patterns" com resultados muitas vezes contraditórios. Muito mais com a intenção de exemplificar do que com a de fazer revisão bibliográfica, podemos citar algumas das direções em que já trabalhou com o W. B.

O primeiro trabalho foi o realizado pelo próprio WECHSLER (71): mostra nele o comportamento no teste de cinco grupos difíceis de caracterizar por compreenderem, alguns deles, ampla variedade de síndromas. Distinguiu o grupo das enfermidades cerebrais orgânicas, compreendendo desde os tumores cerebrais até o alcoolismo crônico; o grupo da esquizofrenia; o dos psicopatas juvenis; o dos neuróticos, considerados de um modo global e, finalmente, o dos deficientes mentais.

Quando, em 1945, RAPAPORT publica seu excelente e importante trabalho (60) no qual postula a necessidade da aplicação de uma bateria de testes (e apresenta a sua), nota-se maior preocupação com a escolha e a classificação dos pacientes, dividindo-os em seis grupos.

Inúmeras outras pesquisas foram realizadas. Com a finalidade de mostrar as principais direções em que se processaram, vamos citar apenas trabalhos exemplificadores das mesmas.

Iniciando pelo estudo da deficiência mental, podemos trazer o trabalho de FISCHER (20). Notara em suas aplicações do WISC que os resultados obtidos não condiziam com as afirmações de WECHSLER: no W. B., o QI de execução dos deficientes mentais é mais alto do que o "verbal". A pesquisa abrange 508 deficientes mentais, alguns dos quais com lesões cerebrais. Não utiliza o W. B., e sim, sua versão mais moderna, o WAIS. Em 271 deficientes, diagnosticados como do tipo "indiferenciado e familiar", não encontrou diferenças significativas entre os QI. No grupo de pacientes com lesão cerebral, encontrou o QI verbal significativamente mais alto do que o de execução, mas, mesmo assim, apenas nos componentes desse grupo que tinham o diagnóstico de infecção do sistema nervoso central e de outras doenças nervosas orgânicas. Não verificou diferenças, nas deficiências atribuídas à epilepsia. A pesquisa sugere que a patologia orgânica difusa tem efeitos diversos daquela com lesões localizadas. Pode-se tentar distinguir as deficiências mentais de caráter familiar, das orgânicas.

Ainda neste capítulo das lesões cerebrais, podemos citar o trabalho de WELMAN (72), de 1964, no qual estuda três grupos de pacientes: com tumor cerebral, com lesão cerebral difusa e com distúrbios psicogênicos. O grupo dos pacientes com lesões difusas apresentaram as pontuações mais baixas. A deterioração mental maior do que 20% pode indicar lesão cerebral, mas não permite a diferenciação entre tumor e lesão difusa. Finalmente, a pontuação do subteste Dígitos-símbolo é mais baixa nos grupos de tumor e no orgânico; mas o subteste da Reunião de objetos o foi apenas no grupo dos orgânicos.

Sobre a esquizofrenia inúmeros são os trabalhos, alguns estudando pares equalizados de esquizofrênicos de bom contato, com os atendentes hospitalares, como na pesquisa de HARRINGTON e EHRMANN (29). Verificaram que a execução nos esquizofrênicos foi significativamente mais pobre do que a dos atendentes quando as respostas eram mais complexas; não havendo diferenças quando das menos complexas. Usaram para a pesquisa as palavras do subteste do Vocabulário do W. B. na primeira parte; depois, solicitando a escolha da definição correta numa série de definições dadas para cada palavra.

Outros trabalhos realizados com esquizofrênicos tiveram características diferentes, como por exemplo o de ABRAMS (1) que estuda os efeitos da motivação. Verificou que quando ela existe há tendência para aumentar a realização intelectual dos pacientes. Este aumento varia com a especificidade da tarefa motivacional e com a intensidade do distúrbio do paciente. A hipnose tem a capacidade de aumentar ainda mais a realização. Atribui este resultado a uma possível redução das influências dispersivas.

Num outro trabalho, WASSING (69) estuda quatro crianças autísticas através do WISC. Verifica uma variabilidade muito grande nos

resultados dos sub-testes. As análises feitas com os resultados obtidos, sugere que a síndrome de autismo precoce infantil pode ser entendida como uma disfunção cognitiva. Opina sobre a essência dessa disfunção: estaria num defeito do desenvolvimento da linguagem e não na incapacidade em relacionar os novos estímulos às experiências anteriores.

Os epiléticos foram estudados por LOVELAND (47) em 1961, cotejando individualmente 26 doentes com outras 26 pessoas sem história de epilepsia, equiparáveis sob vários aspectos. Submetidos a 10 diferentes testes, entre os quais o RORSCHACH e o W. B. ou WISC, concluiu que a estrutura da personalidade dos epiléticos é estreitamente similar à dos controles não epiléticos, como também o são as funções cognitivas. Os especialistas em Rorschach puderam apontar os epiléticos nos pares, pelo modo de se comunicarem e de organizarem as respostas no Rorschach. No W. B., o QI verbal e as pontuações ponderadas do dígito-símbolo dos epiléticos foram inferiores aos dos controles. Essas diferenças podem ser relacionadas com a epilepsia, mas para se afirmar é necessário um controle mais amplo.

WECHSLER, citado por RABIN (57), encontrou indicações num grupo de 29 alcoolistas crônicos, não psicóticos, que "o uso prolongado do álcool diminui o funcionamento de várias capacidades, mesmo antes de haver comprometimento cerebral patológico."

Finalmente, KANTER e HAZELTON (36) estudam, com o WB, 29 ulcerosos duodenais e 32 controles. O QI médio foi 112, sendo o da escala de execução muito próximo deste e o verbal um pouco mais baixo. Não encontraram diferenças significativas entre os dois grupos, em ambas as escalas. Os ulcerosos tiveram pontuações mais altas no subteste de compreensão.

Numa linha completamente diferente, quando se procurou alargar o campo de aplicação do W. B., encontramos trabalhos que merecem ser tomados na devida consideração, como o é o trabalho de DIAMOND (19) no qual pretende estudar a aplicabilidade do W. B. na orientação vocacional. Faz uma separação dos subtestes em 3 grupos, colocando o de Ordenação de Figuras entre os mais sujeitos à ação dos fatores emocionais. Considera o W. B. como um teste com aplicabilidade neste campo, como já mostrara ter em inúmeros outros.

MOOR (53) num extenso trabalho estuda a possibilidade da utilização diagnóstica do W. B. em crianças disléxicas e disortográficas. - Fornecendo grande número de elementos, permitiu concluir por sua utilidade. Obteve índices vários, como também, encontrou em cada um dos subtestes a existência de alterações significativas. Por exemplo, na Ordenação de Figuras, pode aparecer inversão da ordem e incompreensão da estória. Nos cubos, dificuldades grosseiras na orientação correta dos mesmos, além das inúmeras tentativas, que são feitas com extrema lentidão; tudo isso ao lado do acerto em modelos difíceis e erros em modelos fáceis. Na Reunião de Objetos, lentidão, rotação de 90°, tentativas de adaptação dos bordos curvos nos retos e, finalmente, no Código, inversão de sinais e preenchimentos de casas, depois de

saltar algumas, sem se dar conta disso.

O subteste "Ordenação de Figuras"

Este subteste é formado por sete séries de figuras, cada uma das quais constituída por desenhos em cartões individuais, para serem dispostos de maneira a formarem uma sequência lógica. A aplicação se faz apresentando cada série isoladamente, uma figura de cada vez e obedecendo a uma ordenação pré-estabelecida, sempre a mesma e indicada pelos algarismos colocados no verso do cartão. É solicitado ao examinando organizá-los de modo a formarem sequência correta, indicada também no verso dos cartões por letras.

Este tipo de teste já fôra anteriormente usado por DECROLY, em 1914, como o afirmam DECROLY e BUYSE (17); desde 1911 aprova vinha sendo estudada por êle. Dizem ainda, diferir da técnica de DAWID porque este só apresenta a primeira e a última cena da estória.

WECHSLER escolheu suas séries através da adaptação de três dos "Army Group Examinations" e outras quatro selecionadas da série "King" de SOGLOW, publicadas em jornais e revistas. Confessa ter sido difícil a seleção das estórias e mostra-se ainda insatisfeito com o resultado a que chegou. Atribui as dificuldades a características inerentes ao tipo de teste. Mas, apesar dos defeitos, também vê qualidades, como a de medir "com efetividade a capacidade do indivíduo em compreender e apreciar uma situação total" (pg. 88). Por envolver uma situação humana, é um bom teste para mostrar a inteligência do indivíduo aplicada nas situações sociais; o indivíduo que resolve bem este teste "raramente é um deficiente mental". É um teste que sofre acentuadamente a ação deteriorante da idade, mantendo baixos índices correlacionais com os outros subtestes; as melhores correlações são aquelas estabelecidas com o completar Figuras e o de Semelhanças. Discute o possível valor de outras ordenações, achando que pouco benefício ofereceria um acuramento das classificações com pontos parciais para outras ordenações, além das que já estão anotadas; acredita ser, nesses casos, mais importante "a explicação que o indivíduo pode dar à sua ordenação pouco usual". (pág. 89).

Das sete séries, a primeira não entra na avaliação do subteste, sendo utilizada para explicá-lo ao examinando. Na página 179, WECHSLER (71) descreve a técnica de aplicação do teste, utilizando a série "ninho", da seguinte maneira: "Apresente a primeira série-modelo com ordem alterada, como está indicada no verso do cartão. Diga: as figuras contam uma estória sobre um pássaro que está construindo o seu ninho. Como vê, estão numa ordem errada, porém, se você colocar em ordem certa, assim, (o examinador reordena os cartões) os quadros contarão uma estória com sentido. Veja. Na primeira figura o pássaro está construindo seu ninho, o quadro seguinte mostra os ovos postos pelo pássaro, e o último quadro seguinte mostra o pássaro alimentando os seus filhotes que saíram da casca. (Pausa). Agora,, eu tenho outras séries de figuras que eu quero que você ordene. Elas estão sempre misturadas e eu quero que você as coloque na ordem correta, de

modo que formem a estória mais coerente. Experimente esta série. (O examinador apresenta a série 1)."

No quadro I estão representados, para cada série, a ordem correta e os limites de tempo; só quando obedecer a êstes dois critérios simultaneamente, são computados pontos. Para as três últimas séries são dados "créditos" para diferentes ordenações, mas apenas para aquelas encontradas numa tabela especial. Nas duas últimas séries são dados pontos extras ("créditos") para as ordenações corretas feitas em tempo inferior a 40 segundos.

QUADRO I

série	ordem correta	limite de tempo
1 - casa	PAT	1 min.
2 - assalto	ABCD	1 min.
3 - elevador	LMNO	1 min.
4 - namôro	JANET	2 min.
5 - taxi	SAMUEL	2 min.
6 - pescaria	EFGHIJ	2 min.

É considerado por muitos pesquisadores o teste mais vulnerável da escala e dêle diz RAPAPORT (63) "a condição necessária para o êxito na Ordenação de Figuras é a captação automática e atenta do essencial das figuras, passando por cima do secundário" (pág. 48). Dêste modo, recomenda, na avaliação, em cada série em que há fracasso da ordenação, "determinar a estória que o examinando se propoz construir com as figuras e que traços destas constituem sua base, isto é, o fundamento e o conteúdo das suas antecipações" (pág. 59).

E:- A PROJEÇÃO E AS TÉCNICAS PROJETIVAS

A projeção

No seu trabalho de 1894 publicado em janeiro de 1895, FREUD (21), pela primeira vez expressa o conceito de projeção quando diz: "na neurose de angústia, se ela (a psique) nota que é incapaz de igualar a excitação (sexual) originária de dentro, ela comporta-se como se estivesse projetando ("projecting") aquela excitação para fora". Mas, ainda não havia elaborado a projeção como um dos mecanismos de defesa do ego, o que só aconteceu mais tarde, em 1896, quando, tratando da paranóia, descreve a projeção nos seguintes termos (22): "Na paranóia, a auto-reprovação é reprimida de uma maneira que pode ser descrita como projeção. Ela é reprimida construindo

do o sintoma defensivo da desconfiança de outra pessoa". Quando, posteriormente, em 1911, volta a tratar da paranóia (23), retoma o tema da projeção, tratando-o com grande clareza: "uma percepção interna é suprimida, e, em seu lugar, seu conteúdo, depois de sofrer um certo tipo de distorção, penetra na consciência na forma de uma percepção externa" (pág. 66). Mas, não apenas a conceitua melhor, como também assinala a sua existência nas demais condições psicológicas, nas nossas atitudes para com o mundo exterior, chegando a afirmar, em certo momento: "É incorreto dizer que a percepção que foi suprimida internamente é projetada para fora; a verdade, como vimos, é que o que foi abolido internamente retorna de fora" (pág. 71). Ainda mais tarde, em 1913, em Totem e Tabú (24) não só confirma o que dissera anteriormente, como também estende o mecanismo projetivo ao funcionamento psíquico normal, desvinculado da existência de qualquer tipo de conflito; mais ainda, mostra (pág. 64) que não são apenas as percepções internas as projetadas, mas também os processos emocionais e os pensamentos. Em 1915, aceitando a introjeção, de FERENCZI, pôde FREUD (25), descrever o mecanismo de funcionamento do ego, o qual, sob o domínio do princípio do prazer, introjeta os objetos fonte de prazer e projeta aqueles que, estando dentro, causam desprazer.

A partir de então, o mecanismo projetivo passou a ter sua importância realçada pela compreensão cada vez maior do papel que desempenha no funcionamento psíquico normal e patológico, originando a publicação de inúmeros trabalhos. Desempenhou, juntamente com a introjeção, papel relevante na obra de KLEIN (37) (38) (39) (40), na elaboração da sua teoria sobre a estrutura e o funcionamento do aparelho psíquico, na elaboração das idéias sobre as posições depressiva e esquizo-paranóide. Entre inúmeros outros trabalhos importantes da escola "kleiniana", mereceu de HEIMANN (30) um trabalho básico no qual sistematiza as funções da introjeção e da projeção na formação das estruturas psíquicas e nas relações objetais.

Baseando-se nas formulações psicanalíticas ao construir a sua hipótese sobre a teoria do pensamento, RAPAPORT (62) parte da necessidade de restabelecimento dos estados de equilíbrio tensionais internos. O aumento do estado de tensão origina a necessidade de descarga; nestas condições, o impulso procura o seu objeto específico, exterior, resultando destaprocuro, a ação. Quando não o encontra, mas precisando encontrá-lo, faz com que surjam na consciência os elementos mnêmicos que o representam, adquiridos nas experiências prévias gratificantes, por ter descarregado as tensões. É a este processo, alucinatório sem dúvida, que RAPAPORT chama "projeção". Com ele ocorrem, simultaneamente, dois fatos complementares: os impulsos são descarregados por terem encontrado o objeto específico, embora alucinado, e surgiram na consciência os elementos representativos dele, as imagens ou as idéias. Diminuem as tensões e surgem as idéias; por esta razão, RAPAPORT considera as idéias, os pensamentos, como "defesas".

Considera ainda, haver uma terceira parcela, que não se descarrega em ação e não se transforma em pensamento, mas que toma as vias motoras e secretoras, de forma difusa, expandindo-se por todo o organismo, e que se traduz como a expressão afetiva ou emocional, acompanhante dos nossos atos e pensamentos.

Assim, os elementos da realidade exterior podem ser sentidos como objetos gratificantes ou frustradores, conforme sejam ou não os adequados às necessidades da nossa realidade interior. São gratificantes quando diminuem as tensões internas por corresponderem aos objetos que satisfazem as nossas necessidades instintivas, e, como tais, são introjetados, incorporados. Quando não satisfazem, podem ser rejeitados, afastados, negados ou modificados pela "projeção" sobre eles das imagens dos objetos desejados, necessários à satisfação e, nestas circunstâncias, podem ser incorporados. Outras vezes, antes mesmo de qualquer projeção, podem ser modificados por escotomizações parciais, de modo a serem modificados e tornados mais concordes com as nossas necessidades ou mais facilitadores das nossas projeções.

A compreensão destas possibilidades deu ensejo ao maior desenvolvimento de um setor dos estudos psicológicos através de testes, o do estudo da personalidade pelas chamadas "técnicas projetivas", quase todas de inspiração psicanalítica.

As técnicas projetivas

São designados como "testes de personalidade" todos aqueles relacionados com os aspectos não-cognitivos da personalidade e que ANASTASI (4) considera estarem ainda na sua infância (pág. 19). O fato de existirem diferentes conceituações para a "personalidade", faz com que os mais variados tipos de testes se abriguem sob essa denominação. Para muitos, ela só pode ser considerada no seu todo e o teste, para ser de personalidade, deve relacionar-se com um segmento de conduta que a represente, quando, através da compreensão do funcionamento dessa parcela pode-se abranger o todo. É o que RAPAPORT (61) chama de "comportamento molecular" "molar".

Para aqueles que só aceitam a personalidade definida em termos mensuráveis, os testes deveriam permitir medi-la; sirva de exemplo os testes que pretendem medir o grau de "neuroticidade" de uma pessoa. Em artigo recente, de 1964, WILDE (73) indaga da possibilidade dessa mensuração e defende o uso dos questionários como método adequado para o exame da personalidade, por permitirem as medidas.

A multiplicidade de definições e as controvérsias sobre os valores das diferentes técnicas, além de outros fatores, são os causadores do aparecimento continuado de um sem-número de testes, dificultando o domínio do campo pelos psicólogos clínicos.

Esta situação tem, inclusive, dificultado classificá-los, sendo vários os critérios utilizáveis. Para poder situar os testes projetivos, resumirei muito rapidamente a classificação dos testes de personalidade proposta por PICHOT (56) que os divide em dois grandes grupos: testes analíticos e testes sincréticos de personalidade, conforme estejam ligados à premissa de que podem estudar a estrutura e as funções da personalidade, ou que esta só pode ser apreendida no seu todo. Os analíticos, sobre os quais não iremos nos deter, podem ser classificados segundo vários critérios, um dos quais é o

da natureza das provas, quando ficam incluídos: as escalas de julgamento ("rating scales"), os questionários e os métodos objetivos de estudo do comportamento.

Os testes sincréticos pretendem apreender a personalidade como um todo, através do exame de uma parcela sua; são mais conhecidos pela denominação de Técnicas projetivas ou Testes projetivos, segundo a designação proposta por FRANK em 1939.

O desenvolvimento destas técnicas e dos conhecimentos que lhe servem de base, originou um movimento novo que se estrutura agora, dentro da Psicologia e que está sendo denominada "Psicologia Projetiva", da qual BELLAK e ABT sistematizam os fundamentos (2) (5). Tal como a conceitua ABT (2) a Psicologia Projetiva é uma psicologia de protesto, porque "sob o ponto de vista tanto metodológico quanto conceitual, pode-se considerar que a psicologia projetiva representa uma profunda revolta contra muitas das principais correntes da psicologia acadêmica, com a qual tem uma dívida enorme". (pág. 38). Baseia-se fundamentalmente nos princípios da Psicanálise, nos da Teoria da "Gestalt" e, até certo ponto, na Teoria de Campo de K. LEWIN.

Num artigo inicialmente publicado no "Congrès International de Psychiatrie", RAPAPORT (61) sistematiza, entre outros aspectos, os fundamentos dos testes projetivos: 1) "o segmento de conduta deve ser desconhecido, e portanto, não manipulável pelo examinando"; haveria aqui vantagem dos testes de inteligência sobre os de personalidade, porque embora de início o testando saiba das intenções do examinador, não tem conhecimento sobre o que será feito com os resultados obtidos, muito ao contrário das técnicas projetivas, que a divulgação permite conhecer. 2) "O tema deveria ser não-estruturado, para permitir a expressão máxima aos princípios estruturadores da personalidade individual". Cita, como exemplo, o êxito do Rorschach porque obedece a este princípio. Ao mesmo tempo, opina que deve haver alguma estruturação porque abaixo de um certo limite leva ao fracasso, como aconteceu com o teste das "imagens de nuvens", de STERN. Nas situações perceptivas relativamente não-estruturadas, MURPHY (54) é de opinião que as estruturas são dadas em termos de figura e fundo, tendo em vista o fato de que aqueles elementos surgem como figuras já previamente apresentadas. 3) "O segmento desejável do comportamento deveria ser uma reação aberta ante um estímulo normal, e também, teriam que ser obtidas as introspecções do examinando com respeito a essa reação". Mediante o inquérito, pode-se obter das respostas verbais esse material introspectivo. 4) "Clara segregação do segmento de comportamento e a possibilidade de quantificar e reduzir a uma pontuação". Fundamentalmente, os testes projetivos são testes de percepção errônea ("mis perception"), isto é, baseiam-se nas diferenças de percepção do examinando, diante de uma situação típica. As distorções perceptivas ocorrem por conta das suas necessidades interiores, inconscientes. Considerando o aspecto perceptivo e dinâmico envolvidos no processo, CATTEL (12) propoz chamá-los "testes dinacepção".

Os testes projetivos são amplamente usados nos estudos diagnósticos de casos individuais e muitas pesquisas já foram também realiza

das com eles. SCHWARTZ (66) já os utilizou como elementos auxiliares da entrevista, no exame de crianças delinquentes.

A Projeção no W. B.

A idéia, cada vez mais aceita, de que os estudos psicológicos devem ser feitos através de baterias de testes, entre os quais se incluem testes de inteligência, demonstra que vem tomando corpo as opiniões de RAPAPORT. Mas não apenas esta proposição, visto que em todos os seus trabalhos deixa transparecer também sua formação psicanalítica. A aceitação cada vez maior, das teorias e conceitos psicanalíticos, caminha ao lado da formulação holística, de que o homem deve ser sempre considerado no seu todo. Este conceito de totalidade não é estranho à Psicanálise, até pelo contrário, sempre esteve presente nas formulações de FREUD, a despeito da existência de certas assertivas em contrário. O entranhamento de ambas no pensamento psicológico contemporâneo tem levado a procurar essa totalidade dinâmica em todas as manifestações psíquicas, mesmo quando se tem em mãos um teste de inteligência. Já abordamos esse tema anteriormente. Queremos agora, apenas, complementar, mostrando que os aspectos projetivos têm sido procurados nas diferentes investigações realizadas com os testes de inteligência, particularmente com o W. B., seja quando ele é tomado no seu todo, seja quando se considera particularmente alguns dos seus subtestes. Embora reconhecendo existirem "fatores não-intelectuais" na inteligência geral, WECHSLER continua fazendo a dicotomia, propugnando pela existência de uma inteligência, poder-se-ia dizer, "pura".

Na pesquisa bibliográfica que pudemos realizar, poucos trabalhos satisfatórios conseguimos encontrar relativamente a este assunto. Ao se pretender fazer um apanhado da personalidade através do W. B., sente-se a existência de uma espécie de vício de origem, uma permanente necessidade de fazer as determinações do "scatter" e "pattern" e através destes, e mais da análise de algumas respostas inesperadas ou de uma conduta inusitada, inferir comportamentos "projetados". Sirva de exemplo, o artigo de MAYMAN, SCHAFER e RAPAPORT (50) que apesar de ter este último como um dos autores, não escapou da linha quase geral. Pareceu-nos que o único trabalho referido na literatura que procura atingir uma profundidade maior, chegando mesmo a sugerir critérios de classificação e interpretação das respostas, é o de FROMM e colaboradores, citado reiteradamente, inclusive por RABIN (58). Na opinião deste, os critérios não foram ainda aplicados de maneira suficiente para permitir conclusões sobre o seu valor e a sua utilidade.

O subteste mais correntemente usado para tal fim tem sido o do Vocabulário, mas não permitiu grandes esclarecimentos. Muitos trabalhos terminam expressando que "devem ser considerados os aspectos qualitativos e o nível conceitual de suas respostas". Conclusões desse tipo são comuns quer quando se trabalha com o WB ou com o WAIS, ou mesmo, outro teste, como é o caso de CHODORKOFF (14), de quem é a expressão acima citada. Alguns trabalhos fazem referência apenas aos estados de ansiedade determináveis através deste ou daquele sub-teste, quase sempre comparativamente com

o de Vocabulário. Exemplo disto é o trabalho de MOLDAWSKI e MOLDAWSKI (52) que conclue ser o teste da Repetição de Dígitos mais sensível que o de Vocabulário aos efeitos da ansiedade.

Numa outra linha de pesquisa estudam-se as correlações dos subtestes do W. B. com outras técnicas projetivas, principalmente o Rorschach, como o fez SPANER, citado por GUERTIN, FRANK e RABIN (26), quando pôde demonstrar haver relações entre as respostas de movimento do Rorschach e a pontuação em Ordenação de Figuras do W. B.

A Projeção no subteste de Ordenação de Figuras

Tudo quanto dissemos com relação ao teste W. B. *toma do na sua totalidade, aplica-se particularmente ao seu subteste da Ordenação de Figuras.* A maioria dos trabalhos são realizados estabelecendo-se comparações dos resultados obtidos com os resultados de testes projetivos, como o fizeram HOLZBERG e BELMONT (32) ao pesquisarem uma possível relação entre a Ordenação de Figuras e as respostas globais, as de forma-côr e as de conteúdo humano do Rorschach. Não encontraram correlações estatisticamente significativas entre êsses elementos, mas verificaram existir com as respostas "Vulgares".

Isto, no entanto, não deixa de causar estranheza, porque inúmeras são as referências sobre as possibilidades projetivas do teste. Desde quando DECROLY propôs a utilização do seu teste, em 1914 pensava-se inegavelmente nesta possibilidade. Não tivemos a oportunidade de compulsar o trabalho original de Decroly ("Épreuve nouvelle pour l'examen mentale", *Année Psychologique*, 1914), mas no livro de DECROLY e BUYSE (17), consta em nota de rodapé: "No artigo que apareceu no *"Année Psychologique"* de 1914 (pág. 143), no capítulo do método, diz-se explicitamente que se manda contar a estória quando a ordem estabelecida pela criança não for racional. Foi o que permitiu diferenciar os tipos assinalados no fim do artigo: incoerente, ilógico, imaginativo, lógico, interpretador; entre os lógicos: os lentos e os rápidos". A possibilidade não escapou ao próprio WECHSLER (71) quando diz: "Mais interessante que a questão dos créditos permitidos é a explicação que o examinando pode dar à sua ordenação pouco usual. Explicações extravagantes sugerem uma orientação mental peculiar ou uma inclinação psicótica" (pág. 89). Também não escapou a RAPAPORT (63): "em cada realização incompleta ou fracassada é importante determinar a estória que o paciente se propoz construir com as figuras, e que traços destas constituíam sua base, isto é, o fundamento e o conteúdo de suas antecipações". (pág. 59). No entanto, nenhum deles desenvolveu o problema.

Mas não só êles; outros também não tiveram maiores preocupações. ANASTASE (4) ao falar da classificação dos testes projetivos, entre as cinco categorias que estabelece, coloca uma sob a designação genérica de: "escolha de processos de ordenação, que exigem a reorganização de figuras, a apresentação de preferência de coisas semelhantes" (pág. 652). Cita em seguida (pág. 676) o Teste de Organização de Figuras de TOMKINS-HORN,

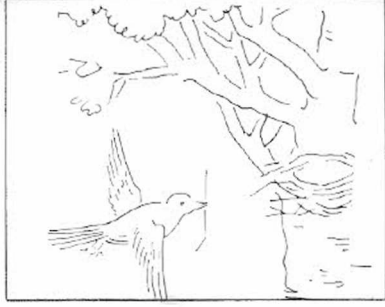
informando, entre outras coisas, que os autores haviam feito a observação "de que fatores de personalidade pareciam influir na realização do teste de Organização de Figuras do Wechsler-Bellevue". Ao desenvolverem a observação, chegaram à formulação de um outro teste, que tem características e aplicações próprias. Parece, por outro lado, que criaram um instrumento útil, mas abandonaram a idéia ou a possibilidade da utilização do próprio sub-teste do W. B. como método projetivo.

Dos trabalhos que pudemos encontrar na literatura, o que se nos afigurou como mais completo foi indubitavelmente, o de WAITE (68). De pois de tecer considerações sobre os níveis de funcionamento adaptativo ou regressivo, mostra que nos "testes projetivos, o ego é encorajado a mergulhar nas fontes inconscientes"... "mas, boas respostas aos itens dos testes de inteligência requerem do examinando evitar essa atividade egóica". Utiliza no seu trabalho a versão mais moderna, o WAIS, juntamente com outros testes. Preconiza o estudo dos conteúdos das respostas e, particularmente, das obtidas na "Ordenação de Figuras". Sugere que se obtenha a estória das suas últimas séries, após ter feita a ordenação e os cartões terem sido retirados, fazendo-se o mesmo para todas as séries nas quais tiver falhado. Esta técnica é a que mais se aproxima daquela que preconizamos, como se verá a seguir, mas diferindo quanto ao modo de interpretar as estórias; WAITE enfatiza mais a determinação do nível regressivo ou progressivo da adaptação do ego. Isto é feito através da determinação dos mecanismos defensivos e do sucesso ou fracasso conseqüente, no lidar com os estímulos afetivos e as fantasias despertadas pelos itens do teste. Deixa ao final uma certa dose de desencanto, parecendo muito preocupado com a justificativa das suas interpretações, do nível em que foram ou devam ser dadas, e finalmente, desencanto maior, propõe validá-las e não complementarem-se, com as respostas dos outros testes projetivos, principalmente o TAT e o Rorschach.

SEGUNDA PARTE

A PESQUISA

- A:- Objetivos
- B:- Técnica utilizada
- C:- Escolha da amostra
- D:- Material da pesquisa
- E:- Apresentação dos dados



X

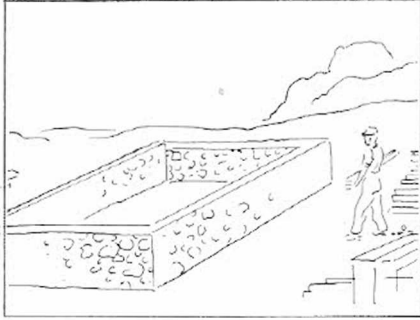


Y

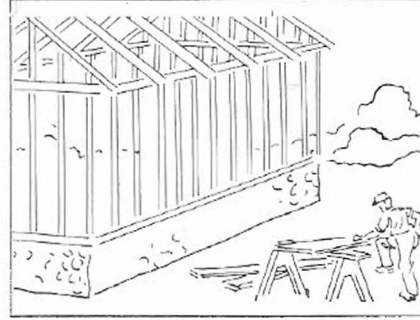


Z

SÉRIE I



P



A



T

SÉRIE II



A



B

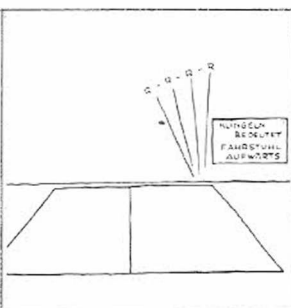


C

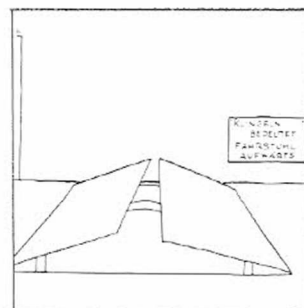


D

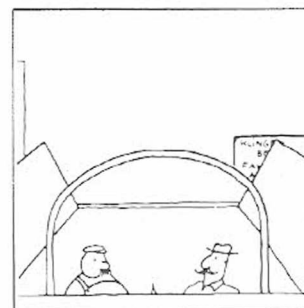
SÉRIE III



L



M



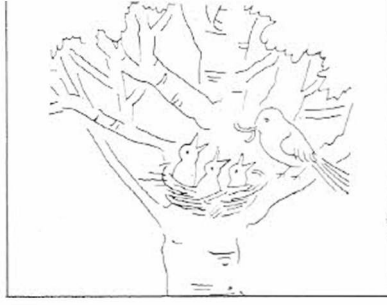
N



O



Y

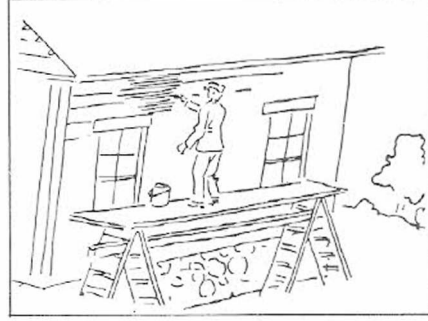


Z

ÉRIE I



A



T

ÉRIE II



B

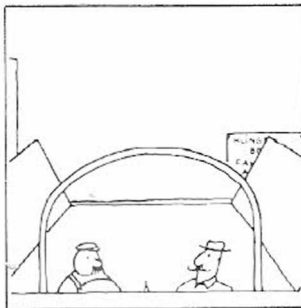
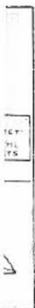


C



D

ÉRIE III



N



O

A:- OBJETIVOS

Sempre recebemos com muita reserva a informação contida, às vêzes, nos relatórios do W. B., de que um determinado paciente apresentava um "bom índice de inteligência social" porque havia resolvido bem os problemas propostos pelo subteste da Ordenação de Figuras. Aceitava mais fácilmente, embora ainda não satisfeito, a interpretação de que era uma pessoa apresentando facilidade na antecipação de situações, ou capacidade de efetuar um planejamento prévio, ou ainda, ter boa possibilidade de ligar de forma adequada os antecedentes e os consequentes das situações. Mas, nem sempre êstes informes coincidiam com a conduta real do examinando. Sabendo ser o subteste mais vulnerável da escala e representarem as figuras cenas ou situações da vida real, a qual se acrescentava em algumas das séries, um aspecto jocoso, sentia que faltava captar algo importante que o teste deveria estar mostrando.

Ligou-se a esta sensação a primeira modificação na minha forma de apresentar aos pacientes o resultado do estudo psicológico a que haviam sido submetidos. Passei a dialogar com êles sobre as características do teste, procurando colher as impressões que haviam tido, particularmente com respeito às séries da Ordenação. As informações que colhi foram as mais díspares possíveis; uns mostravam-se ofendidos por terem sido submetidos a uma situação que qualificavam como ridícula; outros, riam, divertindo-se com o humor da estória; se êste aparentava uma indiferença pelo teste, aquele preocupava-se em saber o que havia realmente acontecido dentro do "taxi" ou por que estaria o "rei" dentro daquele tipo de elevador. Configurava-se, assim, uma situação diferente: se a sua "inteligência social" ou se sua capacidade de antecipação e julgamento estavam prejudicadas, se estavam sendo avaliadas ou não, tudo isto era realmente importante, mas não significava apenas isso, porque êsses aspectos mostravam-se fazendo parte de um todo muito maior: aquelas cenas os haviam afetado, e êles reagiam afetivamente e de maneira aberta, ou bloqueavam-se frente às mesmas, o que não deixa de ser, em última análise, uma forma de participação afetiva. Não tinha mais dúvida de que estava diante de uma prova que poderia ser destinada a medir um dos aspectos da eficiência intelectual, mas que na realidade, se constituía numa verdadeira técnica projetiva de personalidade. Eu já sabia que o indivíduo sempre atua como um todo, que nas suas manifestações podem ser encontrados, "projetados", aspectos da sua personalidade. O problema agora era estudar a possibilidade de captar, de avaliar essa projeção e a utilidade que tal trabalho poderia ter. As conversas informais com psicólogos mostravam pensarem o mesmo quanto à projeção e indicaram como era usada essa possibilidade. Inquiridos mostraram ignorar a existência de qualquer trabalho realizado sobre o assunto. Numa consulta bibliográfica superficial nada foi encontrado. Numa outra, feita ao

"National Library of Medicine" do "Department of Health, Education, and Welfare", a resposta foi nada terem encontrado explicitamente e que maiores informes só poderiam ser obtidos fazendo a revisão bibliográfica do teste. Concluindo nada haver a respeito, restava o problema da utilidade; êste foi fácilmente resolvido, pela afirmativa, tendo em vista a tendência atual de se usarem baterias de testes. Bastaria encontrar uma técnica de fácil aplicação e a valiação.

B:- A TÉCNICA UTILIZADA

Como não poderia deixar de ser, o material de teste é a própria escala do W. B. A aplicação foi padronizada obedecendo aos seguintes itens:

1º) A escala do W. B. deve ser aplicada completa e não pode e não deve ser alterada para não lhe prejudicar os resultados. Anotam-se, como se faz normalmente, todos os dados sem qualquer outra preocupação, a não ser a de as sinalar qualquer verbalização ou mudança de conduta durante a Ordenação, simplesmente anotar.

2º) Uma vez terminada a aplicação da Escala completa, volta-se ao teste de Ordenação de Figuras, obedecendo a ordem de apresentação das séries.

3º) Para cada uma e todas elas, dispõem-se os cartões repetindo a ordenação realizada pelo examinando, após o que pede-se para relatar a estória que imaginou enquanto estivera ordenando. Esta estória é anotada tal qual está sendo contada, correlacionando-se o trecho da estória com o cartão a que se refere; esta correspondência é fácil de ser feita porque os cartões podem ser representados pelas letras que os caracterizam.

4º) Quando a ordenação do examinando tiver sido a preconizada pelo manual do teste, depois de ter colhido a estória, passa-se para a série seguinte. Quando não houve a coincidência, o técnico dispõe segundo o esperado e solicita nova estória, anotada como a anterior.

5º) Durante o relato, algumas vezes, o examinando deseja alterar a ordem dos cartões para continuar a estória. Isto deve ser permitido, fazendo-se a respectiva anotação da alteração e da estória. Uma vez terminada, volta-se a pedir a estória com a ordenação fornecida inicialmente.

6º) O examinador deve falar o menos possível, procurando não influenciar o examinando. Enquanto preparávamos os cartões, dizíamos apenas: "agora vamos voltar a estas figuras". Uma vez pronta, enquanto nos preparávamos para a anotação dizíamos: "agora eu gostaria que você me contasse a estória que imaginou enquanto estava arrumando desta maneira". Quando era necessário colher a estória com a ordem preconizada pelo teste, inquiríamos desta maneira. "Se esta tivesse sido a ordem, que estória você poderia me contar?".

7º) Todas as negativas quanto à incapacidade, possibilidade, esquecimento,

ignorância, foram facilmente removidas com ligeiro apoio, dizendo ao examinando, de acordo com a justificativa que apresentava: "Pode, sim!"; "É só querer que você consegue"; "Faça um pouquinho de força que você consegue lembrar", etc.

C:- ESCOLHA DA AMOSTRA

Como a nossa intenção era a de mostrar a possibilidade de colher os elementos da personalidade projetados no teste, não tivemos a preocupação, ao escolher a amostra de fundamentá-la nos critérios estatísticos, por duas razões: primeiro, não tínhamos a intenção de trabalhar os dados estatisticamente, e segundo, porque tal não seria necessário, visto acreditarmos na universalidade do fenômeno que pretendíamos estudar. Assim sendo, não tivemos a preocupação de escolher ou evitar este ou aquele outro caso clínico. A única coisa que realmente desejávamos era ter de cada examinando a estória clínica, os exames complementares necessários e um estudo psicológico no qual existissem, pelo menos, um teste de inteligência e dois testes projetivos (preferentemente o TAT e o Rorschach). Desejando a maior variedade possível de condições clínicas e escolhendo ao acaso, pareceu-nos que o lugar mais adequado para a obtenção do material seria o nosso próprio consultório, onde trabalham em equipe, psiquiatra e psicanalista, psicólogos clínicos e fonoaudiólogo. Inicialmente pareceu-nos ser cinquenta casos um número suficientemente bom e decidimos utilizar os primeiros cinquenta clientes que surgissem no consultório, sem distinção de idade, sexo, estado civil ou quadro clínico. Assim procedemos: alguns nos consultavam pela primeira vez, outros vinham à procura do resultado do estudo psicológico, uns poucos voltavam à consulta procurando medicamento, ou para estudar a possibilidade de uma psicoterapia; alguns estavam já em tratamento psicoterápico e ou eram convidados a se submeterem ao teste durante uma das entrevistas da rotina do consultório, ou haviam sabido por intermédio de outros examinandos que haviam sido testados e vinham pedir para colaborar. Quando se tratava de uma consulta nova o examinando era submetido à bateria de testes, inclusive à colheita das estórias, sem qualquer informação adicional. Os demais eram apenas informados de que estávamos experimentando um novo teste e era solicitada a sua colaboração. Houve apenas uma única recusa, que foi respeitada. Convém dizer que nenhum dos pacientes em tratamento psicanalítico foi convidado. A colheita do material foi iniciada aos 24 de janeiro de 1966, prolongando-se até o dia 22 do mês de março do mesmo ano.

D:- MATERIAL DA PESQUISA

Nos dois meses durante os quais colhemos o material, obtivemos os cinquenta casos inicialmente desejados, com as características referidas. Foram eles numerados e identificados apenas por duas das iniciais dos nomes. A ficha clínica e o seu resumo foram mantidas no arquivo; as estórias obtidas no teste de Ordenação de Figuras, numeradas apenas e arquivadas em pasta, desconectadas de qualquer material clínico. Assim procedemos

porque era nossa intenção trabalhar êsse material livre da influência exercida pelo conhecimento anterior do paciente. Por esta razão também, a maioria das estórias foi tomada por uma outra pessoa. Trabalhamos com o material datilografado e somente dois anos depois da sua colheita, em janeiro de 1968. Terminada a fase de interpretação das estórias, juntaram-se as partes clínicas e interpretativas e a partir daí, os achados discutidos e preparadas as conclusões.

Notamos, no entanto, não serem necessários os cinquenta casos para provarmos o que pretendíamos. Um número menor dêles pareceu-nos ser suficiente, como também diminuiria a extensão da tese, tornando a leitura mais amena. Resultou figurar neste trabalho apenas vinte casos. Não houve critério de seleção outro que não fosse o de obedecer a ordem cronológica de obtenção das estórias; são pois os primeiros vinte casos da série de cinquenta inicialmente obtidos.

Revedo o material, encontramos, sistematizando-o, as seguintes características para a amostra com a qual trabalhamos:

1º) 13 são do sexo masculino e 7 do feminino.

2º) todos são de cor branca.

3º) o mais jovem tem 7a. e 9m. (caso nº 4) e os mais velhos 19a. 0m. (casos 9 e 12). Podem ser divididos em 3 grupos: 9 casos tem menos de 10 anos; 2 estão entre 12 e 13 anos e 9 têm mais de 14 anos, podendo este grupo ser subdividido em outros dois: 4 casos estão entre 14 e 16 anos e finalmente, os 5 restantes entre os 17 e 19 anos.

4º) A determinação do QI havia sido feita anteriormente e cada um tivera sua motivação particular determinando a escolha deste ou daquele teste. Resultou usarem-se três métodos, o W. B. foi utilizado em 7 casos; o WISC em outros tantos e o Terman-Merril em 6 pacientes. O Q. I. quando determinado pelo W. B. oscilou entre 65 e 122; quando pelo WISC, entre 77 e 125 e pelo Terman-Merril entre 82 e 120. Os componentes da amostra tinham o Q. I. compreendido, pois, entre os valores 65 (W. B.) e 125 (WISC), podendo serem agrupados, ainda sem maior preocupação para com o teste empregado, nos níveis seguintes: 4 casos mostraram QI menor que 90, 5 casos com QI entre 90 e 100; em 6 casos o QI situava-se entre 101 e 115 e nos 5 restantes o QI era superior a 115.

5º) Quanto às condições sócio-econômicas, são todos de classe média ou média-superior; os pais, em 7 dos casos, exercem profissões liberais; 3 são industriais; 3, estabelecidos comercialmente e para os 7 restantes, os pais exercem funções outras (funcionários públicos ou de empresas comerciais, industriais ou são auxiliares nas atividades liberais).

6º) Quanto às ordenações realizadas com o subteste, verificou-se que foram as mais diversas e variadas possíveis:

a) Na primeira série, 19 forneceram a ordenação preconizada (PAT) e

apenas um (caso 18) fugiu dessa disposição, apresentando-a de maneira inversa (TAP).

b) Na série II, em 15 casos encontrou-se a esperada (ABCD) enquanto que os outros 5, distribuíram-se entre duas outras possibilidades: ABDC (casos 2-3-4) e CABD (casos 7 e 20).

c) A sequência LMNO da terceira série foi fornecida por 16 testandos, preferindo os demais ordenações diferentes: a seriação NMLO (casos 7 e 18), a LOMN (caso 4) e NOLM (caso 3).

d) A quarta série, quando já admite WECHSLER a contagem de pontos para outras disposições, mostrou que apenas 11 teriam obtido pontos, por terem ordenado JANET (1 caso), JNAET (5 casos) e AJNET (6 casos); os 9 restantes utilizaram 8 sequências diferentes dessas.

e) Na quinta série, apenas 7 teriam obtido pontos por terem fornecido as sequências SAMEUL (2 casos), SALUEM (3 casos), SALMEU (2 casos); note-se que a ordenação preconizada, SAMUEL, não foi realizada por nenhum dos examinandos. Doze outras sequências foram utilizadas pelos 13 casos restantes.

f) Na série VI, 8 crianças teriam recebido pontos por terem ordenado EFGHIJ (6 casos), EGFHIJ (1 caso) e EFGIHJ (1 caso); os restantes utilizaram onze outras maneiras de dispor os cartões.

7º) No quadro II, abaixo transcrito estão distribuídos os casos do presente trabalho, ordenados na sequência crescente das idades cronológicas, figurando os pontos obtidos em cada série do teste de Ordenação de Figuras, levando-se em conta o tempo dispendido nessa ordenação, o que leva à perda ou ao crédito de pontos. Perderam pontos por dispenderem mais tempo que o permitido, embora pudessem ter organizado corretamente: na série II: os casos 10-16-18 e 19. Na série III: o caso 20; na série V, o caso 5; na VI, os casos 19-20. Outros examinandos dispenderam mais tempo que o permitido, mas a organização que ofereceram não permitia a contagem de pontos, de maneira que não ha via o que perder como aconteceu para o examinando nº 10 na série IV, o de nº 18 na série I, o de nº 19 na série V e o de nº 20 na série II. Receberam créditos por tempo os examinandos de nº 5, 8 e 13, todos na série VI. São apresentados também os "scores" brutos e na coluna seguinte, já transformados em "ponderados", segundo a tabela do W. B. Na última coluna o valor do QI, global, independentemente da escala.

8º) No quadro III, figuram os casos grupados segundo o teste com o qual foi obtido o seu QI, e dispostos segundo a ordem crescente do seu índice intelectual, para permitir, dentro de cada escala, o confronto dos "scores" ponderados obtidos na Ordenação de Figuras do WB.

9º) Foram computados na tabela II, o total de 147 pontos, distribuídos da seguinte maneira, pelas séries:

Série I	38 pontos
II	22 pontos
III	30 pontos
IV	28 pontos
V	8 pontos
VI	21 pontos

estando na série VI já computados os critérios de tempo.

QUADRO II

I. C.	Casos	ORDENAÇÃO SÉRIES						"SCORES"				Q. I.
		1	2	3	4	5	6	prec.	créd.	brut.	pond.	
7a. 9m.	4	2	0	0	0	0	0	2		2	3	116
8a. 5m.	17	2	2	2	0	0	0	6		6	6	113
8a. 5m.	19	2	0	2	3	0	0	7		7	7	102
8a. 7m.	7	2	0	0	2	2	0	6		6	6	120
8a. 10m.	3	2	0	0	0	0	0	2		2	3	92
9a. 2m.	18	0	0	0	0	0	0	0		0	1	77
9a. 4m.	11	2	2	2	2	0	0	8		8	7	84
9a. 7m.	20	2	0	0	3	0	0	5		5	5	125
9a. 9m.	1	2	2	2	0	0	0	6		6	6	108
12a. 4m.	14	2	2	2	2	0	1	9		9	8	92
12a. 8m.	2	2	0	2	0	0	0	4		4	4	95
14a. 7m.	6	2	2	2	3	1	1	11		11	10	100
14a. 9m.	10	2	0	2	0	0	0	4		4	4	82
15a. 1m.	13	2	2	2	2	1	3	12	3	15	13	113
15a. 3m.	16	2	0	2	3	0	3	10		10	9	92
17a. 5m.	8	2	2	2	0	1	3	10	2	12	11	122
18a. 10m.	5	2	2	2	3	0	3	12	2	14	12	119
18a. 10m.	15	2	2	2	2	2	0	10		10	9	65
19a. 0m.	9	2	2	2	0	0	0	6		6	6	102
19a. 0m.	12	2	2	2	3	1	0	10		10	9	103

QUADRO III

W. B.			WISC			TERMAN		
Q. I.	Caso	"Score" pond.	Q. I.	Caso	"Score" pond.	Q. I.	Caso	"Score" pond.
65	15	9	77	18	1	82	10	4
100	6	10	84	11	7	92	14	8
102	9	6	92	3	3	92	16	9
103	12	9	95	2	4	108	1	6
113	13	13	102	19	7	116	4	3
119	5	12	113	17	6	120	7	6
122	8	11	125	20	5			

E:- APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DO MATERIAL DA PESQUISA

Os casos serão apresentados a seguir, fazendo-se inicialmente a apresentação das estórias e das respectivas interpretações, seguindo-se depois a história clínica de cada caso e o resumo do seu estudo psicológico. Não é a forma usual de se apresentar o estudo clínico, mas demos preferência a ela, primeiro, porque foi assim que trabalhamos o material e segundo, porque desta forma fica enfatizado o material interpretativo básico deste trabalho, que poderá ser mais adequadamente avaliado ao se fazer a comparação com os resumos clínico e psicológico apresentados logo a seguir. Doutra maneira, poderia ser sentido como decorrência dos estudos anteriores. A única alteração, feita nesta apresentação, do modo como trabalhamos os dados colhidos com o teste, foi a de fazer preceder às estórias da Ordem de Figuras, os elementos de identificação do examinando. A discussão deste material será feita na terceira parte da tese.

Caso Nº 1

Identificação: - F.M., branca, brasileira, fem., com 9a. 9m.

Teste da ordenação de figuras

- 1 - casa - 15 seg. - PAT
2 - assalto - 10 seg. - ABCD
3 - elevador - 50 seg. - LMNO
4 - namôro - 30 seg. - TAJNE
5 - taxi - 70 seg. - SAMULE. Comentário: "os quatro são tão pareci
dos... agora é que são elas..."
6 - pescaria - 55 seg. - IEF GHJ

Transcrição e interpretação das estórias

- 1 - PAT = (P) "O homem começava a construção. Fêz a primeira parte, (A) cortou a madeira, (T) e quando ficou pronto, começou a pintar. São cur tinhas as estórias, também. Eu não pensei nada antes, mas agora, acho que chamaram êle para construir a casa".

Arma rapidamente os cartões e relata uma estória cur ta, coerente e adequada, mas estritamente descritiva. Faz dois comentários, ao final, que permitem uma primeira aproximação ao seu mundo interior. Quando diz "são cur tinhas as estórias, também", parece-nos estar mostrando sua insatisfação com o trabalho realizado, precisando justificar-se diante de nós, como se a estivessemos acusando. Nestas condições, defende-se inocen tando-se, negando sua participação exclusiva e atribuindo sua conduta a deter minantes fora de si. Mas isto não é ainda suficiente, sente necessidade de con tinuar produzindo e, para não se sentir acusada por não ter comunicado antes, defende-se afirmando "não pensei nada antes, mas agora acho" e o que acha é que o herói foi chamado para construir a casa, tal como ela, que não pediu para fazer o teste, e que, portanto, não merecia nenhuma crítica. Ressalte-se, pois, a grande necessidade que tem esta paciente de se sentir aceita, ne cessidade essa que a leva a procurar aprovação sistemática, não hesitando pã ra isso, em negar expansão aos seus próprios impulsos e desejos, reprimin do-os ou projetando-os fora de si, o que não a livra de uma constante neces sidade de se proteger das acusações que sente existir em todos os momentos porque são projeções das acusações que ela mesma se faz.

- 2 - ABCD = (A) "Um bandido assaltou um homem, roubou, (B) veio um guar da e prendeu o ladrão. (C) Fizeram um julgamento e viram que êle preci sava ficar na cadeia (D) e, êle foi para a cadeia. Tudo porque assaltou o homem".

É uma estória simples, bem adequada ao tema e muito prêsa ao cartão. Ressalte-se, no entanto, a tendência repetitiva de tôdas as ações, como necessidade de, repisando, reafirmar-se. Enfatiza, no final, a justificativa da punição e a justeza da mesma por ter praticado uma ação má, o que faz supor necessitar de um superego rígido e intransigente, para não se permitir a manifestação dos impulsos e fantasias sentidos como perigosos.

Porque não o sente assim, reforça-o com a ênfase da justiça e da necessidade de punição.

- 3 - LMNO = "Bom!... (L) Aqui o rei tocou a campainha para abrir a porta, (M) que foi abrindo... (N) abrindo... (O) e, depois, o rei chegou. Chegou, porque tinha uma reunião. Não sei... acho que essa idéia não está boa... era uma reunião importante". - "Essa idéia está boa?"

O tempo relativamente longo gasto na ordenação e as expressões usadas ao iniciar e finalizar a narrativa mostram toda a insegurança de que é possuidora. Não reconhece ou, pelo menos, não manifesta de maneira explícita que se trata de um elevador e fabuliza em torno do rei e da sua atividade. Não se apercebe do aspecto jocoso e não se reproduz a tendência repetitiva da estória anterior. Mas, nota-se a necessidade de reassurecimento - no "Bom!..." que precede a narrativa e que perdura até a inquirição final. O aparecimento do rei (imagem paterna), nesta estória, liga-se à vivência ameaçadora condicionada pela anterior e, provavelmente, os conflitos reativados são os responsáveis pela ordenação alterada de todas as histórias subsequentes.

- 4 - TAJNE = (T) "A moça estava andando com uma senhora que carregava um peso. (A) Depois, a moça se ofereceu para carregar o peso da senhora e foi andando, e foi andando, até onde a senhora precisava chegar. (J) E vinha passando o rei no carro e viu a moça, (N) mandou parar o carro e (E) foi conversar com a moça".

JANET = "aí está meio... (ri...) (J) o carro do rei estava passando... acho que fica melhor ainda... não (A) e tinha uma moça... (N) mandou parar (E) e foi conversar com a moça... Acho que não dá para continuar... pode ser uma continuação da outra que eu contei... (T) Depois, a moça lembrou que não tinha perguntado o endereço da senhora e foi perguntar, e como não conhecia a rua onde devia entregar, disse que sentia muito e que não sabia o endereço e, então, saíram juntas".

Em ambas as histórias introduz um personagem novo que é apontado na figura do rei, mas que é visto como uma senhora carregando um peso. Estabeleceu com isso o triângulo da situação edípica. Na ordenação que estabeleceu pôde realizar o desejo contido na fantasia porque, de início, transforma-se numa boa moça, que ajuda, que se encarrega das tarefas maternas e como obtém a aquiescência dela, pode, por extensão e sem culpa, encarregar-se também de ficar com o pai. Com este jogo desaparecem as ansiedades e o relato surge tranquilo, sem dúvidas, sem inseguranças e bem fabulizado. Quando se lhe oferece a ordenação preconizada, desaparece a tranquilidade da examinanda porque a sequência dos cartões impõe a situação de namoro, agora culposa e ela não pode continuar a história. Realmente, não relata, até conseguir fazê-lo numa continuação da história já narrada, mas isto no seu modo de ver, porque na realidade não é uma continuação. O que consegue é encontrar uma situação que implica numa renúncia ao pai, possibilitando uma reaproximação da mãe, e isto a tranquiliza. Confirma-se assim o previsto na história anterior: alteração da sequência para poder organizar uma história que lhe diminuisse a angústia. Pode-se, também, compreender a insegurança na história do assalto e constatar-se que os impulsos sentidos como perigosos eram os incestuosos.

- 5 - SAMULE = (S) "O homem estava carregando a mulher no colo e precisava pegar o taxi (A) e logo viu um, livre. Ele estendeu a mão para chamar (M) e, então, quando estavam já sentados, (U) o homem virou para trás, (L) olhou para a mulher e se assustou porque ela estava olhando para a frente. Acho que ele tinha visto um monstro atrás, porque se assustou, (E) mas olhou novamente, viu que tinha se enganado e foi andando!"

SAMUEL = (SAMU) "O começo é o mesmo, só muda no fim. (E) De repente, olhou para trás e não acreditou que era um monstro e (L) se admirou porque a mulher estava calma, olhando para a frente".

Aparentemente, não capta o sentido da estória que faz em termos de mulher e não de manequim. Na verdade, continua com a vivência anterior da situação edipiana, quando se identifica com um monstro devido aos seus desejos incestuosos. Nas duas estórias formuladas, transparece sempre a necessidade de deixar a mãe tranquila, como que alheia ao problema. O pai deve assustar-se com o monstro e depois reconhecer que se enganara, projeção do seu ambivalente desejo de ser vista ou não, como mulher. De qualquer modo, deixá-los ir num carro, ficando fora, traduz o seu desejo pela melhor solução (renunciar a separá-los) porque esta pode trazer-lhe frustração, mas não culpa.

- 6 - IIEFGHJ = (I) "O rei foi pescar, (E) pegou a vara e isca, e atirou na água, (F) puxou, saiu um peixe pequeno, (G) jogou de novo para ver se saia um maior, (H) e saiu um maior (J). Depois, olhou, viu uma coisa que parece meio submarino e foi embora".

EFGHIJ = (E) "Ele atirou a vara na água, (F) pescou um peixe pequeninho, (G) atirou de novo, (H) e saiu um peixe grande (I) e depois olhou para a água e se espantou (J) e quando viu que era isto, que eu não sei o nome, foi embora. Acho que é um submarino, ou um robot, não sei".

Percebe facilmente o aspecto formal da estória e o enuncia na primeira frase "o rei foi pescar". A narrativa se faz de maneira aparentemente tranquila, essencialmente descritiva, até o cartão final quando chama o escafandrista de "submarino ou robot" e quando precisa negar qualquer relação dele com o pescador. Os simbolismos presentes no cartão permitem compreender a situação de dificuldade por parte da paciente em aceitar a atividade sexual dos pais, (rei = pai; água = mãe; vara = penis), a gravidez materna (mãe cheia de peixes) resultante dessa atividade, o nascimento dos filhos (pescaria) e mais do que isso, a ligação entre pai e filho (rei e escafandrista) que deve lhe causar muito ciúme e necessitando ser negada.

Síntese:- A examinanda, apesar de sua pouca idade, organiza as estórias muito rapidamente, com um número relativamente pequeno de alterações na disposição dos cartões, e, quando o faz, é com uma finalidade determinada: a negação de impulsos que não pode aceitar, porque agressivos, ou porque ligados a fantasias sexuais próprias da situação edipiana. Não se permite nem a gratificação e nem a existência destes impulsos, e, quando os pressente, faz de si mesma imagens desabonadoras, tendo necessidade de agradecer, de obter aprovação e sentir-se amada. Mas tudo isto é feito à custa de uma contenção e frustração das suas necessidades e de uma conduta explícita regressiva.

História Clínica:- Vem à consulta porque há dois meses, aproximadamente, instalou-se quadro de enurese noturna. Considerada boa aluna, há um mês, perdeu essa condição, trazendo quase diariamente anotações da escola: mostra-se desatenta e dispersiva na classe, não faz as lições de casa. O sono tornou-se agitado. Nos últimos meses vem apresentando polifagia, tendo engordado muito. É a primeira filha de uma série de dois, sendo dois anos mais velha que o irmão. Amamentada ao seio até o final do primeiro ano, não teve depois dificuldade na aceitação da alimentação artificial. Sucção do polegar até os 5 anos de idade. Desenvolvimento psicomotor sem alterações. No passado morbido registra-se uma convulsão febril aos 8 meses quando fez vacinação anti variólica. Amigdalectomizada aos 4 anos, com hemorragia post-operatória e necessidade de re-operação. Considerada criança ingênua, "bobinha", chorando ao desejar algo. Não suporta frustração, fazendo escândalo ao não ser atendida. Relacionamento difícil com o irmão, reagindo quase sempre com agressividade. Quando faz coisas erradas, procura a mãe pedindo para ser castigada. É dócil e dependente em relação à mãe, distante em relação ao pai. Durante a entrevista, o contato foi aparentemente fácil, mas superficial e extremamente ansioso para a paciente, que falou continuamente, não dando oportunidade ao interlocutor. A ansiedade lhe dificulta a fala quebrando o ritmo, fragmenta a palavra ou a obriga a paradas no meio da frase. Seu pensamento se mostra bem estruturado, rico, com associações fáceis; ao lado de um bom nível intelectual, mostra boa capacidade perceptiva, boa orientação e memória. Manteve as mãos em constante movimentação, enquanto o corpo permaneceu numa postura estudada, não conseguindo esconder o estado de contenção. Em todos os momentos mostra-se necessitada de apoio e de valorização, parecendo ter um superego rígido, persecutório.

O Exame eletroencefalográfico mostrou "moderada assimetria entre as áreas parieto-occipitais, com anormalidade à direita" (AFJ).

Resumo do estudo psicológico (setembro de 1964) (L.N.)

- a) Nível mental: Q. I. = 108 (Terman-Merrill, forma M). A prova mostra grande dispersão, tendo sido 6 anos a idade base; evidencia capacidade de abstração superior, ótima memória, regular raciocínio prático e bom vocabulário.
- b) Bender: nível perceptivo-motor de 7 anos
- c) provas de personalidade
 - 1 - Rorschach:- O primeiro aspecto a ser considerado é a presença de angústia fóbica; revela bons dispositivos de reação e de luta contra seu estado de ânimo disfórico e sua impressionabilidade. Tem um tipo de vivência coartativo. Emocionalmente imatura; intelectualmente bem dotada, com boa capacidade de abstração e síntese; pensamento concreto satisfatório, mas não evidencia capacidade de análise minuciosa. Seu pensamento se revela ainda muito infantil, o mesmo ocorrendo em relação às suas fantasias; tendência à fabulização.
 - 2 - CAT:- É uma criança ansiosa, angustiada, com problemas no ambiente familiar e social, além de problemática sexual. A sua conduta em relação aos pais, caracteriza-se pela oposição e busca de independência. Tô

das as v^{ez}es, entretanto, que desobedece, surge a puniç^ão sob forma de ameaças externas ou de doenças, maneira pela qual procura auto-agredir-se. O mundo externo é sempre sentido como agressivo e ameaçador, possivelmente como projeç^ão de sua angústia e impulsos, daí a necessidade de proteç^ão contra o mesmo e buscando segurança no lar. Sentindo, porém, os pais inseguros, ansiosos, parece não encontrar o apoio de que necessita. A imagem paterna é a de uma pessoa fraca, condescendente, atento às suas solicitaç^ões; mostra-se muito ligada afetivamente ao mesmo, mas não sente o p^êso de sua autoridade. A figura materna é ambivalente, ora protetora e companheira, ora restritiva e agressiva. A angústia experimentada pela paciente pode estar ligada também a fantasias referentes às relaç^ões sexuais entre os pais.

3 - Machover:- Confirma os dados acima e acrescenta: falta de coordenaç^ão motora, com uma deficiente noç^ão do esquema corporal, o todo faz^endo pensar numa acentuada imaturidade ou exist^ência de fatores org^ânicos.

Caso nº 2

Identificaç^ão:- D.L.E., branco, brasileiro, masc., com 12a. 8m.

Teste da ordenaç^ão de figuras

- 1 - casa - 5 seg. - PAT
- 2 - assalto - 20 seg. - ABDC Comentário: está mais difícil.
- 3 - elevador - 20 seg. - LMNO Comentário: o que é isto? (aponta cartão L).
- 4 - namôro - 60 seg. - ATEJN (Movimenta várias v^{ez}es os cartões).
- 5 - taxi - 30 seg. - MEULAS
- 6 - pescaria - 20 seg. - IEFJGH

Transcriç^ão e interpretaç^ão das estórias

- 1 - PAT = (P) "Foi que estavam construindo uma casa, (A) estavam construindo do cada vez mais e (T) depois estava sendo pintada".

Estória muito curta, pobre de elementos, puramente descritiva e que permite a obtenç^ão de poucos dados s^ôbre o paciente. A própria interpretaç^ão simbólica, se tentada, certamente seria arbitrária. O que talvez nos permita algum ganho na compreens^ão deste paciente é a sua forma de verbalizaç^ão. Começa com "foi que estavam"; é estranha essa forma de colocar num plural vago a aç^ão realizada na estória, talvez traduza a grande necessidade de proteç^ão do examinando, provavelmente determinada por um estado ansioso desencadeado pela situaç^ão de teste, mas motivado internamente por algo que ainda não temos possibilidade de vislumbrar.

- 2 - ABDC = (A) "Foi que pegaram um cara roubando, (B) em flagrante, (D) levaram para a pris^ão (C) e depois foi para a justiça, onde tinha um homem falando s^ôbre êle, se era inocente ou culpado".

ABCD = (A) "Fica que pegaram o cara roubando, (B) em flagrante, (C) levaram para a justiça, (D) e ficou de cadeia 5 anos. Mas eu achava que era mais do outro jeito".

Formula a estória de maneira descritiva, antecipando a punição (prisão) ao julgamento; êste aparece no final da estória, em termos alternativos, não se pronunciando a respeito. Destaque-se, também, o fato de fabulizar a prisão em flagrante, já que na cena referida apenas consta a presença do personagem juntamente com o guarda que o conduz. Quando se pede nova estória, com a ordenação preconizada, executa nos mesmos termos, a-crescentando apenas o tempo de pena 5 anos; no final, mostra a sua não concordância com esta ordenação, insistindo ser melhor aquela que êle mesmo fizera. Deve haver nela algo que o satisfaz mais; residindo a diferença na antecipação do castigo ao julgamento e na existência do flagrante, somos leva-dos a concluir que, para o examinando, estas condições são importantes por que concordes com as suas condições interiores, que seriam as decorrentes da existência de um superego severo, rígido, punitivo. Quando consegue projetá-lo para o exterior na figura do pai julgador obtém uma liberdade maior para seus impulsos e desejos. Êstes poderiam ser manifestos e satisfeitos, desde que pudessem passar despercebidos, que não houvesse o "flagrante". Deslocando para fora um dos elementos conflitantes internos, o superego, permanece o ego com a função de satisfazer as necessidades instintivas, agora menos premido pelas angústias culposas.

3 - LMNO = "Não estou compreendendo direito. Eu pus como achava que de via por. (L) Pensei, no começo, que era uma carta dobrada; depois, não compreendí o resto... ah! Já sei!... (L) é um elevador, (M) o elevador está em baixo, (N) está subindo... (O) chegou, e o rei está saindo".

Já na fase de ordenação deixa clara sua dificuldade para identificar o elevador no primeiro cartão, e, mesmo assim, ela resulta correta. Quando se lhe pede a narrativa, volta a insistir que não era capaz de reconhecer, que pensara numa "carta dobrada" e que não compreendera "o resto". Subitamente, identifica o elevador e pôde relatar a estória, descritivamente. A fixação da sua resistência no cartão inicial, parece traduzir a dificuldade com o aparecimento da figura paterna, o rei, no último cartão, mas deslocada para um outro, dentro de certa medida, neutro. A partir do momento em que consegue controlar a angústia pode organizar a narrativa, resultando pobre e descritiva, porque aquela, embora deslocada e controlada ainda se faz presente. Tudo leva a crer que o examinando ainda se encontra sob a ação das angústias liberadas pelas fantasias ligadas à estória anterior. Mesmo aliviado com a projeção no pai, da sua instância censora, defrontar-se com ela, agora, causa-lhe medo, medo êste tão intenso a ponto de perturbar a própria função intelectual.

4 - ATEJN = (A) "Ê uma lavadeira andando, (T) que encontra uma amiga que lhe rouba a trouxa, (E) o rei passa, (J) pára (N) e vai até o palácio".

JANET = (J) "O rei está andando (A) e passa por uma lavadeira, (N) continua andando, (E) fala com a rainha, (T) e depois êle é que põe a trouxa na cabeça e continua andando".

A estória é curta e inadequada; não consegue formalizar a estória do namôro. Atente-se para o fato de ter iniciado a ordenação com o único quadro no qual está representada a figura isolada de uma mulher; atente-se, mais, que a figura do rei é transformada na figura de uma mulher que rouba. São duas indicações sugerindo a provável valorização da figura feminina dentro de si a nos explicar do porque precisou fugir do tema do namôro do rei, fortemente sugerido pelas figuras. Mesmo quando fazemos a ordenação preconizada onde o tema dêsse namôro se impõe consegue não abordá-lo, forçando um final de estória completamente desconectado das proposições iniciais. E não pode abordá-lo pela reativação dentro de si de fantasias homossexuais, núcleos residuais de antigas identificações com a mãe. É o caminho seguido para vencer os temores que as fantasias incestuosas lhe trouxeram diante de um pai sentido como severo e punitivo, tornado ainda mais ameaçador pelas projeções que sôbre êle fêz, de seu próprio superego, como se depreendeu da estória anterior.

5 - MEULAS = (M) "São dois namorados, (E) êle vira para trás para ver se está tudo bem, (U) duas vêzes, (L) êle sai do carro, (A) e vêm de longe um outro carro e (S) monta ela nas costas e vai embora".

SAMUEL = (S) "Êles estão andando, (A) vêm de longe um carro vazio, (M) roubam o carro, (UE) ela sai de lado (L) e êle fica com raiva porque ela vai para o outro canto".

Agora, consegue elaborar a estória do namôro, mas mesmo assim, tremendamente perseguido, como se a situação fosse proibida. Não se sabe porque sai do carro e o abandona quando se apercebe, segundo diz, da existência de um outro carro. A parte final da estória está desconectada da inicial; esta fala de um namôro, aquela deixa a sensação de um rapto e que melhor se coaduna com as vivências persecutórias apresentadas pela situação referida de namôro. A segunda estória completa a primeira, focalizando abertamente o roubo, deslocado, embora, para o carro. A parte final mostra o desencadeamento da sua reação agressiva diante da frustração e da rejeição.

6 - IEFJGH = (I) "Um rei resolve (E) pescar, (F) pesca, (J) vem um homem que diz que não pode pescar, mas quando êle vira de lado para ir embora, (G) êle volta para pescar e (H) pesca".

EFGHIJ = (E) O rei pesca (F) um peixe, (G) continua, (H) pesca outro, (I) depois pára e (J) vai embora".

Identifica-se com o herói da estória e projeta nêle sua necessidade de auto-afirmação ("o rei resolve pescar e pesca"), mesmo quando isto possa lhe acarretar problemas ou conflitos com o ambiente ("vem um homem que diz que não pode"). Mostra como usa a dissimulação para esconder suas necessidades tornadas novamente preponderantes quando surge a oportunidade ("volta para pescar e pesca"). A segunda estória confirma o focalizado na primeira: na realização das suas necessidades não encontra obstáculos, ignora-os, porque as proibições do seu superego ficam projetadas fora.

Síntese:- Trata-se de criança enfrentando difíceis problemas de adaptação, porque é difícil superar as intensas angústias vivenciadas em função dos seus

conflitos inconscientes. Mostra-se desprovido de bons mecanismos defensivos. Usando preponderantemente a projeção de seu superego, consegue as gratificações necessárias, sem grande sensação de culpa, mas não integra sua personalidade; essa mesma projeção leva-o à dissimulação e a experimentar sentimentos persecutórios, que interferem até no seu rendimento intelectual. A repressão desencadeia intensas sensações de frustração e reação agressiva. A identificação encaminha-o para a formação de núcleos homossexuais, já que se faz preponderantemente com a mãe; quando a realiza com o pai, reintrojeta o superego e se sente premido por culpas e ameaças. Diante de tudo isso, regride e se angustia procurando uma auto-afirmação. Esta para ser feita, o reconduz aos anteriores mecanismos defensivos.

História Clínica:- Vem à consulta por apresentar dificuldades na escola. Curso primário relativamente bem feito, porém, ao cursar o ginásio "vocacional" não conseguiu promoção; acrescentaram-se agora problemas de disciplina. Parece gostar da escola, mas aos pais parece haver dificuldade no aprendizado porque são exigidos trabalhos manuais e o paciente é "desajeitado". Além disso, esquece facilmente as coisas, gosta de chamar a atenção e ser advertido.

Nascido a termo, parto normal. É o 2º filho de uma série de três, sendo os outros dois do sexo feminino, com uma diferença de idade de 3 anos para com a primeira e de 4 para com a terceira. Andou com dificuldade aos 14 meses, caindo muito e ferindo-se na cabeça e no ombro; começou a falar aos 2 anos, simultaneamente português e alemão; aos 5 anos apresentava fala ciciante, tendo-se submetido a tratamento especializado. Queixa-se espontaneamente de cefaléia, dor nos olhos, escurecimento da vista, e, às vezes, tonturas; mais raramente, vontade de sair correndo, com sensação de mal-estar, quando se encontra em ambiente confinado. É canhoto, não sendo jamais forçado a usar o membro direito.

Trata-se de uma criança ansiosa e insegura, com necessidade de agradar para receber apóio, quando então, sua produção intelectual melhora. Muito infantil, imatura para a idade. Não tolera frustração, tornando-se agressivo e destruidor.

O exame eletroencefalográfico realizado em 6-5-57 mostrou "ondas lentas de grande amplitude, difusas, com ondas mais rápidas intercaladas" (A. F. J.). Repetido em 31-12-1962: "mais instável no hemisfério direito; com hiperpnéia, ondas elevadas, difusas, que não reaparecem com o término da prova" (R. H. L.).

Foi submetido a tratamento psicoterápico em grupo, e após 4 meses retirado, por se ter negado a continuar. Atualmente: em tratamento psicoterápico individual, de inspiração psicanalítica (há 8 meses); cursou ginásio de método tradicional, conseguindo aprovação para a 2a. série.

Resumo do estudo psicológico

a) Nível intelectual: Wisc: QI verbal = 100; QI de execução = 90; escala com

pleta: QI = 95. Os resultados são inferiores às suas reais possibilidades, a ansiedade prejudicando a realização.

- b) Personalidade: inseguro, muito ligado à mãe, da qual depende e da qual procura se libertar; volta-se para o pai nas suas tentativas, mas, diante dele, reage com passividade e dependência. É capaz de esforço para a realização de um trabalho, mas não o executa com sistematização não tendo possibilidade de utilizar a auto-crítica.

Caso nº 3

Identificação:- J. R. V., branco, brasileiro, masc., com 8a. 10m.

Teste da ordenação das figuras

- | | | |
|--------------|-----------|---|
| 1 - casa | - 10 seg. | - PAT |
| 2 - assalto | - 5 seg. | - ABCD, mas em seguida modifica para ABDC |
| 3 - elevador | - 10 seg. | - NOLM |
| 4 - namôro | - 28 seg. | - TNJEA |
| 5 - taxi | - 30 seg. | - AMULES |
| 6 - pescaria | - 53 seg. | - HEIFGJ |

Transcrição e interpretação das estórias

- 1 - PAT = (P) "Aqui estava começando a casa, (A) foi fazendo, (T) já estava pronta, e agora está pintando ela".

Estória curta, coerente e adequada ao tema, mas puramente descritiva, não dando maiores possibilidades para interpretação. Nota-se pela forma de verbalização necessitar deixar o sujeito implícito na ação do verbo, omitindo o pronome pessoal, traduzindo-se assim sua grande necessidade de proteção.

- 2 - ABDC = (A) "Aqui estava roubando, (B) pegou êle... êle fugindo da cadeia, depois indo para a cadeia, (D) foi para a cadeia, estava nela (C) e depois foi para o juiz saber se ia sair ou não".

ABCD = "Assim... (A) êle ia pegar pra ficar prêso, (B) ia prêso, (C) ia para o juiz pra ver se ficava prêso, e (D) depois, ficou prêso".

Na primeira fase apresenta uma ordenação, a preconizada, para logo em seguida modificar. As duas estórias são diferentes na sua essência. Enquanto a primeira fala de roubo, prisão e fuga, aquela, feita com a ordem preconizada, fala apenas de prisão. A estória inicial mostra-nos a relação entre o fato delinqüencial, a punição imediata ("estava roubando, pegou êle... êle fugindo da cadeia"), e a necessidade de se libertar dessa punição, começando pela fuga, depois pelo julgamento, mas julgamento que também se faz em termos de liberdade ou não. Aparentemente seria o mesmo, condenação ou absolvição, mas a ênfase colocada na liberdade, mostra seu estado inferior de opressão, de desejo de expansão, temeroso de sucumbir a um super ego muito severo. Por isso não suportou a ordenação preconizada, conduzindo

a um resultado final de condenação; isto o oprimia tanto, que ao relatar a estória, já não individualizou a prática do ato delinqüencial, confundindo-o com o início da punição: "êle ia pegar para ficar prêso".

3 - NOLM = (N) "Aqui ia indo no carro, (O) saiu do carro, (L) foi pra casa e depois, (M) fechou a porta aqui".

LMNO = "Aqui (O) êle ia entrando pra casa, (N) depois o amigo dêle ia indo, (M) foi entrando e (L) fechou a porta".

(Como inverteu as figuras, tentamos obrigá-lo a manter a sequência estabelecida e, nessas condições, formulou): (L) "aqui está a casa, (M) aqui também, (N) ia saindo e (O) saiu".

Formula novamente uma estória curta, não se apercebendo em momento algum, de se tratar de um elevador; durante a primeira parte da estória é um carro, depois, a porta da casa. Mas sempre descritiva e impessoal; a única fabulização, não oferecendo oportunidade para uma interpretação, resume-se num sêco: "foi pra casa e fechou a porta". Tal qual a primeira estória da série, mostrando o seu bloqueio, a sua necessidade de auto-proteção. Quando se lhe solicita a nova estória, uma vez mudada a disposição dos cartões, insiste em formular a mesma, seguindo a sequência inversa da apresentada. A tentativa de forçá-lo a manter a ordem mencionada surtiu resultado quanto à obediência; manteve a sequência. Mas a estória se apresenta ainda menos produtiva que a inicial, invertendo apenas a ação praticada pelo herói: agora sai de casa; antes, entrava nela. Transparece assim, ao lado da oposição, uma enorme insegurança que o impede de formular a estória em termos de sair, obrigando-o sempre a se recolher e ainda mais, impedindo-o de distinguir um elevador, provavelmente porque no desenho surge, aflora, vem à superfície, exatamente aquilo que o paciente não pode permitir que aconteça ao seu material inconsciente.

4 - TNJEA = (T) "Aqui êle ia indo com a moça, (N) depois chamou um carro, (J) ia seguindo, (E) depois saiu do carro, (A) a moça ficou sòzinha e êle foi embora".

JANET = (T) "Aqui êle ia saindo do taxi para ver se tinha carro, (E) depois chamou o taxi; veio até aqui e desceu, (N) depois pegou outro carro, ia indo e deixou a mocinha, (A) a mocinha ficou esperando êle (J) e êle foi embora".

Obrigado a manter a sequência direta: (J) "então êle ia seguindo, (A) a mocinha estava esperando (N) êle foi seguindo e (E) depois êle parou (T) e foi embora com a mocinha".

Repete-se a situação da série anterior: oferece uma ordenação e quando se pede a estória com a ordenação preconizada, não obedece a sequência das figuras, modifica-a para fornecer a estória relatada na sua primeira versão: relacionamento de duas figuras terminando em separação, em abandono. Não se tem elementos para afirmar com segurança com quem se identifica, se com quem abandona, ou com o abandonado; é provável a ambivalência. O relato final, que se esforça para não referir fornece um esclarecimento talvez valioso porque termina justamente com os dois personagens juntos, precisamente o que êle não desejava. Entende-se assim, que a alteração visava traduzir seu desejo na fantasia, desejo não realizado na vida real. Deve

sentir esta necessidade de afirmação como muito agressiva e a contenção do bloqueio exibido visa justamente escondê-la. Funciona pois, num nível muito primitivo.

5 - AMULES = (A) "Ia chamando o taxi, (M) seguindo... (U) seguindo... (L) seguindo... (E) seguindo... (S) desceu e foi embora junto com a criancinha".

SAMUEL = (S) "Daqui êle ia indo, (A) chamou o taxi, (M) ia seguindo ... (U) seguindo... (E) seguindo... (L) e aí foi embora".

Se na anterior poderia haver dúvida quanto à identificação, nesta a dúvida não mais existe. É evidente sua identificação com o manequim, visto como uma criancinha. Não elabora pròpriamente estórias, faz um relato onde predomina um "ia seguindo... seguindo..." que sôa como um lamento, com o qual, expressa os seus sentimentos depressivos.

6 - HEIFGJ = (J) "Estava no rio, estava tudo jogado, não podia pescar e foi embora, (G) foi para a outra metade do rio e já estava pescando, (F) já pegou um peixe, (I) ficou com dor de barriga de tanto comer peixe (E) de pois falou, "talvez eu pesque mais um peixe" e (H) pescou mais um e foi embora".

EFGHIJ = (E) "Aqui já chegou e ia pescar, (F) já pescou, (G) ia pescar mais, (H) pescou, (I) ficou com dor de barriga, (J) e foi embora".

As estórias relatadas são òbviamente de uma criança imatura, mostrando componentes muito fortes de oralidade e analidade. O importante parece ser a faculdade de retirar alimento da mãe, alimento muito desejado; arrebatado agressivamente, pela voracidade que reveste o ato, torna-se estragado e causa dano ("ficou com dor de barriga de tanto comer peixe"). Mas o sofrimento parece reparar-lhe a culpa, possibilitando nova realização dos desejos orais ("talvez eu pesque mais um e pescou"). Outro elemento a se destacar; é o fato de iniciar a estória com o carfão final, onde existe outra figura humana e afirmar ser impossível a pesca - "estava tudo jogado" e "foi para a outra metade do rio", onde foi possível a pesca porque se libertara da presença incômoda. Quer tenha identificado o escafandrista com o pai ou com irmãos, torna-se patente a necessidade da exclusividade materna para satisfazer sua gula. Esta interpretação encontra confirmação na narrativa oferecida quando solicitamos a estória com a outra ordenação. Aquilo anteriormente rejeitado, mudando de lugar, rejeita agora, não tomando conhecimento da presença. Mas, dinâmicamente é mais carente, já que uma parte da sua problemática fica impossibilitada de expressão, por ser obrigado a abandonar a pescaria depois da punição pela dor física.

Síntese:- A identificação com a criancinha, a não percepção da situação de namoro nas séries 4 e 5, as manifestações de oralidade e analidade da série 6, mostram a criança imatura, não atingindo ainda a fase fálica do desenvolvimento. Esta acentuada imaturidade subtende cargas agressivas, por sua vez muito primitivas, mal moduladas e atemorizantes, levando a um forte bloqueio, necessitando um superego muito severo e punitivo. O resultado final é a inibição, a insegurança, a necessidade da proteção materna, concomitante mente com a necessidade de auto-afirmação, feita sob forma de oposição e tendência ao domínio.

História Clínica: - Trata-se de uma criança instável, agressiva com o irmão e colegas menores; com as crianças maiores, porém, é tímido, medroso, apanha e não reage. Na escola não aprende, é desinteressado, desatento, não traz o material em ordem, traz diariamente queixas da professora e está ameaçado de ser excluído. Exige a presença da mãe para fazer as lições. É opcionista, negando-se a fazer o que lhe ordenam, tiranizando o lar com sua presença. Provoca a todos na mesa, durante as refeições; desobedece pai e mãe, já esbofeteou o avô. Tem ciúmes do irmão, dois anos mais jovem, agredindo-o frequentemente e chegando a por em risco sua integridade física. Não adquire hábitos de limpeza. Foi extremamente difícil fazê-lo dormir só em seu quarto. Desde pequenino havia preocupação com a alimentação, nada aceitando; dormia pouco, acordando frequentemente aos gritos. É o primeiro filho de uma série de dois. Nascido a termo, parto difícil, demorado, com asfixia e sofrimento fetal. Gestação intranquila por problemas familiares. Avô pater no alcoolista crônico. Amigdalectomizado entre os 2 anos e meio e 3 anos, sem preparo psicológico para o ato cirúrgico. Na observação direta, estabelece contato fácil, embora superficial; procura colaborar, executa imediatamente e com aparente prazer, tudo quanto se lhe ordena; responde prontamente. Evidencia-se sempre, pequena espontaneidade; deixado entregue a si mesmo, torna-se instável, vasculha todo o ambiente, faz movimentos contínuos no sentido de tocar nos objetos ao seu redor, mas nem sempre chega a fazê-lo, já que permanentemente procura se conter. Parece ter bom nível intelectual, mas está mal alfabetizado.

O exame eletroencefalográfico: - A hiperpneia provocou o aparecimento de ondas lentas, 45 c/s, de voltagem elevada, generalizadas, que não persistiram após o fim da prova. (22/12/65: A. F. J.).

Resumo do estudo psicológico: (L.N.) (janeiro de 1966)

a) Nível Mental:

1 - Wisc: escala verbal: QI = 94; escala de execução: QI = 92; escala completa: QI = 92; inteligência normal.

Na escala verbal demonstrou possuir boa capacidade de concentração, de raciocínio abstrato, mas os resultados são insatisfatórios nos demais subtestes. Há grande variabilidade intertest na escala de execução. Obtem pontuação superior à média nos Cubos e Reconstituição de Objetos. Há diminuição nas Figuras Incompletas e Código. Chama a atenção a diminuição da capacidade para prever e julgar situações sociais (arranjo de figuras), aspecto este que, juntamente com o resultado obtido em compreensão, julgamos estar relacionado com seu desajustamento atual.

2 - Raven: - Superior ao termo médio.

b) Personalidade

1 - Rorschach: - Tipo de vivência introversivo. Existem sinais da existência de conflitos internos que impedem a utilização dos seus recursos. Apesar do número de respostas situar-se dentro da média, o trabalho intelectual é pobre, as respostas são primitivas, infantis, perseverantes, pouco precisas. Seu pensamento é predominantemente concreto, sendo outrosim, bem adaptado às normas do pensamento do grupo social. A prova e-

videncia sinais de angústia e disforia, contra as quais denota bons dispositivos de reação.

2 - CAT:- As fantasias apresentam uma criança ativa, segura, predominando impulsos agressivos, tendo ainda caracteres primitivos, orais. Além da necessidade destrutiva, manifesta a de introjetar o objeto de sua agressão. Sentindo-se constantemente ameaçado pelos ataques externos (que constituem uma projeção de suas próprias fôrças instintivas), não só reage sozinho diante das mesmas, demonstrando desta maneira que não as teme, como também, sente-se apoiado pela família. O pai apresenta-se como personagem forte, viril, dominador, a quem teme, mas de quem também recebe segurança. A figura materna, a quem se acha muito ligado, é vista como boa, pacificadora e protetora. Mostra boa aceitação e contato satisfatório com o irmão.

3 - Machover:- Personalidade egocêntrica, imatura, tendo um contato superficial com o meio. Sendo sensível à opinião do mesmo, procura, através de uma amabilidade forçada, obter aprovação. Sentindo-se inseguro, instável, sem apôio, busca auto-afirmar-se de maneira agressiva; tem dificuldade em relação ao contrôle dos seus impulsos, ainda primitivos, infantis. Evidencia um sentido bastante imperfeito do esquema corporal, assim como da diferenciação sexual.

Caso nº 4

Identificação:- M. P. M., branco, brasileiro, masc., com 7a. 9m.

Teste da ordenação de figuras

- 1 - casa - 5 seg. - PAT
- 2 - assalto - 35 seg. - ABDC
- 3 - elevador - 20 seg. - LOMN
- 4 - namôro - 35 seg. - ATNJE
- 5 - taxi - 30 seg. - MULEAS
- 6 - pescaria - 20 seg. - IJEFHG - ao relatar prefere IJEFHG

Transcrição e interpretação das estórias

- 1 - PAT = (P) "O mocinho pegou... a casa dêle estava muito velha, a mãe queria comprar outra casa e êle disse pra êle mesmo "porque tem que comprar outra?"... foi andando, andando... e encontrou um lugar como uma piscina, (A) pegou madeira, barro, cimento, tijolo, foi construindo, (T) pintou e quando ficou pronta, chamou a mãe dêle, que gostou e disse para êle "muito obrigado!"

Formula em termos de estória, embora em certos momentos seja puramente descritiva; mas, no seu conjunto, é sempre fabulizada, introduzindo inclusive o personagem "mãe" com a qual dialoga o herói. No conteúdo manifesto existe a necessidade de realçar as qualidades de "bom filho" do personagem que atende aos desejos maternos, embora não consiga compreendê-los. Mostra repressão de desejos e fantasias agressivas relativas à

mãe, tornando-o ambivalente, porque também a ama. Esta ambivalência, ês tes desejos de destruí-la e de, ao mesmo tempo, amá-la e possuí-la, estão li gadas a fantasias incestuosas edipianas. Parece identificar a casa com o lar, com o casamento que era "muito velho", porque antigo: diz não entender o fato da mãe "ter que comprar outra casa", isto é, fazer outro casamento, porque não pode ver, projetado nela, o seu desejo de que ela o faça. Vemos aqui sua perplexidade diante do inevitável da situação edipiana, que tenta negar, criticando; que tenta resolver, ausentando-se; mas que fatalmente terá que se realizar, e se realiza no final da estória, quando a vai chamar. Durante tôda a elaboração, utiliza sistematicamente o mecanismo projetivo: ela deseja, ela quer, ela fica satisfeita; êle é sempre o filho bom que nada mais faz do que atender os desejos dela. Com isto procura evitar as angústias e as culpas.

2 - ABDC = "Chi!... está difícil!... (A) Então, o homem que trabalhava muito, ajudava o delegado, certa vez teve uma doença que deixou êle com vontade de roubar. Uma noite saiu, entrou numa casa, rebentou a porta e outro ladrão prendeu êle, tirou o dinheiro do bolso dêle. (B). Depois, a policia que viu tudo, prendeu o ladrão e (D) levou para a cadeia. (C) Depois foi julgado e mandaram buscar o homem que tinha roubado para servir de testemunha e acabou sendo condenado porque êle é que roubou a casa, e então, foi enforcado".

ABCD = (A) (B) "Foi o mesmo comêço, (C) o homem leva êle direto para o tribunal e (D) o homem que roubou a casa é que fôi para a cadeia e depois de passar anos nela, vai ser enforcado".

Faz entrar na estória dois ladrões: um, que rouba a casa e é o condenado no final, e outro, que rouba o primeiro e é preso, mas não punido. A segunda estória não muda a essência da primeira. Existem dois aspectos fundamentais: 1) punição daquele que rouba a casa (punição muito severa, com anos de prisão, seguido de enforcamento), e não daquele que rouba o ladrão; 2) o ladrão punido era inicialmente muito trabalhador e ajudava o delegado; roubou, porque teve uma doença que lhe trouxe essa vontade. Temos, no primeiro, simbolizado, a situação triangular (delegado-pai, casa-mãe, ladrão-filho) do complexo edipiano. Com a formulação utilizada dos dois ladrões (um rouba a casa, procura a satisfação dos desejos incestuosos, é punido, e o outro, rouba-lhe o produto do roubo, impede-o de desfrutar as vatagens auferidas), faz a representação da situação conflituosa existente dentro de si. No segundo, mostra boa capacidade de "insight", ao colocar a gênese do crime, e portanto, dos desejos incestuosos, na doença que o acomete; doença sentida como algo que ocorre em si, independente da sua vontade e contra a qual não sabe como lutar. Note-se também o sadismo do seu superego, condenando-o a anos de prisão, para depois, enforcá-lo.

3 - LOMN = (L) "Tinha um buraco na rua com duas tampas (O) e dois homens com o rei, queriam ver o que tinha nos buracos (M) e desceram e viram que tinha ouro de outro rei, e o que desceu queria roubar. (N); Mas, dois guardas viram o buraco aberto, esperaram e prederam o rei e os dois homens, levaram para a cadeia e ficaram presos".

LMNO = (L) "Tem o buraco fechado, (M) uma correnteza abriu o buraco e (N) três homens levados pela correnteza caíram dentro, encontraram a

riqueza, pegaram e (O) dois guardas que viram o buraco aberto, esperaram e prenderam, puseram a fortuna dentro do buraco, tamparam e levaram o rei para a cadeia".

Nesta estória, muito bem fabulizada, praticamente sem aspectos descritivos, cria-se novamente a situação de crime e castigo, parecendo continuar a estória anterior; projeta seus desejos no rei ladrão, desejos de obtenção da riqueza (mãe) pertencente a outro rei (pai), mas que recebe a condenação formal de sua censura (polícia), impedindo-o de possuir e desfrutar do produto do roubo. Se, nesta estória a gênese do crime é colocada na cūriosidade do rei, na narrativa feita com nova ordenação dos cartões, essa cūriosidade não transparece e a motivação é colocada numa situação de quase fatalidade: "uma correnteza" cria a oportunidade, abrindo o buraco e arrastando o rei-ladrão. Com esta imagem, representa muito bem o que sente em relação aos seus impulsos: forças imperiosas que o impelem para o crime, independem da sua vontade, e contra as quais não sabe como lutar.

Embora se pudesse dizer que na figura estão representados três homens, e por isso aparecem na estória, quer me parecer que fazê-los descer juntos, serem arrastados pela correnteza, é outra fórmula usada para patentear o envolvimento de todo o seu ser, representando, em cada um dos personagens, cada uma das suas três instâncias psíquicas. Com isto podemos entender algumas das nuances existentes nas estórias. Na primeira, os três eram os curiosos, os três queriam ver e os três foram punidos; na segunda, a correnteza os arrastou, apenas o rei foi punido. Em outros termos: seu ego tendo permissão do superego para atender aos desejos instintivos, tudo e todos estarão condenados, mas se a censura e a vontade forem arrastadas, envolvidas, pela necessidade, só esta deverá ser punida com a repressão e a frustração. Evidencia-se, assim, que projeta na figura real o seu id, e esta escolha nos mostra, por outro lado, como o sente importante, poderoso e dominador.

- 4 - ATNJE = "O Sr. pôs tudo na ordem certa". (nota: é a ordem de apresentação. (A) "Uma moça estava andando com uma trouxa na rua, na cabeça. (T) Um rei viu ela, pegou a trouxa, quiz ficar marido dela. (N) O rei viu um carro grande, com um chofer e um guarda... a não!... errei tudo".. Movimenta os cartões colocando na ordem ANJET e conta a seguinte estória:
- (A) "A mulher estava com a trouxa e (N) viu o rei andando numa carruagem com chofer e guarda e (J) o rei mandou parar, (E) desceu do carro e (T) queria casar com ela, mas ela dizia que não poderia, que era ridículo, que ela era da lavanderia, mas o rei queria. Mandou outra pessoa levar a roupa, mas ela não queria, mas êle pegou a trouxa e levou. Casaram. Tiveram um filho, mas ela não gostava do palácio porque ela tinha que deitar tarde e levantar cêdo, não gostava do filho porque tinha que dar mamadeira, êle chorava a noite t^oda, dava muito trabalho e não deixava ela dormir. Aí, ela um dia acordou cêdo, pôs o filho na cama do rei, aprontou o café e foi embora, foi buscar a outra moça que o rei tinha mandado para a lavanderia, levou para o palácio e foi embora, foi morar em Santa Catarina. Lá encontrou um outro namorado, casou e teve um filho, e tudo aconteceu de novo, ela estava aborrecida, mas teve outro filho, ês

te crescia e um ano depois teve outro e ia acontecendo o mesmo, até ter o 4º. Aí deixou tudo, foi para Londres e aconteceu o mesmo até 3 filhos, quando ela ficou doente, ia morrer e os médicos tratavam, até que um dia, quando foi acordar estava já morta e foi enterrada. O Sr. já viu uma mulher assim, repetindo tudo de novo? "

JANET = (J) "O rei estava andando e (A) a moça também... Não muda nada, é a mesma estória."

Inicia relatando uma estória que, pelo desenvolvimento, se apercebe, iria repetir a mesma situação de crime e castigo. Faz então a ordenação que não fizera antes. Com isto apresenta uma longa narrativa onde predominam as más qualidades de mãe incapaz de amar marido e filhos, sucessivamente tendo-os e rejeitando-os e que por sua origem, lavadeira, não tem condições para ser rainha. É evidente a necessidade de denegrir o objeto do seu amor, para poder afastar-se dele, mas mesmo fazendo, após cada afastamento, tem necessidade de se reaproximar, quando, novamente, precisa fazê-la má para poder afastar-se. É realmente notável a capacidade desta criança para se aperceber da compulsão repetitiva. Mas a estória oferece ainda outros aspectos que merecem ser destacados. Quando se refere ao primeiro abandono, faz com que a mãe, antes de se ausentar, coloque o filho na cama do pai. Aqui existem evidentes sinais do impasse em que se encontra: abandonando a mãe, necessariamente ficará com o pai, substituindo-a; ou seja, abandonando os desejos incestuosos, cairá no homossexualismo. Com isto nos fornece a demonstração das suas identificações femininas. Assim sendo, a mãe má, necessita ser considerada em dois planos diferentes: o objeto de amor, precisando ser desvalorizado, fica num plano mais superficial, já que num plano mais profundo, representa a mãe introjetada e suas próprias partes identificadas com ela, e é contra estas partes que luta. É isto que não pode despertar dentro de si, que precisaria estar morto ao despertar.

5 - MULEAS = (M) "Um homem estava olhando para o outro lado da rua e estava com uma bola, (U) olha pro outro lado e (L) bate, fica com o nariz preto e (E) vê que não é uma bolinha e sim uma moça, que era mágica, e faz a moça virar bolinha outra vez e depois, olhou do outro lado, viu um carro, (A) saiu do que estava, mandou parar o outro carro, foi até certo lugar, deixou a bolinha no carro e (S) pegou um chapéu de mulher que o estava incomodando por causa da grinalda e foi a uma costureira que brigou com êle; foi para outro carro, teve um desastre e precisou ir para a oficina".

SAMUEL = (S) "Um homem... esta coisa não tinha visto (aponta para o manequim). Um homem levava uma mulher de aço, (A) viu um carro, (M) entrou no carro, (U) virou para traz, viu um lago, (E) ficou virado para traz, (L) bateu o nariz na mulher, quebrou o nariz, foi para o hospital, ficou sem nariz e morreu".

A estória inicial é altamente confusa, falando de bola, de mulher mágica mas que sofre os efeitos das mágicas, traz à baila chapéu de mulher e grinalda, briga com costureira, desastre e oficina. Acredito estivesse ainda sob o impacto da estória anterior (note-se que não conseguiu elaborar a segunda parte) reativadora de muitos núcleos conflitivos, gerando o es

tado de confusão e necessitando um efeito catártico. Processado, encontrou viabilidade para organizar nova exposição, não o fazendo antes de apontar para o manequim dizendo não tê-lo visto antes, prova evidente da incapacidade em que se encontrava. A narrativa, com a ordenação preconizada, agora é coerente e traduz fantasias sexuais inconscientes. Interpreta-se, simbolicamente, a proibição para realizá-las pois implicariam na castração ("ficou sem nariz"); isto significaria a morte, para êle. A mulher de aço simboliza também o quanto ela necessita ser forte para resistir às suas fantasias agressivas e quanto se sente fraco, diante dela, e conseqüentemente, das suas identificações femininas.

6 - IJEF~~GH~~ = (I) "O rei estava chorando porque não conseguia pescar, caiu pra traz (J) e viu outro rei gordo e outro homem que deu peixes para êle; chorou mais um pouco, (E) conseguiu uma vara, (F) pescou, (G) pescou, e como só tinha dois minutos para pescar, (H) jogou a isca e pescou outro peixe".

EFGHIJ = (E) "O rei pescou (F) um peixe, (G) pôs na caixa, (H) pescou outro e pôs na caixa, (I) chorou porque não conseguia mais pescar, deixou todos os peixes e viu que tinha outro peixe, caiu, (J) e o outro rei jogou a isca pra êle e êle pescou de novo mais um peixe e deixou de chorar".

Identifica-se com a figura do rei que não consegue pescar, porque não tem vara (penis) ou porque, embora a tenha não pode usá-la; mostra-se invejoso do penis paterno, do outro rei que pode e consegue pescar porque recebeu autorização para tanto. Esta inveja leva-o a fantasiar possuir um penis ainda mais poderoso, mais forte e mais capaz; não pode, porém, usá-lo permanentemente (só tem dois minutos para pescar). Com esta fantasia tranquiliza-se, alivia-se das angústias e da inveja, não precisa mais chorar. Na narrativa seguinte repete-se a situação de idealização de um penis forte e poderoso mas que necessita da autorização paterna para continuar funcionando. Em ambas, está mostrando, portanto, a sensação interior de incapacidade e a fantasia de estar sua impotência ligada a uma proibição paterna; levantada a proibição tudo se normalizaria; enquanto ela perdura, angustia-se pela falta de virilidade, inveja a liberdade e a capacidade paternas. Procura, na fantasia de possuir um penis mais capaz e mais potente que os outros, a tranquilidade que não consegue encontrar.

Síntese:- Criança que se debate na tentativa de solução do conflito edipiano. Cria-se permanentemente a situação de impasse que o leva ao bloqueio. A tentativa de rompimento do bloqueio é impedida pela ameaça de homossexualidade. A repressão das fantasias, sentida como regressão e impedimento do seu processo de crescimento e afirmação. A satisfação imaginária dos desejos lhe traz culpa e angústia de castração.

Apresenta boa capacidade de "insight" e se apercebe dos mecanismos repressivos e projetivos, bem como da compulsão de repetição, não conseguindo, porém, a libertação desejada.

História Clínica:- É trazido à consulta pelos familiares angustiados com seus maneirismos e atitudes tipicamente femininas. No mais é uma criança "adorável", sempre agradando os adultos, atencioso para com os mesmos, necessi

tando presenteá-los constantemente, principalmente as professoras. Tem, por outro lado, intensa necessidade de ser visto, elogiado, cuidado. Entregue a si mesmo, angustia-se, chupa o dedo e se refugia em devaneios. É o irmão mais novo da paciente do caso nº 1., portanto, 2 anos mais jovem que a mesma, da qual sente muito ciúme e inveja, procurando permanentemente competir com ela. A mãe já o surpreendeu mais de uma vez se masturbando. Há pouco tempo o paciente lhe disse "ter pipi de menina" e, afirmando em outra oportunidade: "sou mulher com pipi". É criança tímida, medrosa, não revidando as agressões dos maiores. Nascimento em condições normais; aparentemente adequado seu desenvolvimento psico-motor; nada digno de nota no seu passado mórbido. Durante a entrevista mostra ter bom nível intelectual. O contato é fácil, porém, ansioso; no início mostrou dificuldade em expressar o pensamento e compreender o que lhe dizemos, tranquilizando-se porém, no decorrer da entrevista. Ao sugerirmos que desenhasse, adota rapidamente uma atitude manneirosa e infantil, mostrando também sua preocupação em agradar.

Resumo do Estudo Psicológico (L.N.) março de 1964.

a) Nível mental: Q. I. = 116 (Terman-Merrill, forma M).

Cooperou bem inicialmente, dando provas no final, de desinterêsse e fadiga. Prova com grande dispersão; boa compreensão; bom vocabulário; coordenação motora, memória visual e auditiva, excelentes.

b) Personalidade

1 - Rorschach:- Afetivamente muito sensível às influências externas. É uma criança instável, com uma afetividade rica, porém, ainda bastante egocêntrica, lábil e impulsiva, não possuindo recursos interiores que permitam uma estabilização de seus afetos. O protocolo revela ser bem dotado intelectualmente. Se a análise do conteúdo das respostas mostra um pensamento ainda bastante infantil, o número das mesmas destaca a facilidade de exteriorização. Mas o seu rendimento diminui pela interferência de sentimentos disfóricos. Há predomínio do pensamento concreto, com diminuição da capacidade de abstração e síntese, o que poderá decorrer de certa inibição de natureza emocional.

2 - CAT:- Criança afetivamente insatisfeita, com grande necessidade de ser gratificada, principalmente no plano oral e que, em consequência desta insatisfação, reage agressivamente em relação aos pais. O paciente demonstra não só tendência a identificar-se com a figura materna, como também, acentuada dependência da mesma. Os sentimentos agressivos, dirigidos contra os pais, decorrentes da sensação de rejeição, principalmente materna, é acompanhada de muita angústia. Esta mesma ansiedade e sentimento de rejeição são experimentados na situação atual, quando sente que a mãe procura se livrar dele. Por outro lado, há o seu desejo de corresponder a qualquer manifestação de carinho por parte da mesma. - Em suas fantasias, a imagem paterna é a de uma figura fraca, impotente, afetivamente dependente da figura materna. Numa de suas estórias apresenta fantasias de castração relacionada com o pai. Demonstra agressividade em relação ao mundo exterior e utiliza seus recursos intelectuais a fim de fugir às ameaças externas. Evidencia, por fim, preocupações com os hábitos de higiene.

3 - Machover:- Criança egocêntrica, narcisista, vaidosa. Mostra desejo de aparecer, tem consciência desta necessidade e procura chamar atenção sobre si; procura ainda compensar, na fantasia, e através da auto-estima, suas dificuldades. Há tendência à identificação sexual defeituosa, parecendo que seu problema está relacionado com a dependência materna, sentindo a mãe como dominadora. Os desenhos mostram ainda, dependência oral, bem como, tendência à auto-afirmação de natureza agressiva. Vemos em outras respostas a valorização dos atributos masculinos, indicando assim, uma busca no sentido de identificação com o próprio sexo.

Caso nº 5

Identificação:- C.R., branco, brasileiro, masc., com 18a.10m.

Teste da ordenação das figuras

- 1 - casa - 4 seg. - PAT
- 2 - assalto - 4 seg. - ABCD
- 3 - elevador - 4 seg. - LMNO Comentário: É confuso. Tenho que pensar mais
- 4 - namôro - 10 seg. - JNAET
- 5 - taxi - 2'25 seg. - SALMEU Comentário: Esse já tem que pensar. - (Pôs os dois primeiros quadros) Esse não estou entendendo. Parece ser duas estórias. Esse parece que não encaixa. Não achei sentido nesses quadros, está faltando (muda um quadro de lugar. Coloca 2 quadros em baixo (S, A) e os restantes separados e pensa em entregar 1'58". Depois, reflete mais um pouco e junta os 2 aos 4 restantes).
- 6 - pescaria - 23 seg. EFGHIJ

Observações: Durante a aplicação: Fuma, ansioso, inquieto, fala rapidamente. Cooperador, reflexivo. Na saída, diz: "lembro que já tinha feito, mas não como era. Naquele (nº 5) eu devo ter feito também um bolo". A uma pergunta da psicóloga que o testara, informa:

- "Estou estudando, levei páu no 1º científico. Pensei em fazer madureza, mas falei com os professores e achei bobagem. É melhor fazer um científico bom, num colégio que exija, que tome conta. O meu colégio é bom, mas não liga para disciplina. Repetí porque não estudei, cabulava aulas. Preciso de colégio que exija".

Transcrição e interpretação das estórias

- 1 - PAT = (P) "Um sujeito construindo uma casa e várias etapas de serviço dêle. Primeiro fêz os alicerces. (A) Depois, paredes com madeira. (T) Depois, pintando a parede, a casa já está pronta."

Estória curta, coerente, adequada ao tema, puramente descritiva, não permitindo abertura para um aprofundamento. Talvez o único elemento esteja na primeira frase, quando oferece uma síntese da estória que passa depois a descrever na sequência dos cartões; poderia ter ficado na primeira frase porque a descrição subsequente nada acrescentou à estória, mas

nos deu ensejo de constatar a sua necessidade de reafirmação.

- 2 - ABCD = (A) "Um ladrão assaltando um senhor. (B) Vem um guarda e prendeu. (C) Ele veio a julgamento. (D) E depois foi prêso."

Estória correta, descritiva das situações, muito presa ao estímulo, nada permitindo deduzir da sua problemática inconsciente.

- 3 - LMNO = (L) "A campainha tocando. Elevador de calçada. Avisando que a porta ia abrir, para avisar os transeuntes. (M) A porta abrindo. (N) Começando a aparecer as pessoas. (O) O elevador em cima, já o reizinho saindo."

Durante a ordenação, na qual dispendeu exatamente o mesmo tempo que nas anteriores, declara "ser confuso", primeira manifestação da sua ansiedade, controlada depois, conseguindo novamente condições para formular outra estória muito objetiva, descritiva das ações representadas nos cartões.

- 4 - JNAET = (J) "O reizinho passeando com o chofer. Eu pus assim?... Acho que sim. (N) Aqui eu errei. Viu a moça, então a moça devia ser antes. É porque ele estava olhando para traz e por isso coloquei a moça aqui. Mandou o chofer parar. (A) A moça passeando, tinha que ser antes, uma lavadeira. (E) Descendo do carro, a moça esperando. (T) Ele passeando com a moça, levando a sacola, a trouxa de roupa na cabeça."

JANET = Pergunta: "essa é a certa"? (J) "Estava passeando com o chofer. (A) Tinha uma moça passeando na rua. (N) Viu, mandou o chofer parar. (E) Parou e desceu do carro, a moça estava esperando. (T) Foi passear a pé com ela, carregando a trouxa da lavadeira."

Nesta série demonstra ainda maior insegurança e necessidade de reafirmação, entremeando a narrativa de dúvidas, perguntas e justificações. Está perceptível a situação de namôro, na expressão "a moça esperando", mas não consegue proclamá-la, parece mesmo precisar negá-la, colocando-a em termos de encontro fortuito.

- 5 - SALMEU = "Essa vai ser difícil, não consegui entender". (S) "Estava passeando com a moça, não... com um pedaço de manequim. Se fosse o contrário a posição do carro... (A) Pela sequência da figura podia ser que tivesse pegando um taxi, mas, parece que o taxi tem outra pessoa. Parece que ele está apontando. Não, está dando sinal, apontando só... (L) êstes parecem que têm uma sequência (os 4 restantes). Ele olhou para o pedaço de manequim. (M) Depois parece que mostrando a língua, de gozação".

SAMUEL = (S) "Suponho que estava passeando, andando com um pedaço de manequim. (A) Viu um carro, deu um sinal. (M) Aparece ele dentro do carro, abraçado com o manequim. (U) Depois ele olhando para traz, mostrando a língua. (E) Depois aparece ele rindo. (L) Depois o manequim de um lado, ele de outro, ele olhando para o manequim".

Novamente transparece, e agora mais nitidamente, toda a ansiedade de que fica possuído quando diante do tema namôro. Já durante a fase de ordenação, mostra-se extremamente confuso, não consegue uma ordenação satisfatória, pretende que não haja ligação entre os cartões. As estórias

relatadas, principalmente a primeira são entrecortadas de explicações, de afirmações, negadas em seguida. Comete, inicialmente um lapso do qual se dá imediatamente conta, corrigindo; a partir daí, necessita repetidamente dizer que se trata de manequim e não de uma moça. Sempre, ao se referir ao cartão (U), faz o personagem "mostrar a língua, de gozação", como se o personagem estivesse se divertindo com a peça pregada nos outros. Isto significa uma inversão da situação, pois não é quem vê a estória que se diverte e sim o personagem que se diverte com o observador. Somos levado a acreditar - ser o examinando muito sensível à crítica, à opinião alheia (projeta nos outros a sua), procura, defensivamente, nada mostrar de si, trancando-se, ao mesmo tempo que se diverte interiormente com a falsa impressão que consegue causar, através de atitudes estudadas. Com isto obtém aprêço, aceitação; mas vai se sentindo progressivamente angustiado pela impossibilidade de se abrir e de se afirmar, temendo destruir a boa imagem elaborada.

6 - EFGHIJ = (E) "Aparece um pôrto, o reizinho pescando. (F) No outro aparece êle tirando um peixe da água. (G) No outro aparece êle pescando de novo com um peixe dentro da cesta. Para diferenciar do primeiro, já estava com um peixe. (H) Depois aparece êle tirando o peixe d'água. (I) Depois êle com dois peixes na cesta, assobiando ou chamando alguém que estava dentro d'água. (J) Êle ia indo embora e aparecendo o sujeito que êle tinha chamado que era o mergulhador que estava colocando os peixes no anzol".

Como nas primeiras estórias, esta também é muito descritiva, formal, não deixando transparecer as fantasias interiores. Tudo deve ser muito lógico, dedutivo. Demonstra a todo momento ter bom índice intelectual, e, ao mesmo tempo, a necessidade constante de afirmação, de exteriorizar o raciocínio dedutivo, demonstrando o quanto não acredita em si mesmo e nas suas capacidades.

Síntese:- Manifesta necessidade de apóio, aceitação, afirmação. Extremamente bloqueado, não exterioriza as fantasias que traz dentro de si, por temor às críticas sentidas como muito ameaçadoras porque são projeções das suas próprias. A necessidade de se sentir aceito leva-o a tentar sempre exteriorizar o que supõe os outros esperem dêle; com isto consegue a aprovação desejada e se satisfaz, mas sente também o quanto isso é perigoso, porque impede a afirmação. Já deve estar sentindo êste impedimento de maneira consciente, no relacionamento com as mulheres, na situação de enamoramento, único tema que o perturbou durante a aplicação do teste; esta dificuldade na afirmação deve estar sendo sentida também ao ter que usar suas dotações intelectuais, pois não acredita nelas.

História Clínica:- Sempre foi um aluno regular, mas perde ano por não conseguir estudar; não se dedica, não se aplica a nada. Formula planos, inicia bem, porém, não apresenta continuidade e, conseqüentemente, não produz. - Queixa-se espontaneamente de que não consegue prestar atenção nos estudos e que em nada encontra interêsse. Devido às repetições, cursa agora o 1º ano científico, precisando transferir-se frequentemente de colégio. No momento, juntamente com o estudo, iniciou trabalho num escritório, tentativa dos pais para levá-lo a se interessar por algo. Compareceu ao trabalho, cativou a to

dos, mas não sente interêsse em continuar. No lar cria problemas para a mãe, briga muito com a irmã e últimamente também com o pai. É o 1º filho de uma série de 3, (irmã com 12 e irmão com 4 anos). Nascido a termo, parto difícil; nada de anormal foi notado no seu desenvolvimento psicomotor. Apresenta intensas e periódicas crises asmáticas relacionadas pelo paciente com "nervoso" e excesso de fumo. Nada digno de nota no passado mórbido familiar. Na entrevista, estabelece contato fácil, porém, é ansioso, mostrando-se inseguro, dependente, necessitado de apóio e de proteção. Estimulado, produz, sem continuidade, porém. Empresta a tudo um colorido sombrio. Tem bom nível intelectual. Encaminhado para psicoterapia em junho de 1965.

Resumo do estudo psicológico (M. L. V.) maio de 1965.

a) Nível Mental:

1 - Teste de Wechsler: Escala verbal: QI = 113; escala de execução: QI = 119; escala completa: QI = 119.

Observações:- O examinando realiza muito bem a prova de informações e de conhecimentos gerais. Demonstra boa capacidade de generalização e de formação verbal de conceitos. O teste de compreensão não se mantém no mesmo nível dos anteriores, revelando o examinando algumas dificuldades de julgamento no plano verbal, quando diante de situações de tensão. Sua capacidade de atenção se acha muito diminuída pelos efeitos da ansiedade e, em menor grau, a de concentração.

Na escala de execução nota-se uma ligeira diminuição no teste de arranjo de figuras denotando certa dificuldade no planejamento de situações sociais. Obteve bom resultado no teste de completar figuras, índice de boa capacidade de observação e concentração no plano prático. Os testes de coordenação visomotora foram bem realizados, sobretudo o cubo de Kohs, demonstrando habilidade em generalizar.

b) Personalidade

1 - TAT:- Trata-se de um adolescente apresentando em relação à vida, uma atitude pessimista. O tom de seus relatos é depressivo, revelando de ânimo e sentimentos de insuficiência. Parece-nos que o examinando teme fracassar em seus principais objetivos existenciais, quais sejam, o estudo, o trabalho e o casamento. Sente o ambiente em geral como pouco cordial, e os personagens que o cercam como obstáculos à realização de seus desejos. Embora haja, em alguns relatos, indícios positivos de reação, aparecem também sinais de fuga, de auto-agressão, sendo frequentes os desenlaces em que o herói se suicida.

Em relação à família, o examinando parece apresentar maior dificuldade no contato com o genitor, visto como pouco compreensivo, restritivo, intransigente e impulsivo. Não encontra, possivelmente, nos pais o apóio afetivo e o estímulo de que se acha necessitado. Sente-se rejeitado, abandonado, havendo, em um relato, fantasias sobre adoção. O examinando é também inseguro, no plano social, não se sentindo aceito. No campo do estudo e do trabalho, evidencia grande necessidade de auto-afirmação, porém, parece temer encontrar sérias dificuldades na realização de seus ideais. No teste, atribui à figura do chefe (substituto paterno) ou a causas sobrenaturais, os insucessos dos personagens.

O casamento, outro objetivo de sua vida, é também bastante temido. Parece-nos apresentar dificuldades no relacionamento com o sexo oposto, sentindo-se muito inseguro.

Em resumo, as barreiras externas que o mesmo interpõe à realização de seus ideais, parecem-nos ser, pelo menos em parte, meras projeções de obstáculos internos impedindo-o de um melhor contato com o mundo exterior, necessitando mesmo de auxílio para ultrapassá-los.

Fazemos referência ainda a desejos hostis reprimidos. Em relação aos familiares aparecem encobertos sob a forma de acidentes que recaem sobre os mesmos (sobretudo o pai) ou ainda de oposição. São também frequentes, no teste, os atos anti-sociais. Tais desejos agressivos são acompanhados de angústia e sentimento de culpa.

Intelectualmente bem dotado, elabora suas narrativas com facilidade. Assume, em relação à sua produção uma atitude de crítica, revelando mais uma vez, dessa forma, sua insegurança.

2 - Rorschach:- Revelou maior inclinação para sintetizar e abstrair, de notando pouco interesse pelo mais concreto e evidente. A análise de suas respostas globais indica-nos esforço para integrar e organizar, porém, sem o suficiente sentido da realidade. Tais associações, são algumas delas arbitrarias, mal vistas, denotando modo ilógico de generalizar. Há fortes impulsos intelectuais, porém, suas capacidades criadoras estão possivelmente reprimidas. O pensamento se mostra muito estereotipado. É inseguro tendo dificuldade para aceitar suas associações. Revela participação no pensamento da coletividade.

Seu tipo de vivência é coartativo. Reprime não só sua imaginação como suas emoções. Imaturo, sua afetividade é ainda lábil, egocêntrica. O contato humano é angustioso, havendo respostas de complexo que revelaram possíveis dificuldades no relacionamento com o pai. Na prancha VI evidencia talvez inibições sexuais. Aparece, ainda, na mesma prancha, uma resposta de complexo oral que sugere fixações nessa fase.

Caso nº 6

Identificação:- M.P., branca, brasileira, feminino, com 14a.7m.

Teste da ordenação de figuras

1 - casa	- 3 seg.	- PAT	
2 - assalto	- 3 seg.	- ABCD	
3 - elevador	- 3 seg.	- LMNO	
4 - namôro	- 8 seg.	- JNAET	
5 - taxi	- 15 seg.	- SALUEM	
6 - pescaria	- 13 seg.	- EGFHIJ	Troca o 1º e o 2º durante a ordenação

Transcrição e interpretação das estórias

1 - PAT = (P) "O moço construindo a casa. Só tinha o terreno. (A) Pôs a ma deira. (T) Está pintando a casa".

Inicia com uma frase na qual mostra a compreensão da situação total e o que se segue é quase só a especificação dos episódios desenhados nos cartões. Consequentemente, estória coerente, adequada, porém, muito descritiva, não oferecendo oportunidade para interpretações além da simbólica, que resultaria provavelmente muito arbitrária. Só oferece um ponto de pegada pa ra se tentar um aprofundamento. Quando se refere ao cartão P, diz só haver o terreno, negando assim a existência da construção já iniciada. Ignoramos a razão de agir assim; formularemos duas hipóteses talvez posteriormente es clarecidas pelas demais estórias; falta de compreensão da fase da construção ou existência, no desenho, de elementos que lhe causassem angústia.

2 - ABCD = (A) "O ladrão estava assaltando um pedestre. (B) Depois o guar da prendeu o ladrão. (C) O ladrão sendo julgado. (D) Cumprindo a pena".

Estória curta, bem organizada, adequada ao estímulo, mas tam bém puramente descritiva, aparecendo como situação natural, sem maiores ênfases à relação crime-castigo. Há uma única palavra a ser destacada, a qua lificação do assaltado como "pedestre", mas mesmo assim, não se encontra possibilidade de abordagem para um aprofundamento.

3 - LMNO = (L) "Um daqueles elevadores foi chamado para baixo. (M) Depois já está abrindo a porta. (N) Depois está aparecendo o marinheiro e um se nhor e a ponta da corôa. (C) E o reizinho saindo do elevador".

Novamente, estória curta, descritiva. Em relação às anterio res percebe-se que acrescenta detalhes, elevador "chamado para baixo", e identificação de um dos personagens como "marinheiro", mas ainda não senti mos a possibilidade de aventar uma interpretação.

4 - JNAET = (J) "O reizinho estava andando no automóvel real. (N) Mandou parar o automóvel porque tinha visto uma moça com uma cesta na cabeça. (A) Aqui é a moça. (E) O reizinho descendo do automóvel e falando com a moça. (T) Depois êle estava carregando a cesta que a moça tinha na cabe ça".

JANET = (J) "O reizinho andando no carro real. (A) Uma moça passando com uma cesta na cabeça, na rua. (N) O reizinho mandou parar, porque viu a moça. (E) Desceu do automóvel. (T) E levou a cesta da moça".

Nas duas formulações a estória é a mesma. Põe ênfase no fa to do rei passear no carro "real", como que precisando reafirmar nada haver de errado na situação. Entretanto, no final, nega a situação de namôro, trans formando-a numa situação aparentemente natural, de auxílio de uma pessoa à outra, pois o rei nada mais faz que ajudar a moça a carregar a cesta. Encon tramos, assim, o primeiro ponto de pegada, a sua dificuldade em aceitar, de um lado, o relacionamento amoroso, e de outro, as formas de conduta que não se coadunem com as normas socialmente aceitas. Isto significando, em reali dade, dificuldade em manipular seus impulsos, razão primeira do contrôle exercido sôbre os mesmos, e do cuidado com que maneja os fatos reais. O blo queio e a fiscalização dos impulsos de um lado; enaltecimento do adequado e a escotomização do inadequado, pelo outro, constituem seus processos preferi-

dos.

5 - SALUEM = (S) "Um senhor com um manequim no colo. (A) Deu sinal para um carro parar. (L) No outro dá impressão que está conversando com a moça já dentro do carro, manequim né? (U) Põe o manequim mais perto de si e fica olhando para traz. (E) No outro continua olhando para traz mas sua fisionomia mudou. Aqui parecia que estava bravo (no anterior) e aqui rindo. (M) No outro olha para frente prestando atenção no caminho" - (sorri).

SAMUEL = (S) "Um moço com manequim no colo. (A) Dando sinal para um carro parar. (M) No outro com manequim bem perto de si. (U) No outro olhando para traz. (E) Depois continua olhando para traz. (L) Depois coloca o manequim bem longe d'ele".

Em ambas as estórias a situação se repete e repete a anterior. Teve a percepção da situação de namôro e enfatizou o aspecto de manequim; logo a seguir, porém, o reprimido força a passagem e comete o lapso, falando em "moça", apercebe-se disso e corrige, colocando-a sob forma interrogativa. A partir daí mostra-se cautelosa, usando repetidamente a palavra manequim. Note-se, entretanto, que encerra a narrativa sorrindo, a razão parecendo residir na possibilidade encontrada de expressar a situação, sem, aparentemente, maior compromisso. Atentando para a ordenação optada verificamos estarem os personagens inicialmente distantes, aos poucos vão se aproximando, mantendo-se algo desligados pois o homem se preocupa com o que está acontecendo fora; finaliza a ordenação, com os dois bem próximos e olhando para a frente; ainda mais, consegue descobrir na expressão masculina uma reação agressiva, transformada em sorriso no momento seguinte. Na outra ordenação, na qual os personagens terminam separados, a narrativa volta a ser descritiva, fria, sêca.

6 - EGFHIJ = (E) "O reizinho pescando. (G) Quando já tem um peixe na cesta. (F) Depois êle pegando um peixe. (H) Pegando um novo peixe. (I) Pronto para se retirar e fala alguma coisa em direção ao mar. (J) Depois, do mar sai uma pessoa vestida com roupa submarina que estava colocando os peixes no anzol". (sorri).

EFGHIJ = (E) "O reizinho pescando. (F) Um peixe já no anzol sendo retirado d'água. (G) Êle já com um peixe na cesta, continua pescando. (H) Pesca um maior do que o primeiro. (I) Já pronto para ir embora, falando em direção ao mar. (J) E do mar sai uma pessoa com roupa submarina que estava colocando os peixes no anzol".

Aparentemente, apreendeu bem o sentido da estória e inclusive parece sorrir, no final, com a situação humorística da mesma. Existe, porém, um aspecto a ser destacado: a ordenação não é prevista, com alteração apenas da posição dos quadros F e G, quando tem condições para perceber o elemento determinante da diferenciação: existência de um peixe no cesto. E dizemos que tem condições porque quando fornecemos a ordenação preconizada, aponta exatamente êsse fato" "(G): êle já com um peixe na cesta, continua pescando". A escotomização na primeira narrativa desta série e na da inicial, a da casa, obedeceu, pois a alguma determinante inconsciente. Se atentarmos para o fato de haver trocado os cartões verificaremos que a situação se torna como que um prolongamento da expectativa, pela realização do desejo, pois du

rante 2 cartões nada teria pescado; nos dois cartões seguintes, e em cada um deles, obtém a satisfação. Tudo se passa como se procurasse lutar para impedir a satisfação de seus desejos, com receio de perder o controle sobre seus impulsos, os quais uma vez desencadeados, não saberia refrear.

Síntese:- O material controlado durante todas as histórias acabou se desentendendo no final, luta permanente contra impulsos, contra a voracidade de que se sente possuidora. Essa luta é estabelecida principalmente, em termos de repressão e escotomização.

História Clínica:- Trata-se de uma adolescente muito indecisa, insegura, permanentemente apegada à mãe, considerada de gênio esquisito, com dificuldade em fazer amizades, negando-se a ir a festas. No colégio é ^{ben-querida} bem-querida, mas as colegas só são amigas para a vida escolar, não mantendo contato com as mesmas fora da escola. Desde os 5-6 anos sofre de bronquite alérgica; qualquer odor mais forte ou diferente a faz espirrar e a respiração se torna difícil. Os alimentos causam-lhe também bronquite e manifestações alérgicas outras. - Também as situações de tensão emocional causam-lhe manifestações alérgicas, além de insônia e aumento do apetite. É a primeira filha, de uma série de 2, sendo dois anos mais velha que o irmão. Nascida a termo, de parto normal, aleitamento materno durante um mês, depois aleitamento artificial, sendo que usou a mamadeira até os 4 anos e meio e a partir dessa época nunca mais conseguiu ingerir leite; usou chupeta até os cinco anos. Desenvolvimento psico-motor sem anormalidades aparentes. No passado mórbido, além do quadro alérgico, uma crise de tonturas e náuseas, semelhantes a uma crise apendicular, nos 7 anos, mas que foi atribuída ao "nervoso". Nos antecedentes familiares, avó paterna doente mental, quadro não especificado, e um tio materno epilético. No contato direto, é muito dócil, colaboradora, com grande necessidade de agradar e sentir-se aceita e estimada. Grande insegurança e necessidade de auto-valorização. Parece ser bem dotada intelectualmente, mas não acredita nas suas possibilidades, auto-depreciando-se em todas as oportunidades. Tendência à obesidade.

Exame eletroencefalográfico: normal (A. F. J.).

Resumo do estudo psicológico (M. L. V.) junho 1965.

a) Nível mental

1 - Teste Wechsler-Bellevue: Escala verbal: Q.I. = 99; escala de execução: Q.I. = 103; escala completa: Q.I. = 100. Classificação: inteligência média.

Observações:- Com relação aos aspectos verbais, a examinanda evidenciou um bom caudal de informações e conhecimentos gerais, denotando, também, boa capacidade de formação verbal de conceitos. Revela, porém, uma capacidade de julgamento diminuída. Verifica-se, além disso, um acentuado déficit da atenção e concentração (dígitos e aritmética), o mesmo ocorrendo no campo visual (completar figuras). No que diz respeito às demais provas da escala de execução, seus resultados são discrepantes. - Embora apresente falhas, demonstra em geral, habilidade para analisar

rante 2 cartões nada teria pescado; nos dois cartões seguintes, e em cada um deles, obtém a satisfação. Tudo se passa como se procurasse lutar para impedir a satisfação de seus desejos, com receio de perder o controle sobre seus impulsos, os quais uma vez desencadeados, não saberia refrear.

Síntese:- O material controlado durante todas as histórias acabou se desencadeando no final, luta permanente contra impulsos, contra a voracidade de que se sente possuidora. Essa luta é estabelecida principalmente, em termos de repressão e escotomização.

História Clínica:- Trata-se de uma adolescente muito indecisa, insegura, permanentemente apegada à mãe, considerada de gênio esquisito, com dificuldade em fazer amizades, negando-se a ir a festas. No colégio é bem-querida, mas as colegas só são amigas para a vida escolar, não mantendo contato com as mesmas fora da escola. Desde os 5-6 anos sofre de bronquite alérgica; qualquer odor mais forte ou diferente a faz espirrar e a respiração se torna difícil. Os alimentos causam-lhe também bronquite e manifestações alérgicas outras. - Também as situações de tensão emocional causam-lhe manifestações alérgicas, além de insônia e aumento do apetite. É a primeira filha, de uma série de 2, sendo dois anos mais velha que o irmão. Nascida a termo, de parto normal, aleitamento materno durante um mês, depois aleitamento artificial, sendo que usou a mamadeira até os 4 anos e meio e a partir dessa época nunca mais conseguiu ingerir leite; usou chupeta até os cinco anos. Desenvolvimento psico-motor sem anormalidades aparentes. No passado mórbido, além do quadro alérgico, uma crise de tonturas e náuseas, semelhantes a uma crise apendicular, nos 7 anos, mas que foi atribuída ao "nervoso". Nos antecedentes familiares, avó paterna doente mental, quadro não especificado, e um tio materno epilético. No contato direto, é muito dócil, colaboradora, com grande necessidade de agradar e sentir-se aceita e estimada. Grande insegurança e necessidade de auto-valorização. Parece ser bem dotada intelectualmente, mas não acredita nas suas possibilidades, auto-depreciando-se em todas as oportunidades. Tendência à obesidade.

Exame eletroencefalográfico: normal (A. F. J.).

Resumo do estudo psicológico (M. L. V.) junho 1965.

a) Nível mental

1 - Teste Wechsler-Bellevue: Escala verbal: Q.I. = 99; escala de execução: Q.I. = 103; escala completa: Q.I. = 100. Classificação: inteligência média.

Observações:- Com relação aos aspectos verbais, a examinanda evidenciou um bom caudal de informações e conhecimentos gerais, denotando, também, boa capacidade de formação verbal de conceitos. Revela, porém, uma capacidade de julgamento diminuída. Verifica-se, além disso, um acentuado déficit da atenção e concentração (dígitos e aritmética), o mesmo ocorrendo no campo visual (completar figuras). No que diz respeito às demais provas da escala de execução, seus resultados são discrepantes. - Embora apresente falhas, demonstra em geral, habilidade para analisar

situações sociais e agir adequadamente (arranjo de figuras). No que diz respeito ao teste de Kohs é boa a coordenação visomotora. Fracassa num dos itens do teste de reconstrução de objetos (mão), parecendo-nos ser, a ansiedade, o elemento que a impediu de utilizar livremente sua capacidade intelectual, sobretudo sua atividade criadora, necessária à execução da prova. A examinanda demonstra ainda ser um pouco lenta no plano psico-motor (dígito-símbolo).

b) Personalidade

1 - TAT:- O teste revela tratar-se de uma adolescente sensível e emotiva, com tendência ao devaneio. Insegura, com sentimentos de insuficiência e temor ao fracasso. Sente o ambiente que a cerca árduo, difícil, porém, parece apresentar bons mecanismos reativos. É ainda bastante dependente da família, sobretudo da mãe, sentindo-a como ambivalente. Demonstra uma atitude de crítica, em relação aos adultos que a cercam. Parece ter dificuldades no relacionamento com o sexo oposto, tendendo a ser dominadora. Verifica-se uma identificação com personagem masculino na prova.

2 - Desenho da figura humana de Machover:- A examinanda inicia o teste desenhando a figura do próprio sexo. Tal figura, porém, apresenta características masculinas, sendo apenas o rosto feminino. Há pois, possibilidade da presença de componentes masculinos em sua personalidade e comportamento. Por outro lado, evidencia a mesma uma acentuada dependência materna. Os aspectos gráficos do teste denotam ainda sua insegurança, seu medo de auto-afirmação, sua ansiedade, bem como dificuldades no relacionamento social. Verifica-se também seu conflito entre tendência exibicionista e o controle externo.

3 - Rorschach:- A examinanda reage mais aos estímulos externos. Evidencia intensa afetividade, predominantemente lábil e egocêntrica, com tendência, porém, à adaptação, havendo ainda sinais de repressão por fatores neuróticos. As tendências introversivas de sua personalidade acham-se menos liberadas em consequência possivelmente de conflitos internos. Revela também sinais de ansiedade e de preocupações hipocondríacas. A desumanização das figuras sugere dificuldades no contato social e possivelmente de identificação sexual, porém, não confirmadas por outros aspectos do teste.

Parece apresentar inteligência normal. Entretanto, fatores emocionais estão interferindo seriamente em seu rendimento nesse campo. Nota-se tendência para a atividade sintética e, por outro lado, uma inibição de suas possibilidades criadoras. Seu pensamento perde facilmente a objetividade diante de estímulos emocionais mais fortes, tendendo a pensar arbitrariamente, porém, sua participação no pensamento coletivo está presente.

Caso nº 7

Identificação:- M. A., branca, brasileira, fem., com 8a. 7m.

Teste da ordenação de figuras

- 1 - casa - 16 seg. - PAT
- 2 - assalto - 32 seg. - CABD
- 3 - elevador - 19 seg. - MNLO
- 4 - namôro - 43 seg. - AJNET
- 5 - taxi - 43 seg. - SAMEUL
- 6 - pescaria - 34 seg. - IEFHGJ

Transcrição e interpretação das estórias

- 1 - PAT = (P) "Um homem ia fazer uma casa, êle começou a fazer. (A) Fêz a metade, depois acabou. (T) e começou a pintar".

Estória coerente, formalmente correta, mas puramente descritiva. O modo como relata "começou a fazer, fêz a metade, depois acabou", evitando detalhar ou referir-se a partes específicas, parece estar mostrando um medo de se comprometer, adotando uma atitude cautelosa, defensiva contra a situação que lhe causa ansiedade, mascarando, encobrendo assim, as angústias derivadas da reativação de núcleos conflitivos específicos pelo tema do teste.

- 2 - CABD = (C) (pausa, pensa). "Um homem foi falar com o juiz (A) e depois foi prêso (B) e o guarda levou êle para a cadeia (D) e ficou 7 anos na cadeia".

ABCD = "Não entendo o que é esse. (C) Sem êsse eu sabia. (A) Agora - acho que entendi. Um ladrão roubou. (B) Depois foi prêso. (C) E o homem que foi roubado foi falar com o juiz. (D) E o último, deixa eu ver, o último está difícil (pausa longa) deixa eu começar de novo... (A) Um homem, um ladrão roubou. (B) O guarda levou (C) êle para o chefe de polícia (D) êle foi prêso".

Faz uma ordenação colocando em primeiro lugar a cena do julgamento, a mesma que posteriormente, quando colocada na seqüência natural, aponta como a que não entendeu. Na sua ordenação, ao colocá-la em primeiro lugar transforma-a numa cena desprovida do seu caráter angustiante ficando apenas: "um homem que foi falar com o juiz" e depois, na seqüência, na cena do assalto transforma o ato delinqüencial em ato de prisão e castigo. Nega-se pois, a relatar o delito e o julgamento, embora não consiga se libertar da necessidade de punição, provavelmente porque o desenho é muito estruturado. Com a ordenação preconizada transparece de novo tôda a sua dificuldade. Inicialmente, alega não ter entendido a cena do julgamento. Refere-se depois a ela, mas não consegue completar a estória, precisando relatá-la de novo e só consegue chegar ao fim, quando novamente, introduz uma modificação na mesma cena, quando o personagem deixa de ser juiz e passa a ser chefe de polícia. Note-se que usa um número pequeno de palavras no relato final, tradução evidente da sua necessidade de sair rapidamente de uma situação angustiante. Parece que se pode concluir que o sofrimento, para a examinanda não provém do castigo, já que impõe um muito severo, de "7 anos na cadeia", para alguém cujo crime consistira em "falar com o juiz". O angustiante está na situação de julgamento, ou em outras palavras, ter que enfrentar o próprio superego no seu mundo interno, ou o pai, revestido por êle, na realidade, ambos necessariamente sentidos como muito severos e punitivos porque se acredita

cheia de culpas.

3 - MNLO = (M) "O reizinho chamou o elevador. (N) O elevador chegou, êles entraram (L) o elevador fechou e êles apertaram o botão. (O) Aqui êles já chegaram".

LMNO = "Agora está certo! Assim, a mesma coisa, só que os quadri-nhos estão diferentes, eu pus errado! (L) Êle entrou. O reizinho estava lá embaixo e entrou no elevador e apertou o botão para vir para cima. (M) O elevador ia chegando (N) êle abriu (O) êles chegaram".

As duas narrativas dizem praticamente a mesma coisa: um rei que toma um elevador; a própria examinanda diz isso: "assim, a mesma coisa, só que os quadri-nhos estão diferentes". As duas versões são puramente descritivas e não oferecem oportunidade para uma interpretação. Mas, quando se lhe apresenta a ordenação preconizada, se desfaz em exclamações e se acusa de ter errado. Porque essa acusação se acabara de dizer que era a mesma coisa? Indubitavelmente, porque tem necessidade de se criticar, de se agredir e de não desagradar porque necessita da aprovação e da aceitação dos outros. Em qualquer circunstância se sente culpada, antecipando o julgamento, como fez na série 2.

4 - AJNET = (A) "Uma lavadeira ia carregando uma trouxa de roupa, (J) e o reizinho chegou no seu carro e gostou da moça (N) e fêz sinal para os guardas pararem (E) e desceu do carro (T) pôs a trouxa na cabeça e deu o braço para a moça".

JANET = (J) "O reizinho ia chegando no carro (A) e uma lavadeira ia atravessar a rua com uma trouxa na cabeça (N) o reizinho mandou os guardas pararem (E) desceu do carro, falou para a lavadeira por a trouxa na cabeça dêle (T) e não deixou a lavadeira atravessar a rua".

As duas estórias estão formalmente bem organizadas, mas o curioso é que na primeira coloca claramente a situação amorosa: "gostou da moça" e "deu o braço para a moça". Já na segunda versão omite êsse aspecto. O primeiro rei era bom e delicado, "fêz sinal para os guardas pararem", "pôs a trouxa na cabeça". O segundo, é prepotente, não faz sinal, "manda" parar, "manda" pôr a trouxa na cabeça, "não deixou a lavadeira atravessar a rua". Parece que sentiu o nosso pedido de uma nova estória como uma reprovação e precisou atender-nos, modificando tudo. Mas acusando-nos de impedi-la de realizar o seu desejo simbolizado no atravessar a rua. Vemos assim, que está sempre pronta a recuar, a se impedir de satisfazer seus desejos e necessidades, desde que se aperceba que pode desagradar. Interiormente porém, agride, acusa, lança a culpa nos outros.

5 - SAMEUL = (S) "Um homem não tinha mulher e carregava sempre um busto de mulher consigo. (A) Foi passear na cidade e pediu para um taxi parar. (M) Entrou no taxi e agarrou a mulher. E a gente vendo, parece muito que é uma mulher de verdade. (E) Êle olhou para trás. (U) E continuou olhando, e não sei o que êle viu (L) depois a mulher se afastou dêle".

SAMUEL = (S) "É a mesma coisa". (S) "Um homem não tinha mulher, êle agarrou um busto de uma mulher e foi passear na cidade. (A) Mandou um taxi parar. (M) Entrou e (U) agarrou a mulher e olhou para trás, (E) olhou

tanto sem parar (L) e depois no fim a mulher se separou d'êla".

As duas versões são idênticas. Começam e terminam na mesma situação: um homem sem mulher. De início afirma que êle não tem, mas o busto se transforma em mulher e no final a perde depois de tê-la agarrado, como se isto a obrigasse a afastar-se d'êle. Simboliza assim o perigo da satisfação das necessidades instintivas porque estragam e destroem o objeto. Mostra-nos desta maneira, porque precisa se defender tanto, reprimindo tudo; porque precisa se frustrar não satisfazendo seus desejos, mas estando sempre pronta a satisfazer os desejos alheios.

6 - IEFHGJ = (I) "O reizinho foi pescar e assobiou para um peixe vir. (E) E êle botou o anzol e viu pesado (F) e puxou e saiu um peixe (H) e êle pegou (G) e êle enfiou o anzol outra vez (J) e puxou, puxou e nada viu. Então, êle desistiu. Quando desistiu (J) olhou para trás e saiu o mordomo d'êle vestido de submarino, do fundo do mar".

EFGHIJ = (E) "O reizinho foi pescar (F) e pescou um peixe (G) tornou a enfiar o anzol (H) pescou outro peixe (I) e êle aí assobiou e chamou (J) o mordomo d'êle que estava de roupa submarina para trazer os peixes que também estava procurando em baixo d'água". "Agora que está certo".

O relato que faz quando se lhe dá a ordenação prevista termina com a examinanda dizendo "agora está certo". Mas isto não significa que não tivesse compreendido antes. Mostra, isto sim, um estado de alívio das tensões motivadas pela reativação de núcleos conflitivos da sua personalidade. A estória inicial é organizada de modo tal que resultasse na pesca de apenas um peixe e lhe fosse negado o segundo, escotomizando os que já teriam sido pescados e estavam na cesta. Mais do que isso, com referência ao mordomo, diz apenas que êle saiu da água, não permitindo nem a êle que pescasse. Com a ordenação que oferecemos, ao contrário do que aconteceu na série 4, sentiu que lhe dávamos permissão para fazer pescaria mais proveitosa e se permite pescar tôdas as vêzes, além de que o mordomo também podia trazer todos os que estava procurando debaixo d'água. O alívio advém porque sentiu-se permitida de satisfazer sua voracidade, o seu desejo de exclusividade.

Síntese: - Apresenta um quadro com manifestações regressivas, com fortes componentes orais de voracidade e consequente dificuldade em repartir o que é seu. Ao mesmo tempo que procura acomodar-se às normas educativas e sociais, faz transparecer uma submissão que só pode ter com grande repressão dos seus impulsos instintivos; a satisfação d'êles lhe causa culpa; a repressão, angústia.

História Clínica: - Desde os 3-4 anos vem apresentando problemas de masturbação e os pais acham que não sabem lidar com o mesmo, angustiam-se cada vez mais; sentem que ao invés do problema se atenuar, a manobra masturbatória se intensificou e apresenta-se agora até na sala de aula. Com os tratamentos realizados até o momento, nada conseguiram. Vem apresentando, ao lado disso, fobias e mêdos e, em certos momentos, toma atitudes de proteção semelhantes às dos alucinados visuais. Nascida a t'ermo, de parto normal. Primeiro filho de uma série de 3, sendo dois anos mais velha que o irmão. Educação esfínteriana iniciada aos 7-8 mêses. No contato direto, é uma criança tímida e insegura, porém, dócil no trato; quando à vontade, responde com ade

quação às perguntas, revelando bom índice intelectual. Tem consciência de seus problemas e deseja ajuda. Não se apuraram, durante a entrevista, distúrbios do tipo alucinatório.

Exame eletroencefalográfico (26-10-64):- A hiperpnéia provocou o aparecimento de ondas lentas, de 3 a 6c/seg., de voltagem elevada, generalizadas, que não persistiram após o fim da prova. (A. F. J.).

Resumo do estudo psicológico (M. L. V.) outubro de 1964.

a) Nível intelectual

- 1 - Terman-Merrill (forma M) Q.I. = 120
- 2 - Raven (escala especial): superior à média.

b) Nível perceptivo-motor

- 1 - Bender: desenvolvimento inferior a 6 anos.

c) Nível de Maturidade

- 1 - Teste ABC de Lourenço Filho: quartílio superior.

d) Personalidade

1 - CAT:- Estórias relacionadas com atividades diárias, e maior preocupação com problemas orais: procura de alimentos e temores agressivos. Como meios de defesa, usa a regressão e a repressão. Contém a própria agressividade e, para tanto, introduz nos seus relatos, figuras externas. Figuras paternas sentidas como protetoras e gratificadoras, mas também, rejeitadoras.

2 - Teste de Zazzo:- Tendências exibicionistas, hesita entre ser um bebê, ter sua idade ou ser moça; identifica-se com figuras do próprio sexo.

3 - Machover:- Desenhos com características já muito evoluídas para a idade, demonstrando preocupações sexuais precoces.

4 - Rorschach:- Tipo de vivência extratensivo. Afetividade lábil e impulsiva, com tentativas, sem êxito, para melhor adaptação. Dificuldade no contato humano. Intelectualmente bem dotada, mas o pensamento é este reotipado e sofre a influência de fatores emocionais. Parece haver repressão da vida imaginativa.

Caso nº 8

Identificação:- E. M., branco, brasileiro, masc., com 17a. 5m.

Teste da ordenação de figuras

Comenta ao entrar: "Issó tem alguma coisa que ver com o tratamento ou é uma coisa a parte?"

- 1 - casa - 4 seg. - PAT
- 2 - assalto - 4 seg. - ABCD
- 3 - elevador - 2 seg. - LMNO

- 4 - namôro - 14 seg. - JANTE - muda para JANET ao relatar a estória.
5 - taxi - 16 seg. - SALMEU
6 - pescaria - 24 seg. - EFGHIJ

"Estória ou descrição?" "Não pensei em estória. Só numa seqüência lógica".

Transcrição e interpretação das estórias

- 1 - PAT = (P) "Uma casa estava sendo montada. Estavam principiando pelos alicerces. (A) Em seguida já estava feita a estrutura da casa. (T) O último mostra o acabamento."

Já entra na sala em estado de tensão, inquirindo sobre o que irá fazer. Alega, quando se lhe pede que narre a estória, que não pensa ra nisso, que era apenas uma seqüência lógica. É este estado tensional que o leva a formulação de uma estória curta, adequada, essencialmente descritiva das diferentes fases. Inicia sintetizando a situação para mostrar que a entendera depois passa a descrever os cartões, mas até o final precisa continuar a se de fender e a se proteger deixando o sujeito sempre indefinido.

- ABCD = (A) "Um ladrão tenta assaltar uma pessoa. (B) É preso por um policial. (C) É levado a julgamento. (D) Condenado à prisão".

Estória muito resumida, muito descritiva, onde apenas aponta para a essência do quadro apresentado. Só permite abordagem através de uma palavra que utiliza quando inicia o relato: diz "tenta assaltar" e puniu -se porque houve a tentativa. Parece que a intensão era a de abrandar a ação delituosa, mas que a presença de um superego vigilante e muito severo não permitiu, disposto que está a punir a menor transgressão, mesmo quando es ta se apresenta sob a forma de um desejo ou de uma fantasia.

- 3 - LMNO = (L) "Numa calçada, há um elevador de carga e uma campanha anuncia que ele vai se abrir. (M) No 2º já está se abrindo, se levantando. (N) No 3º já está quase ao nível do solo. (O) No 4º já subiu, eu presumo pela figura que está no primeiro plano, talvez porque eu já conheça a his tória. Se a senhora quiser escrever, isso é um passageiro clandestino. Já tinha visto a estória numa revista infantil há alguns anos. (Quando começo a tomar nota pergunta:- "A sra. vai tomar nota disso".) Era um restau rante, ele come, não paga a conta, desce pela cozinha e sai pelo eleva dor, quando as outras duas pessoas estavam para sair para carregar ou descarregar".

A estória continua muito descritiva, muito presa ao de senho, mas, ao final, alegando já conhecer a original, permite-se trazer mais alguns elementos, agora fabulizados, de um passageiro clandestino, em fuga, por não ter pago uma conta. Não afirma categoricamente, utiliza um "talvez" defensivo e se admira de que se tome nota quando, instantes antes, dissera em tom afirmativo "se a Sra quiser escrever, isso é um passageiro clandestino". Está, pois, sempre presente a posição cautelosa, o medo de se compro meter, de se afirmar. Diante de seu superego rígido e punitivo é muito prová vel que tente tomar posição de "passageiro clandestino", procurando evitar "acertos de conta".

- 4 - JANTE = "Aqui eu errei, fiz uma inversão... (J) O reizinho estava pas

seando de automóvel. (A) Quando uma moça vinha pela calçada. (N) Quando ele percebeu que a moça vinha pela calçada fez um sinal ao motorista para que parasse. (TE) Aqui não vejo o que tinha visto, aqui fiz a inversão (não lembra mais o que pensara). Troca a posição dos dois últimos. (E) Depois que pediu que parasse, saiu do carro e, (T) seguindo pela calçada, ajudou a moça a carregar o embrulho que trazia".

Não consegue narrar com a ordenação que fizera, declarando isso no início da estória e realmente, quando se aproxima do final, onde informou ter havido a troca de cartões, não conseguiu dizer o que pensara, prosseguindo a narrativa com a ordenação preconizada. A estória, desse modo, é bem estruturada, mas não faz menção ao fato de se tratar de um namoro, ficando colocada em termos de uma boa ação praticada pelo rei ao ajudar a moça. Na disposição dos cartões que apresentou, este aspecto, omissão do namoro, estava insinuado porque termina com um cartão onde os personagens estão afastados. Somos levados a acreditar que desde o início se apercebeu - dessa situação, mas precisava negá-la. Quando ordenou, não sabia que precisaria relatar e com a suposição que fez, procura dizer-nos que não pensava nesse assunto. Quando soube que devia contar, não mais precisava da ordenação para dizer-nos que não havia namoro, pois poderia fazê-lo omitindo o fato na narrativa, e por isso deu-se pressa em anunciar a inversão. Situação deveras interessante, onde precisando negar que tivesse tido determinadas fantasias com as cenas desenhadas, e com a fantasia de que o examinador pudesse pensar que ele as tivera, utiliza os cartões para informá-lo de que tal coisa não ocorrera.

5 - SALMEU = "Mais difícil. (S) Um homem vinha pela calçada com um busto de manequim. (A) Fez sinal a um taxi que parasse. (L) Dentro do taxi, sentou-se numa das pontas do banco e colocou o manequim na outra (o examinando começa a fumar) continuando o mesmo... Vendo que o manequim parecia uma moça... (M) Puxou-a para perto de si e abraçou-a. (E) Olhando pelo vidro retrovisor como se olhasse para mim. (U) Botou-me a língua para fora".

SAMUEL = "Posso pensar um pouco?" (Pausa longa) (S) Não entendi muito bem, mas vamos. Começa o homem vindo pela calçada com o manequim. (A) Fez sinal para que o taxi parasse. (M) Sentou-se dentro dele com o manequim ao seu lado como se fosse sua esposa. Agora vou fazer um negócio hipotético... (U) Pôs a língua para alguém que passava pela calçada. (E) Sorriu para essa pessoa. (L) A última não consegui entender. Porque ele se afastou da moça não sei. A Sra. pode me explicar?"

Fornece agora duas estórias com alto conteúdo emocional. Na primeira, com a sua ordenação começa a estória anunciando a sua dificuldade que vai transparecer quando se inicia a situação amorosa. Torna-se ansioso, começa a fumar, tenta fugir da situação alegando que "continua o mesmo...", isto é, um homem com o manequim. Subitamente, parece ter encontrado a solução e decididamente anuncia o romance. A solução implica no rompimento da identificação com o personagem, ficando do lado de fora, como observador da cena. Mas não é um observador tranqüilo; a frustração que se impõe desencadeia inveja, anunciada pela atitude caçoística do personagem. Com a ordenação preconizada, nota-se, de início, grande dificuldade na elaboração. Transforma o romance numa situação permitida, é um homem com sua

espôsa. Mas, novamente, tem dificuldade em continuar. Anuncia uma hipótese que não formula, continuando a descrição ainda confusa porque se aproxima de um final para ele muito angustiante: a separação do casal. Unindo os dois temas vemos quanto é penosa para o examinando a situação amorosa, vivenciando-a como proibida e frustradora, desencadeadora de inveja e culpa, provavelmente devida a desejos e fantasias proibidas relativas à união e principalmente, separação dos pais.

6 - EFGHIJ = "Confesso que só agora entendi o que eu fiz, só com relação ao final dos dois últimos quadrinhos. (E) O reizinho estava pescando. (F) Quando pescou seu primeiro peixe. (G) tornou a jogar a linha na água, enquanto que o peixe foi para o cestinho. (H) Pescou mais um, um pouco maior. (I) Colocou ele no cesto e deu um grito ou assobio. (J) E aprontou-se para ir embora, enquanto que seu ajudante vestido de escafandro, saía de dentro d'água, onde estava colocando os peixes no anzol. Isso porque, talvez, o reizinho não conseguisse pescar, e assim, ele satisfazia a vontade dele, tornando a pescaria fácil". Comentário: "Não estava entendendo do bem no início. Segui uma ordem lógica. Sabia que era assim, mas não entendia bem. (Pergunto se lembrava dos quadrinhos). Lembrava que era a respeito do reizinho mas não da sequência, nem das estórias.

Estória com trama bem urdida, precedida e finalizada por uma série de comentários onde se justifica e procura reafirmação. A narrativa é perfeita, coerente e adequada inclusive no que diz respeito à função do mordomo, de colocar peixes no anzol do rei. Finaliza, no entanto, acenando para a incapacidade do rei para pescar e a função facilitadora e gratificadora do mordomo; mas não se refere ao desejo do rei em ser ajudado, transformando-o no desejo de ajudar, projetado agora no mordomo. Está aqui uma das suas dificuldades: impossibilidade de um esforço continuado para vencer obstáculos e incapacidade para sofrer frustrações, necessitando permanente ajuda. Tudo indica a possibilidade da presença de grande regressão.

Síntese:- Estado de grande ansiedade que o leva a adotar uma atitude defensiva permanente. Tem traços de imaturidade com a conseqüente dificuldade de esforço e incapacidade para sofrer frustrações; some-se a isso um superego rígido, vigilante, punitivo, e se terá noção do estado altamente conflitivo em que vive. Tem fantasias relacionadas com a separação dos pais que lhe trazem grande culpa e lhe dificultam o relacionamento com as pessoas, em geral, e os amorosos, em particular.

História Clínica:- Vem à consulta porque brigou com a mãe e foi agredido fisicamente pelo padrasto; por ter revidado, foi mandado embora de casa. Informa que sempre sentiu não conseguindo por mais que se esforçasse, manter bom relacionamento com a mãe, que parece ter preferência pela irmã, dois anos mais nova. Tem vivido constantemente em litígio com as mesmas. Sente-se angustiado, insone, não conseguindo render o que pode. Dificuldade no contato com as pessoas, sabe que desagrade os outros, mas não consegue se modificar, acarretando-lhe, no final, grande sensação de mal-estar e sentimentos de insuficiência. Nascido a termo, parto normal, bom desenvolvimento psicológico. Nada digno de nota nos antecedentes pessoais, a não ser a existência de uma má formação das arcadas plantares que não impede a deambulação

normal, porém, sim, o esforço continuado. Pais dequitados quando o paciente tinha cinco anos. Vê o pai aproximadamente cada 2 anos, não conseguindo relacionar-se com ele melhor do que conseguiria com um desconhecido. Nos antecedentes familiares: avó materna psicótica e tio materno com distúrbios de conduta. Durante a entrevista mostra-se inseguro, deprimido, angustiado, necessitado de apoio, de ajuda e orientação, parecendo-lhe que ninguém o estima, que tudo está fechado e diante desta perspectiva, a saída seria o suicídio. Bom nível intelectual. Iniciativa diminuída, permanecendo apático, agredindo-se com seus pensamentos auto-depreciativos.

Resumo do estudo psicológico (M. L. V.) março de 1965.

a) Nível intelectual

1 - Wechsler-Bellevue:- Escala verbal: Q.I. = 116; escala de execução: Q.I. = 123; escala completa: Q.I. = 122. Na escala verbal: diminuição nos testes de atenção e concentração devido a ansiedade; revela, também, falhas em sua capacidade de julgamento quando em situações de insegurança. Na escala de execução, os resultados são mais homogêneos, apenas na prova do arranjo de figuras revela o examinando certa dificuldade para enfrentar situações sociais. Concentra-se melhor no plano prático e tem boa capacidade de organização visual e de estruturação visomotora.

b) Personalidade

1 - TAT:- Adolescente dependente dos pais. A figura materna é sentida como ansiosa, severa, censora e alegando os cuidados que dispensa ao filho, ao mesmo tempo que o encoraja; há para com a mesma, sentimentos de culpa. Mostra grande necessidade de proteção em relação à figura paterna, a qual, por outro lado, é sentida como pouco digna de confiança. Dificuldades no relacionamento heterossexual, temendo ser abandonado e cedendo às imposições para não perder o afeto. Grande dificuldade em manifestar sentimentos hostis (na III prancha mostra-se perplexo diante do objeto agressivo, transformando-o em brinquedo e na VI, nega a responsabilidade do criminoso). Notam-se falhas aperceptivas nas pranchas que sugerem temas agressivos.

2 - Machover:- Teme situações difíceis e tem desejos de agradar. Há sinais de grande insegurança e anseios de auto-afirmar-se. Ansiedade e culpa ligados às preocupações sexuais.

3 - Rorschach:- Emocionalmente imaturo, egocêntrico, narcisista. Afetos lábeis, tendendo à irritabilidade. Rejeitado, tende para reações depressivas. Tipo de vivência extratensivo. Produtividade pequena. Tendência à generalizar, porém, sua ambição excede suas possibilidades criadoras. Pouca atenção aos detalhes mais comuns e imediatos. Pensamento um pouco estereotipado, sem muita flexibilidade, sujeito às normas sociais.

Caso nº 9

Identificação:- L.D., branco, húngaro, masc., com 19 anos.

Teste da ordenação de figuras

- 1 - casa - 4 seg. - PAT
- 2 - assalto - 11 seg. - ABCD
- 3 - elevador - 7 seg. - LMNO
- 4 - namôro - 20 seg. - ATJNE
- 5 - taxi - 15 seg. - LMEUSA
- 6 - pescaria - 18 seg. - IEGFHJ

Transcrição e interpretação das estórias

- 1 - PAT = (P) "Em primeiro lugar os alicerces. (A) Depois as estruturas e as vigas. (T) Depois a casa, cobre o telhado e depois ele começa a pintar. O pintor pinta. É um carpinteiro e um pintor aí."

Estória quase que totalmente descritiva, porém, coerente e adequada ao tema. Nota-se uma excessiva necessidade de descrever as diferentes e subsequentes fases da construção, quase que se poderia dizer, com obsessiva preocupação de nada esquecer. No início, são puramente partes da casa: alicerces, estruturas etc. sem ação do herói que só surge de maneira indefinida no "cobre o telhado" e de maneira explícita no final "ele começa a pintar". Deixa assim, a sensação de uma defesa que foi aos poucos se enfraquecendo e que lhe permitiu sentir a identificação com o herói, quando subitamente entra em angústia e precisa negar essa identificação, afirmando que o "pintor pinta", mas como se isso não fosse o bastante e precisasse negar ainda mais intensamente, conclue "é um pintor e um carpinteiro aí". Realmente, só faltou acrescentar, "não sou eu". Muito embora não nos seja possível penetrar nas fantasias do paciente, dá-nos boa imagem dos seus mecanismos defensivos.

- 2 - ABCD = (A) "Um criminoso, um assassino que mata um inocente, porque tem o que é só ladrão, é melhor identificar. (B) Depois é pego pela polícia. (C) Levado ao tribunal para ser julgado. É tribunal? E o tribunal o condena por 25 anos de prisão e mais dois como medida de segurança. O que é medida de segurança? (D) Já está na prisão cumprindo a pena. É muito provável que ele se mate. 25 anos é muita coisa. Muita gente se mata. Na prisão é assim".

Existem nesta estória algumas características que convém sejam de início assinaladas. Há uma tendência a formular perguntas entremecendo o relato, perguntas que não precisam ser respondidas e para as quais não espera respostas, porque prossegue normalmente a narração. Outra tendência é a de agravar a situação: não é assalto, é assassinato; não bastam os 25 anos, são necessários mais dois como medida de segurança; não basta cumprir a pena, é preciso que se suicide, que se mate. Pode-se constatar, assim, a concomitância de um id sentido como altamente agressivo que precisa ser mantido, sufocado, e de um superego extremamente rígido, punitivo e castrador. Podemos imaginar quanto deve sofrer esse ego colocado entre duas

fôrças tão tremendamente ameaçadoras.

- 3 - LMNO = (L) "Um porão que tem as portas fechadas. (M) De repente a porta se abre. (N) Depois de aberta aparece dois sujeitos e um palhaço. (O) Depois de aberta êles saem para fora".

Estória curta, na qual não reconhece o elevador, falando de porão cujas portas se abrem. Não identifica o rei como tal, referindo-se a êle como palhaço. A quem trata dessa maneira? A representação simbólica paterna? A algo que surge de dentro, que vem do fundo? Por enquanto, hipóteses apenas, porque não se tem elementos para a identificação.

- 4 - ATJNE = (A) "Uma lavadeira. (T) A lavadeira encontra-se com uma amiga. (J) Depois pegam carona com um automóvel. (N) O automóvel vai a grande velocidade. (E) Chega a um ponto que as duas saem.

JANET = (J) "Um automóvel vai passando. (A) Êle vê uma lavadeira. (N) Êles param o carro breca. (E) Um homem sai e vai conversar com a lavadeira. (T) O último aspecto, mostra o aspecto dela conversando".

As duas estórias são diferentes. Na primeira, na qual teve liberdade para organizar, o faz de maneira tal que pode formular uma estória na qual coloca duas mulheres; duas amigas que se encontram e aceitam "carona" num carro, do qual descem sem que nada aparentemente tivesse acontecido, a não ser a grande velocidade do automóvel. Mas quando se oferece a ordenação preconizada, imediatamente faz referência a "êle" e a "um homem", mas tem dificuldade em mencionar abertamente o namôro e o rei, preferindo a fórmula "ela conversando". Convém juntarmos a isto o fato de ter escolhido como cartão inicial o da figura feminina. Deparamos assim, com três aspectos que merecem ser destacados: a importância que dá à figura feminina e a facilidade maior que tem para referir-se a ela; a tendência a ignorar ou a menosprezar a figura masculina e finalmente a dificuldade em se referir à situação de namôro. Parece-nos lícito inferir que tem sentimentos agressivos com relação ao pai, procurando menosprezá-lo (confirmando uma das hipóteses do palhaço da série anterior), que valoriza a figura materna e que tem fantasias com relação ao casamento, à união de ambos.

- 5 - LMEUSA = (L) "A primeira vê um homem e uma mulher dirigindo um carro. O homem dirigindo. (M) De repente êles se namoram. Vê-se êles namorando. (EU) Na terceira e na quarta êle olha para trás, o que é errado. (S) De repente surge um pedestre atravessando a rua. (A) A mulher advertiu o pedestre, o motorista, para olhar para frente e o motorista deu uma breca".

SAMUEL = (S) "Um pedestre atravessa despreocupadamente o leito carrossável de uma estrada. (A) De repente surge um automóvel. (MU) Os dois ocupantes, que é um homem e uma mulher, nos dois quadros seguintes estão namorando. (E) No quinto quadro o pedestre avverte o motorista que se a polícia rodoviária pega êle namorando vai pegar uma multa. (L) Êle segue a advertência, toma a direção certa e vai sossegado para o destino".

As duas estórias se referem aos perigos do namôro, surgindo sempre advertências ao motorista. Na primeira, precisou destacar que é o homem que está dirigindo e não a mulher, como se poderia depreender pe

la posição das pessoas no carro e também pelo modo como foi enunciado. Mas isto não parece contradizer o que se afirmou anteriormente, pois traduz apenas a luta por afirmar a posição da figura masculina, que é a sua, mas não sendo bem sucedido, porque logo a seguir coloca na boca da mulher a advertência sobre o perigo, e o homem obedecendo. Na segunda estória é de novo colocada a situação de namôro com os perigos consequentes e a advertência ao motorista que obedece e vai "sossegado", isto é, sem namoros, para o destino. Confirma-se assim, a valorização da figura feminina, a agressividade quanto à figura masculina (advertência por não saber conduzir), e a dificuldade em colocar a situação de namôro que, como se pode verificar é desejada e temida por ser perigosa.

6 - IEGFHJ = (I) É a estória de um pescador. (E-G) E nos dois quadros seguintes êle está querendo pescar o peixe. (F-H) Nos dois quadros seguintes já pescou o peixe e o peixe está fora d'água. (J) No último quadro surge um pescador submarino. Depois que êle pescou, o peixe caiu na água e o pescador marinho pegou.

EFGHIJ = (E) O pescador está com o anzol na água. (F) Pescou um peixe e botou na tijela. (G) Depois pesca outro. (H) E saiu o segundo peixe. (I) Mas a vara quebra e o peixe caiu na água. (J) E no último o soldado pega um peixe. O pescador submarino pega o peixe.

Predominam nas duas ordenações a fatalidade da perda que mais cedo ou mais tarde advirá, com proveito para outrem. Não consegue colher o fruto ou gozar o que tem (na inicial, junta os cartões de maneira tal que se refere à pesca de um único peixe que não consegue recolher e, na seguinte, deixa de fazer referência ao que já tinha, como se nadativasse), porque deve se sentir não merecedor em virtude das culpas que se acumulam dentro de si.

Síntese: - Mostra um tipo de personalidade na qual de destacam a sensação da presença de impulsos instintivos muito agressivos, e a necessidade de um superego vigilante, controlador, sádico, entre os quais se debate um ego fraco, com poucos recursos defensivos. Utiliza principalmente o controle obsessivo, a repressão, a negação, a regressão. Tem dificuldades no relacionamento com as figuras masculinas e femininas, desvalorizada a primeira, supervalorizada a segunda. O relacionamento dos pais entre si parece causar-lhe angústias.

História Clínica: - Nascido na Hungria, desenvolveu-se adequadamente, chegando a falar relativamente bem a língua materna. Com a guerra fugiu para a Austria em companhia dos pais ficando aos cuidados de uma alemã, que desconhecendo o húngaro, só lhe falava naquela língua. Aos 3 anos mudou-se para o Brasil, após período de grande tensão causada pelas fugas e perseguições. Indo para a escola, não apresentou rendimento satisfatório. Testado - foi considerado deficiente mental. Seu rendimento melhorou um pouco e, com muita ajuda, cursava a 3a. série ginásial quando veio à consulta. É instável, não tem amigos, só se interessa por edifícios, países e cidades. Sai de casa sozinho, passeando pelos arredores de São Paulo. Permanece quase sempre só, parecendo não ter afeto para com ninguém. Após o nascimento da irmã, aos 4 anos, tornou-se ensimesmado, não tendo para com ela qualquer afini-

dade. Durante a entrevista responde impacientemente às perguntas, procurando sorrir, mesmo quando não está satisfeito. Às vezes, suas respostas são exatas, tendo conteúdo rico; outras, são paupérrimas quando não totalmente desligadas do assunto. Nessas ocasiões quando o entrevistador repete as perguntas, ou permanece num tema qualquer, sente-se acuado, não responde ou faz uma série de inquirições sem aguardar resposta. Deixado entregue a si mesmo, apresenta uma série infinda de movimentos repetitivos uns e outros aparentemente sem finalidade.

Resumo dos estudos psicológicos 1º) fevereiro de 1961.

a) Nível Intelectual

- 1 - Terman Merrill, forma L: Q.I. = 85
- 2 - Raven: termo médio
- 3 - Cubos de Kohs: Q.I. = 70

Os resultados foram muito prejudicados pela grande dificuldade de concentração da atenção; produção oscilante. No Terman-Merrill mostrou grande dispersão nos acertos e erros, fracassando em provas fáceis de idades inferiores e obtendo resultado positivo inclusive nas de adulto superior III. O estudo da personalidade feito através do Rorschach, TAT e Machover, mostrou em síntese: pobreza afetiva e intelectual, bem como - falta de senso crítico, déficit da atenção e perseveração. Não há indícios de vida imaginativa. Tipo de vivência coartativo. Afetividade lábil, egocêntrica, sem capacidade de adaptação. Há sinais de insegurança e ansiedade. No TAT não consegue organizar a estória e, quando muito estimulado, limita-se a - descrição com perguntas e comentários a fatos sem relação com a prova.

O paciente foi submetido a tratamento psicoterápico com base psicanalítica e vem se mantendo nêle até o momento, com progressos crescentes. Terminou o curso clássico, com aprovação plena no 3º ano, sem um único exame oral; prepara-se agora para trabalhar num escritório comercial e para a realização do curso de Ciências Econômicas. Clinicamente, o que se observa é uma atenuação de tôda a sintomatologia, com reaparecimentos periódicos dos primitivos modos de conduta, expressão das suas - formas de defesa.

2º) Janeiro de 1965 (M. L. V.)

a) Nível Intelectual

- 1 - Wechsler-Bellevue: escala verbal: Q.I. = 125; escala de execução: QI = 77; escala completa: QI = 102. Sua realização no teste de dígitos foi a mais alta da escala revelando muito boa capacidade de atenção imediata; o resultado mais baixo se verificou na prova de compreensão, evidenciando déficit na capacidade de julgamento. Na escala de execução, falhou sobretudo, na ordenação de figuras, denotando incapacidade para compreender e enfrentar situações sociais, onde sua maneira de entendê-las é bastante pessoal. Obteve melhor resultado na de construção com cubos.
- 2 - Raven: termo médio.

b) Personalidade

1 - Rorschach:- Grande dificuldade de síntese, incapaz de integrar as partes num todo; pensamento é empobrecido, perseverante, rígido, voltado para os aspectos mais concretos e imediatos. Escassa capacidade de criação com tendência a fabulizar. Revela interesses humanos, porém, a visão dos que o cercam é pouco satisfatória. Imaturo, afetivamente egocêntrico, lábil, impulsivo, com fixações orais. Não apresenta capacidade para um bom contato social.

Caso nº 10

Identificação:- C.P., branco, brasileiro, masc., com 14a. 9m.

Teste da ordenação das figuras

- "Para essas coisas assim não sou muito bom".

- 1 - casa - 13 seg. - PAT Comentário: É assim.
- 2 - assalto - 61 seg. - ABCD (Pensa bastante. Depois de pronto pensa novamente). Comentário: Não sei se é assim.
- 3 - elevador - 24 seg. - LMNO Comentário: Pronto. (Reflete bastante).
- 4 - namôro - 122 seg. - ANETJ
- 5 - taxi - 76 seg. - SAMELU
- 6 - pescaria - 87 seg. - IEGHFJ (Trocas de quadros)

Observação:- Inseguro, com sentimentos de insuficiência.

Transcrição e interpretação das estórias

Observação: O examinando mostrou-se muito inseguro e inibido, necessitando de estímulos para produzir as estórias.

- 1 - PAT = (P) "Agora atrapalhou. Ele estava (pausa). Aí ele está começando a fazer (o que?) esta casinha. (A) Pondo o telhado e as paredes da casa assim. (T) Aqui já acabou e está pintando".

Já na fase da ordenação mostra-se muito inseguro, afirmando que "para essas coisas assim não sou muito bom". Esta insegurança aumenta quando se lhe pede a estória, pois responde imediatamente "agora atrapalhou". Durante o transcorrer do relato faz pausas e reticências, precisando ser estimulado para prosseguir. Só fica mais tranquilo e consegue fazer a narrativa quando lança mão de dois recursos simultâneos: apenas descreve e utiliza a forma impessoal, abandonando o uso do pronome "ele". Temos assim, a soma de dois fatores desencadeantes da insegurança; a situação do teste e a reativação de fantasias que não se podem ainda captar.

- 2 - ABCD = "Esse é meio apertado! (A) Acho que é um assalto, não é? que ele estava fazendo. (B) Vai indo prêso (rói unha). (C) Depois indo no juiz "não sei se está certo". (D) Depois está prêso".

Mostra dúvidas, inseguranças e incertezas desde o momento da ordenação até o final do relato. Não só leva muito tempo para ordenar os cartões, como também rói unhas durante a narração da estória. Por outro lado, não oferece um elemento sequer que pudesse funcionar como linha diretriz para um aprofundamento nas suas fantasias. É inegável que é muito inseguro, é inegável que as fantasias reativadas o tornam ansioso, mas nada mais do que isso podemos avançar, a não ser que o ato de prender, aumentou sua insegurança.

3 - LMNO = "Essa não sei o que é. Não sei o que é e não posso falar. (L) Aqui é um porão... não sei, um elevador mais ou menos assim. (M) Depois abrindo, não sei o que é isso... se é porta. (N) Depois estão subindo. (O) Depois subiu, chegou, não sei como é".

Fêz a ordenação correta e rapidamente, mas permanece muito tempo observando os cartões. Quando lhe pedimos a estória, afirma categoricamente: "não sei o que é. Não sei o que é, e não posso falar". Mas, a seguir, relata uma estória singela, descritiva, entremeada de dúvidas e colocada em termos muito impessoais, sem qualquer menção à figura do rei ou à de qualquer outra pessoa, preferindo referir-se ao elevador que passou a figurar como o personagem principal da narrativa. Evidencia-se, dêsse modo, sua dificuldade no relacionamento com as pessoas de um modo geral e, particularmente, com a figura simbolizada do pai, razão provável da exclamação inicial "não posso falar".

4 - ANETJ = "É comprida!" (A) (Pausa longa). "Bom, viu uma moça com uma trouxa na cabeça (sorri). (N) Essa não sei o que tem que falar. Essa segunda é meio atrapalhada. Nessa aqui eles iam indo com o carro. (E) Depois parou, desceu para falar com a moça. (T) Acho que ela pediu para êle carregar. (J) Depois indo embora."

JANET = "O mais certo é assim. (J) Eles indo para cá no carro. (A) Vinha a moça passando. (N) Viram a moça, (E) Desceu para falar com ela. (T) Ela pediu para êle carregar a trouxa para ela."

Inicia com uma exclamação e com uma longa pausa antes de se decidir fazer o relato, que veio acompanhado por um sorriso quando descreve a moça. Ao se referir ao elemento masculino é assaltado por nova dúvida. Faz o personagem descer do carro com a intensão de falar com a mulher, mas é ela quem fala, formulando um pedido de ajuda. Fica, assim, excluída a situação de namôro na narrativa, embora tenha ficado implícito na intensão inicial do personagem, tudo levando a crer, ser êste um outro campo onde o examinando apresenta dificuldades. Ressalte-se o fato de ter iniciado a sua ordenação com a figura da mulher isolada, único momento em que conseguiu sorrir. Parece, pois, que é ela uma figura valorizada, inclusive desejada, mas as fantasias e os desejos para com ela são considerados proibidos, não podendo ser abertamente manifestados. A ordenação preconizada não ofereceu melhores elementos, já que é uma repetição da anterior, com mudança apenas, da ordem de apresentação dos personagens. Notou-se a facilidade maior com que expõe. A afirmação inicial "o mais certo é assim", deve-se referir ao fato de que, tendo relatado e sentindo-se aceito, diminuiu o medo de se defrontar com o assunto.

5 - SAMELU = "Ih!" (põe dedo na boca). (Pausa longa). (S) "Aqui êle ia

indo. (A) Chamou um carro, acho que chamou, não sei. (M) Depois vem vindo no carro. (E) Essa aqui não sei. (L) Viu alguma engraçada que ela falou (Volta ao quadro E e diz que êle viu aqui uma coisa engraçada): (U) Esta última está meio confusa, não sei. "

SAMUEL = (S) "Ia indo assim igual a antes. (A) Aqui também êle chamou o carro. (M) Depois êle conversando. (U) Essa do meio, viu uma coisa mais séria. (E) Aqui êle viu alguma coisa ou ela falou alguma coisa para êle que ficou alegre. (L) Aqui está meio espantada, ela falou alguma coisa para êle. "

Volta novamente o estado de confusão, parecendo mesmo mais intenso, porque mais desorganizante do seu pensamento. Não se apercebeu de que um dos personagens é um manequim. Como na anterior, a primeira estória relatada é mais confusa que a segunda. Preocupa-se com o estado emocional do personagem masculino que, começa conversando, depois está sério, em seguida fica alegre e termina espantado, em função do que vê ou daquilo que ela diz. Há uma correlação destes estados com a posição relativa dos mesmos: julgou conversarem quando acolam os rostos, sério e alegre quando olha para traz, espantado quando se afastam. Mostrou, deste modo, sua preocupação com o que pensam ou sentem as pessoas com as quais se relaciona, produto da sua insegurança. Mas mostrou também quanto medo tem de que venha a ser rejeitado por causa das suas fantasias, principalmente as sexuais.

6 - IEGHFJ = "Essa fiz errado, a segunda devia estar no lugar da primeira". (Faz menção de mudar). (I) "Imaginei que êle ia pescar. (E) Na segunda estava pescando. (G) Na outra tinha pescado o peixe já. (H) Nessa era o segundo que êle tinha pescado. (F) Essa está errada, devia estar em terceiro. Tinha pescado um já. (J) Essa não sei, a última viu?" (Digo que pode mudar agora).

EFGHIJ = (E) "Êle ia pescar. (F) Já pescou um. (G) Nessa outra já era o segundo que êle estava pescando. (H) Aqui já pescou o segundo. (I) Aqui acho que êle ia comer êle, limpar êle. (J) Esta última não sei".

Mais uma vez a primeira estória é confusa e apresenta tentativas de mudança da ordem dos cartões. Relata a estória de uma pescaria, mas, em ambas as situações, não consegue completá-las porque não sabe o que dizer a respeito do último cartão, exatamente aquele no qual surge o mordomo. Fantasia no penúltimo cartão que o pescador vai comer o peixe. Parece que os elementos simbólicos contidos nas figuras despertaram fantasias orais no examinando.

Síntese:- Trata-se de personalidade muito insegura, que desiste facilmente das tarefas propostas, necessitando continuamente aprovação e estímulo. - Muito bloqueado, com fantasias que não se permite externar e que devem estar sendo sentidas como muito agressivas. Apesar da repressão, continuam causando-lhe culpa e medo da punição. Dificuldade no relacionamento com as pessoas, particularmente com as figuras que simbolicamente representam o pai a quem teme, inibindo-se totalmente diante dele. O relacionamento, embora ansioso, é melhor com a figura feminina, que sente como propiciadora de satisfações desejadas, algumas das quais ainda muito primitivas, orais.

História Clínica:- Vem à consulta por não obter resultado satisfatório no tratamento do estrabismo convergente D, surgido aos 3 anos. Atribuindo-se a fatores emocionais o mau êxito do tratamento ocular foi aconselhado a procurar psicoterapia. Estas mesmas causas emocionais estariam produzindo tique (piscar) e onicofagia. Da mesma natureza teria sido uma gagueira apresentada anteriormente, quando foi retirado da escola e submetido a tratamento foniátrico. Nascido a termo, parto à fórcepe, após 72 horas de trabalho, durante o qual entrou em sofrimento fetal. Recorreu-se a aleitamento mercenário até os 4 meses, em virtude da mãe não ter leite e haver apresentado intolerância ao leite de vaca. É o 2º filho de uma série de 5; 12 meses mais novo que o primogênito e é 3 anos mais velho que a irmã que o segue; depois, mais dois elementos um irmão e uma irmã, nascidos com intervalos de 2 anos. Está em tratamento endocrinológico, por apresentar criptorquidia. No contato direto mostra-se ansioso, colaborador, mas esta colaboração está sempre influenciada por fadigabilidade e a irritabilidade fáceis, ligado a uma permanente insegurança e descrença diante das tarefas, sendo necessário uma contínua reafirmação.

Exame eletroencefalográfico: Apenas pequena desorganização difusa durante a hiperpnéia, sendo o EEG considerado normal para a idade do paciente. (Dr. A. F. J. - 26/12/63).

Resumo do estudo psicológico (H. P. B.) dezembro de 1963

a) Nível Intelectual

- 1 - Terman-Merrill: QI = 82
- 2 - Raven: inferior ao termo médio

O examinando mostra-se com dificuldade em conservar e organizar um campo mental suficiente para conseguir que as operações mentais atinjam um certo grau de complexidade ou certa precisão, ou ainda, certa velocidade, que lhe permita um melhor rendimento. Resultados prejudicados ainda pela situação de ansiedade e má vontade perante o exame.

b) Personalidade: (Machover, Árvore, Atitudes Familiares de Jackson).

As provas de personalidade e adaptação pessoal revelaram falta de concentração, intranquilidade, insegurança, impressionabilidade e labilidade nervosa. Há sintomas de retardo com características de imaturidade afetiva. Falta-lhe sentido da realidade e capacidade de discernimento para relacionar os fatos. Embora com desejos de vivência, necessidade de auto-afirmação, suas tendências construtivas carecem de força de realização. Há características de sintomas de inibição e freio das funções evolutivas e mentais. Evidenciam-se conflitos no ajustamento social, com sintomas indicativos de inquietude, mal-estar e dificuldades no contato social. Traços de inadequação sexual (notar a influência do atual tratamento) e imaturidade psicosexual foram notados. Toda sua conduta é caracterizada por conflitos de fraqueza física e dificuldade de reação.

Caso nº 11

Identificação:- L.S., branca, brasileira, fem., com 9a. 4m.

Teste da ordenação de figuras

- 1 - casa - 11 seg. - PAT
- 2 - assalto - 15 seg. - ABCD
- 3 - elevador - 22 seg. - LMNO
- 4 - namôro - 42 seg. - AJNET Troca 2º. Troca novamente a 2a.
- 5 - taxi - 42 seg. - SAMELU Alinha 3 com manequim no carro, depois põe os dois primeiros na frente.
- 6 - pescaria - 29 seg. - IEGFHJ

Observação:- É criança quieta, colaboradora, limitando-se a responder o que lhe perguntamos.

Transcrição e interpretação das estórias

- 1 - PAT = (P) "Primeiro, êle começa a fazer a casa. (A) Depois, êle monta. (T) Depois, êle pinta a casa".

Estória adequada, coerente, puramente descritiva, não permitindo qualquer aproximação do seu mundo interior. Mostra-se objetiva ao sintetizar as situações, descritas em termos da ação praticada, e não dos pormenores existentes nos quadros.

- 2 - ABCD = (A) "Primeiro, êle rouba. (B) Depois, êle amarra a boca (C) (não soube explicar). (D) (Pausa) Depois, êle vai prêso".

Nada soube dizer a respeito da cena do julgamento; segue-se uma pausa antes de dizer que fôra prêso, mas é também antecedida de negação da prisão pelo guarda, transformando-a totalmente, pois se reduz a um amarrar de boca. A conexão entre o primeiro cartão (o assalto) e o último (a punição) foi feita, demonstrando ter compreendido a situação. As modificações impostas na narrativa dos cartões centrais traduzem suas ansiedades e o desejo de escapar ao julgamento, primeiro tapando a boca do personagem e depois, silenciando-se a si mesma. Configura-se assim, a existência, dentro dela, da relação crime-castigo. Evidencia-se, por um lado, o desejo de escapar à punição, silenciando, e por outro lado, a prevalência final do castigo, que deverá vir, independente da sua vontade, imposto por um superego vigilante.

- 3 - LMNO = (L) "Isso não é elevador? Primeiro, o elevador está fechado. (M) Depois, êle está abrindo. (N) Depois, êle está quase subindo. (O) Depois, êle sobe".

Inicia inquirindo sôbre a natureza do objeto, desejando saber se era elevador, transforma-o no herói da estória narrada em termos objetivos, descritivos. Não faz a menor referência às figuras humanas. Este deslocamento, possibilitando a omissão, a escotomização da figura do rei, simbolicamente o pai, tem a finalidade de aliviar-lhe as angústias despertadas na série anterior.

4 - AJNET = (A) "Primeiro, a moça está passando. (J) Depois, êle viu a moça, êle não viu, êle foi passando (N) e viu a moça a pé. (E) Depois, - êle desceu e foi encontrar com a moça. (T) E aqui êle ficou conversando com a moça".

JANET = (J) "Êle está passando... (sorri); Êle está passando... (A) E a moça... Êle viu a moça primeiro. (N) Depois êle mandou o chofer pa-
rar. (E) Êle desceu. (T) E foi encontrar com a moça".

As duas estórias, embora com ordenação diferente, - tem o mesmo sentido. Captou a situação do namôro colocando-a na estória, sem mencioná-la explicitamente. Entretanto, existe na segunda, um sorriso e algumas reticências que não são colocadas na primeira, indicativos da existência de alguma emoção diferente não apreendida pelo conteúdo manifestado da estória,

5 - SAMELU = (S) "Aqui, êle estava andando a pé. (A) Chamou o taxi. (M) Êle ficou dentro do carro. (E) Depois, êle olhou para trás e (L) êle viu que ela estava muito longe dêle. (U) E pôs ela perto dêle".

SAMUEL = (S) "Ele estava andando a pé. (A) Então, chamou um taxi. - (M) Depois, ficou com o carro. (U) (Pausa longa). Não sei. (E) (Também não sei). (L) Só sei aqui: ela ficou longe dêle".

Em ambas as ordenações o personagem masculino é ressaltado, o feminino só aparecendo no final de cada estória e sem qualquer referência ao fato de se tratar de um manequim. Deixa implícita a situação de namôro, mas não faz referência ao fato. Tem necessidade de fazê-los permanecer juntos e esta necessidade foi a determinante da ordenação escolhida livremente, traduzindo-se dessa maneira, a necessidade de se sentir aceita e amada. Fornecida a ordenação preconizada, que termina em afastamento, não consegue elaborar a estória, referindo-se a dois cartões em termos de "não sei", faz pausa longa, para terminar mais enfaticamente dizendo "só sei aqui: ela ficou longe dêle", como querendo traduzir, "só sei que ela acabou sendo abandonada, rejeitada". Parece, portanto, que não conseguiu elaborar a causa determinante da separação. Se atentarmos para a posição passiva, feminina e os termos em que coloca a conduta da mesma, inferimos novamente, a existência de sentimentos de insegurança, necessidade de ser amada; além disso, medo de rejeição porque tem desejos e fantasias que não podem ser manifestados sem determinar essa punição tão temida; daí o bloqueio, daí a conduta totalmente passiva.

6 - IEGFHJ = (I) "Primeiro, êle foi pescar. (E) Depois, enfiou a vara. (G) Ficou um pouco de tempo com a vara dentro. (F) Depois, pegou um peixe. (H) Depois, pegou outro. (J) Depois, viu que era um homem que estava dentro d'água e êle foi embora".

EFGHIJ = (E) "Aqui, êle enfiou a vara. (F) Depois, puxou um peixe. - (G) Depois ficou um tempinho com a vara dentro. (H) Depois, êle puxou outro peixe. (I) Depois, êle foi pescar outro peixe e não saiu. (J) Depois, quando êle foi pescar viu que tinha um homem dentro d'água e foi embora".

Nas duas estórias a situação é praticamente a mesma. Na inicial, a ordenação imposta evidencia mais suas necessidades, permitin

do melhor compreensão da sua problemática. Escotomizando o fato de haver peixes no cesto, inicia a descrição com o propósito da pescaria, mas tudo é organizado com a finalidade de retardar o início para satisfazer o desejo. Esta satisfação se desencadeando, deve ser plena e continuada; só sendo interrompida ao se aperceber da existência de outra pessoa que a veja, como se essa satisfação estivesse ligada a proibições e precisasse ser realizada às escondidas.

Síntese: - Criança com grande necessidade de afirmação, mostrando-se dependente e insegura. Muito bloqueada por medo da rejeição que poderia advir caso mostre as fantasias que carrega consigo. Parecem ser fantasias ligadas a aspectos sexuais, com componentes muito primitivos que lhe dão características de voracidade. Depende da permissividade dos pais para manifestá-los; procura se refrear de exteriorizá-los através da repressão, o que nem sempre consegue, sobrevivendo culpa e necessidade de punição. Procura burlar, muitas vezes sem êxito, sua instância censora, através da satisfação em situação de isolamento.

História Clínica: - Encaminhada à consulta pela primeira vez aos quatro anos de idade, com o diagnóstico de megacolon psicogênico, trazendo a radiografia dos colons onde se constatava a dilatação. Informaram os pais que desde os dois anos, vinha apresentando dificuldade para exonerar, retendo as fezes durante dias. Inicialmente por 1 - 2 dias, progressivamente o intervalo foi aumentando, chegando na ocasião da consulta a passar 15 dias, sem qualquer eliminação fecal. Esta, ocorrendo, era súbita, inesperada, permanecendo a paciente sem se despir, de pé atrás de uma porta. Todas as tentativas para levá-la ao vaso sanitário provocavam acessos de ira, tornando-se agressiva para com a mãe, chorando e gritando. É a primeira filha de uma série de 3, sendo dois anos mais velha que a irmã menor. Clima familiar tenso. Criança tímida e insegura. Entrou no consultório gritando e permaneceu todo o período de consulta no colo materno, controlando tudo com os olhos, negando-se a falar e ocultando a face quando inquerida. Opoz-se a entrar no elevador obrigando os pais a subirem as escadas. Submetida a tratamento psicoterápico teve abrandada a sintomatologia e, posteriormente, desaparecida a queixa. O tratamento prosseguiu, porque apresentava também, graves problemas de adaptação. O início da escolaridade foi difícil, por não se adaptar à disciplina e não aprender. Hoje, êsses problemas estão muito atenuados. Continua em psicoterapia. Não foi submetida a testes por ocasião da consulta, por falta de colaboração. O que se segue traduz sua situação psicológica atual.

Resumo do estudo psicológico (M. L. V.) fevereiro de 1966

a) Nível intelectual

1 - Wisc: - QI verbal: 84; QI de execução: 87; QI global: 84. Nos aspectos verbais, dispõe de bons conhecimentos gerais e informação, mas tem diminuída a capacidade de julgamento e a atenção, tendo dificuldade para estabelecer relações entre conceitos. Na escala de performance revela boa capacidade para compreender situações sociais, mas não são satisfatórios os resultados encontrados nas provas de organização viso-moto

ra. Em geral, verifica-se grande oscilação entre os resultados dos vários sub-testes e esta irregularidade do trabalho mental possivelmente decorre de fatores emocionais.

b) Personalidade

1 - CAT:- Sente a mãe, ora como protetora e gratificadora, ora como exigente e punitiva. Não aceita bem sua autoridade, reagindo com oposição. Possivelmente as fantasias relativas à vida sexual dos pais lhe causam ansiedade. A figura paterna também é ambivalente e despertando fantasias agressivas. Parece ter um superego bastante severo, sendo-lhe difícil lidar com os impulsos hostís. Evidencia ainda preocupações orais.

2 - Rorschach:- Sinais de intensa repressão afetiva e dificuldade no contato humano. Há sinais de tendência à ação, mas não usa tais impulsos de forma construtiva. O pensamento se mostra extremamente estereotipado, pobre, voltado para o concreto e o imediato. Escassa capacidade para abstrair e generalizar. Possui bom grau de objetividade, sendo capaz de pensar de acordo com as normas sociais.

Caso nº 12

Identificação:- J.C., branco, brasileiro, mas., com 19 anos.

Teste da ordenação de figuras

- 1 - casa - 5 seg. - PAT
- 2 - assalto - 4 seg. - ABCD
- 3 - elevador - 5 seg. - LMNO
- 4 - namôro - 16 seg. - JNAET
- 5 - taxi - 26 seg. - SALUEM Troca 3º e 4º e depois, 5º e 6º
- 6 - pescaria - 40 seg. - IJEFHG

Transcrição e interpretação das estórias

- 1 - PAT = (P) "Aproveitou o muro, ou construiu. (A) Edificou as armações da casa. (T) Cobriu com madeira ou tijolo e está pintando".

A estória é curta e o tema central, adequado às figuras apresentadas. No entanto, em dois ou três cartões, oferece alternativas com as quais se protege de uma definição, de um comprometimento; esta mesma insegurança e necessidade de proteção leva-o a manter subentendido o sujeito da ação durante toda a narrativa.

- 2 - ABCD = (A) "Assaltante na rua. Pratica um roubo contra um cidadão que, pela sua expressão, parece gritar. (B) Chega o guarda, prende o ladrão. (C) Ele é julgado. (D) E, depois, condenado".

Compreensão perfeita da situação. Nos dois primeiros cartões inicia processo de fabulização não mantido no final, quando a ação se desencadeia rapidamente. O caráter específico da ação delinqüencial parece não afetá-lo profundamente, e por isso, pode fabulizar. O caráter inespecí

fico do julgamento, que pode incidir sôbre qualquer tipo de transgressão, deixa-no angustiado, pela reativação de culpas, e a ansiedade o faz precipitar o desfecho da estória.

- 3 - LMNO = (L) "Aqui, segundo a placa, parece que toca a campainha antes do elevador subir dando aviso aos que passam na calçada. (M) A tampa se abre. (N) Vão aparecendo os primeiros personagens dentro do elevador. (O) Aparecendo todos, saindo para a calçada".

A estória é descritiva e precisa nos seus detalhes, todos observados e referidos na narrativa. Tem cuidado em destacar a advertência feita aos que estão fora, porque o elevador vai subir. Referindo-se às figuras humanas, não destaca a figura do rei; chama a todos, igualmente "personagens". Personagens provavelmente da estória que não contou, talvez por não a conhecer: interiorizada ainda, atemoriza-o; porém, receioso do que possa acontecer, faz a advertência.

- 4 - JNAET = (J) "Ele estava andando, passeando pela rua. (N) Mandou seu chofer parar porque avistou uma lavadeira carregando uma trouxa de roupa. (A) Lavadeira. (E) Mandou estacionar o carro, desceu, dirigindo-se à lavadeira. (T) E ofereceu para carregar sua trouxa a pé na rua".

JANET = (J) "Passando pela rua. (A) Não notando a lavadeira, não prestando muita atenção. (N) De repente, repara bem, manda o chofer parar. (E) Dirige-se à lavadeira. (T) E se oferece para carregar a trouxa, mas a pé".

A estória novamente engloba todos os detalhes, evita, porém, colocá-la como situação de namôro, preferindo a situação de ajuda, de auxílio. Precisa dar ênfase ao fato de estar apenas passeando, não a havia notado, com o objetivo de destacar o fortuito do encontro. Finalmente, necessita ainda deixar bem claro não haver nenhuma outra intenção, tanto que foram a pé. Destaque-se, novamente, o fato de não fazer menção à figura do rei, como tal, trata-o apenas como "êle".

- 5 - SALUEM = (S) "Ele está levando um manequim. (A) Pára para chamar um taxi. (L) Põe o manequim de lado e fica conversando com ela, como é visto, um em cada lado do carro. (U) Passa o braço em volta do ombro do manequim. Olha para trás, como quem diz que está mesmo com uma pessoa, como quem diz - estou mesmo acompanhado - quer mostrar a alguém. (E) Finge estar conversando. (M) Depois, abraçado como se fosse verdadeiro, olha para a frente e continua".

SAMUEL = (S) "Levando o manequim pela rua. (A) Chama um taxi. (M) Põe o manequim no taxi, já com o braço no manequim. (U) Olha para trás como quem quer despistar alguém. (E) Continua fugindo. (L) Quando o taxi se distancia, põe de lado o manequim dizendo a si mesmo um desabafo qualquer.

As estórias agora são diferentes. Na primeira parece bem identificado com o personagem na sua necessidade de fazer os outros acreditarem nêle, nos seus valores, nos quais êle mesmo não acredita, ainda que para tanto, use subterfúgios, para enganá-los. Deixa entrever ter muito desejo e medo de entrar numa situação de relacionamento amoroso, acabando, êle mesmo, acreditando no engano que tenta impingir aos outros. Note-

se o cuidado tomado, forçando-se a dizer a todo momento "o manequim"; a certa altura, porém, do relato, foge-lhe o controle e não se apercebe dizer: "fica conversando com ela".

Na segunda, focaliza uma estória de perseguição, na qual o herói, ao fugir, utiliza um subterfúgio e se tranquiliza ao conseguir a fuga planejada. Poder-se-ia perguntar a quem necessita ludibriar, de quem foge, quem o persegue. Parece fugir de si mesmo, da sua censura e das suas fantasias, dos seus desejos e das suas proibições. É pessoa muito bloqueada, temerosa de manifestar suas necessidades instintivas, procurando furtar-se a proibições internas muito presentes e angustiantes.

6 - IJEFHG = (I) "No primeiro quadro está dando um chamado ao seu mergulhador, como é visto no segundo quadro. (J) No segundo, ele vira-se de costas ao mergulhador que tem um peixe na mão e diz que não precisa mais mergulhar. (E) Resolve ele mesmo pescar. (F) Fisca um peixe. (H) Fisca mais outro. (G) Parece que animado ele mesmo pescando, resolve atirar a isca de novo".

EFGHIJ = (E) "Resolveu ir pescar. (F) pescou um pequeno peixe. (G) Lançou a isca de novo. (H) Pescou um maior. (I) Chamou seu mergulhador que aparece com um peixe na mão no 6º quadro. (J) E retirou-se como quem diz - "não precisa por mais peixe no meu anzol".

Predomina a necessidade de mostrar não mais precisar ajuda, ser capaz de prover as suas necessidades, sendo esta a razão de inverter os termos da estória, colocando os cartões finais logo no início. Tem pois, dificuldades que impedem a sua auto-afirmação. Observa-se, na sucessão das cenas da pescaria a sua possibilidade de continuar numa forma de atividade, desde que consiga gratificações; ao encontrar, porém, obstáculos, recorre à ajuda alheia, renunciando à auto-afirmação, porque não é capaz de suportar as frustrações advindas com o insucesso, caso persistisse na atividade.

Síntese:- A qualidade formal das estórias é boa, embora descritiva. Evidencia-se permanentemente a intensa necessidade defensiva mantendo-o bloqueado. Apresenta fortes necessidades interiores com fracas possibilidades de manifestação, porque não é capaz de um esforço contínuo afim de satisfazê-las, o que lhe permitiria auto-afirmar-se. Ao contrário, espera passivamente a satisfação, ou ainda encontrá-la através de subterfúgios. Premido por necessidades instintivas, sentidas como perigosas, e por uma censura vigilante e punitiva, permanece bloqueado ou em ambivalência: coloca-se numa posição de passividade receptiva que lhe é gratificadora e numa luta por uma afirmação pouco satisfatória, porque culposa.

História Clínica:- Procura-nos por sentir-se insatisfeito com o curso que vem fazendo. Acha que não é o seu ideal, embora pensasse ser ao iniciá-lo. Deseja, pois, ser orientado profissionalmente. Já havia sido examinado por nós há 5 anos, por apresentar problemas no relacionamento familiar; conflito com os pais, principalmente com a mãe. Nessa época, sujeitava-se dócil e facilmente às determinações impostas; subitamente sem saber como acontecia, apesar de toda a sua boa vontade, se sentia atuando diferentemente à

orientação recebida, como que movido por impulsos interiores, sobre os quais não podia exercer qualquer controle. É o primeiro filho de uma série de quatro, nada havendo digno de nota nos seus antecedentes pessoais e familiares, bem como no seu desenvolvimento psicomotor. Informam que o seu EEG mostrou traçado normal. É um rapaz afável no trato, colaborador, mas angustiado e com consciência de seus problemas; dificilmente se abre, diz quase tudo através de meias palavras, de subtendidos, e muitas vezes, as próprias frases ficam cortadas ao meio. É canhoto.

Resumo do estudo psicológico (M. L. V.) fevereiro de 1966.

a) Nível Intelectual

1 - Wechsler-Bellevue:- Escala verbal: Q.I. = 96; escala de execução: - Q.I. = 108; escala completa: Q.I. = 103. Nos aspectos verbais, ao lado de ótima atenção imediata e boa capacidade de abstração, observa-se um déficit acentuado da sua capacidade de julgamento verbal e da concentração. Na escala de execução, evidenciou-se boa capacidade visomotora mas, com velocidade motriz lenta, ao lado de dificuldades de enfrentar situações sociais.

b) Personalidade

1 - TAT.:- Evidencia capacidade imaginativa, porém, a possibilidade de vários relatos dentro do mesmo tema, com conteúdos opostos, impede a organização final dos mesmos. Vida de fantasia rica, porém, conflitiva. Tem desejos de independência, mas permanece ligado afetivamente à família; interesses heterossexuais com conflitos entre prazer e dever, e sentimentos de culpa com a realização de desejos nesse campo. Angústia diante de sua agressividade que toma, às vezes, aspectos anti-sociais. Ambiente externo sentido como agressivo. Os desejos hostis geram culpa e necessidade de reparação, tornando-se, às vezes, auto-destrutivos. Tem necessidade de ajuda, porém, desconfia dela quando a recebe.

2 - Rorschach:- Vida interior rica, com interesses pelas idéias gerais, mas não pelo concreto e imediato. Tem boa objetividade, apesar de sofrer a influência de fatores emocionais. Forte impulso para conquistas intelectuais, com reais possibilidades, mas a vida interna conflitiva, impede melhor realização. Afetividade rica, mas de natureza lábil, egocêntrica, impulsiva. O conteúdo de suas associações revela forte carga agressiva que são sublimadas ou controladas, mas há tendência a perder esse domínio por afrouxamento desses controles, passando a usar a repressão como defesa. Há indícios de ansiedade, dúvida e ambivalência.

Caso nº 13

Identificação:- M. U., branco, brasileiro, masc., com 15a.1m.

Teste da ordenação de figuras

- 1 - casa - 4 seg. - PAT
- 2 - assalto - 6 seg. - ABCD
- 3 - elevador - 5 seg. - LMNO
- 4 - namôro - 18 seg. - AJNET Comentário: Essa já sei que errei.
- 5 - taxi - 46 seg. - SALUEM
- 6 - pescaria - 13 seg. - EFGHIJ

Observação:- Atento, disposto, colaborador e seguro.

Transcrição e interpretação das estórias

- 1 - PAT = (P) "O sujeito estava construindo, quis fazer a casa. Começou a construir pelos alicerces. (A) Depois, pôs as paredes e os telhados. (T) Deixou para o final a pintura".

Numa estória curta e coerente, basicamente descrita, tem necessidade de explicar a determinação do herói em "querer" fazer a casa, como êle mesmo quer se edificar, mostrando assim, que dentro de si, se trava uma luta buscando afirmação. Mostra também que se sente desprotegido, colocando na casa a necessidade de ter telhados.

- 2 - ABCD = (A) "Um assaltante roubou alguém. (B) Foi pego pelo guarda, (C) levado a julgamento, (D) e condenado."

Estória curta, adequada, verbalizada em poucas palavras através das quais a situação representada em cada quadro é sintetizada, não deixando margem a uma aproximação passível de interpretação.

- 3 - LMNO = (L) "Tocou a campainha do elevador avisando que ia chegar. (M) Foi aparecendo. (N) Surgiram primeiro dois homens. (O) mas, depois, percebe-se o rezinho".

Inicia fabulizando, não se definindo, não identificando quem toca para avisar a chegada do elevador. Depois, súbitamente, precipita o desencadeamento rápido da estória em termos puramente descritivos. Excluída a indefinição que tem caráter defensivo, nada mais se consegue apreender.

- 4 - AJNET = "Pode modificar?" (A) "Uma moça, uma carregadeira estava passando pela rua. (J) De repente passa o carro do rezinho, (N) que notando-a, (E) desceu do carro. (T) E foi ajudar a carregar o pacote, saca, ajudou a carregar o seu fardo." "Não entendi, está gozado, ela vai para lá e o rei para cá".

JNAET = (J) "O rezinho estava passeando de carro. (N) Quando nota - uma carregadeira na rua. (A) Carregadeira. (E) Desce do seu carro para ajudá-la em vez de convidá-la a ir no carro".

JANET = (J) "O reizinho estava passeando de carro. (A) Por ali passou uma carregadeira, uma lavadeira. (N) Notando-a, (E) mandou parar o carro, desceu. (T) e ajudou a carregar sua trouxa de roupas".

Formula três estórias: a primeira com a ordenação que fez durante a fase de aplicação. Ao relatar a estória, pretende alterar a ordem, o que só foi consentido depois, quando formula a segunda, sendo a terceira narrada com os cartões na ordem preconizada. Em nenhuma foi apontada a situação de namôro; tôdas têm sempre o sentido de auxílio que o rei presta à lavadeira, ajudando a carregar. Neste aspecto, a última formulação é a mais clara e mais ligada à descrição dos cartões. Nas duas primeiras, acrescenta aspectos que merecem ser considerados. Assim, mostra na inicial uma dificuldade em identificar o que está sendo carregado, referindo-se a pacote, saco, e finalmente, fardo, parecendo focalizar neste aspecto, "carregar o seu fardo", todo o pêso das suas dificuldades para as quais gostaria também de encontrar auxílio. Mas antes de terminar o relato, já afirma não haver compreendido. Nesta falta de entendimento coloca o estado de confusão de que ficou possuído; confuso por não entender que pessoas seguindo caminhos diferentes possam se ajudar; que possa ser amado e ajudado pelos pais quando se afasta dêles em busca de auto-afirmação. É exatamente isto que coloca na frase final da segunda estória ao dizer: desce para ajudá-la em vez de convidá-la a ir no carro". Em síntese, está perplexo com seus sentimentos concomitantes de amor e ódio, com sua ambivalência.

5 - SALUEM = (S) "Um sujeito estava carregando uma meia estátua pela rua. (A) Chamou um taxi. (L) Entrou no carro e aproveitando-se das aparências fingiu que estava falando. (U) Abraçou como se estivesse namorando. (E-M) Vendo que dava certo, que todo mundo pensava que a estátua era mulher mesmo êle se empenhou em fingir dar maior realidade possível".

SAMUEL = (S) "Estava andando com uma estátua na rua. (A) Chamou um taxi. (M) Entrou com ela no carro. (U) Olhando para trás teve uma idéia, (E) e afastando-se da estátua como se fosse gente (L) começou a recriminá-la".

A ambivalência que lhe causava a confusão na série anterior pode se manifestar claramente agora, nas duas estórias, uma de amor e outra de ódio. Destaque-se o aspecto de fingimento que o personagem empresta à situação: é preciso que acreditem que seja namôro, é preciso que acreditem que seja recriminação. É preciso que os outros acreditem no sentimento que está manifestando, visto êle mesmo não acreditar em nenhum, porque sempre ambos estão presentes.

6 - EFGHIJ = (E) "O reizinho estava pescando. (F) Primeiro pescou um peixe pequeno (G) começou a pescar de novo (H) e daí pescou um peixe maior (I) mas de repente êle grita umas palavras ao mar. (J) Daí vê-se que êle não é um bom pescador porque seu mordomo estava no fundo do mar pondo-lhe os peixes na isca".

Consegue desde o início captar a trama da estória e o seu desfecho, mas não consegue encontrar o espírito jocoso da mesma. Termina com uma crítica ao herói, desmerecendo-lhe as qualidades porque precisava de ajuda alheia para realizar e satisfazer as suas necessidades. Vive

numa situação em que procura auto-afirmar-se, mas está sempre insatisfeito com os resultados obtidos porque se debate entre desejos opostos: realizar sozinho e receber ajuda, crescer e ficar pequeno. É provável que tenha criado dentro de si, ideais de um perfeccionismo muito grande com o desenvolvimento paralelo de uma crítica acerba que o impede de atingir seus objetivos. Secundariamente, desmerece o realizado por outros, para com isso, diminuir sua inveja.

Síntese: - Está encontrando dificuldade em se auto-afirmar, porque sente a agressividade do seu processo de independência em relação aos pais, e amando-os, sente-se ambivalente. Não pode acreditar em nenhum dos seus sentimentos porque os opostos se apresentam concomitantemente. Sente-se inseguro, necessitado de proteção e ajuda, mas também não pode recebê-la porque isto lhe desencadeia, ao invés de gratidão, auto-recriminação e auto-depreciação.

História Clínica: - Sempre foi "nervoso", impulsivo, tendo piorado muito nos últimos tempos; relaciona o início dessa piora com um período em que obsessivamente contava os números encontrados, em ambos os sentidos. Implica com a mãe e com o pai, principalmente com este. Critica tudo quanto fazem, irritando-os, desafiando-os. Não consegue conversar tranquilamente com uma moça, mas tem muito bom relacionamento com elas, quando em grupo; contato relativamente bom com os colegas e com os rapazes, de uma maneira geral. É o 1º filho, 2 anos mais velho que a irmã. Nascido a termo, parto normal, nada havendo nos antecedentes, digno de nota. O contato é fácil apesar de ansioso. Tem consciência desses problemas, luta para vencê-los, mas não consegue superar as dificuldades. Após cada "atrito" com os pais é tomado de sentimento de culpa, entra em depressão, não podendo, porém, deixar de repetir a situação quando diante dos mesmos.

Resumo do Estudo Psicológico (M. L. V.) junho de 1965.

a) Nível intelectual

1 - Wechsler-Bellevue: - Escala Verbal: Q.I. = 109; escala de execução: Q.I. = 116; escala geral: Q.I. = 113. Na parte verbal mostra alta capacidade na formação verbal de conceitos e fracassa nos subtestes de compreensão verbal. Nas provas de execução, mostra-se mais capaz de concentrar-se no plano visual, sendo deficiente sua realização apenas na velocidade psicomotora.

b) Personalidade

1 - TAT: - Elabora rápida e facilmente histórias longas, coerentes, organizadas, com temas originais, fantásticos e inverossímeis na segunda parte da prova. Histórias tôdas carregadas de afetividade e dramaticidade. A primeira série mostra adolescente com graves problemas no relacionamento com os pais, sentidos como dominadores, exigentes, preocupados com estudo e futuro dos filhos, mas não os compreendendo e nem lhes dando afeto. Heróis inicialmente cordatos e submissos, reagem com agressividade e impulsividade. Numa das histórias o herói planeja e tenta matar o pai, mas engana-se e se envenena. Superego severo que casti

ga com a morte. A renúncia e a abnegação são outras formas de defesa contra a culpa. Revela suas necessidades afetivas com a introdução de figuras bondosas e carinhosas. Mostra interesses heterossexuais com sentimentos de insuficiência. Os temas mórbidos e agressivos da segunda série, com personagens hostís, destruidores, vingativos, parecem representar simbolicamente suas tendências inconscientes, que são temidas e afastadas para épocas e lugares distantes, como consequência da intensidade das suas forças repressoras.

2 - Rorschach:- Pensamento mais propenso a generalizar, porém, nem sempre com lógica, havendo tendência à confabulação e fabulização. Tipo de vivência coartativo. Fantasias reprimidas. Afetividade ainda lábil, egocêntrica. Respostas de complexo oral e anal.

Caso nº 14

Identificação:- M.S., branco, brasileiro, masc., com 12a. 4m.

Teste da ordenação das figuras

- | | | | |
|--------------|-----------|-----------|--|
| 1 - casa | - 5 seg. | - PAT | Comentário: É só por em ordem? |
| 2 - assalto | - 6 seg. | - ABCD | Comentário: Pronto. |
| 3 - elevador | - 7 seg. | - LMNO | Comentário: Pronto. |
| 4 - namôro | - 32 seg. | - AJNET | Comentário: Ésse está duro. Muda o 1º com o 3º, depois põe novamente no mesmo lugar. Ésse não entendi. |
| 5 - taxi | - 37 seg. | -- MLUESA | Comentário: É duro isso!! (Sorri) |
| 6 - pescaria | - 23 seg. | - EFGIHJ | |

Transcrição e interpretação das estórias

Observação:- Colaborador. Divertiu-se com o teste. Pergunta no final: "Para que é isso?"

- 1 - PAT = (P) "Um homem foi construir uma casa. (A) Depois põe as estacas de madeira. (T) Depois de pronta, pintou."

Estória curta, coerente, adequada, mas essencialmente descritiva, sintetizando em poucas palavras a situação representada e não se atendo à minúcia. Mostra, pois, boa capacidade de síntese, mas oferece muito pouco da sua vivência interior, talvez apenas a posição defensiva contra um envolvimento emocional, alheando-se do problema e deixando para "um homem" o desejo e a resolução da situação proposta pelo teste.

- 2 - ABCD = (A) "Um ladrão roubou a carteira de um homem. (B) A polícia prendeu. (C) Foi julgado culpado. (D) E foi para a cadeia".

Estória curta e adequada, com menção explícita de um detalhe da situação delinqüencial, mas que não permite, mesmo assim, qualquer aproximação interpretativa.

- 3 - LMNO = (L) "Tocou a campainha. (M) Abriu a porta. (N) Subiu um tipo de elevador. (O) E saiu o reizinho".

Novamente a estória é curta e extremamente descrita, mostrando apenas a excelente capacidade de síntese e a objetividade do seu pensamento, capaz de focalizar o elemento essencial da cena, mas não permitindo nenhuma abertura para o seu mundo de fantasias.

4 - AJNET = "Êsse não entendi! (A) Estava passando uma moça na calçada com um saco na cabeça. (J) Passou o reizinho com dois choferes na frente. (N) Mandou os homens pararem. (E) Êle saiu do carro e foi falar com a moça. (T) E êle pôs o saco na cabeça e ficou andando com ela".

JANET = "Quer dizer que eu errei. (J) Estava passando o reizinho no seu carro. (A) Viu uma moça com um saco na cabeça. (N) Mandou parar. (E) Saiu do carro para conversar com ela. (T) Pôs o saco na cabeça e andou com ela".

As duas formulações são praticamente idênticas, variando apenas a ordem de entrada dos personagens em cena. Nada diz com relação à situação de namôro, a não ser que o rei "ficou andando com ela". A estória propriamente dita é apenas descritiva. No entanto, os dois comentários que precedem os relatos nos mostram, primeiramente uma situação de perplexidade ao dizer: "êsse não entendi!", mas da qual sai rapidamente narrando a estória. A segunda afirmativa, "quer dizer que eu errei" mostra-nos a facilidade em aceitar a idéia ou a opinião alheias, colocando-se imediatamente na posição daquele que não sabe, que é incapaz; mas tudo apenas aparentemente, porque apesar da sua afirmação, continua formulando a mesma estória, nos mesmos têrmos anteriores. Parece procurar afirmar-se através da oposição, mas evitando conflitos, precisando primeiro concordar, para depois mostrar que continua fazendo o que imaginara. Mas de qualquer maneira, mostra-nos, pela escotomização da situação de namôro e pela colocação da figura feminina em primeiro plano a existência de conflitos com relação aos aspectos sexuais da vida. Deve derivar daqui o bloqueio da sua vida imaginativa e a necessidade de se afirmar pela oposição.

5 - MLUESA = (M) "Estava passando num carro um homem e essa moça, a sua senhora. (L) Êle olhou para trás. (U) Falou... (ih! eu troquei) - (quis trocar). (U-E) Está dando risada. (S) Saiu e era uma estátua. (A) Chamou um taxi". "Essa aí está tôda errada".

MUELSA = (Muda depois para esta ordem). (M) "Êle estava andando num carro com a sua senhora. (U) Olhou para trás. (E) Começou a dar risada. (L) Viu que a mulher se afastou. (S) Saiu e a moça era uma estátua. (A) Depois chamou um taxi".

SAMUEL = (S) "Estava andando um homem com uma estátua na mão. (A) Chamou um taxi. (M) Ficou com ela no taxi atrás. (U) Olhou para trás. (E) Começou a dar risada. (L) E viu que a estátua se afastou".

Não conseguiu organizar a estória com a sua ordenação inicial, tentando mudá-la durante a narrativa; termina afirmando estar tudo errado. O personagem masculino deveria dizer algo que não foi enunciado, nem nessa, nem nas outras duas estórias. Foi a partir desse momento que a sua narrativa se desorganizou. Parece que estava ainda sob o impacto das angústias despertadas pela estória anterior, e a situação amorosa pôde surgir, mas dentro de uma situação mais aceita, a do casamento. Mesmo as

sim, parcialmente, A colocação da mulher que se transforma depois em estátua, e a estátua dotada de capacidade volitiva ("a estátua se afastou"), na terceira narrativa, mostra a existência de uma área conflitiva no que diz respeito as fantasias sobre o relacionamento sexual dos seus pais. A posição defensiva tomada em relação à mulher, que o atemoriza, da qual necessita se defender, agredindo, menosprezando, permitindo-lhe ter vontade, mas negando-lhe a possibilidade de afetos, está nos indicando a existência de uma segunda área conflitiva, possivelmente ligada à primeira, no seu relacionamento com a figura materna.

6 - EFGIHJ (E) Aqui o reizinho foi pescar. (F) Na primeira vez pegou um peixe. (G) Começou a pescar outra vez. (I) Depois... espere aí. Depois grita assim: "agora um peixe maior" (sorri). (H) Pega um peixe grande. (J) E sai um homem d'água que era ele que punha o peixe no anzol".

EFGHIJ = (E) "O reizinho foi pescar. (F) Pegou um peixe. (G) Continuou a pescar. (H) Pegou o segundo peixe, que era maior. (I) Gritou assim: - obrigado! (J) E saiu um homem d'água e disse "de nada", com um peixe na mão".

Tudo mostra que foi capaz de perceber o sentido da história. Não consegue ordenar segundo o previsto porque precisa antecipar o final. Vê-se que não aguenta a situação de ansiedade, mas necessita acrescentar algo de seu, para modificar o que os outros fazem, para com isso afirmar-se e auto-valorizar-se. Tem, com relação à figura simbólica paterna, uma atitude crítica e depreciativa, precisando desmerecê-la para impedir-se de invejá-la.

Síntese:- Trata-se pois de uma criança com problemas de afirmação, insegura, procurando auto-realizar-se através do bloqueio afetivo e utilização dos recursos intelectuais. Com êstes, procura mostrar-se objetivo e executar o processo de oposição e desmerecimento dos demais. Tem problemas com o relacionamento dos pais entre si e no seu relacionamento com êles.- Com o progenitor, necessita desmerecê-lo, colocando-o numa posição subalterna e de incapacidade, dependente dos outros, para evitar invejá-lo. Desvaloriza a mãe, tornando-a inafetiva e tendo apenas vontade, para evitar identificar-se com ela e com isto impedir o desenvolvimento dos componentes femininos que sente existir dentro de si.

História Clínica:- Vem à consulta para exame psicológico, visto pretender cursar o Ginásio Vocacional, onde necessita apresentar êsse exame. Pelos informes maternos, é uma criança insegura, procurando compensação nas práticas esportivas onde consegue se sobressair; problemas de rivalidade - com irmã mais velha, com a qual compete; bom estudante podendo ser considerado bom filho. É o 2º de uma série de 3, com diferenças de idade ao redor de 2 anos, sendo o último também do sexo masculino. Nascido a termo, parto normal. Nada digno de nota no passado mórbido do examinando e nem no familiar. Vem à consulta satisfeito porque vai fazer o que a irmã já fez, porém, está temeroso e desconfiado. Procura falar sobre suas atividades esportivas, parecendo-nos supervalorizar-se, o que tem efeito compensatório e tranquilizante. É adolescente imaturo para a idade cronológica, com traços, postura e maneirismos feminóides, angustiando-se quando pressente a

focalização de tais aspectos de sua personalidade.

Resumo do estudo psicológico (L. N.) janeiro de 1964

a) Nível mental

- 1 - Terman-Merrill (Forma M) Q. I. = 92
- 2 - Raven - forma infantil - médio inferior.

A prova revela um trabalho intelectual pouco homogêneo, daí decorrendo a grande dispersão. Boa capacidade de observação e raciocínio abstrato superior à sua idade, fracassando nas provas de memória.

b) Personalidade

1 - Rorschach:- Afetivamente muito imaturo, reagindo com oposição ao meio. Conflitos internos decorrentes da sua agressividade que tende a se liberar por falta de controle, o que lhe causa acentuada insegurança. Mostra interesses múltiplos e pensamento pouco estereotipado de um lado, e inibição e rigidez de outro. Diminuição do pensamento abstrato, com boa capacidade de análise. Vida imaginativa reprimida. O conteúdo das respostas de complexo sugere a existência de problemática sexual e, principalmente de identificação.

2 - Machover:- Tendência ao exibicionismo. Destaca-se nesta prova principalmente a existência de problemática sexual. O contato social é pobre e superficial, procurando destaque como forma de compensação. Dependente, com necessidade de apoio e proteção.

Caso nº 15

Identificação:- F. B., branca, brasileira, fem., com 18a. 10m.

Teste da ordenação de figuras

- 1 - casa - 7 seg. - PAT
- 2 - assalto - 14 seg. - ABCD
- 3 - elevador - 12 seg. - LMNO
- 4 - namôro - 31 seg. - AJNET
- 5 - taxi - 54 seg. - SAMEUL Comentário. Para dizer a verdade é gozado êsse aí.
- 6 - pescaria - 60 seg. - EFGHIJ Comentário: Só isso? Pensei que ia fazer um teste escrito.

Transcrição e interpretação das estórias

- 1 - PAT = (P) "Um homem que queria construir uma casa. Fêz uma cêrca e está transportando a madeira para construir a casa. (A) Depois, êle já havia colocado a madeira horizontalmente e verticalmente. (T) E a casa quase que ficou pronta, só faltava colocar os azulejos, retocar a casa e pintar".

Estória narrada em termos desiderativos "queria construir uma casa". Na seqüência da narrativa, que tem aspecto aparentemente descritivo, coloca outros elementos, "queria construir uma casa" e "só faltava colocar os azulejos", os quais nos permitem ter uma compreensão da sua situação. Mostra-se dividida e duplamente identificada, pois ela é a casa não acabada, e, ao mesmo tempo, o homem que deseja edificar-se, crescer, mas não apenas no seu aspecto somático, estatural, e sim, no de seu conteúdo interior. Mostra-nos, com isso, boa capacidade de percepção da sua situação e, quase se poderia dizer, consciência da existência de uma problemática interna, que não chega a externar nesta estória, mas que, certamente, o fará nas seguintes.

- 2 - ABCD = (A) "Um homem com uma máscara no rosto roubou o outro. (B) Alguns dias depois êle foi prêso. (C) Levado à côrte, foi julgado (D) e condenado à cadeia durante muito tempo".

Estória que pretende ter alguns elementos de fabulização, mas que se resume na típica situação de crime-castigo. Nela ressaltam dois aspectos: 1º) o da inevitabilidade da punição, que pode não ser imediata, mas que certamente virá sob a forma de uma penalidade severa, para o ato delinqüencial; 2º) a maneira como relata, deixa transparecer um desejo de fugir ao comum, de ser diferente; evita o termo "mascarado", preferindo dizer "um homem com uma máscara no rosto", do mesmo modo que prefere dizer "levado à côrte" ao em vez de "tribunal", traduzido assim sua necessidade de valorização no plano intelectual.

- 3 - LMNO = (L) "Barulho do elevador. (M) O elevador se abrindo. (N) Vê-se três pessoas, uma delas apenas uma parte do seu chapéu. (O) Quando o elevador já subiu de todo, vê-se duas pessoas e um rei".

A estória aqui, como nas anteriores, quase essencialmente descritiva, procura abranger todos os pormenores. Deixa, no entanto, entrever uma atitude interpretativa a serviço das suas necessidades defensivas. Quando diz "barulho do elevador" referindo-se à representação gráfica do som da campainha, não comete um simples engano. Há, realmente, uma necessidade de que seja o barulho do elevador porque o toque de campainha - pressupõe a existência de alguém que acione o dispositivo, e êsse alguém não pode existir na sua estória. O elevador deve ser o personagem principal, o herói da estória e não qualquer ser humano e muito menos, a figura simbólica do pai, representado pelo rei. Note-se que a descrição aponta como que incidentalmente as "três pessoas" ou, como refere no final, quase depreciativamente "vê-se duas pessoas e um rei". Começa a transparecer, portanto, novo elemento da sua problemática, a dificuldade no relacionamento com a figura masculina em geral e especialmente com a paterna que precisa ser desvalorizada e inativada.

- 4 - AJNET = (A) "Há uma pessoa, do sexo feminino, andando na rua com uma trouxa na cabeça, como se chama... trouxa. (J) Enquanto isso, o rei passeia. (N) De repente, manda parar seu carro. (E) Desce e vai falar com a moça. (T) Logo depois vê-se o rei carregando a trouxa, de braço dado com a moça".

JANET = (J) "Um dia, quando o rei passeava sem ter nenhuma preocupa

ção. (A) Uma moça carregava seu trabalho para poder, mais tarde, com o merecido dinheiro, se sustentar. (N) De repente, o rei mandou parar o carro, pois parecia que havia visto algo muito interessante. (E) Desceu e foi falar com a moça. (T) Mais tarde, depois de ter conversado com a garota, resolveu ajudá-la, carregando seu pesado trabalho".

Na primeira, o tom descritivo transparece mais claramente, enquanto na segunda, percebe-se a intensão de dar um tom fabulatório à sua estória, mas com piora de qualidade da mesma, inclusive com relação à própria terminologia, quando a "trouxa" passa a ser denominada "pesado trabalho". Nas duas narrativas, fica entrevista a situação de namôro, mas colocada diferentemente. Na inicial a situação de namôro é mais explícita como ao falar "de braço dado", enquanto na segunda, permanece em termos de ajuda "depois de ter conversado". Nota-se em ambas, o tom depreciativo para se referir ao personagem masculino, pois descreve a mulher carregando uma trouxa, isto é, trabalhando, e "enquanto isso, o rei passeia", para, no final, realizar o trabalho da mulher. Unindo-se êstes aspectos ao fato de, na ordenação haver realçado a figura feminina, colocando-a como inicial da estória, podemos concluir que tem sentimentos de insuficiência e de desvalorização em relação ao próprio sexo, e de inveja com relação ao sexo masculino, sentimentos que precisa negar para si mesma, e defensivamente, inverter as posições valorativas. Por outro lado, precisa enaltecer o fato da mulher trabalhar para se sustentar com o "merecido dinheiro", manifestação da sua situação de dependência e desejos de afirmação. Procura mostrar a posição superior de quem trabalha e também a da mulher, porque esta, depois de conversar, faz com que o rei abandone a sua despreocupação e passe a trabalhar realizando aquilo que enaltecia a mulher.

5 - SAMEUL = (S) "Estava um homem passeando com seu manequim. (A) - De repente acenou para um taxi. (M) E foram passear. (E) No meio do caminho virou-se e lhe disse algo. (U) Ela não disse nada e êle, zangado, fêz-lhe uma careta. (L) De repente, ela afastou-se e êle ficou sem graça".

SAMUEL = "Do mesmo modo". (S) "Estava um homem a passear com seu manequim. (A) Quando de repente êle parou um taxi. (M) Sentaram-se abraçando-se e foram passear. (U) Êle disse-lhe algo o qual ela não gostou. (E) Mais tarde, inclinou-se para êle. (L) Logo depois, de repente, afastou-se dêle".

Fundamentalmente repetem-se as narrativas. Ê sempre um homem com um manequim, transformado súbitamente num "ela", que toma a iniciativa do abandono por não gostar do que lhe é dito. Mostra mais uma vez, a necessidade de valorizar sua própria figura, numa demonstração incontestável de superioridade, daquela que sabe se comportar, e tomar atitudes nos momentos adequados. Patenteia-se seu sentimento de inferioridade e a inveja da figura masculina, com a qual compete e tem necessidade de desvalorizar.

6 - EFGHJI = (E) "Um dia o rei pescava. (F) De repente, pescou um peixe. (G) Jogou de novo o anzol no mar. (H) Novamente teve sorte e pescou um peixe muito grande e assim, consecutivamente, até encher a sua cestinha. (J) De repente, levantou-se e apareceu um homem de dentro d'água com equipamento especial para mergulhar, o qual lhe cumprimen

tou e deu-lhe um peixe muito bonito que havia pescado nas profundezas do mar. (I) O rezinho virou-se e agradeceu, mas, o homem não se encontrava mais na superfície da água".

EFGHIJ = "Tudo de novo?!." (E) "Um dia o rei pescava. (F) De repente, pescou um peixe. (G) Depois, jogou de novo o anzol no mar à espera de que a sorte lhe sorrisse, (H) e lhe sorriu - pescou um peixe muito grande e bonito. (I) De repente, levantou-se e gritou algo para o mar. (J) Logo depois surgiu um homem vestido com equipamento especial para mergulhar, o qual lhe disse: "não quer mais peixes?" Então êle disse: "não". Aí o homem disse: "pegue mais êste, pois é uma raridade das profundezas do mar".

Faz uma ordenação quase perfeita, apenas invertendo os 2 últimos cartões para melhor adaptá-los às suas necessidades interiores, aparecendo aqui, mais ligadas a uma situação fantasiosa e quase desligada da realidade. Tôda a sua estória tem o aspecto de contos de fadas que realizam os desejos das pessoas bondosas sem esperar e sem desejar retribuições. Fica enfadada quando se lhe pede uma nova estória e a que organiza repete a primeira nas suas linhas básicas. Deixa escapar que compreendera ter o mordomo a função de fornecer peixes para o anzol do rei, fato negado ao enfatizar a raridade do novo peixe. Consequentemente, mostra tendência em falsear uma realidade que sente como penosa, povoando-a de sêres fantasiados como bondosos; com isto procura negar sua realidade interior, sentida como muito agressiva.

Síntese:- Personalidade imatura, insegura, com sentimentos de inadequação e inferioridade, vinculada á sua condição de mulher. Dificuldade de relacionamento com as figuras masculinas em geral, as quais inveja e deprecia, e com a figura paterna em particular, sentida como muito punitiva. Procura compenção através de uma afirmação no plano intelectual e no trabalho, mas isto não lhe dá a tranquilidade almejada. Não a encontrando, recorre a uma atitude de aparente passividade e docilidade, procurando com isto exercer sua necessidade de domínio, quando obriga os outros a lhe darem as coisas desejadas, ao mesmo tempo que nega o agressivo da situação, idealizando o maravilhoso que consegue receber.

História Clínica:- Está iniciando o curso Normal. Quinze dias antes da consulta, precisou fazer uma visita a uma classe especial, para deficientes mentais, parte de suas atividades escolares. Teve oportunidade de conversar com uma colega que sofre de "neurose cardíaca", sentindo-se sùbitamente mal. Desde então, não tem tido mais tranquilidade; quase não pode estudar, sentindo medo de tudo, como se estivesse sendo ameaçada continuamente. Embora vendo o absurdo da situação, não pode evitar a angústia. É a segunda filha, tendo um irmão, 3 anos mais velho, com dificuldades no relacionamento social. Nada consta de importante nos seus antecedentes pessoais. Trata-se de uma adolescente necessitando ansiosamente ajuda. Chora a todo momento, irrita-se consigo mesma, enquanto fala, pelas suposições que formula. Sente-se cada vez mais sugestionável, mais dependente dos pais, embora se revolte com a dependência e permaneça insensível às sugestões. Insegura em todos os momentos, não consegue manter uma afirmativa, variando de opi

nião, diante de qualquer objeção levantada.

Resumo do estudo psicológico (M. L. V.) outubro de 1965.

a) Nível Mental

1 - Wechsler-Bellevue: escala verbal: Q.I. = 79; escala de execução: - Q.I. = 58; escala total: Q.I. = 65. Para uma aluna de curso normal, fracassa em itens bastante fáceis, tanto no teste de informação, como no de vocabulário. Na prova de compreensão revela falhas do senso crítico. Capacidade de atenção e concentração deficientes. No sub-teste de semelhanças, por vezes, fornece respostas adequadas e em outras ocasiões, absurdas. Na escala de execução a realização foi imperfeita nos testes de organização visual, como nos de coordenação viso-motora. Nos cubos fracassa nos primeiros e acerta num mais difícil; realiza, porém, o teste através de ensaios e erros, sem planejamento; a prova de reconstruir objetos foi a pior da escala, observando-se falta de antecipação visual e de reconhecimento do que produzia.

b) Personalidade

1 - TAT:- Adolescente insegura, imatura, egocêntrica, dependente dos pais e com grande dificuldade no relacionamento com os familiares, mostrando ciúmes e inveja do irmão. Sente-se rejeitada pelos pais e reage com depressão; a figura materna é sentida como punitiva, dominadora e distante. Há sentimentos de culpa e angústia relacionados com a prática masturbatória. Demonstra preocupações com estudo e trabalho, projetando nêles seus sentimentos de inferioridade, insuficiência intelectual e necessidade de auto-afirmação.

2 - Rorschach:- A qualidade das respostas ora é boa, ora é inadequada e arbitrária, porém, sempre lenta. O pensamento é predominantemente concreto. Generaliza diante de situações simples. Seu pensamento é ainda algo estereotipado, mas denota atividade criadora. Seu tipo de vivência é introversivo. Fantasias revelando passividade, desejo de subordinar-se e tendência para a regressão. Afetividade neuróticamente reprimida, com sinais de ansiedade e prováveis perturbações na esfera sexual.

Caso nº 16

Identificação:- R. M., branco, brasileiro, masc., com 15a. 3m.

Teste da ordenação das figuras

- 1 - casa - 57 seg. - PAT Examina bem, certifica-se de que está mesmo certo.
- 2 - assalto - 61 seg. - ABCD Coloca logo na ordem adequada, mas fica muito tempo examinando.
- 3 - elevador - 21 seg. - LMNO

- 4 - namôro - 55 seg. - JNAET Colocou primeiro o cartão A, de pois, muda, colocando JN na frente.
5 - taxi - 47 seg. - MELUSA Hesita um pouco entre o 3º e o 4º.
6 - pescaria - 42 seg. - EFGHIJ

Transcrição e interpretação das estórias

- 1 - PAT = (P) "Aqui, construiu a casa, pôs as tábuas em cima da lage. (A) Depois, construiu um banco para pintar a casa, para ficar mais alto e pintar a casa por cima. (T) Aí, a casa terminou, não é?"

O tempo demasiadamente longo para esta ordenação, a necessidade de ficar examinando longo tempo, antes de dar por concluída a tarefa, já nos fazia antever sua grande insegurança confirmada posteriormente na pergunta com a qual finaliza o relato. É esta mesma insegurança que o faz começar afirmando, já no primeiro cartão, que "construiu a casa", dando a tarefa por terminada, projeção sem dúvida da sua necessidade de dar por finda a narrativa. Tanto isso é verdade que na continuação fala das tábuas sobre a lage, demonstração incontestável de que se havia apercebido de que a casa não estava ainda terminada. No 2º cartão, continua manifestando toda a sua insegurança quando abandona a objetividade da figura, da casa em construção, e prende-se ao detalhe do homem trabalhando, mas já com a atenção voltada para o cartão final, não só se referindo à pintura da casa, como também, prendendo-se ao detalhe da construção de um banco sobre o qual se deveria apoiar. Evidentemente o teste serve apenas para o examinando manifestar sua situação de insegurança, revelada não só aqui, como também, provavelmente, em todas as suas demais atividades.

- 2 - ABCD = (A) "Aqui, narra a estória de um assalto. (B) Depois, o assaltante chamou um guarda. Um assaltante não, a vítima chamou um guarda que levou preso o assaltante, (C) houve um julgamento e ele foi condenado à prisão" (D) *concluído a prisão*

Ressalte-se, em primeiro lugar, o tempo demasiadamente longo gasto pelo examinando com esta série; não com a ordenação porque esta foi muito rápida, e sim, com o minucioso exame subsequente, prova evidente de não conseguir se desprender dela, porque o afetava de alguma maneira. Na 2a. fase, quando se solicitou a narrativa, fez de imediato, logo no primeiro quadro, uma síntese da mesma: "Aqui narra a estória de um assalto", e ao passar para o segundo, comete um lapso muito significativo, do qual se dá conta imediatamente e faz a correção, mas que deixa transparecer algo surgindo dentro de si, burlando a vigilância: "depois o assaltante chamou um guarda". Evidencia-se, assim, a identificação que fez com o transgressor da lei e a necessidade de ser punido, tudo em função das culpas carregadas dentro de si. É esta mesma culpa que o faz enfatizar a necessidade de ser condenado, manifestada também através da repetição sucessiva nos dois últimos quadros "... e ele foi condenado (D) condenado à prisão".

- 3 - LMNO = (L) "É um elevador subterrâneo, toca a campainha. (M) E o elevador sobe, abre primeiro a porta e ele sobe. (N) Aparecem cabeças de gente. (O) E de dentro dêle saem dois operários e o rei que deve ter visitado uma construção".

Estória também muito descritiva das situações, mas não deixando de ter um certo toque fabulatório, que não chega a se desenvolver totalmente. A primeira manifestação surge no cartão M quando diz "êle sobe", mas não diz quem é êsse "êle", que sobe; a manifestação seguinte, só surge no último cartão, quando descrevendo os personagens, sente a necessidade de justificar a presença do rei num "elevador subterrâneo" e informa que o mesmo "deve ter visitado uma construção". A pergunta que se poderia formular seria se o "êle" refere-se ao "rei". Parece-nos que não, já que julgamos ambas as expressões traduzindo a situação emocional que vivenciá no momento de relatar a estória, sob a ação ainda da série anterior, na qual o impulso proibido esteve prestes a se manifestar após, quase burlar a vigilância de sua censura. Foi a situação vivenciada como a de um estado de equilíbrio, equilíbrio ameaçado, como algo pronto a se romper. A necessidade de reconstruir o equilíbrio anterior (construção), sob as ordens do seu superego (rei), afim de evitar as manifestações dos seus impulsos instintivos agressivos ("êle"), manifestou-se nesta série, favorecida que foi pela possibilidade de identificação do rei, como imagem parental introjetada.

4 - JNAET = (J) "O reizinho estava passeando de automóvel na cidade. (N) Quando viu alguma coisa e mandou parar o carro. (A) Era uma lavadeira que estava com uma trouxa de roupa, tinha visto uma lavadeira com uma trouxa de roupa. (E) Então, êle saiu do automóvel e mandou ela esperar um pouco. (T) E êle pegou a trouxa da moça e ajudou a levar".

JANET = (J) "Aí, primeiro êle estaria passeando pela cidade. (A) Teria visto a moça primeiro. (N) E depois, mandado parar. (E) Aí, êle sairia. (T) E ajudaria a moça".

Ambas as estórias são simples, muito descritivas e em ambas é negada a situação de namôro. A estória é transformada na ajuda que o rei presta a uma lavadeira, carregando-lhe a trouxa de roupa. Se, na primeira versão usa maior número de palavras, estas não acrescentam muito ao conteúdo, porque parecem mais ligadas à necessidade de dar ênfase às ações, inclusive através da repetição. Mas deve-se atentar para o fato de ser a primeira narrada no tempo passado, enquanto a segunda está no futuro condicional. É como se nos dissesse que essa seria a estória se essa fosse a ordenação; mostra-nos com isso rejeitar a ordenação proposta, preferindo a organizada por êle. Êste é mais um traço da sua personalidade, do seu modo de auto-afirmar-se, feito através de uma aparente aceitação daquilo que se lhe mostra. Na realidade, não entra em luta para impor seu desejo ou sua oposição mantendo-a, porém, irredutível dentro de si, a despeito de aparentemente aceitar a opinião dos outros.

5 - MELUSA = (M) "Bem, era um Sr. que estava... parece que namorando uma moça dentro do automóvel. (E) Depois avista uma coisa para trás. (L) Agora aqui... Bem, aqui parece que êle está bronqueando com a moça. (U) E abraça novamente. (S) Até que êle avista na rua um senhor, trazendo um manequim. (A) E acena para um automóvel, para dar uma carona".

SAMUEL = (S) "Bom, aqui tem um carregador de manequim passeando. (A) Acena depois para um automóvel para dar carona. (M) E senta atrás do automóvel com o manequim. (U) Depois, êle avista uma senhora, pass

mente, opondo-se ao que lhe parece mais adequado.

História Clínica: - Desde a primeira infância demonstrou ser criança tímida, insegura, com dificuldade para dormir; aos 3 anos foi submetido a ludoterapia durante alguns meses, sem maior aproveitamento. Quando nos procurou estava em vésperas de completar 13 anos e cursava ainda o 5º ano primário. Diferenciava-se dos outros meninos da escola pela insegurança, conversando e brincando pouco. Procura sempre crianças menores para atividades infantis. É muito cordato, não questiona com ninguém, deseja ser amigo de todos, mas está sempre sozinho, mesmo em casa, fechando-se no quarto para ler ou ficando na sala para assistir a programas de televisão; quando brinca o faz com a irmã, que é 8 anos mais nova do que ele. É o segundo filho de uma série de quatro, sendo os 3 primeiros do sexo masculino e a última do sexo feminino; tem 4 anos menos que o mais velho e dois mais que o terceiro filho. Nada digno de nota nas condições de gestação, parto, passado mórbido pessoal ou familiar. No contato direto mostra-se extremamente dócil, inseguro, ansioso, necessitando agradar para receber aprovação, respondendo - mais de acordo com o que acha se deva esperar de um "bom menino", do que em função de suas necessidades e impulsos. É lento nas respostas, nas associações, nos movimentos, mas não mostra deficiência de nível intelectual.

Resumo do estudo psicológico (L.N.) Novembro de 1963.

a) Nível Intelectual

1 - Raven: - Inferior ao termo emédio em prova que apresenta trabalho pouco homogêneo.

2 - Terman-Merrill (forma L) - Q. I. = 92 em prova que apresenta grande dispersão.

b) Personalidade

1 - Machover: - Desenhos de aspecto primitivo, pouco harmoniosos, revelando personalidade imatura, dependente e com deficiente contato para com o mundo exterior. Visão imprecisa da realidade. Impulsos agressivos, orais. Dificuldades de identificação sexual.

2 - Rorschach: - Personalidade extremamente insegura, ansiosa, com conflitos internos consequentes à repressão dos impulsos agressivos. Nível intelectual normal, mas o pensamento é impreciso, perseverante. Repressão da vida imaginativa. Afetividade lábil, impulsiva, egocêntrica. Sugestionável, sensível aos estímulos externos, teme manifestar seus afetos.

Caso nº 17

Identificação: - F.C., branco, brasileiro, masc., com 8a. 5m.

sando na rua. (E) Êle então gostou de vê-la e viu que ela não deu bola. (L) E afastou o manequim dos braços dêle".

As duas narrativas têm diferenças fundamentais. A estória relatada com a organização que deu aos cartões mostra negar serem sempre os mesmos personagens; começa com uma cena de namôro dentro de um carro, com abraços e "bronqueando", depois de ter visto "uma coisa para trás", mas que não diz o que era. Termina com a visualização de um homem carregando o manequim. Com a ordenação correta, a estória toma forma mais adequada, mas fantasia-se a presença na rua de uma senhora; a não correspondência desta aos desejos do personagem, leva-o a afastar o manequim dos seus braços. Patenteia-se, assim, haver percebido a situação de namôro com o manequim, mas omitira o fato; mais ainda, relaciona a não correspondência da senhora a esta situação, o que o levou a desfazê-la. A ordenação foi, portanto, alterada, para possibilitar ao examinando a realização de um desejo, o de afirmar-se através de uma ligação heterossexual; a ordenação correta impedia essa realização, porque se achava vinculada a uma situação anômala, impossível. Tudo se passa como se a senhora, na rua, não tivesse correspondido, por se aperceber dessa ligação. Se admitirmos que, simbolicamente o manequim representa a mãe, e o carro sua própria vida, ambas as estórias se tornam coerentes e passam a ser muito significativas; a inicial, como a realização do desejo de estar liberto das suas ligações incestuosas, seguindo sua própria vida, podendo ver unidos os pais e seguindo outra direção. A preconizada, traduzindo sua situação atual, da qual deseja se libertar; é a situação de não poder seguir seu caminho, de se sentir prêsso ainda à mãe, impossibilitado de transferir seu amor para outra mulher.

6 - EFGHIJ = (E) "Aqui, o reizinho foi a uma pescaria. (F) Conseguiu fisingar um peixe. (G) E pôs o peixinho na cesta e jogou a corda novamente no mar. (H) Depois pescou outro maior. (I) E após ter pescado vários, gritou em direção ao mar. (J) E do mar sai um escafandrista da côrte segurando um peixe".

A estória é descrita em termos precisos, coerente, mas se negando estabelecer outra relação entre o mordomo e o rei, que não fôssem se ser o escafandrista pessoa pertencente à côrte. Bastaria ter dito que era o mordomo quem colocava os peixes no anzol, para que tudo estivesse perfeito. Mas esta relação não pôde admitir porque estando identificado com o pescador, a situação de dependência e insuficiência lhe seria penosa. Nos seus processos de auto-afirmação isto deve ser negado e o contrário enfatizado, como realmente o faz no cartão I, quando admite haver pescado vários peixes ao invés dos dois representados nos cartões.

Síntese:- Adolescente em processo de auto-afirmação, no qual encontra dificuldades, principalmente devidas às ligações de dependência com a figura materna, configurando-se situação de imaturidade no seu desenvolvimento psicosexual. Mostra temer seus impulsos agressivos sentidos como proibidos por um superego severo e construído em função de uma imagem parental muito austera e vigilante, causando medo, culpa e insegurança. Não podendo se afirmar pela projeção no exterior dos seus impulsos agressivos, adota posição de aparente docilidade e fácil aceitação, mas se afirma interior

Teste da ordenação das figuras

- 1 - casa - 14 seg. - PAT
- 2 - assalto - 22 seg. - ABCD Comentário: Acho que é assim.
- 3 - elevador - 13 seg. - LMNO
- 4 - namôro - 34 seg. - AENJT Comentário: Acho que é assim, não é ?
Agora vai.
- 5 - taxi - 55 seg. - SAEMLU Comentário: Essa está difícil. Vou deixar assim. Não sei se está certo.
Tem 4 figuras iguais.
- 6 - pescaria - 55 seg. - EGIFHJ Comentário: Acho que também é assim.
Troca 4º com 5º.

Transcrição e interpretação das estórias

- 1 - PAT = (P) "Aqui, êle estava construindo uma casa. (A) Aqui, já estava quase pronta. (T) Aqui, já estava quase pronta e estava pintando de preto. Não! ... só pintando. Disse que era só pintando porque eu não gosto dessa côr preta para casa".

Relata uma estória quase puramente descritiva das situações, tentando sintetizá-las em poucas palavras e sem se deter, portanto, nos detalhes. Mas, coisa curiosa, a medida que avança na estória, mostra-se cauteloso. Da afirmação inicial "estava construindo uma casa", passa a repetir "quase pronta" para terminar num "pintando de preto", que em seguida é negado sob a alegação de "não gosto da côr preta". Não entraremos em maiores considerações sôbre o significado da côr preta; mas queremos destacar um aspecto particular mostrando bem a projeção do examinando: não está pintando de preto, porque "eu não gosto dessa côr preta". Isto significa, portanto, que não importam os estímulos objetivos da realidade, importam as reações afetivas que êsses estímulos são capazes de desencadear, e a realidade interior fica dependente dessas reações afetivas: a casa não mais estava sendo pintada de preto, apenas estava sendo pintada.

Novamente aqui se configura a situação de não termos maiores possibilidades de penetração no mundo de fantasias do examinando, mas, nos é permitido perceber como se projeta nos outros facilmente e como usa a negação de aspectos da realidade exterior para se defender das tensões interiores determinadas por essa realidade.

- 2 - ABCD = (A) "Essa aqui é que tinha um ladrão pegando a carteira de um homem, assaltou o homem e ia pegar a carteira. O homem gritou. (B) O guarda escutou, veio e prendeu o ladrão. (C) O ladrão foi ser julgado, denunciaram êle como culpado (D) e êle foi para a cadeia".

Na primeira fase teve dúvidas quanto à correção da sua ordenação, precisando reafirmar-se. Quando se pede a narrativa, esta é feita de maneira adequada quanto à relação crime-castigo. Começa afirmando que o ladrão "estava pegando", para depois corrigir, talvez com intuito de amenizar ou negar a situação delinqüencial, que "ia pegar". Porque o homem gritou é que veio o guarda e prendeu o ladrão e depois "o denunciaram como culpado". Tudo leva a crer que, em função dos seus sentimentos de culpa, identificou-se, penalizado, com o transgressor, e lutou quanto pôde para di

minuir-lhe a culpa, quase chegando a transformar a vítima e a polícia em culpados, pelo fato de estar sofrendo as penas impostas. Denota-se assim, uma certa tendência a projetar nos outros seu superego acusador, passando a se defender d'ele num conflito, não mais interior, com o conseqüente sentimento de culpa, e sim com os objetos do meio que o culpariam e dos quais se defenderia como um injustiçado e, portanto, sem a sensação de culpa.

3 - LMNO = (L) "Essa aqui é que eles estavam saindo de um porão. (M) A porta lá de baixo estava abrindo. (N) Daí subiram num tipo de elevador. (O) Eles estavam tirando o reizinho de dentro".

Comentário: "Não sei como é essa estória direito". "Então tive que falar isso".

O aspecto quase deduzido da estória anterior, transpore agora nitidamente, embora simbolizado. Percebe-se que além de ordenar adequadamente a estória, ela é essencialmente descritiva até o seu final, quando acrescenta um detalhe e um comentário, ambos muito esclarecedores. O detalhe, "estavam tirando o reizinho de dentro", está totalmente desconectado do sentido dos desenhos e é a tradução da sua percepção de que ele próprio tira parte de si, de instâncias inferiores, profundas e as trás à superfície. É a exteriorização com projeção do seu superego, sob a forma de rei-pai, desde as camadas inconscientes (porão). O comentário final é realmente esclarecedor: mostra-nos não ser capaz de elaborar conscientemente uma estória, não sabendo o que dizer; mas o que declarou foi sob a ação de forças estranhas à sua vontade, que imperiosamente determinadas levaram-no a afirmar: "tive que falar isso". Revela-nos assim, que quando motivado por seus conflitos, ou por impulsos instintivos, não tem muitos recursos de defesa, passando a atuar sob a ação dos mesmos, sem a possibilidade de qualquer interferência volitiva.

4 - AENJT = "Essa aí deixe eu ver"... (A) "Era uma baiana carregando roupa dela na cabeça. (Quis fazer uma mudança) (E) Daí o reizinho falou que queria ajudar ela, descendo do carro e (T) carregou a roupa na cabeça, para ela. (N) Depois ele foi embora, ficou um pouco olhando para ela. (J) Foi embora". (Contou a estória de outra maneira. Pedi que contasse como imaginou na primeira vez).

AENJT = "Mas está errado!" (A) "Tinha uma baiana. (E) Ele desceu para falar se queria ajuda. Ela falou que não precisava. (N) Aí ele foi embora. (J) Indo embora... são iguais. (T) Viu outra e perguntou se podia ajudar e ela falou que sim".

JNAET = (Muda para esta ordem, espontaneamente). (J) "Estava andando de carro. (N) De repente, olhou para trás viu uma baiana. (A) baiana. (E) Mandou parar o carro e perguntou se queria que levasse a roupa. Ela disse que sim (T) e ele está levando a roupa".

JANET = (J) "Ele estava andando de carro. (A) Tinha uma baiana andando na rua, com uma trouxa na cabeça. (N) Ele olhou, mandou o chofer parar - perguntou se queria que ajudasse. (E) Ela falou que sim. (T) Ele está ajudando a levar para a lavanderia".

(Queixa-se de cansaço).

Formula no conjunto, quatro estórias, sendo as duas

últimas, apesar da ordenação diferente, praticamente iguais. Quando lhe é pedida a estória com os cartões na ordem que estabelecera, durante o relato altera a seqüência. Quando constrangido a seguir a ordem estabelecida, protesta, mas narra estória diferente; depois, espontaneamente, faz nova ordenação e refere estória igual à relatada quando os cartões estavam na ordem preconizada. Com isto, somos levados a conclusão de que se apercebera do sentido da estória original e, tentando fugir pela ordenação diferente; ao ser convidado a expor, tentou fugir para nova ordenação, com mudança do sentido da estória. Concluímos pois, que se apercebeu do sentido de namôro da estória, pretendeu negar não verbalizando a situação, contestou e procurou transformar na estória do auxílio que um personagem presta a outro. Esse amparo é reforçado na ordenação que escolhera porque faz com que o rei tenha realmente uma constante necessidade de ajudar os outros e não de namorá-los. Mas, como esta situação estava ainda presente dentro de si, angustiou-se quando lhe pedimos o relato e pretendeu reforçar a negação através de uma nova ordenação, na qual continua presente a ajuda, mas finaliza a narrativa com uma despedida, como se precisasse mostrar que depois do auxílio nada aconteceu, já que o rei foi embora. Não mostra quais são, mas deixa transparecer claramente fantasias com relação a atividade amorosa sentida como proibida e que deve se manter ignorada. Não se pode ignorar o fato de ter iniciado a ordenação com a figura feminina, elemento significativo do valor que tem para si, e revelador da existência de prováveis distúrbios no processo de identificação.

5 - SAEMLU = "É o mais difícil". (S) "Era um homem que tinha feito uma moldura, (A) Daí, êle ficou cansado de carregar ela e mandou vir o chofer, fêz sinal para o taxi, o taxi veio. (E) Daí, êle olhou para trás e estava fingindo que era mulher dêle. (M) Êle olhou para frente e falou com ela. (L) Depois, êle botou ela mais para longe dêle e falou alto com ela. (U) Depois, êle pegou ela de novo, abraçou e olhou para trás".

SAMUEL = (S) "Estava com a moldura, ficou cansado, (A) chamou o taxi, (M) entrou no carro e estava abraçado, (U) olhou um pouco para trás, (E) no outro quadrinho também estava mais alegre, (L) no outro, olhou para ela, botou mais longe e falou mais alto com ela".

Fundamentalmente é a mesma estória nas duas ordenações, apenas a alteração estabelecida está mais concorde com as suas necessidades interiores. Após chamar o manequim de "moldura", talvez por deficiência de vocabulário, relata estória amorosa de um casal, fingidamente marido e mulher, que se reconciliam depois de uma discussão. A ordenação escolhida permitia êste final, mais satisfatório do que o preconizado, porque êste terminava com a separação. É provável que a satisfação seja proveniente da possibilidade encontrada de, reconciliando o casal, negar a existência em si do desejo de separá-los, identificados que seriam com os próprios pais. Mas é possível, também, que num plano mais profundo, fingir que eram casados, esteja ligado à realização na fantasia, de desejos incestuosos, identificado êle mesmo ambivalentemente com um dos personagens.

6 - EGIFHJ = (E) "Aqui, o reizinho estava pescando, (G) pescou um peixe. (I) No outro, já tinha pescado o segundo, gritado para a água. (F) Depois, pescou o terceiro (H) depois, o quarto (J) depois, êle saiu, tinha

um homem com capacete na água que estava trazendo um peixe. Era o empregado d'ele, que punha no anzol".

EFGHIJ = (E) "Agora está certinho, eu acho. Ele estava pescando. (F) Daí pescou o primeiro. (G) Daí ficou um tempinho com a vara na água. (H) Depois pescou outro peixe, o segundo. (I) Daí ele gritou e foi embora. (J) Daí apareceu o homem com capacete, que era o empregado d'ele, com roupa submarina, e ia dar o peixe para o reizinho, mas o reizinho já estava indo embora".

(Pergunta: "E o que mais tem para fazer?". (Fala rapidamente).

Capta muito bem o sentido da pescaria e o fato da colação do peixe no anzol por parte do mordomo. Ao ordenar, porém escolhe uma seqüência que melhor lhe permite satisfazer necessidades interiores, quais sejam a de uma grande pescaria, que se faz de modo continuado, sem interrupção, mostrando assim sua grande voracidade. A ordenação preconizada, mostra outro aspecto da sua personalidade, qual seja, a impossibilidade de aguardar a realização das suas necessidades, abandonando, desistindo, quando frustrado no seu desejo de satisfação imediata.

Síntese: - Sinais de imaturidade, traduzida por incapacidade de sofrer frustrações, aliada a uma grande voracidade. Tem medo dos seus impulsos instintivos, necessitando reprimi-los, porque quando desencadeados, sente-se incapacitado para controlá-los. É atingido muito intensamente pelos estímulos afetivos e, nestas condições, para se defender, nega a realidade. Diante dos sentimentos de culpa que suas fantasias lhe acarretam, projeta sua instância censora para o exterior, e se defende das acusações, inocentando-se e sentindo-se injustiçado. Tem dificuldades na identificação sexual, acarretadas pela solução imposta a um problema edipiano parcialmente resolvido.

História Clínica: - É trazido à consulta por ter apresentado súbitamente, no colégio, durante a aula de religião uma crise descrita como convulsiva, sem queda, com palidez, sialorreia e tontura, permanecendo por longos momentos em estado de confusão mental. Dez meses antes havia apresentado, sem causa aparente, perda da fala por alguns momentos. Com um ano de idade ficou assustado ao ouvir a canção "Parabéns a Você" e desde então não pode permanecer em festas, necessitando sair antes de ouvi-la. No dia da crise, as crianças ensaiavam em aula, precisamente essa canção. Não gosta de ir à escola, porém, vai, e é aluno responsável. No recreio não reage às provocações dos colegas pelo receio de ser chamado na Diretoria. No lar é capaz de reagir às provocações dos outros meninos, mesmo que maiores. Teme a autoridade, de qualquer espécie. Sempre apresentou terror noturno, fala, grita, e se levanta à noite. É o segundo filho de uma série de 3; irmã dois anos mais velha e irmão dois anos mais jovem. Problema de rivalidade com a irmã, ótima aluna, e ciúmes do irmão, ao qual agride. Já, durante a gravidez do irmão menor dizia à mãe: "o nenê não vai nascer" ou "ele vai morrer"; - após o nascimento ignorou-o durante muito tempo. Nasceu de parto normal, a termo, nada havendo digno de nota no seu desenvolvimento psicomotor. É criança insegura e ansiosa, conseguindo fornecer dados espontaneamente. - Mostrando-se consciente do seu estado atual, sabe que o que teve é uma doença, para a qual necessita e quer tratamento. Periódicamente é acometido de cefaléias com tonturas e escurecimento da vista concomitantes. Tem bom ní

vel intelectual e boa capacidade de observação e síntese.

Exame eletroencefalográfico: - Apesar dos reiterados pedidos, os pais, temerosos do resultado, negam-se a fazê-lo, afirmando: "Dr! O Sr. sabe o que o meu filho tem, trate dêle por favor, mas sem o exame; o Sr. já sabe o que vai dar! "

Resumo do estudo psicológico (L.N.) outubro de 1965

a) Nível Mental

1 - Raven (forma infantil): superior ao termo médio.

2 - Wisc: Q.I. verbal: 120; Q.I. execução: 103; Q.I. global: 113. Na escala verbal: alta pontuação em vocabulário, e baixo, embora dentro da média, em informação. Na escala de execução obtém resultado médio nos cubos de Kohs e demais provas de organização viso-motoras, mas a análise qualitativa mostra certa dificuldade na orientação e organização espacial. O resultado é pouco satisfatório nas figuras incompletas e na ordenação de figuras, o que mostra inadaptação em julgar situações sociais.

b) Personalidade

1 - Rorschach: - Sensível aos estímulos externos, usa a intelectualização para combater a angústia. Tipo de vivência introversivo. Fuga na fantasia, encontrando satisfação para os seus problemas e dificuldades. Alto nível intelectual, com adaptação às normas sociais; originalidade do pensamento e capacidade criadora. O conteúdo das respostas é infantil e ligado a angústia fóbica. O ajustamento social não é conseguido de modo satisfatório, devido ao contato afetivo pobre e à tendência introversiva.

2 - CAT: - Insegurança, angústia, depressão, fugindo das dificuldades e renunciando à necessidade de independência, quer diante do mundo exterior, quer diante de seus próprios impulsos. Figura paterna sentida como protetora, recorrendo à formação de sintomas para chamar atenção e para agredí-lo ao se sentir rejeitado. Angústia diante das fantasias agressivas para com a mãe e das fantasias de relações entre os pais. Fantasias de castração.

3 - Machover: - Figura feminina grande, ^{dominadora} e masculina pequena; falta de auto-estima, sentimentos de inferioridade e dificuldade na aceitação do próprio sexo.

Caso nº 18

Identificação: - F.S., branca, brasileira, fem., com 9a. 2m.

Teste da ordenação das figuras

- 1 - casa - 75 seg. - TPA Acho que não é... (TAP). Acho que é assim.
- 2 - assalto - 80 seg. - ABCD
- 3 - elevador - 25 seg. - NMLO
- 4 - namôro - 40 seg. - ATNJE (a mesma da entrega, só olha e diz pronto)
- 5 - taxi - 63 seg. - EMLASU
- 6 - pescaria - 55 seg. - IEHGFJ

Transcrição e interpretação das estórias

- 1 - TPA = (T) "Este daqui estava pintando a casa, (P) estava cortando a lenha, (A) e, depois, fêz uma casa".

PAT = "Não sei, não consigo pensar em estória nenhuma... Acho que não sei mesmo..."

Já por ocasião da ordenação mostrou dificuldade, organizando os cartões de maneira inversa (TAP), modificando-os, em seguida, para TPA. Com esta ordenação não consegue realmente formular uma estória, apenas descreve cada cartão isoladamente, tendo cada um deles sentido próprio, mas não há seqüência narrativa e, ainda mais, estando representada apenas a ação desempenhada pelo personagem, sem utilização da maioria dos pormenores. Mostrou-se assim, incapaz de formular uma estória, mesmo quando estimulado e com os cartões na disposição esperada, não pôde repetir sequer o que dissera inicialmente. Tudo revela uma enorme dificuldade de na elaboração dos estímulos, motivada por fatores de ordem emocional, mais do que intelectual. Haja visto o comentário com o qual se justifica. Talvez existam elementos na estória que a angustiam reativando conflitos, ou talvez, o pedido de nova estória, com a outra ordenação, tivesse orientado sua insegurança, dando-lhe a sensação de não ser aceita pelo examinando.

- 2 - ABCD = (A) "Um homem estava querendo matar um menino (B) depois... o menino ficou todo machucado (ladrão=menino) (C) depois, êle foi para a escola (D) e o que queria matar êle, foi para a cadeia".

Foi a única série na qual fêz a ordenação preconizada e, paradoxalmente, inverteu tôda a situação na narrativa. Faz do ladrão, um menino vítima da agressividade de um adulto (o assaltado), mas que, sendo bom, mesmo ferido cumpre com as suas obrigações indo para a escola, enquanto o agressor é punido. Existe a percepção da situação crime-castigo e deve ter existido desde o início, já por ocasião da ordenação. Portanto, as inversões que comete, não nos parecem ser devidas à não compreensão. Para rece-nos, isso sim, a tradução da sua angústia com o relato da série anterior, quando deve ter sentido ameaça no pedido do examinador de nova estória e, ainda mais, pressionada pelas fantasias interiores que a impossibilitavam. O relato feito torna-se mais compreensível quando a consideramos identificada com a criança, que também é boa, cumpridora de seus deveres e nos sente como o adulto que a pressiona, fere e necessita ser punido. Para fornecer êstes elementos, precisou ignorar uma série de pormenores existentes nos desenhos, o que lhe permitiu fabulizar em tôrno das suas fantasias, para tranquilizar sua angústia. Deve ser o que faz em todos os momentos

de maior tensão emocional; ignora particularidades, altera situações, interpreta como convém às suas necessidades, mesmo que com isto sacrifique a sua verdadeira compreensão da realidade. É criança que deixa a impressão de estar em permanente situação culposa, temendo sensações determinadas por um superego austero e diante do qual procura sempre se inocentar.

3 - NMLO = (N) "Êsses dois moços estavam dentro de um carro (M) depois, êle subiu num lugar, (L) êle desceu do lugar outra vez, (O) e foi para o carro, novamente".

LMNO = (L) "Êle estava no porão, (M) depois desceu do porão e (N) foi para o carro (O) e daí chegou um homem, perguntou onde estava o porão, e êles não sabiam mais onde era, e o homem foi embora".

Em ambas as estórias, praticamente a mesma situação de subidas e descidas, não reconhece o elevador, confundindo-o com um carro. Na inicial, ignora a existência do rei, referindo-se apenas aos dois homens. Na narrativa que se segue à ordenação preconizada faz referência à figura do rei como um homem que chega, pergunta e vai embora. A estória agora se centraliza em torno de um porão, no qual se situam inicialmente, mas que depois ignoram onde esteja. Tudo parece muito confuso, sem demonstrar um sentido lógico. No entanto, se tentarmos uma interpretação baseada no conteúdo simbólico, quando consideramos o rei como seu superego, os dois homens como seu ego, e o porão como sua parte inconsciente ou, o id, podemos compreender que tem necessidade de ignorar seu superego, sentido como censor austero (primeira estória); ou, afastá-lo, dizendo-lhe ignorar onde estão suas forças instintivas proibidas, numa tentativa de resolver o conflito id-superego, já estabelecido e reativado na estória anterior. Muito provavelmente, na primeira estória, o sair do carro e poder retornar a êle, tem o sentido da realização do desejo de reencetar o desenvolvimento - após a resolução do conflito. Entretanto, mister se faz verificar que resolve o conflito ignorando ou afastando o superego, orientando-se nessas circunstâncias, pelo princípio do prazer, o que provavelmente terminará por lhe acarretar sentimentos de culpa.

4 - ATNJE = (A) "Uma moça estava vendendo uma trouxa de toalhas; (T) depois, chegou uma moça que queria comprar toalhas, (N-J) êles tinham corrido atrás da moça, (E) e a moça vendeu as toalhas pra êles".

JANET = (J) Êles estavam correndo e (A) depois, achou a moça; (N) correu atrás dêles, (E) e a moça estava correndo atrás dêles. (T) êste moço comprou tôda a trouxa dela.

Formula inicialmente uma estória descritiva, com a imagem feminina colocada em primeiro plano, e que é vista como vendedora de toalhas. Acrescenta outra figura feminina, vista na figura do rei, desejo sa de comprar as toalhas, finalmente vendidas aos elementos masculinos que a perseguiam. Parece, assim, que a venda das toalhas simboliza a entrega sexual após um período de relutância, quando, ambivalentemente, se debate entre os impulsos homo e heterossexuais. Na estória seguinte, não existe a ambivalência, há uma definição heterossexual desde o início, e a figura real já não é mais vista como mulher e sim, como o vitorioso comprador. Note-se, entretanto, que a mulher deixa de ser a perseguida e é a perseguidora, -

que só se aquieta quando consegue vender suas toalhas. A mudança na ordenação traduz, conseqüentemente a tentativa de negar êste aspecto, a necessidade de satisfazer seus desejos sexuais. Mais do que isso, mostra que a negação se faz com regressão a um estado de dependência, quando então, aproximando-se da mãe, é possuída de desejos homossexuais que também necessita afastar e negar. Está vivendo, pois, o momento crítico da aceitação da sua sexualidade, e o faz de forma conflitiva. Aproxima-se da heterossexualidade, mas não pode fazer a necessária identificação com a figura materna, devido às fantasias homossexuais de que é possuída quando tenta realizá-la.

5 - EMLASU = (E) "Êsse moço falou (M) pra essa moça, (L) que êsses dois (aponta A) queriam uma carona; (S) deu a carona (U) e voltou pra casa".

SAMUEL = (S) "Êle estava correndo, (A) achou o taxi, (M) ela foi embora pra casa dêle porque o taxi já tinha dado a carona; (U) depois... êle falou pra essa moça que o taxi tinha levado para lugar errado, (E) chamou outro taxi, (L) e foi para a casa dêle".

Não se apercebe em momento algum de que são apenas dois os personagens, criando outros dois que desfrutam de uma situação, enquanto os dois primeiros, depois de praticada a ação de auxílio, podem retornar à casa. Muito embora as ações descritas estejam às vezes desligadas dos desenhos, a estória tem aspecto coerente, o que não acontece com a segunda, que é confusa. Nesta, há uma interrupção, após a qual se desencadeia a ação atingindo um final sem maior relação com os antecedentes da estória. Mostra, através de uma ação atribuída ao taxi, de levá-lo para "um lugar errado", que deve ter sentido a sua narrativa dirigindo-se para uma situação que não podia abordar, e da qual se desvia tomando "outro taxi." Essa situação se encontra na própria estória; ao dizer "ela foi embora pra casa dêle", deve ter se dado conta de que entrava num caminho difícil, angustiante, porque ligado ao aspecto sexual, talvez do casamento, da conjunção carnal.

6 - IEHGFJ = (I) "Êles estavam na lancha, (E) pegou a vara dêle de pescar, (H) depois pescou um peixe e pôs dentro da bacia, (G) tentou pegar outro e (F) pegou êste outro, (J) depois... êle achou êsse homem na água e pôs êle dentro da lancha".

EFGHIJ = (E) "Êle estava tentando pescar um peixe, (F) pescou um peixe pequeno, (G) tentou de novo, (H) pegou outro, (I) estava, depois, dentro da lancha, (J) e encontrou êste homem".

Depois de referir uma estória de pescaria, seguindo uma ordenação que desrespeita os elementos gráficos que permitem fazê-la adequadamente, depara-se com uma situação que lhe causa ansiedade, dúvida, soluciona fazendo com que o homem encontrado n'água vá no mesmo barco. Esta ação não se repete na estória seguinte, quando apenas constata o encontro depois da pescaria. Deixa de existir a reticência, tradução do seu estado de tensão. A simbologia sexual da vara, da água e dos movimentos repetitivos, nos colocam diante da representação do coito com a conseqüente gravidez materna. De uma aparente aceitação inicial dos irmãos, passa, no segundo relato, para uma constatação apenas, tradução do seu desejo de não os aceitar.

Síntese:- Sempre que sob a ação de estímulos emocionais, prejudica acentua

damente o trabalho intelectual, com dano de todo o processo de elaboração. Teve grande sentimento de culpa, seja devido às fantasias com relação à atividade sexual dos pais e rejeição agressiva dos irmãos, seja pela necessidade imperiosa de satisfazer seus impulsos, quando reprime ou projeta para o exterior sua instância censora. Apresenta dificuldade de identificação com a figura materna pela existência de fantasias homossexuais, o que lhe acarreta ambivalência quanto à sua diferenciação sexual. Parece tender para a resolução do conflito no sentido da heterossexualidade.

História Clínica: - Trazida à consulta pela dificuldade de adaptação à escola, onde não queria permanecer, nada aprendendo. Constatou-se dificuldade visual corrigida com uso de óculos conseguindo melhor adaptação ao curso pré-primário. Promovida ao 1º ano, não conseguiu acompanhar a classe, voltando ao pré-primário de outro colégio, onde continuou o curso, estando agora, no 2º ano. Incapaz de estudar sozinha, não faz as lições, agarra-se à mãe e, na presença desta, infantiliza-se, grita e choraminga. O regime de semi-internato sanou o problema das lições de casa, porém, agravaram-se os demais, principalmente a dependência materna. Passa bem na ausência da mãe, mesmo quando esta viaja; porém, quando em sua presença tudo se modifica, tornando-se um bebê. Nascida a termo, parto normal, desenvolvimento psicossomático sem alteração visível. Moléstias da infância com evolução normal. É a última filha de uma série de três, sendo de 3 anos, aproximadamente as diferenças de idades; apenas o primogênito é do sexo masculino. O contato direto é fácil, embora ansioso. A fala é infantilizada e o andar saltitante. Empalidece quando em situação de tensão. O pai já apresentou um "desmaio", mas a paciente tem um EEG sem anormalidades.

Resumo do estudo psicológico (M. L. V.) fevereiro de 1966

a) Nível Intelectual

1 - Wisc: - Q.I. verbal: 77; Q.I. execução: 82; Q.I. global 77. Conhecimentos gerais, informação, capacidade de julgamento e abstração pobres, com dificuldade de concentração. É lenta na realização, mas nos Cubos obtém um alto rendimento, mesmo acima da média. Parece ser devido à ansiedade o baixo rendimento intelectual.

b) Personalidade

1 - CAT: - Insegura do afeto dos pais, procura apoio e sente como abandonado qualquer separação. Seus sentimentos são ambivalentes. Preocupações de natureza orais. Rivalidade com irmãos.

2 - Rorschach: - Pensamento pobre, estereotipado, tendendo à arbitrariedade. A capacidade imaginativa é escassa. Problemas emocionais empobrecem sua inteligência. A criança é insegura, ansiosa, temendo as situações novas. Sua afetividade ainda lábil e egocêntrica. Não evidencia, ainda, tendências adaptativas. Incapaz de lidar com suas emoções, reprime-as.

Caso nº 19

Identificação: - S. M., branco, brasileiro, masc., com 8a. 5m.

Teste da ordenação das figuras

- 1 - casa - 30 seg. - PAT
- 2 - assalto - 65 seg. - ABCD Comentário: Não sei o que é isto (aponta C).
- 3 - elevador - 45 seg. - LMNO
- 4 - namôro - 75 seg. - JNAET
- 5 - taxi - 139 seg. - SAUELM
- 6 - pescaria - 152 seg. - EFGHIJ

Transcrição e interpretação das estórias

- 1 - PAT = (P) "Ele leva as madeiras para (A) construir a casa para morar. (T) Mais tarde, êle pintou e pôs o jardim".

Fabuliza em tórno de alguém que constrói sua própria moradia, acrescentando elementos inexistentes nos desenhos: jardim. Mostra continuidade da ação na passagem do primeiro para o segundo quadro, - mas necessita fazer um distanciamento temporal para a finalização da estória no último quadro. É descritivo das ações praticadas pelo herói, mas não se atem às minúcias. Parece projetar-se na figura do herói, identificando-se com êle e, como êle, desejando construir, num plano mais superficial, sua própria casa, seu lar e, num plano mais profundo, sua própria personalidade, indícios do encaminhamento para uma adequada resolução do conflito edipiano: renúncia atual da mãe, com desejo projetado no futuro, de nêle vir a encontrar a substituta.

- 2- ABCD = (A) "Mãos ao alto! passa o dinheiro para cá! Aí êle telefonou para a polícia, (B) a polícia veio buscar o bandido, (C) trouxe para o julgamento. O juiz achou que êle devia ir prêso. (D) Êle foi prêso e lá dentro só tinha uma cadeira pra êle sentar e mais nada".

Enquanto relata a estória dramatiza com gestos e palavras imitando o assalto. Nega que o assalto se tenha consumado, fabulizando em tórno do herói que quase onipotentemente, não se deixa assaltar, prende o ladrão e chama a polícia, deixando a esta apenas a ação de conduzí-lo a julgamento. A cena final, na aparência apenas descritiva, mostra a necessidade de aumentar o castigo, enfatizando nada mais haver do que uma simples cadeira para sentar. Demonstra pois, de maneira muito clara o intenso policiamento que exerce sôbre seus impulsos instintivos, procurando impedir-lhe as manifestações, para, assim, escapar de um superego vigilante e punitivo.

- 3 - LMNO = (L) "O que é isto? Ah! um elevador!... O rei tocou o elevador, (M) aí começou a sair o elevador, (N) depois começou a sair, até a cara, êle entrou, (O) e desceu com os homens para entrar no castelo".

Embora não estando presente em todos os desenhos, o rei é a figura fundamental da estória desde o primeiro quadro, quando toca, quando entra e quando desce pelo elevador e, finalmente, quando entra

no castelo após sair do mesmo. Esta constante presença do rei, mesmo quando não aparente, confirma a impressão deixada pela estória anterior quanto ao superego vigilante e ativo, com capacidade para entrar num castelo que, pela narrativa, deve ser abaixo do nível do solo, representação das suas instâncias profundas, encasteladas por um ego repressor.

4 - JNAET = (J) "Ele estava andando de carro, (N) mandou parar, êles deram uma brecadona, (A) para ajudar uma mulher que estava carregando um saco. (E) Depois, parou o taxi e ajudou (T) e a mulher ficou gostando d'êlé".

JANET = "Assim não sei!" (J) "Ele estava andando de taxi, (A) viu uma moça, (N) mandou parar correndo, (E) sai do carro, (T) a moça que estava andando pôs o saco em cima do chapéu do rei".

No relato inicial definem-se claramente duas atitudes; a do personagem masculino que tem apenas a intenção de praticar uma boa ação e a da mulher, capaz de ter sentimentos amorosos. Percebe-se, deste modo, que para escapar das tensões que lhe causam os sentimentos proibidos, reprime-os em si mesmo, negando-os para inocentar-se, ao mesmo tempo que os projeta sobre outras figuras, recebendo posteriormente e passivamente os reflexos desta projeção.

Quando se lhe pede a estória, com nova ordenação, que pouco diferia da inicial, responde com um veemente "não sei!", tradução da sensação de ameaça pelo inesperado da situação. Deve ter vivenciado angustiantemente uma sensação de não-aceitação, visto que relata praticamente a mesma estória, alterando-a apenas no final, quando a situação de enamoramento é negada, transformando-a numa atitude agressiva e desrespeitosa da moça, ao colocar "o saco em cima do chapéu do rei". Recebeu, portanto, o nosso pedido como uma condenação do sentimento projetado e nestas condições o que faz é reprimí-lo, substituindo-o na nova projeção, pelo oposto.

5 - SAUELM = (S) "Um moço estava andando com um boneco; (A) como era pesado, chamou um taxi, (U) depois olhou pra trás pra ver se o taxi andava depressa. (E) Na hora em que o taxi deu uma pulada, (L) o boneco saiu do lugar e êle pensou que era uma gente, porque saiu do lugar com a pulada no buraco, (M) depois veio outro buraco e ela veio de novo, e êle pensou, "é uma gente mesmo!"

SAMUEL = (S) "Um moço estava andando com a estátua, (A) depois chamou um taxi. (M) Gostou tanto da estátua que êle fêz, que começou a namorar com a estátua. (U) Deu tanta risada que não aguentou olhar pra frente e olhou pra trás, estava com vergonha do moço que estava guiando o taxi. (E) Aí a estátua caia mais pra cima d'êlé, (L) e depois, olhou pro lado da estátua e ela foi bem longe, pra outra janela, porque êle olhou com tanta fôrça que ela saiu de lado".

Há um grande esforço no sentido de manter o manequim como boneco, porque a estória lhe sugere muito a situação de namôro. Esta situação é permanentemente negada. Mas, como existe a aproximação dos elementos masculinos e femininos, que deve elaborar, faz com que tudo se deva a fatores circunstanciais. É interessante notar a projeção que faz,

sobre a figura masculina da estória, da sua própria perplexidade: parecia tanto que era "gente" que não podia aceitar que era um boneco e faz com que o personagem acabe acreditando, para que ele, paciente, possa continuar negando. Com a ordenação preconizada não consegue mais continuar negando a situação de namôro que se desencadeia claramente. Isto ocorre quando faz o artista enamorar-se da própria obra, mas numa situação vergonhosa, diante de um terceiro personagem, fabulatoriamente acrescentado. Constitue assim os elementos da triangulação edipiana: o pai-motorista, a mãe-artista enamorada do seu filho-estátua. Nota-se novamente a projeção dos seus problemas na figura do artista enamorado, ficando, pela repressão, como uma estátua fria, sem sentimentos, mas obediente e dependente dos sentimentos alheios, aproximando-se ou afastando-se, governado pela "fôrça do olhar".

6 - EFGHIJ = (E) "Estava pescando peixe, (F) pescou um pequeno e (G) pôs no balde, esperou... esperou... (H) depois pescou um peixe grande (I) depois... aí ele foi embora e falou: peixe! vem só amanhã. (J) Um homem vinha atrás dos dois peixes que ele tinha pegado, pensando que os peixes tinham saído sozinho e morrido, viu que o rei tinha pescado e voltou pra debaixo d'água outra vez".

Após uma ordenação correta, fornece uma estória onde se patenteia a situação de pescaria, mas sem o sentido jocoso da estória original. A fabulização emprestada à estória dramatiza muito bem a situação em que vive, do cuidado que tem com aquilo que tras dentro de si, que deve permanentemente ser vigiado e controlado. Seus impulsos e desejos, quando aceitos, devem ser satisfeitos com moderação, uma parte hoje, outra "só amanhã". Mostra ainda que mesmo quando aceito tem dúvidas, precisando sempre pesquisar a realidade da aceitação. Se é permitida, ou se escapou, subtraindo-se, vencendo a barreira da repressão.

Síntese:- Personalidade que se organiza e se estrutura na base de uma intensa repressão dos impulsos e desejos, extremamente preocupado em obter a aceitação. Além da repressão, utiliza a projeção para negar o que sente como proibido, recebendo os reflexos dessa projeção. Elabora a situação edipiana com alguma dificuldade, usando a negação do seu desejo, colocando-se passivamente na posição do "não amo-sou amado", mas aguardando a desejada possibilidade futura da resolução, tradução do seu desejo de independência, embora ainda se deixe governar com os olhos.

História Clínica:- Gaguejando há 5 meses, vem piorando progressivamente. O início coincide com a primeira viagem dos pais, sem a companhia dos filhos. Muito apegado aos pais e aos irmãos. Apresentava sono intranquilo até os dois anos de idade, tendo melhorado com o nascimento do irmão que passou a dormir no seu quarto. Bom aluno, estudioso, com fácil relacionamento com os colegas, apenas não sabe se defender dos mais agressivos. É o primeiro filho de uma série de 3, sendo 2 anos a diferença média entre os mesmos; os dois primeiros são do sexo masculino e o último do sexo feminino. Nascido a termo, parto normal, como normal foi o seu desenvolvimento psicológico. O contato direto, durante a entrevista, é fácil, embora um pouco ansioso. Tem consciência do seu problema e deseja ser ajudado. Bom nível intelectual. Apresenta enorme dificuldade ao falar, seja quando emite apenas

uma palavra, seja quanto emite uma frase completa; gagueja e se contorce, leva as mãos à boca, como querendo arrancar as palavras, ou forma com elas uma espécie de caixa de ressonância dentro da qual fala. Entretanto, o hebraico, língua que começou a estudar agora, fala livremente sem gaguejar.

Resumo do estudo psicológico (L.N.) agosto de 1965

a) Nível Intelectual

1 - Wisc: Q.I. verbal: 101; Q.I. de execução: 103; Q.I. global: 102. A escala verbal apresenta rendimento dentro da média em todas as provas, com exceção de vocabulário, onde a sua produção decai devido à dificuldade de expressão verbal e não ao desconhecimento do significado. Na escala de execução verifica-se diminuição da atenção e concentração.

2 - Raven:- Rango I - superior. Grande atenção, concentração, procurando resolver racionalmente, mas perguntando constantemente "está certo?".

b) Personalidade

1 - Rorschach:- Pequeno número de respostas e numerosas recusas (III-IV-VI-VII-IX-X) mostrando um severo bloqueio dos processos associativos, decorrentes de forte perturbação emocional. Suas respostas mostram um pensamento rígido, vulgar, sem originalidade, limitado, sem sinais de vida interior. A atitude do examinando em relação ao ambiente se caracteriza pela oposição.

2 - CAT:- Como consequência do zelo, da dúvida obsessiva, da preocupação pelo detalhe e do desejo de perfeição, verifica-se inibição de toda vida imaginativa. O trabalho intelectual é de elaboração lenta, exigindo grande esforço, mas com a sua continuidade, liberam-se fantasias. Mostra-se inseguro, ansioso, dependente, porém, com desejos de emancipação e de liberação dos impulsos agressivos. As manifestações desta natureza, porém, merecem punição, o que não o impede de, às vezes, usar astúcia para fugir da situação.

3 - Machover:- Bom nível intelectual. Sensível e evasivo ao meio. Agressividade oral, reprimida. Dependência.

c) Outras Provas

1 - Bender (H. Santucci) - Nível perceptivo motor correspondente a 8 anos.

2 - Pontilhagem:- Bom resultado na 1a. prova e melhor na 2a.

3 - Lateralidade:- Não revela predominância nem para mãos, pés e olhos, sugerindo tendência ambidextra.

Exame da linguagem:- Espontânea: com bloqueio. Etapa clono sem movimentos secundários. Repetição inicial quando a frase inicia com a e o. As detenções são do tipo de inibição verbal e fobia verbal. Repetida: normal. Li-

da: normal. Automática: normal. Conclusão: - O quadro disfêmico decorre de problema psicológico.

Caso nº 20

Identificação: - M.E., branca, brasileira, fem., com 9a.7m.

Teste da ordenação das figuras

- | | | |
|--------------|------------|----------|
| 1 - casa | - 22 seg. | - PAT |
| 2 - assalto | - 128 seg. | - CABD |
| 3 - elevador | - 66 seg. | - LMNO |
| 4 - namôro | - 102 seg. | - JANET |
| 5 - taxi | - 82 seg. | - SAMLEU |
| 6 - pescaria | - 213 seg. | - EFGHIJ |

Transcrição e interpretação das estórias

- 1 - PAT = (P) "Um pedreiro foi fazer uma casa. (A) Foi levando tábua por tábua, até construir metade da casa. (T) Depois, pôs o telhado, as janelas e depois, começou a pintar. Êle subiu num banco e começou a pintar perto do telhado. Já estava no fim, para acabar o seu trabalho, pois essa casa foi construída muito depressa, pois os donos estavam sem moradia".

Relata a estória descritivamente, mas em tom fabulatório, que surge ao final em termos de tempo e necessidades, necessidades que devem ser rapidamente satisfeitas, . Deixa transparecer, assim, o desejo que tem de saciar rapidamente seus impulsos quando êles se manifestam, pois se sente desprotegido para enfrentá-los, porque tem poucos recursos à sua disposição, além da repressão.

- 2 - CABD = (C) "Êle saiu do trabalho e quando voltava pra casa, (A) foi assaltado. Um homem que passava por perto e de quem êle desconfiava, o assaltou, roubando a carteira. (B) Um guarda que passava por perto pegou o ladrão e (D) levou-o para a cadeia, porque assaltou a carteira do homem e também por ter feito outros crimes".

ABCD = (A) "Um homem ao sair na rua foi ligeiramente assaltado, roubaram-lhe a carteira. (B) Um guarda ao ver o crime dirigiu-se à delegacia e (C) o moço que foi assaltado disse ao juiz "êsse homem" apontando para o sujeito, "me assaltou a carteira". (D) O juiz levou-o à cela por um dia".

Pelo deslocamento de um cartão, o da cena do julgamento, enfatiza as boas qualidades da vítima numa estória que, basicamente, relata a necessidade de punição para uma transgressão. Parece ter necessidade de destacar os maus antecedentes do criminoso e as boas qualidades da vítima justificando a condenação. Já na estória relatada com a ordenação preconizada, surge a obrigatoriedade de minimizar o crime ("foi ligeiramente assaltado") e o castigo ("levou-o à cela por um dia"). Da conjugação

das duas estórias podemos deduzir a imperiosa compulsão que tem de abrandar o delito para evitar o castigo, que só deveria incidir sobre os transgressores incorrigíveis. A dramatização que empresta à cena no cartão C na segunda estória, a facilidade e a ênfase com que acusa o transgressor, mostram-nos o tom acusatório do seu superego, levando-o à repressão sistemática, e talvez também à imputação da transgressão a outrem, quando falha essa repressão. Tudo é feito com a intenção de minorar a culpa, por receio de um superego, que, por muito exigente e punitivo, precisa ser enganado.

- 3 - LMNO = (L) "Num prédio de apartamento tinha um pequeno elevador. - Quando êle se abria tocava uma campainha. (M) Um dia, um moço ia andando sem reparar onde pisava. Levou um susto ao ver um barulho na frente dêle e logo notou que havia um elevador que ia subir. (N) De repente começou a ver algumas cabeças e (O) logo notou que um moço, fingindo de rei, descia do elevador. Acompanhava êle dois trabalhadores".

Relata estória coerente, com boa dose de fabulização, chegando a criar um personagem imaginário que funciona como o herói da estória. Durante todo o transcurso do relato usa a descrição para moldar um clima adequado para a ação final, que chega de maneira precipitada e inconcludente, dando a impressão que foi obrigada a se desviar do assunto, afirmando apenas a qualidade de falsidade do personagem real. Mostra-nos, desta maneira, o medo que tem, o sinal de angústia que apresenta, toda vez que o reprimido dentro de si ameaça surgir. Mostra mais, que o reprimido não podendo sair livremente, precisa ser disfarçado, transformado, camuflado, para poder ser satisfeito, o que deve levar a paciente a se utilizar da dissimulação no plano consciente e provavelmente, do deslocamento no plano inconsciente, para poder alcançar seus objetivos.

- 4 - JANET = (J) "Um moço gordinho, com chapéu pontudo, andava de carro. Dois guardas guiavam o carro. (A) Muito de longe avistou uma empregada com um lençol enorme embrulhando umas outras roupas. (N) Quis ajudá-la e mandou os guardas pararem o carro. (E) Então desceu e pediu a moça que levasse sua trouxa; (T) para êle não foi difícil porque seu chapéu era pontudo".

Formula a estória em termos da ajuda que o personagem masculino presta ao feminino. Nega a qualidade de rei ao personagem, tratando-o como "moço gordinho", que tem um chapéu pontudo. Não explicita a situação de namôro, mas ela aparece simbolicamente no ato de ser carregada a trouxa sem dificuldade, por ser pontudo o chapéu, símbolo da virilidade do personagem. Deve estar apresentando fantasias sexuais que não se permite vivenciar, porque proibidas, e que devem produzir, na examinanda, a sensação de incapacidade ou de inadequação.

- 5 - SAMLEU = (S) "Um homem viu numa loja uma estatueta; carregou-a de sembrulhada, com o papel na mão, para caso que quisesse embrulhar, logo depois embrulhou. (A) Já andava muito quando avistou um taxi. (M) Subiu dentro do taxi e começou a olhar o seu embrulho (L) depois encostou a estatueta no outro lado do taxi. (E) Mas a estatueta caiu (U) êle segurou e olhou para trás".

SAMUEL = (S) "Um homem viu numa loja uma estatueta, carregou-a de

sembrulhada, com o papel na mão, para caso que quisesse embrulhar, logo depois embrulhou. (A) Já andava muito quando avistou um taxi. (M) Subiu no taxi e agarrou a estatueta. (U) Foi pondo devagarinho com medo que quebrasse porque queria dar um presente à sua mulher (E) escorregou um pouco (L) endireitou e ficou olhando para ela, com medo que caísse".

Com pequenas variações, acrescentando um detalhe ou outro, as duas estórias se superpõem e podem ser sintetizadas no cuidado - que um homem toma com relação a uma estatueta para que ela não se quebre durante o transporte no taxi. No entanto, e em ambas as estórias, a situação se repete, as associações que faz com o cartão inicial (S) merecem considerações especiais. Descreve um homem com uma estatueta comprada numa loja, mas é estranho que a leve desembrulhada e, ainda mais estranho, que leve o papel para embrulhá-la, caso fosse necessário. Resume, assim, um modo de ser muito peculiar seu; ao lado do desejo de se mostrar e mostrar coisas suas, apresenta também o desejo de esconder-se a si própria e as suas coisas, isto é, fantasias exibicionistas controladas por desejos opostos, levando à repressão e à manifestação sob forma velada, modificada. Com isto, procura dar expressão aos seus impulsos sentidos como proibidos, mas precisando ser muito cautelosa porque o menor descuido pode causar a quebra, pode romper todos os esquemas protetores que garantem a manifestação e a satisfação desses impulsos.

6 - EFGHIJ = (E) "O reizinho foi pescar, tirou a vara, pôs um pedaço de carne para que o peixe pudesse comer, depois, pegou a cesta e pôs perto dele. (F) De repente puxam a vara. Ele tira para cima e vê que conseguiu pescar um peixe. (G) Aí joga de volta a vara à água (H) e puxam outra vez. Era um peixe maior. (I) Depois ele se lembra que ele tinha pedido a um homem que procurasse peixes debaixo da água. Chamou, (J) o homem vinha subindo e ele ia indo embora quando o homem aparece com um peixe na mão. Afinal ele foi pescar um peixe para sua janta, mas pescou três.

Com uma ordenação correta refere uma estória muito semelhante à esperada; faltou apenas mostrar que era o escafandrista que - punha os peixes no anzol do rei e só não o fez porque surgiram fantasias e desejos reprimidos interferindo e levando ao abandono da linha preventiva. Faz o rei abandonar a pescaria porque já pescara três, quando a intenção era pescar apenas um, para a sua refeição. Com isto nos mostra não só a interferência das fantasias orais receptivas, como também o controle que exerce sobre elas, abstendo-se de externar sua voracidade. Tem necessidade, portanto, de exercer um controle racional, voluntário, sobre a quantidade de satisfação que se pode permitir, porque teme que sem ele tenderia para a necessidade de satisfação continuada, permanente, que escravizaria ou esgotaria o objeto da satisfação instintiva.

Síntese:- Personalidade ainda imatura, com necessidades primitivas, sentidas como perigosas pelo caráter de insaciabilidade que apresentam e contra as quais tem poucas possibilidades defensivas: ou a repressão ou o controle voluntário da quantidade de prazer que pode permitir-se, para proteger o objeto da satisfação de sua voracidade. Apresentando um superego muito rígido

do, punitivo, que exige a repressão; quando as necessidades são manifestadas, o são sob forma disfarçada para burlar a vigilância do mesmo. Tem fantasias sexuais que não se permite manifestar a não ser após um processo de deslocamento no plano inconsciente e que se externam sob a forma de fantasias exibicionistas.

História Clínica: - Em relação a mãe, a paciente é em certos momentos ambivalente, em outros extremamente agressiva. Com o progenitor é dependente, amiga, cooperadora, dócil e amorosa. O pai nega ou atribui à esposa todos os problemas. Nega-se a tocar nas coisas manipuladas pela mãe, mas exige ser cuidada por ela; nega-se a sentar onde a mãe senta, porque considera sujo, mas rola pelo chão; impede que a mãe lhe ponha as mãos para agradá-la, mas exige que alise sua roupa com as mãos antes de vesti-la. Nasce a termo, parto normal; é a segunda e última filha, dois anos mais nova que a irmã a quem admira e inveja. Condições de desenvolvimento aparentemente normais, controle esfinteriano precoce. Contato direto muito fácil, porém, superficial e ansioso. É inteligente, muito insegura e dependente. - Diante de qualquer dificuldade chega a chorar, pondo as mãos no rosto, com torcendo os dedos. Perfeccionista, temendo sempre errar, necessita estímulo contínuo, paralizzando-se imediatamente quando não recebe a aprovação desejada.

Resumo do estudo psicológico (L.N.) março de 1966

a) Nível Intelectual

Wisc:- Q.I. verbal: 126; Q.I. de execução: 118; Q.I. global: 125. Pequena variabilidade interteste; algumas das suas respostas em compreensão e vocabulário, caracterizam-se por sua minuciosidade, própria da rigidez obsessiva.

b) Personalidade

1 - Rorschach:- Inadaptação intelectual e afetiva. Tipo de vivência extratensivo puro, com afetividade bastante egocêntrica, lábil e impulsiva. - Não dispondo de recursos de controle suficientemente fortes e não podendo estabilizar suas emoções, há tendência à liberação de seus impulsos agressivos e em consequência, é dominada pela insegurança e instabilidade. Atividade intelectual empobrecida; seu pensamento é predominantemente autista. Há perseveração anatômica.

2 - CAT:- Personalidade extrovertida e que apesar do seu desajustamento atual, tem possibilidades de recreação, mas esconde e apresenta o seu lado doentio. A figura paterna é vista como compreensiva, alegre e conciliadora. A mãe é sentida como boa, gratificadora e conciliadora. Revela grande necessidade da companhia das outras crianças, e tem com relação à sua doença uma atitude otimista.

TERCEIRA PARTE

COMENTÁRIOS E CONCLUSÕES

A:- Análise Geral dos Resultados

B:- Análise das diferentes séries

C:- Conclusões

A:- ANÁLISE GERAL DOS RESULTADOS

Consideradas no seu conjunto as séries apresentam caracteres que convém sejam ressaltados preliminarmente, ao lado de algumas outras considerações gerais. Alguns ligam-se aos aspectos formais e outros aos conteúdos das estórias.

Quanto aos aspectos formais, diremos, inicialmente, se rem as séries formadas por um número variável de cartões (de 3 a 6) e dispostas de maneira progressivamente crescentes quanto a este número. Este tipo de seriação parte do pressuposto de que a dificuldade na ordenação está em relação diretamente proporcional ao número de cartões. Isto não deixa de ser verdadeiro, quando se considera apenas o aspecto matemático do problema; com relação ao subteste parece ser uma premissa correta, mas que merece considerações particulares quando se avaliam os resultados práticos, porque a dificuldade encontrada por um determinado examinando está sujeita a inúmeros outros fatores. WECHSLER parece que fez depender apenas do nível intelectual. Por esta razão e baseado nos dados encontrados nas suas pesquisas, achou não haver vantagem prática dar pontos para outras ordenações que não fossem as preconizadas, nas três primeiras séries, e para algumas outras, nas três finais (71, pág. 89).

No nosso material, realmente, nas três séries iniciais, a proporção das ordenações preconizadas para as demais possíveis, são altamente favoráveis às primeiras com valores de 19:1, 15:5 e 16:4. A mesma sentença não nos foi dada pelas séries finais, porque essas proporções (11:9, 7:13 e 8:12) não atinge valores tão díspares, sugerindo a existência de algo que merece considerações particulares.

Devemos acrescentar alguns fatos importantes pelo significado que devem encerrar. Assim, na série IV, a ordenação preconizada (JANET) que daria o máximo de pontos, só foi utilizada uma única vez, embora compensada pela variante JNAET (formada cinco vezes). Na série V a ordenação esperada, SAMUEL, não foi usada uma única vez e na série VI a disposição EFGHIJ só foi apresentada por 6 dos examinandos. Visto apenas sob este prisma, o teste da ordenação de figuras teria realmente contribuído muito pouco para a elevação do nível numérico da inteligência dos examinandos.

Pareceu-nos que considerar apenas um fator, seja a idade cronológica, o nível de inteligência ou o número de cartões da série, ou todos eles conjuntamente, não é suficiente para explicar tudo quanto ocorre com a Ordenação de Figuras, justificando-se a opinião de que é o subteste mais vulnerável da Escala W. B.

Assim, os dados apresentados na tabela II, sugerem, não haver relação entre o crescimento da idade cronológica e o "score" ponderado. Tomemos alguns exemplos: o caso 19, com a idade de 8a. 5m., tendo um QI = 102, obtem 7 pontos; o caso 9, aos 19 anos, tendo o mesmo QI, só obtem 6 pontos. Abordando por outro lado, quando se faz variar o QI, por exemplo, verifica-se que o caso número 17 (QI = 113 e com 8a. 5m.) obtem seis pontos

enquanto que o caso nº 19, com a mesma idade cronológica e um QI menor (QI = 102) obtem 7 pontos. Ou ainda, 9 pontos são obtidos pelos casos 15 e 12, com dois meses de diferença na idade cronológica, mas com índices intelectuais muito diversos (65 e 103, respectivamente).

Não vale o argumento de que os Q.I. foram obtidos em testes diferentes. O quadro III registra os casos segundo os testes a que foram submetidos, e nos mostra que os casos 17 e 19 citados acima foram testados pelo WISC, e os casos 12 e 15 o foram pelo W. B., portanto, dentro da mesma escala.

Outra questão que merece ser abordada é a da perda dos pontos que teriam ganho pelo acerto da ordenação, por terem excedido o limite de tempo permitido para cada série. Esta situação ocorreu em 6 casos, 3 dos quais tinham menos de 10 anos e os outros 3, estavam acima dos 15 anos. Da mesma maneira, 3 tinham o seu QI abaixo de 100 e os outros 3 acima dêsse nível, sem que tivesse havido correspondência dos casos nesses grupos separados pela idade cronológica e mental. É de se notar ainda que o de QI mais elevado da amostra perdeu pontos pelo tempo, enquanto que o de índice mais baixo não os perdeu. Parece pois, que a velocidade de realização, capaz de diminuir o "score" ponderado e portanto, funcionar como fator negativo na determinação do QI, não se relaciona nem com êle e nem com a idade cronológica.

O "crédito" de pontos pela rapidez com que é feita a ordenação, fator positivo na determinação do aumento do QI, só foi constatado na série VI, em 3 casos apenas, (os de número 13-8 e 5), todos com QI elevado (113-122 e 119, respectivamente) e com idade acima de 15 anos. São também os 3 índices mais elevados do grupo de mais de 15 anos de idade cronológica. Isto sugere que o alto índice de inteligência, pode favorecer a velocidade da ordenação, a partir de um determinado nível ectário, sem o que a eficiência intelectual não se traduz por essa maneira. No entanto, a amostra é muito pequena para uma conclusão definitiva. Não podem deixar de ser citados os fatos que contradizem essa hipótese, como o aspecto oposto, o da perdade pontos por lentidão, bem como o fato de um mesmo examinando (o de nº 5) figurar nos dois grupos, recebendo pontos num e perdendo-os no outro.

Pode-se verificar mais, que os 20 componentes da amostra obtiveram um total de 147 pontos na soma das notas ponderadas, computando-se as perdas e os créditos relativos à velocidade. Dêstes 147 pontos, 90 foram obtidos nas 3 primeiras séries. O que pode sugerir que o menor número de cartões favorece o acerto das ordenações. Mas este raciocínio não deve prevalecer porque na série II, formada por 4 cartões, computaram-se 22 pontos, número praticamente igual aos 21 pontos obtidos na série VI, que é formada por seis cartões. O contrário podendo ocorrer quando existe um mesmo número de cartões para as duas séries que se comparam, já que os resultados obtidos são diferentes. Assim aconteceu não só nas séries II e III ambas com 4 cartões, fornecendo 22 e 30 pontos respectivamente, como também nas séries de 6 cartões, a V e a VI, quando os pontos obtidos atingem os valores de 8 e 21 respectivamente.

Êstes dados são apresentados com a finalidade única de mostrar que certas correlações podem ser formuladas, mas devem merecer considerações e análises mais acuradas porque tudo leva a crer que outros fatores estão envolvidos, precisando ser melhor pesquisados, principalmente porque relacionam-se com aspectos da personalidade que poderiam talvez serem captados estudando o estímulo fornecido, no seu aspecto formal ou de conteúdo. Tudo levando a crer, contrariando a opinião de KNIGHT (41), que o conteúdo desses estímulos visualizados está realmente relacionado com a eficiência da discriminação. Confirma-se, por outro lado, o pensamento de LEVINE, CHEIN e MURPHY (45) de que a percepção fica a serviço das necessidades inconscientes.

Entramos assim, na segunda parte destas considerações iniciais, que se farão sobre os aspectos de conteúdo das séries.

A aplicação do teste é iniciada com uma série de 3 cartões "O Ninho," demonstrativos do trabalho a ser realizado, e durante a explicação se diz que "formam uma estória". Continua-se com a série I, também de três cartões, "a casa", computando-se agora pontos pelo acerto da realização. Nesta série encontra-se extraordinariamente favorecida a elaboração com sentido descritivo, da construção de uma casa.

A série II, apresentando a situação de assalto, favorece muito o desenvolvimento das proposições em termos de crime e castigo. A série III tem um elevador de formato não comum podendo perturbar a elaboração pela ignorância do que possa ser. Mas não é o elemento perturbador mais frequente, porque a figura do rei, representante simbólico do superego é vivenciado angustiosamente, seja em função da série anterior, reativadora de fantasias geradoras de culpa, seja em função das fantasias de que ela mesma é capaz de despertar.

As séries IV e V relacionam-se com situações de namoro; a primeira, mais adequada para as formulações em termos de conquista, e a outra, mais ligada ao relacionamento amoroso objetivo. Ambas estão capacitadas a gerarem tensões. Estas podendo se descarregar através das próprias estórias formuladas, ou aliviadas na última seqüência. A série VI, da pescaria, põe à disposição do examinando elementos vários, seja por sua riqueza em estímulos com características simbólicas, seja por despertar problemas de competição e afirmação.

Pareceu-nos realmente que o pequeno número de cartões da série I e o seu aspecto muito estruturado forçam a ordenação num sentido determinado, com pequena possibilidade de variação, o que não acontece nas demais, principalmente nas três últimas, nas quais o maior número de figuras permite elaborações múltiplas. Foi na série I, exatamente, no caso em que obtivemos a única alteração da seqüência (caso nº 18), que só obtivemos a estória com a ordem proposta pelo examinando, mostrando-se incapaz de elaborá-la quando com a disposição preconizada.

Não podemos dar por terminada esta parte inicial dos co

mentários gerais sem abordarmos outros aspectos, onde procuraremos mostrar que a ordenação fornecida pelo examinando está ligada a situações interiores, conflitivas, despertadas seja pelo conteúdo das estórias, seja por um elemento do desenho que pode ou não ser referido durante a narrativa. Nesta, muitos aspectos devem ser considerados: o conteúdo da estória tomado isoladamente, o trabalho criador do tema, a linguagem empregada para expressá-lo, os estímulos percebidos e os que aparentemente deixaram de ser captados. Todos eles são realmente muito importantes, mas para adquirirem toda a importância que realmente têm, devem ser analisados juntamente com a emoção que estão veiculando. O "tornar-se sensível a este aspecto é um dos maiores objetivos no aprendizado da interpretação" disse WYATT (74) referindo-se ao TAT. Isto é válido também para as estórias obtidas na Ordenação de Figuras, como é, aliás, princípio básico e condição necessária e indispensável para qualquer trabalho analítico-interpretativo.

Algumas vezes a ordenação é feita corretamente, segundo o esperado, deixando a impressão de estar claramente entendida a situação proposta pelos cartões. Mas, ao se pedir que narre a estória, verifica-se que uma parte, ou toda ela, não foi na realidade captada. Isto nos é mostrado claramente (caso 8, série VI) quando, num dos comentários, o examinando afirma espontaneamente ter seguido "uma ordem lógica": "sabia que era assim, mas não entendia bem". No entanto, a ordenação fora correta e havia apreendido uma série de elementos contidos no desenho. A possibilidade de "entender" está condicionada pela problemática interior; há uma tentativa de não-compreensão para proteger o indivíduo ^{das} pelas angústias despertadas. É neste sentido que LUZURIAGA (48) fala da existência de uma "contra-inteligência".

Outras vezes, a manifestação é menos evidente quando a ordenação sendo correta sugere ter sido entendida a estória, mas a negativa da compreensão incide apenas sobre uma das cenas. É o que encontramos quando se estabelece relação de causa e efeito entre os cartões inicial e final numa série de poucas figuras, mas com deformação do sentido de um ou mais dos cartões intermediários (caso 16, série II).

Demonstração de problemática inconsciente interferindo na ordenação e elaboração da estória é evidenciada nos lapsos cometidos durante a narração. FREUD já mostrou que são produzidos todas as vezes que material inconsciente vence as barreiras repressoras e se manifesta à revelia da vontade do indivíduo. Depois de cometido, pode o autor dar-se ou não conta do ocorrido, o que não altera em nada o seu significado básico. No caso 16, na série II, verifica-se a presença de um lapso quando, durante a narrativa, é colocado na boca do assaltante a necessidade de chamar um guarda para que ele, transgressor seja punido.

Quando o examinando está vivendo fortes angústias pode ficar de tal maneira polarizado por elas que se torna incapaz, durante momentos, de perceber as mudanças ocorridas na realidade exterior. O paciente nº 15, na série VI, relatou a primeira estória com a sequência que havia escolhido. Quando lhe pedimos nova estória, agora com a sequência preconizada não se apercebe que houve mudança e exclama: "tudo de novo?!", traduzindo-se

dessa maneira, não o seu aborrecimento por ter que relatar nova estória, visto que o faz logo a seguir, mas, isto sim, que está incapacitado para perceber a mudança que a nova ordenação impôs no sentido da estória. Inicia o novo relato que repete o anterior e paulatinamente vai tendo a possibilidade de tomar conhecimento da alteração efetuada e imprime modificações para adequá-la à nova seriação, mas nos seus fundamentos nada é alterado.

Evidencia-se assim, de inúmeras maneiras que a ordenação do examinando está ligada às suas necessidades inconscientes. No caso 2, encontramos a não aceitação da seqüência preconizada para a série II, quando não satisfaz as necessidades que ficam favorecidas pela alteração proposta pelo paciente. Este mesmo aspecto é evidenciado quando o examinando se nega aceitar, durante a narrativa a ordem preconizada, insistindo em manter a sua, porque esta lhe facilita o processo do pensamento, por diminuir o estado tensional em que se encontra. O examinando nº 3, em duas séries consecutivas (III e IV) altera a ordem dos cartões durante o relato, para poder manter-se preso à sua primeira elaboração.

O caso 7 (série II) nos mostra a intensidade da alteração emocional de que é vítima quando, sob a ação da sua angústia, fica incapacitado para produzir um melhor trabalho intelectual. O pedido de nova estória com a ordenação preconizada alterou de tal maneira o seu estado tensional que se fizeram necessárias várias tentativas para vencer as resistências e poder elaborar a narrativa. O paciente nº 18 não conseguiu vencer esta situação na série I. Quer nos parecer que os desenhos muito estruturados destas séries (I e II) dificultam a fuga do examinando, produzindo-lhe um estado de angústia muito grande, intensidade que não atingiria se outros fossem os desenhos. Acreditamos pois, que o estímulo estruturado nem sempre impede a projeção, como se tem afirmado, pode até pelo contrário, favorecê-la.

Na elaboração de uma estória o examinando pode ficar tão atingido que se cria um estado interior de confusão durante o qual perde as condições para bem elaborar a estória da série seguinte. Foi o que aconteceu com o caso 4, séries IV e V.

Esta situação tem o seu reverso, quando uma série facilita a manifestação das fantasias e angústias geradas na série anterior. Sirva de exemplo o caso 13 que apresentou dificuldade na elaboração da estória da série IV, a qual só foi compreendida na série V, quando forneceu duas estórias, colocando em cada uma, um dos desejos opostos despertados na série anterior.

As estórias podem mostrar a necessidade de negar a realidade exterior em função das suas reações afetivas. No caso 17 (série I) encontra-se este fato de forma eloqüente: afirma e depois nega a observação feita de maneira objetiva na realidade exterior, pintar a casa de preto, porque "não gosto dessa cor".

Finalmente, pode ocorrer que o examinando se utilize dos cartões para informar não ter tido determinada fantasia, como se estivesse

se sendo acusado ou desconfiassem dêle, mas sem que ninguém lhe diga nada (caso 8, série IV).

Sintetizando, poderíamos repetir o que vimos dizendo desde o início: quando um ou mais cartões fornecem ao indivíduo elementos reativantes de núcleos conflitivos, cria-se um estado de tensão que perturba o seu trabalho mental. Nestas condições pode-se verificar o que se passa tentando analisar o que referir no cartão durante a narrativa, independentemente da correção ou não da sequência ou da adequação da estória relatada. Outras vezes é o tema que perturba, e nesses casos, o mais provável é que êle seja alterado para impedir o aumento das tensões. A deformação do sentido alivia a angústia e a estória passa a ser a tradução da defesa estabelecida. A coerência ou confusão da narrativa permite avaliar de um lado, a intensidade das ansiedades, e de outro, a maior ou menor possibilidade de lidar com elas, e a maneira como o faz.

Pode-se concluir que através das estórias, dos comentários que as acompanham, da comparação ou da complementação das estórias relatadas podemos nos dar conta das fantasias e mecanismos defensivos usados pelo examinando. É esta riqueza e complexidade do protocolo que o tornam um instrumento vivo e assim deve ser considerado e trabalhado, para que dêle se possa extrair tudo quanto tem para nos informar. No sentir de BRUNSWIK (9) (10) o não atendimento a estes aspectos é o "atentado" que se comete quando se procura fazer a quantificação do material.

B:- ANÁLISE DAS DIFERENTES SÉRIES

SÉRIE I: A CASA

Trata-se, como já se disse, de uma série curta, formada por apenas três cartões, todos muito estruturados, altamente significativos no seu conteúdo. Como tem um sentido muito especificado, permite pouca variação sobre o tema, que é o de alguém construindo uma casa. O cartão inicial da série por ser o mais ambíguo talvez facilite as fantasias e tenha melhores condições para receber as projeções. Todas as dificuldades apontadas são acrescidas de outra representada pelo fato de ser o cartão A o primeiro a ser apresentado ao examinando. É exatamente aquele que sintetiza a idéia central da estória, pois apresenta, de modo muito evidente, uma casa em construção. Todos estes elementos facilitam a produção de estórias muito descritivas, presas ao tema e que quase sempre são relatadas através de frases curtas. Sirva de exemplo a seguinte (caso 11): "Primeiro êle começa a fazer a casa. Depois êle monta. Depois êle pinta a casa". Diante de uma estória como essa, adequada e coerente, mas puramente descritiva, é difícil ou mesmo impossível qualquer aproximação ao mundo interno do narrador.

Embora freqüente, nem sempre é essa a situação. A possibilidade interpretativa está condicionada ao fornecimento de material adequado; êste pode surgir através da alteração da sequência (rara nesta série), de comentários ou verbalizações significativas no decurso da estória e o próprio

conteúdo desta. Veremos posteriormente, com o exemplos, os ensinamentos que esta série pode propiciar. Queremos antes mostrar que sendo esta a primeira série a ser apresentada para ordenação e também para a qual primeiro se pede a formulação da estória, está mais propensa do que as demais a nos mostrar reações ligadas não aos estímulos dos cartões, mas à situação de teste na qual se encontra o examinando. A forma mais comum de expressar as ansiedades é através de comentários, como aqueles feitos ao final da narrativa (caso 1) e que nos permitiram compreender como se defende das vivências de sagradáveis, das auto-acusações que se faz, projetando-as para não se incriminar, ou pelo menos, repartir as responsabilidades com o examinador que foi quem a colocou na situação em que se encontra. Em grande número de casos é difícil dizer o que prevalece, a situação de teste ou as fantasias desencadeadas, pois sempre são concomitantes e se imbricam ou se somam nos seus efeitos.

Com relativa facilidade podem ser encontradas manifestações de estados de insegurança refletidas no comportamento e nas verbalizações usadas. Um tempo demasiadamente longo na fase de ordenação, enquanto executa a tarefa, e no exame posterior da sequência realizada, e a pergunta com que encerra a narrativa (caso 16), são manifestações inequívocas da insegurança do examinando. Outras vezes, a insegurança é manifestada através do medo de se comprometer, acarretando uma narrativa muito cautelosa, evitando detalhes e aspectos específicos dos desenhos: "Um homem ia fazer uma casa, êle começou a fazer. Fêz a metade, depois acabou e começou a pintar" (caso 7).

Ligada aos estados de insegurança está a necessidade de proteção podendo ser apreendida também das atitudes do examinando e das suas narrativas. A procura da indefinição do sujeito aliada aos comentários e inquirições é uma das formas reveladoras desse estado. Exemplifica a situação o paciente (caso 8) que inicia o teste desejando antecipadamente saber o que iria fazer e que quando lhe é pedida a estória imaginada pergunta "estória ou descrição?". Se não bastasse, relata: "Uma casa estava sendo montada. Estavam principiando pelos alicerces. Em seguida já estava feita a estrutura da casa. O último mostra o acabamento". Um "estava" em cada figura para causar uma indefinição protetora.

Mais raramente pode ser usado o recursos das alternativas para satisfazer essa necessidade de proteção: "Aproveitou o muro ou construiu. Edificou as armações da casa. Cobriu com madeira ou tijolo e está pintando." (caso 12).

A necessidade de reafirmação transparece no relato repetitivo de cada um dos momentos da ação depois de tê-la explicitado numa síntese inicial. Procura no reafirmar a síntese feita, sua própria afirmação (caso 5).

Grande número de narrativas deixam transparecer muito claramente os processos defensivos utilizados. A repressão mostra-se um mecanismo muito freqüente, não diretamente e, sim, através das demais ma

nobras protetoras do ego, tôdas elas impedindo o afloramento das fantasias. Destas, infere-se a existência, mas não se tem a possibilidade de identificá-las (caso 2); vencida a repressão, surgem com a necessidade de satisfação imediata dos impulsos (caso 20). Outros processos defensivos que podem ser citados são o de identificação (caso 15) quando o examinando é ao mesmo tempo aquele que constrói a casa e a própria casa não terminada, mostrando boa capacidade para a tomada de consciência da sua situação interior; a procura obsessiva de detalhes que superficialmente podem dar a impressão de um grande desejo de colaboração e perfeição, mas que outros elementos deixam entrever estar tudo a serviço da necessidade de proteção (caso 9).

Raramente ocorre nesta série a manifestação de fantasias de fácil compreensão. Quando são colocadas na estória, esta se apresenta pobre em elementos descritivos e com fabulização rica, chegando mesmo à criação de personagem não existente no estímulo fornecido (caso 4). Retratam-se no caso as fantasias edipianas da criança com suas componentes de amor e ódio. O outro processo que permite a abordagem do material inconsciente é o cotejamento das duas estórias, mas que dependendo de alteração da sequência, é rara nesta série. Na única vez que ocorreu (caso 18), o examinando foi incapaz de fornecer a estória com a ordenação preconizada; esta impossibilidade é significativa, permitindo conclusões a respeito, porém, impediu o cotejamento desejado.

Resumindo, a maior dificuldade parece-nos residir no pequeno número de cartões, ligado ao aspecto muito estruturado dos desenhos. Entretanto, o permitir a percepção de mecanismos defensivos, a sensação de incapacidade e inadequação, a luta pela afirmação, podem as estórias serem consideradas elementos de valor para a compreensão do examinando. Dentre as fantasias encontradas as principais relacionam-se com a casa tomada como símbolo da mãe, permitindo a manifestação de fantasias relacionadas com a situação edipiana. Também pouco frequente é a fantasia baseada na identificação do examinando com o personagem que constrói a casa, representando esta, simbolicamente, seu próprio corpo ou personalidade.

Na maiorias das vezes percebe-se o estado de angústia e as manobras defensivas, porém não se tendo abertura para a captação da fantasia que se desencadeará posteriormente, nas séries subsequentes.

SÉRIE II: O ASSALTO

É também uma série curta, formada por quatro cartões, com figuras muito estruturadas, sugerindo fortemente a relação crime-castigo. Apesar disso, mostra-se funcionalmente como um excelente estimulante das fantasias, resultando serem colocadas nas estórias não só os conteúdos delas como também as defesas de que lança mão o examinando.

Diga-se, inicialmente, que às vezes, o material apresentado não permite uma interpretação mais dinâmica, com alguma profundidade (casos 5-13 e 14). Mesmo assim, a verbalização durante o relato ou nos

comentários, fornece elementos sugestivos das fantasias ou mecanismos defensivos. No caso 6, evidencia-se um grande esforço para se manter num nível descritivo de uma situação que deveria ser apresentada como natural; este esforço deve, naturalmente, ser valorizado porque traduz a existência de grande barreira defensiva. Outras vezes, uma única palavra fornece pista para o aprofundamento (caso 8). Ao transformar o crime numa "tentativa", explicita a necessidade de abrandar crime e castigo, permitindo inferências sobre as qualidades do seu superego. Necessidade de valorização ou estados culposos necessitando de alívio pela punição ou negação do delito são despertados pelos estímulos do teste.

A necessidade de valorização foi constatada referindo-se ao aspecto intelectual (caso 15) quando, ao lado da percepção da relação crime-castigo, a verbalização é feita em termos incomuns, mostrando necessidade de valorização no campo intelectual. Como não foi uma constante na examinanda, é lícito deduzir ter sido desencadeada pelas angústias despertadas; assim, procura no intelectual a compensação pela perda da auto-estima.

Os estímulos do teste podem levar a um bloqueio afetivo para evitar a insegurança preservando-se um aparente bom funcionamento intelectual. Nestas condições constata-se, do início ao fim da narração, toda uma enorme insegurança, manifestada de várias maneiras, mas, a estória não permite qualquer possibilidade de percepção das fantasias (caso 10).

Ressaltemos agora não só a frequência grande, como também a maneira como se traduz nas estórias a necessidade de punição para o abrandamento das culpas. Citemos inicialmente sua manifestação através de um lapso (caso 16) quando, identificado com o transgressor, faz este chamar o guarda para prendê-lo.

Grande número de estórias mostram a existência de um superego sentido como muito rígido, castrador, agressivo, gerando a necessidade de fugir ao seu jugo, chegando-se mesmo a iniciar a estória com a punição ao em vez da prática do ato delinqüencial (caso 3). A elevação do nível do sentimento de culpa pode ser traduzida pelo desencadear súbito para o final de uma estória que se desenvolvia com boa fabulização (caso 12).

A maneira como os examinandos lidam com seu superego varia muito. Às vezes, esse superego intransigente não só é sentido como necessário, como é até aplaudido, ressaltadas as suas qualidades de justiça ao lidar com os impulsos provenientes do interior (caso 1). Mas, em outras situações, acontece exatamente o oposto. O paciente depois de estabelecer a situação crime-castigo, tenta negar aspectos dela, não vendo o ato delinqüencial, vê apenas "um amarrar a boca", tradução do seu desejo inconsciente de não revelar o crime, procurando escapar à vigilância de um superego atemorizador (caso 11).

Projetando o superego acusador sobre objetos ambientais, há alívio das tensões interiores, podendo o ego ser mais tolerante para com os impulsos agressivos, instintivos (casos 2 - 17). Obtem-se condições

que permitem uma identificação mais tranqüila, menos culposa com o transgressor que quase chega a ser sentido como vítima das perseguições exteriores.

Quando o temor ao superego é muito grande, a defesa pode ser feita escotomizando aspectos da realidade ou deformando a percepção. O examinando atemorizado, procura negar a gravidade do crime, transformando-a numa "tentativa", mas com isto não consegue furtar-se à punição (caso 8). Diante da possibilidade de que esta seja mais violenta, pode haver a tentativa de negar tenha sido cometido o crime. No caso 19, o assaltado impede a ação delituosa e termina por prender e fazer punir o transgressor; esta condição revelando a obstinada intransigência do seu ego para com os impulsos instintivos, vassalo que é de um superego despótico.

A outra possibilidade que se apresenta é a da alteração da realidade distorcendo a percepção ou alterando a disposição dos elementos dessa realidade. Mantendo a ordenação correta, mas deformando a percepção o assaltante pode ser visto como um bom menino, vítima da maldade de um adulto (o assaltado) (caso 18). Por seus impulsos agressivos é levada a identificar-se com o assaltante, mas por temor, nega a intensão transgressora e se faz vítima da maldade dos outros. A modificação pode incidir na seriação que fica a serviço da necessidade de enaltecer a vítima e acentuar as más qualidades do agressor, para com isto justificar a punição (caso 20).

Finalmente, o caso que parece mostrar com maior nitidez as vicissitudes de um ego pressionado por forças contrárias, altamente agressivas, é o de nº 9, onde as forças instintivas são tão fortes que alteram totalmente a percepção (não é assalto, é assassinato). O mesmo acontece com relação ao aspecto punitivo do superego terrivelmente perseguidor, que não se satisfaz com a simples prisão, precisa da pena máxima, e ainda não satisfeito, faz voltarem-se as forças agressivas contra a própria pessoa, levando-o ao suicídio.

As fantasias sobre crime e castigo foram praticamente vivenciadas por todos os examinandos e acabamos de ver como atuam com relação a elas. Outra encontrada uma única vez (caso 4) é decorrência da situação edipiana, simbolicamente colocada, na qual o delegado-pai é o representante do superego, a casa representando a mãe, identificando-se o paciente com o assaltante, sendo a punição especificamente realizada para aquele que roubou a casa; ou, em outras palavras, a punição está no fundo, ligada às fantasias incestuosas.

SÉRIE III: O ELEVADOR

A série é formada por 4 cartões e tem como tema um elevador que sai do solo trazendo o "rei" juntamente com dois trabalhadores. Os cartões tem desenho bem estruturado, com as figuras claramente definidas, sendo que o último com o "rei" em primeiro plano; esta figura já se insinua no terceiro cartão, através do aparecimento da ponta da corôa. Os primei

ros dois cartões são ambíguos, prestando-se a confusões. Êste tipo de elevador não é comum em nosso meio e juntamente com um cartaz não facilmente legível e escrito em inglês, aumenta a dificuldade no início da ordenação, (caso nº 1) dificultando também a função de projeção, apesar de que seu desenho, com estruturas menos definidas, poderia facilitá-la. Isto pode levar à formulação de estórias muito descritivas, sem possibilidade interpretativa, como aconteceu em alguns casos (nº 5 - 6-9-13-14).

Deve-se acrescentar ser precedida por uma série mobilizadora de muita angústia. Resulta em alguns casos o aproveitamento dos cartões desta série para descargas tensionais anteriormente produzidas, como o faz o caso nº 4, quando, fabulizando, organiza uma estória onde ainda predominam os aspectos do crime e castigo. Outras vezes, o não reconhecimento do elevador, origina dificuldade em compreender a situação e a ordenação acaba sendo feita sem que ela seja reconhecida (caso 1), podendo resultar ordenações corretas (caso 9) ou não (caso 3).

No caso nº 2, o examinando informa que durante a ordenação não fôra capaz de reconhecer o elevador, mas ao ter que relatar a estória, súbitamente o reconhece. É de se perguntar se outros não terão tido também esta percepção inconsciente do elevador e a estória narrada, mostrar in diretamente essa percepção, ao falar de porão (casos 9, 18).

Esta idéia de porão ou de parte profunda da qual emerge alguma coisa, é aproveitada para a identificação com as instâncias psíquicas, de maneira vaga, indeterminada, porém, dinâmica, (caso 9). No caso 18, tem-se a mesma impressão dinâmica (surge a retorna), e o ignorar-se a localização, como a indicação simbólica da repressão. Esta mesma imagem da repressão é fornecida pela estória do caso 3 que ordenou de maneira a lhe permitir fabulizar em termos tranquilizatórios, expressados no "foi pra casa e fechou a porta"; a ordenação preconizada e rejeitada através da tentativa de formular estória idêntica à anterior, procurando alterar a sequência durante a narrativa, para não se defrontar com o "sair", vivenciado com muita angústia, por que sentido como a eminência do levantamento das barreiras repressoras. Esta possibilidade completa-se no caso 19, quando se configura não só a idéia da parte profunda, encastelada por um ego repressor, como também de um supergo (rei) extremamente ativo e vigilante.

A figura do rei mobiliza fortes cargas emocionais; quando existem angústias despertadas na série II, há um efeito somatório e o examinando não consegue formular a estória desta série porque ela termina com a figura real, imagem do seu supergo, diante do qual deseja passar despercebido (caso 2). Nestas circunstâncias, é como que atacado pela sua "contra-inteligência", no sentido de LUZURIAGA, sentindo-se impedido para entender, compreender, reconhecer. Mas êste não reconhecimento apresentando-se deslocado para o cartão inicial, que passa a não ser entendido, mas o examinando insinua ter havido o deslocamento quando diz não ter entendido o "resto".

Finalmente, a imagem elevador permite ela mesma a projeção do examinando, quando então êle, e não as figuras humanas, passa a

ser o herói da estória narrada, (caso 11), focalizando-se a movimentação do mesmo, e escotomizando a figura do rei, que deve ser ignorada para não causar maior angústia.

Como nas séries precedentes, reaparece a necessidade de proteção através da indeterminação do personagem (caso 13) ou colocando num vago "ele sobe", seja o elevador, a figura do rei ou os impulsos instintivos agressivos que parecem ficar subtendidos nas diferentes situações (caso 16). Excluídos os casos que se prestam para dar vazão às tensões motivadas por angústias ligadas às estórias anteriores, esta série possibilita a expressão de estados de insegurança, manifestados através da tendência a narrar descritivamente, nas verbalizações, nos comentários (caso 1), ou ainda, pela maneira como organiza e narra a estória (caso 8).

A figura simbólica do rei permite a manifestação de fantasias nas quais ela aparece como representante de um superego muito ativo na sua luta contra os impulsos instintivos que devem ser represados depois de quase terem rompido as barreiras repressoras (caso 16), ou que devem ser ignorados, escotomizados; mas, mesmo nessas condições, surge a tensão, o medo de se manifestar, traduzido por comentários. Assim (caso 10), o examinando pode se sentir impedido de narrar a estória, alegando não saber, mas afirmando em seguida: "não posso falar!"; quando, a seguir, relata a estória, mostra a figura do rei escotomizada, como a impeditiva da elaboração. Em outras oportunidades são aproveitados detalhes da figura que pelos seus caracteres permitem expressar a situação tensional interior, como por exemplo, os sinais gráficos do toque da campainha (caso 15).

A manifestação do desejo de reencetar o desenvolvimento interrompido por estados conflitivos é focalizado pelo caso 18, usando a saída e o retorno ao carro (elevador) depois de solucionado o conflito que o paralisara.

SÉRIE IV: O NAMÔRO

A série é formada por cinco cartões, dos quais três representam seqüências ligadas à atitude de um dos personagens, passeando, dando ordem e saindo do carro, todas facilmente captadas e que permitem ordená-los. Um outro cartão representando uma figura isolada de mulher, diferentemente colocado nas seriações, evidenciou qualidades para facilitar a projeção de núcleos homossexuais (casos 4-9-14-17, por exemplo). Finalmente, um último cartão no qual se patenteia o relacionamento amoroso; a situação de namôro mostrou ser facilmente captada pelos examinandos e neste sentido, os desenhos muito estruturados e sugestivos, não permitem muita possibilidade para a fuga. O examinando de nº 11 foi provavelmente o que a captou e aparentemente melhor reagiu diante dela, colocando-a naturalmente na estória, apesar de ter provocado uma alteração da seqüência e de ter, na segunda estória, sorrisos e reticências indicativos de perturbações que o conteúdo manifesto não permitiu captar.

As fugas, quando presentes foram presentidas de duas maneiras diferentes. Às vezes, a alteração da seqüência propiciava a alteração concomitante da estória; outras vezes, juntamente com a mudança da seqüência, ou independentemente dela, aspectos dos desenhos eram escotomizados. Algumas vezes a fuga se fez alterando o sentido do relacionamento, transformando-o num encontro fortuito (casos 5 e 12, por exemplo) ou no de simples auxílio prestado por um homem a uma mulher (casos 10-16-17 e 20).

O caso de nº 6, exemplifica muito bem algumas destas situações, pois, auxiliado por alteração da seqüência, não só coloca o problema do namôro numa situação de auxílio, como também, permite entender a necessidade de bloquear seus impulsos, de enaltecer o adequado e o socialmente aceito e esperado, mesmo que para isto precise escotomizar detalhes da realidade.

Em algumas estórias pôde-se compreender que o tema do namôro não podia ser tratado porque havia reativação de núcleos homossexuais e, nestes casos, uma simples alteração da ordem dos cartões permitia fugir dessas vivências desagradáveis (casos 2 e 9). Como também (caso 18), através de estórias muito confusas, consegue-se depreender a dificuldade na identificação sexual; a confusão entre personagens masculinos e femininos parecendo traduzir o clima de ambivalência vivido pela concomitância dos impulsos homo e heterossexuais.

No caso 15, o problema do namôro é colocado de forma vaga, apenas insinuado, quando diz "de braço dado com a moça" na primeira estória, mas, a segunda, mostra ter dentro de si sentimentos de desvalorização, de insuficiência com relação ao próprio sexo, o que faz projetar qualidades depreciativas no homem e valorizar o trabalho, atributo considerado feminino na estória; com isto, procura diminuir a inveja e encontrar uma posição valorizada, através do trabalho, que lhe daria a possibilidade de negar a dependência desejada, porém, temida. Esta mesma sensação de incapacidade e inadequação foi apresentada pelo caso 20, decorrente da necessidade de reprimir as fantasias sexuais.

Já o caso 4 consegue tratar do problema do namôro, porém, o faz denegrindo a figura feminina, objeto da sua identificação, que precisa negar, como negados precisam ser os desejos incestuosos que tem com relação à figura materna. Este último caso nos coloca diante de um problema que nos pareceu freqüente, mas que foi mais claramente colocado pelo caso nº 1, o da situação edipiana. Nêle, a alteração da seqüência permitiu colocá-lo isento de culpas através de vários elementos fabulizados ou escotomizados: acrescenta um novo personagem utilizando a própria figura do rei e fabuliza uma permissividade materna que a encarrega de tôdas as tarefas, inclusive ficar com o pai, visto ter boas qualidades. A quase impossibilidade de organizar a estória com outra ordenação mostra quão importante fôra para a examinanda a mudança da seqüência.

O caso 8 apresenta um aspecto interessante que realiza através do jogo realizado com ordenações sucessivas procurando com isso di

zer ao examinador que não tinha fantasias com a situação de namôro. Realmente, nem todos as apresentaram, mas mostraram aspectos outros da sua personalidade. Assim, os casos 14 e 16 colocaram nos relatos das duas estórias elementos indicativos da tendência à oposição, sempre precedida de anuência aparente, mas que ao final, mostram sempre fazer o que desejam, tradução da necessidade de afirmação.

Esta mesma situação mostrou ser vivenciada com muita angústia e perplexidade pelo caso 13, sentindo-se confuso diante da situação de ser ajudado por alguém a quem agride na procura de liberdade e afirmação.

O aspecto agressivo da personalidade transpareceu de maneira diferente, merecendo ser citado: procurando através da mudança da ordenação, impedir que os dois personagens fiquem juntos ao final da estória (caso 3) ou, mudando o sentido da ordenação torna tudo mais agressivo, como que movido pela raiva, por sentir como não aceita a sua primeira ordenação e exigida outra. Mas, ao final, traduz a sua dificuldade em externar a agressividade, só podendo fazê-lo ao revidar o que sente como agressão (caso 7).

Finalmente, o exemplo mais interessante de projeção nos é oferecida ao mostrar inicialmente a repressão dos sentimentos tidos como proibidos, para depois projetá-los nos objetos externos e finalmente, receber passivamente, de volta, os reflexos dessa projeção (caso 19).

SÉRIE V: TAXI

É a primeira das duas séries formadas por seis cartões, que podem ser divididos em dois grupos: um, formado pelos dois primeiros, apresentando um homem carregando o manequim e o outro, focalizando o taxi, visto por traz, tomando conta de quase todo o quadro, mostrando pela janela posterior os dois personagens; os cartões podem ser diferenciados pelas posições relativas dos personagens, como também, pelos aspectos expressivos da atitude e da fisionomia do homem.

Os estímulos fornecidos pelas figuras são muito estruturados mas permitem a projeção das fantasias através das quais conhecemos necessidades e conflitos. As estórias relatadas e os comentários permitem a abordagem interpretativa. Os quatro cartões com pequenas variações de desenho, mas fundamentais para a ordenação, permitem que estas sejam feitas de acordo com as fantasias prevalentes ou despertadas pela situação de namôro.

Uma das particularidades desta série é que o seu tema segue outro, de igual conteúdo, da sequência anterior. Pôde-se assim, constatar que as angústias despertadas naquela série, se continuam, às vezes, nesta, podendo ocorrer confusões que dificultam a elaboração destes estímulos; é o que aconteceu durante a primeira estória, quando o paciente traz bolas, mulheres mágicas, chapéu, grinalda, brigas e desastre, (caso 4), num verdadeiro processo catártico, findo o qual consegue elaborar nova estória, agora mais coerente e tradutora de suas fantasias inconscientes. De maneira análoga com

portou-se o paciente que vindo da elaboração angustiante de fantasias edípicas com desejos incestuosos, procura, nesta série a solução, ficando fora do carro, atrás dele, deixando o casal continuar sozinho, não sem antes ter colocado na figura masculina a sensação de ver um monstro ao olhar para trás (caso 1).

Nem sempre o manequim é captado como tal, entrando nas histórias como se fôra mulher; sirva de exemplo os casos 1-10 e 11, além de outros. Uma única vez (caso 3) foi identificado como uma criancinha. Outras vezes, desde o início é captado e enunciado como manequim (caso 8), transcorrendo a história nesses termos; mas, outras vezes, é tratado como boneco ou estátua (caso 19). Em alguns poucos casos em que é visto como manequim, durante a narrativa é tratado e denominado como "moça" (casos 6-12-15 entre outros). Contrariamente, e dando medida da intensidade das fantasias que podem ser despertadas, é tratado inicialmente como moça e, logo em seguida, ao se dar conta do ocorrido é feita a correção, passando a ser tomada precaução exagerada para evitar novo engano, novo lapso.

Um terceiro elemento a ser destacado é o namôro dos personagens, que pode parecer não ter sido captado, servindo as figuras para a projeção de outras fantasias: exibicionistas (caso 20), mostrando como são controladas pelo desejo oposto, ocorrendo repressão por um lado e manifestação velada, por outro; necessidade de sempre agradar por temer a crítica dos demais (projeção da sua própria), com a conseqüente angústia, pela impossibilidade de obter afirmação (caso 5); necessidade de saber o que pensam a seu respeito, pelo temor da rejeição (caso 10), procurando deduzir os estados emocionais dos outros (posições relativas dos personagens).

Praticamente em todos os demais casos a situação de namôro é percebida e diferentemente elaborada. Existe a tentativa de fugir dela através da duplicação dos casais de personagens, um auxiliando o outro; quando se apercebe estar enveredando por um caminho perigoso, interrompe a narrativa e muda o sentido da história (caso 18).

Algumas das histórias trazem explícita ou implicitamente o relacionamento amoroso, mas com a ordenação alterada, porque os personagens não podem, no final, ficarem separados. Assim, nos casos 6-8 e 11 quando pôde alterar, forneceu uma boa história, mas quando com a seqüência preconizada, a narrativa foi fria, descolorida, chegando o examinando (caso 11) a mostrar-se perplexo e a expressar seu inconformismo por ficarem separados. A necessidade de fazer a reconciliação após a discussão, porque com isto pode negar seu desejo de separá-los e identificar-se ambivalentemente com cada um deles, surgiu num paciente (caso 17). Este mesmo estado de ambivalência foi mostrado de forma diferente (caso 13), utilizando as duas histórias, para colocar em cada uma delas, separadamente, os sentimentos amorosos e os agressivos.

Mas, ao contrário, existe também a necessidade de separar o casal, como foi mostrado nas duas narrativas, praticamente idênticas, (caso 7), porque existe o temor de que a satisfação instintiva pode causar a destruição do objeto amado.

Em muitos casos o namôro é fâcilmente captado, mas ao descrevê-lo transparecem fantasias ligadas com o namôro prôpriamente dito ou com a atividade sexual das pessoas que se amam. O namôro foi vivenciado com um rapto (caso 2), deslocado para o carro; o temor à castração, como punição pelas fantasias sexuais e chegando a descrever a mulher como sendo de aço, só assim capaz de resistir às agressões sexuais, contidas na sua fantasia, ao mesmo tempo que, num outro plano, dá noção da força com que vivencia suas identificações femininas (caso 4).

Áreas conflitivas no relacionamento entre os sexos podem ser diversamente expressadas: a ambivalência, deslocada para a direção de um automóvel (caso 9); a inveja da posição masculina, fazendo com que ela seja denegrada (caso 15) para poder valorizar a sua própria posição feminina; a mulher só podendo ser aceita na situação de casamento e, mesmo assim, desvalorizada, transformada em estátua, dotada de vontade, mas desprovida de sentimentos (caso 14).

Um aspecto final que merece ser tratado é a projeção das fantasias mais abertamente ligadas com a situação edipiana: abandono dos desejos incestuosos, condição indispensável para prosseguir em busca de sua afirmação e independência (caso 16); dificuldade maior, levando a renunciar a auto-afirmação (caso 19), deixando-se ficar como estátua fria, sem sentimentos, obediente e dependente, precisando, para obter esta situação, acrescentar um personagem, a mãe-artista, enamorada da própria obra (estátua-filho).

SÉRIE VI: PESCARIA

Série formada por seis cartões, quatro dos quais podem ser ordenados fâcilmente porque indicativos da atividade da pesca e por contêm dois elementos norteadores da seqüência a ser estabelecida: vara com ou sem peixe fígado e existência ou não de peixe na cesta ao lado do personagem. Os dois cartões finais indicativos do término da pescaria podem também ser ordenados com relativa facilidade baseando-se no recolhimento da vara e no ato de chamar alguém que só aparecerá na cena final, quando o herói já está se afastando.

Série, portanto, com elementos de fácil percepção e ordenação e que não deveria oferecer grandes dificuldades para a compreensão e elaboração da estória, inclusive porque a presença de um peixe na mão do escafandrista sugere a situação pré-existente. Mas as dificuldades surgem em muitas, ligadas basicamente a três fatores importantes: a grande quantidade de elementos simbólicos; o herói colocado como alguém que precisa de ajuda, provocando reações no setor da auto-afirmação; reativação de fantasias das fases oral, anal e edipiana do desenvolvimento psicosexual.

No que respeita à simbolização ela está ricamente representada pela presença de água, identificável simbolicamente com o corpo materno, de onde saem os peixes (filhos) ou mesmo uma pessoa, o escafandrista, símbolos indicativos de fantasias sobre gravidez e nascimento. O peixe, além

da simbologia fálica, presta-se também para a representação dos filhos, e do leite saindo do corpo materno. A vara de pesca é sobejamente conhecida como símbolo fálico e o ato de pescar, como ato sexual. O rei, símbolo da autoridade paterna, representante do superego, ou em certos momentos, servindo para a identificação do próprio herói. O escafandrista, surgindo do seio da água, foi utilizado como símbolo do corpo dádivo da mãe, ou como um filho no seu interior, ou mesmo, como um pai bondoso ou castrador. Todos estes símbolos apareceram em diferentes estórias, ligados aos conflitos reativados em cada um dos examinandos.

Verifica-se a utilização deste simbolismo quando existem dificuldades em aceitar a atividade sexual dos pais resultando a gravidez materna e, mais do que isso, em aceitar a ligação entre pai e filho que lhe causando muito ciúmes deve ser negada (caso 1). Manifestam-se estes simbolismos, também ao serem enfatizados os aspectos da aceitação ou rejeição dos irmãos (caso 18).

Em grande número de estórias percebe-se facilmente a reativação de fantasias muito primitivas, ligadas principalmente à fase oral e, às vezes, também à anal. Assim, por exemplo (caso 20), patenteia-se a existência de grande gula ligada a fantasias orais-receptivas, que não podem ser livremente manifestadas; disto decorrendo o controle exercido sobre a pescaria. A escotomização do escafandrista, visto como elemento capaz de produzir satisfações, é devida ao fato de ter sido identificado com o seio materno dádivo. Esta escotomização de personagens, ou de pormenores das figuras, mostrou-se muito frequente quando são manifestadas fantasias ligadas à voracidade. Assim, (caso 7), escotomizou os peixes do cesto para condicionar a pesca de apenas um peixe e a negação de um segundo; a ordenação preconizada, sentida como permissividade para a manifestação de fantasias, muda completamente a estória e levanta a escotomização. Nos casos 6 e 10 sente-se o recurso do bloqueio, da repressão da vida instintiva, pelo medo das fantasias orais. Quando não existe o medo, há possibilidade de satisfazer a gula e uma alteração na seqüência dos cartões (caso 17) propicia condições para uma pescaria sem fim.

Nas crianças muito imaturas (caso 3), ou com grande facilidade para vivenciar fantasias muito regressivas, constata-se a existência de necessidades internas muito fortes, difíceis de serem mantidas reprimidas. A manifestação dessas fantasias, ligadas à oralidade e analidade, geram sentimentos de culpa com a conseqüente necessidade de punição. Mas não são apenas as fantasias ligadas à fase oral e anal que podem ser manifestadas; também as da fase edípica (caso 4) manifestando-se por fantasias incestuosas, inveja do penis paterno e idealização de um penis ainda mais poderoso. Neste caso nota-se, como em muitos outros, a necessidade de alterar a ordenação - para organizar uma estória mais concorde com as necessidades internas; o ficar adstrito à preconizada, significa ser colocado frente à passividade e à identificação feminina, que não pode e não quer aceitar.

Quando estes problemas estão mais adequadamente resolvidos, mostra-se capaz de uma boa identificação com a figura paterna, passando

do a lutar por uma afirmação (caso 2). Este processo de afirmação traduzindo-se pela incapacidade de realizar algo, e, no caso particular do teste, de pescar e pescar sem ajuda; foi encontrado em muitas das histórias, colocado de diversas maneiras: escotomização da figura e da função do escafandrista colocando os peixes (caso 16). A incapacidade do rei, necessitando de ajuda, pode levar a não escotomização da sua figura, mas fica omitido o desejo que ele tem de receber essa ajuda. Esta omissão é necessária porque permite ao narrador ignorar que esse desejo é seu.

O estado de permanente insatisfação vem ligada a uma dificuldade na afirmação (caso 13), debatendo-se ambivalentemente entre crescer e ficar sozinho; na base estão os sentimentos de inveja a impedir o processo de afirmação.

Finalmente, o estudo das histórias oferece a oportunidade de verificar a existência de outras fantasias não especificadas, mas que são tratadas da mesma maneira que os impulsos e desejos. São mantidas reprimidas ou vigiadas (caso 11), ou, apesar de vigiadas e controladas, estão sendo periodicamente usadas para medirem o grau de aceitação de que se fazem merecedores (caso 19), porque permanentemente têm a sensação de serem maus. Esta sensação de conter coisas más no interior leva (caso 15) à tentativa de falsear a realidade exterior, sentida como penosa (projeção da realidade interior), enchendo-a de seres fantasiados como bondosos. Podem também incapacitar-se para receber gratificações, vivenciando a permanente sensação de perda em virtude das culpas que trazem dentro.

C: - CONCLUSÕES

1º) A idéia inicial de WECHSLER de que apenas algumas poucas ordenações merecem receber pontos para o cálculo do QI nos pareceu válida para as três primeiras séries, quando a ordenação preconizada aparece com grande prevalência. Para as três séries finais as seqüências que recebem pontos surgiram poucas vezes, substituídas por inúmeras outras possibilidades de ordenações; confirmando-se a opinião generalizada de que é o subteste mais vulnerável da escala.

2º) Embora sem preocupação estatística, a comparação de casos isolados, onde eventualmente foi possível realizá-la, mostrou não haver proporcionalidade de direta entre o aumento dos "scores" no subteste de Ordenação de Figuras e o aumento do QI, quando a idade cronológica mantinha-se constante, nem com o aumento desta quando o QI era mantido como invariável.

3º) Observações sobre a "velocidade de ordenação" foram feitas em número pequeno de casos para merecerem ser consideradas como conclusões definitivas, mas encontraram-se elementos que sugeriram ser o alto índice intelectual fator que favorece a velocidade de ordenação a partir de uma determinada idade cronológica; foram também verificados dados que infirmam essa suposição.

4º) A análise das estórias evidenciou que a problemática inconsciente interfere na ordenação, condicionando-a. Essa problemática manifesta-se através da "não-compreensão" da estória (embora ordenada corretamente); escotomização de personagem ou de um pormenor; existência de lapsos; incapacidade ou dificuldade em tomar consciências das mudanças impostas às ordenações, acreditando tratar-se da mesma; rejeição da seqüência preconizada, dando preferência à própria ordenação; existência de um estado de confusão interior; elaboração numa série das angústias despertadas na série anterior; negação das observações feitas na realidade exterior; utilização dos cartões para defensivamente dizer ao examinador que não tivera determinada fantasia, sem ter sido acusado; etc.

5º) Através das estórias relatadas, dos comentários que as acompanham, da comparação ou complementação das estórias relatadas, podem ser inferidas fantasias inconscientes e mecanismos defensivos utilizados pelo paciente.

6º) O material clínico sugeriu que o aspecto estruturado do estímulo não impede obrigatoriamente a projeção, como se tem pensado; pode impedir ou favorecer. A existência de elementos muito estruturados e muito significativos, pode cercear a fantasia; nestas circunstâncias a escotomização de cenas ou pormenores alia-se à possibilidade da alteração da seqüência para favorecer a projeção.

7º) A série I, por ser a primeira a ser apresentada, tem boas condições para traduzir a ansiedade criada pela situação de teste, embora muitas vezes possa existir dificuldade em discerní-la daquela produzida pela reativação de núcleos inconscientes. Permite aquilatar além dos processos defensivos utiliza

dos, estados de insegurança, necessidade de proteção e reafirmação. As fantasias mais frequentemente encontradas relacionam-se à situação edipiana, favorecidas pelo simbolismo da casa como "mãe". A identificação do examinando com o personagem que constrói a casa permite fantasias sobre o crescimento ou desenvolvimento da personalidade.

89) Podem ser consideradas desvantagens inerentes à estrutura do teste nesta primeira série, o fato de apresentar poucos cartões, todos muito estruturados. Impondo uma sequência da qual poucos se afastam, diminui a possibilidade da formulação de uma segunda história. Estes impedimentos acarretam a elaboração de histórias muito descritivas, difíceis de serem analisadas.

90) A série II, da mesma maneira que a anterior, apresenta poucos cartões, todos também muito estruturados, mas estimuladores de fantasias sobre a relação crime-castigo. Permite inferências sobre o caráter persecutório do superego e das diferentes maneiras com as quais lidam com ele. Apresentou-se um único caso no qual o crime ligava-se especificamente à situação edipiana, punindo-se os desejos incestuosos. Sentimentos de culpa, com a conseqüente necessidade de alívio pela punição ou pela atenuação do delito, são mobilizados com frequência. Da mesma maneira, sentimentos de insegurança, geradores de bloqueios afetivos, quando surgem, acarretam a valorização defensiva dos aspectos intelectuais.

109) Os desenhos da série III, tendo por tema um elevador aflorando do solo, presta-se a confusões quando não reconhecido. Juntamente com a presença da figura do rei, símbolo paterno, representante das figuras superegóticas intrjetadas, acarretam histórias cheias de angústia, baseadas em sequências alteradas ou não. Propicia a manifestação e a descarga de angústias mobilizadas na série anterior.

119) A existência nesta série (III) de uma parte subterrânea, intuída, mas não representada nos desenhos, presta-se a identificações com a parte profunda, inconsciente da personalidade. A existência do rei, identificado ao superego e a do elevador que surge da parte profunda, permite a dramatização, nas histórias, do jogo dinâmico das instâncias psíquicas e do mecanismo da repressão.

129) As figuras da série IV representando muito definidamente a situação de namoro, e o estruturado do desenho, dificultam a projeção das fantasias que, no entanto, ocorre, socorrendo-se da alteração da sequência, da escotomização de pormenores, ou utilizando ambos os meios. O encontro fortuíto ou a situação de simples auxílio foram os refúgios preferentemente procurados pelos que não podiam enfrentar a área conflituosa.

139) Encontrou-se nesta série IV que a fuga podia ser motivada pela reativação de núcleos homossexuais, tanto em examinandos do sexo masculino quanto do feminino. Esses núcleos resultam, em grande parte, do conflito edipiano, que, por sua vez, encontra possibilidades várias de manifestar-se nas suas diferentes nuances. Fantasias outras puderam expressar-se, tais como as ligadas às necessidades de afirmação.

149) A série V, com o mesmo tema da anterior, possibilita a continuidade do mesmo clima angustiante, dificultando, agora, a adequada elaboração do novo estímulo. Às vezes, a primeira estória nesta série tem efeito catártico, preparando terreno para melhor elaboração da segunda. O manequim pode servir como tal, como estátua ou boneco, mas, em grande parte das estórias, desempenha função de mulher. Além das diferentes fantasias sobre o namorado, e a atividade sexual podem encontrar-se manifestações das necessidades exhibitionistas, do agradar, do saber o que pensam dele, tudo podendo relacionar-se com dificuldades no processo de auto-afirmação.

159) A série VI contém vários elementos favorecedores da ordenação, mas a obtenção de grande variedade de seqüências traduz dificuldades na elaboração das estórias. Estas dificuldades originam-se, basicamente, de três fatores importantes: grande quantidade de elementos simbólicos contidos nos desenhos, reativação de fantasias das fases oral, anal e edipiana do desenvolvimento psicosexual e colocação do herói na situação desvalorizada de alguém muito importante necessitado de ajuda.

169) As fantasias desta série quando manifestadas mostram-se geradoras de ansiedades e culpas com a conseqüente necessidade de punição, principalmente as relacionadas com a voracidade. Defensivamente originam-se escotomizações de personagens e pormenores das figuras.

179) De quanto foi exposto, parece lícito concluir pela possibilidade e vantagem da utilização do método proposto, singular na aplicação, porém, capacitado para detectar elementos do dinamismo funcional da personalidade.

QUARTA PARTE

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - ABRAMS, S.: - The Effects of Motivation upon the Intellectual Performance of Schizophrenics Patients. Amer. J. Clin. Hypn. 8 : 37-43; 1965. in: Excerpta Medica: Psychiatry - fev. 1966.
- 2 - ABT, L.E.: - Una Teoria de la Psicología Proyectiva. in: Abt, L.E. e Bellak, L.: Psicología Proyectiva. Trad. cast. Ed. Paidós. Buenos Aires, 1a. ed., 1967 pág. 37-53.
- 3 - ALLPORT, G.W.: - Psicología de la Personalidad; versión castellana. Buenos Aires, Editorial Paidós, 2a. ed., 1965.
- 4 - ANASTASI, A.: - Testes Psicológicos: teoria e aplicação. Trad. brasileira. S. Paulo. Editora Herder, 1965.
- 5 - BELLAK, L.: - Sobre los Problemas del Concepto de Proyección. Una teoría de la distorsión aperceptiva. in: Abt, L.E. e Bellak, L.: - Psicología Proyectiva. Trad. cast., Ed. Paidós, Buenos Aires, 1a. ed. 1967, pág. 25-36.
- 6 - BINET, A. e SIMON, Th.: - Testes para a Medida do Desenvolvimento da Inteligência, nas Crianças. Trad. brasil. Companhia Melhoramentos de S. Paulo. S. Paulo, 3a. ed., 1929.
- 7 - BOURDIER, G.: - Les Tests d'Intelligence et d'aptitudes en Psychologie Clinique. in: Encyclopédie Médico-Chirurgicale - Psychiatrie - vol. I, fasc. 37180 A¹⁰ Paris, 1963.
- 8 - BOURDIER, G.: - La Psychométrie chez l'Adulte, in: Encyclopédie Médico-Chirurgicale - Psychiatrie - Vol. I. fasc. 37180 C⁴⁰, Paris, 1963.
- 9 - BRUNSWIK, E.F.: - Dynamic and Cognitive Categorization of Qualitative Material. I: General Problems and the Thematic Apperception Test. J. Psychol. 25 : 253-260, 1948.
- 10 - BRUNSWIK, E.F.: - Idem. II: Applications to Interviews with the Ethnically Prejudiced. J. Psychol 25 : 261-277, 1948.
- 11 - CARTER, J.W. e BOWLES, J.W.: - A Manual on Qualitative Aspects of Psychological Examining. J. Clin. Psychol. 4 : 110-150; 1948.
- 12 - CATTELL, R.B.: - Principios Fundamentales de los Tests de Personalidad Proyectivos o de Percepción Errónea (Misperception). in: Anderson e Anderson: Técnicas Proyectivas del Diagnóstico Psicológico. trad. cast., Ed. Rialp S.A., Madrid, 1963, pág. 88-136.
- 13 - CHESS, S.: - Introducción a la Psiquiatría Infantil. versão castelhana. Ed. Paidós, B. Aires, 1967.

- 14 - CHODORKOFF, B. e MUSSEN, P. :- Qualitative Aspects of the Vocabulary Responses of Normals and Schizophrenics. *J. Consult. Psychol.* 16 : 43-48; 1952.
- 15 - COHEN, J. :- The Efficacy of Diagnostic Pattern Analysis with the Wechsler-Bellevue. *J. Consulting Psychol.* 19 : 303-306; 1955.
- 16 - COLEMAN, J.C. e RASOF, B. :- Intellectual Factors in Learning Disorders. *Percept. Motor Skills.* 16 : 139-52. fev. 1963.
- 17 - DECROLY, O. e BUYSE, R. :- Prática dos Testes Mentais. Trad. brasileira., F. Briguiet., Rio, 1931.
- 18 - DELAY, J. e PICHOT, P. :- Abrégé de Psychologie - Massom et Cie., Paris, 1962.
- 19 - DIAMOND, S. :- The Wechsler-Bellevue Intelligence Scales and Certain Vocational Aptitude Tests. - *J. of Psychol.* 24 : 279-282, 1947.
- 20 - FISHER, G.M. :- Differences in WAIS Verbal and Performance I.Q.'s in Various Diagnostic Groups of Mental Retardates. *Amer. J. Mental Defic.* 65 : 256-260; 1960. In: SUNDBERG, N.D. e TYLER, L.E. : *Clinical Psychology.* London, Methuen e Cia. 1963.
- 21 - FREUD, S. :- On the Grounds for Detaching a Particular Syndrome from Neurasthenia Under the Description "Anxiety Neurosis" (1894), *The Standard Edition of the Complete Works of S. Freud,* Hogarth Press., Londres., Vol. III, 1a. ed., 1962, pág. 85-118.
- 22 - FREUD, S. :- Further Remarks on the Neuro-Psychoses of Defense (1896). *The Standard Edition of Complete Works of S. Freud,* Hogarth Press., Londres. Vol. III. 1a. ed. 1962, pág. 157-185.
- 23 - FREUD, S. :- Psycho-Analytic Notes on an Autobiographical Account of a Case of Paranoia (Dementia Paranóides) (1911). *The Standard Edition of the Complete Works of S. Freud.,* Hogarth Press., Londres., Vol. XII., 1a. ed. 1958, pág. 1-82.
- 24 - FREUD, S. :- Totem and Taboo (1913). *The Standard Edition of the Complete Works of S. Freud.,* Hogarth Press., Londres. Vol. XIII. 1a. ed. (reimp). 1957, pág. 1-162.
- 25 - FREUD, S. :- Instincts and their Vicissitudes (1915). *The Standard Edition of the Complete Works of S. Freud.,* Hogarth Press., Londres., Vol. XIV - 1a. ed. 1957, pág. 109-140.
- 26 - GUERTIN, W.H., FRANK, G.H. e RABIN, A.I. :- Research with the Wechsler-Bellevue Intelligence Scale: 1950-1955., *Psychol. Bull.* 53 : 235-257, maio 1956.

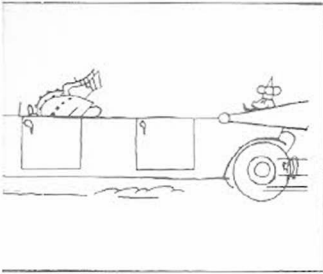
- 27 - GUERTIN, W.H.; RABIN, A.I.; FRANK, G.H. e LADD, C.E. :- Research with the Wechsler-Intelligence Scales for Adults:1955-1960. *Psychol. Bull.* 59 : 1-26, jan. 1962.
- 28 - GURVITZ, M.S. :- Some Defects of the Wechsler-Bellevue. *J. Consult. Psychol.* 16 : 124-126; abril 1952.
- 29 - HARRINGTON, R. e EHRMANN, J.C. :- Complexity of Response as a Factor in the Vocabulary Performance of Schizophrenics. *J. of Abnormal and Soc. Psychol.* 49 : 362-364; 1954.
- 30 - HELMANN, P. :- Certain Functions of Introjection and Projection in Early Infancy. In *Developments in Psycho Analysis*. Hogarth Press., Londres. 1952, pág. 122-168.
- 31 - HEUYER, G. :- *Vingt Leçons de Psychologie Médicale*. Presses Universitaires de France, Paris, 1966.
- 32 - HOLZBERG, J.D. e BELMONT, D. :- The Relationship between Factors on the Wechsler-Bellevue and Rorschach Having Common Psychological Rationale. *J. Consult. Psychol.* 16 : 23-29; 1952.
- 33 - HUNT, W.A. :- The Future of Diagnostic Testing in Clinical Psychology. *J. Clin. Psychol.* 2 : 311-317; 1946.
- 34 - JASPERS, K. :- *Psicopatologia General*, 2 v. Trad. hesp., A. Bini e Cia. Buenos Aires, 1950.
- 35 - KANNER, L. :- *Psiquiatria Infantil.*, 1a. ed. cast., Editorial Paidós, Buenos Aires, 1966.
- 36 - KANTER, W.B. e HAZELTON, J.E. :- An Attempt to Measure some Aspects of Personality in Young Men with Duodenal Ulcer by means of Questionnaires and a Projective Test. *J. of Psychosom. Res.* 8 : 297-309, 1964.
- 37 - KLEIN, M. :- A Contribution to the Psychogenesis of Maniac-Depressive States (1934) in: *Contributions to Psycho-Analysis (1921-1945)*. Hogarth Press. Londres. 2a. ed. 1950 - pág. 282-310.
- 38 - KLEIN, M. :- On the Theory of Anxiety and Guilt. in: *Developments in Psycho-Analysis*. Hogarth Press. Londres, 1952, pág. 271-291.
- 39 - KLEIN, M. :- Notes on Some Schizoid Mechanisms. in: *Developments in Psycho-Analysis*. Hogarth Press. Londres, 1952, pág. 292-320.
- 40 - KLEIN, M. :- *Sobre el Desarrollo del Funcionamiento Mental*. in: KLEIN, M. e RIVIERE, J. :- *Las Emociones Basicas del Hombre*. Ed. Nova. Buenos Aires, 1960, pág. 197-210.

- 41 - KNIGHTS, R.M.:- Test Anxiety and Visual Discrimination of Social Scenes. Child Develop. 36 : 1083-90. dez. 1965.
- 42 - KRECH, D. e CRUTCHFIELD, R.S.:- Elementos de Psicologia. Trad. brasileira., 2 Vol., Livraria Pioneira Ed., S. Paulo, 1963.
- 43 - KRETSCHMER, E.:- Psicologia Médica 2a. ed., cast., Editorial La bor, Barcelona, 1966.
- 44 - LAZARUS, R.S.:- Is there a Mechanism of Perceptual Defense? A Reply to Postman, Bronson and Gropper. J. of Abnormal and Soc. Psychol. 49 : 396-398; 1954.
- 45 - LEVINE, R., CHEIN, I. e MURPHY, G.:- The Relation of the Intensity of a Need to the Amount of Perceptual Distortion: a Preliminary Report. J. of Psychol. 13 : 283-293; 1942.
- 46 - LOPES IBOR, J.J.:- Lecciones de Psicologia Médica. Vol. I. Ed. Paz Montalvo, Madrid, 4a. ed., 1963.
- 47 - LOVELAND, N.T.:- Epileptic Personality and Cognitive Functioning. J. of Project. Techniques 25 : 54-68. março 1961.
- 48 - LUZURIAGA, I.:- Función y Disfunción de la Inteligencia. Revista de Psicoanálisis, XXI : 1 : 38, 1964. (Buenos Aires).
- 49 - LUZURIAGA, I.:- Idem. Revista de Psicoanálisis, XXI:2 : 138, 1964. (Buenos Aires).
- 50 - MAYMAN, M., SCHAFER, R. e RAPAPORT, D.:- Interpretacion de la Escala de Inteligência Wechsler-Bellevue en el Estudio de la Personalidad. in: Anderson e Anderson: Tecnicas Proyetivas del Diagnostico Psicológico. trad. cast., Ed. Rialp. S.A., Madrid, 1963. pág. 605-649.
- 51 - MC. DOUGALL, W.:- Introduccion a la Psicologia. trad. hesp. Buenos Aires, 1948.
- 52 - MOLDAWSKY, S. e MOLDAWSKY, P.C.:- Digit Span as an Anxiety Indicator. J. Consult. Psychol. 16 : 115-118; 1952.
- 53 - MOOR, :- Le Test de Wechsler-Bellevue chez les dyslexiques et les dysorthographiques. Sauvegarde de l'Enfance, 9 : 542-552, maio 1954.
- 54 - MURPHY, G.:- The Freeing of Intelligence. Psychol. Bull. 42 : 1-19; jan. 1945.
- 55 - PATTERSON, C.H.:- The Wechsler-Bellevue Scale as an Aid in Psychiatric Diagnosis. J. Clin. Psychol. 2 : 348-353; 1946.

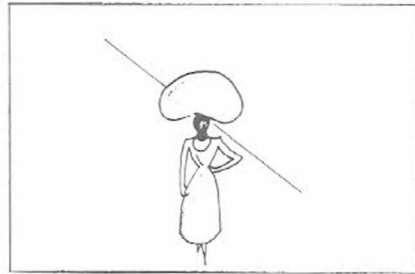
- 56 - PICHOT, P. :- Les Tests Mentaux en Psychiatrie. T:1. Presses Universitaires de France, Paris, 1948.
- 57 - RABIN, A. I. :- The Use of the Wechsler-Bellevue Scales with Normal and Abnormal Persons. Psychol. Bull. 42 : 410-422. Jul. 1945.
- 58 - RABIN, A. I. :- Diagnostic Use of Intelligence Tests. in: Wolman, B. B. Handbook of Clinical Psychology. MCGRAW-HILL Book Company. N. York, 1965. pág. 477-497.
- 59 - RABIN, A. I. e GUERTIN, W. H. :- Research with the Wechsler-Bellevue Test: 1945-1950. Psychol. Bull. 48 : 211-248. maio 1951.
- 60 - RAPAPORT, D. :- Diagnostic Psychological Testing. 2 vol., Chicago, The Year Book Publishers, Ind. 1945.
- 61 - RAPAPORT, D. :- Implicaciones Teóricas de los Procedimientos de Verificación Diagnóstica. in: KNIGHT, R. P. ; Psiquiatría Psicoanalítica. Psicoterapia y Psicología Clínica, trad. cast., Ed. Hormé., Buenos Aires, 1960.
- 62 - RAPAPORT, D. :- Toward a Theory of Thinking in: Rapaport, D. : Organization and Pathology of Thought: Selected Sources. Columbia University Press. N. York. Fourth printing, 1965.
- 63 - RAPAPORT, D. :- Tests de Diagnostico Psicologico. Trad. cast., Ed. Paidós. Buenos Aires - 1965.
- 64 - RASHKIS, H. A. e WELSH, G. S. :- Detection of Anxiety by Use of the Wechsler Scale. J. Clin. Psychol. 2 : 354-357; 1946.
- 65 - SCHAFER, R. :- Los Tests Psicológicos en la Investigación Clínica. in: Knight, R. P. : Psiquiatría Psicoanalítica. Psicoterapia y Psicología Médica. Trad. castl. Buenos Aires. Ediciones Hormé, - 1960.
- 66 - SCHWARTZ, L. A. :- Social Situation Pictures in the Psychiatric Interview. Am. J. of Orthopsychiat. 2 : 124-133, abril 1932.
- 67 - STERN, W. :- Psicología General. Desde el punto de Vista Personalístico. Versão cast., Ed. Paidós. Buenos Aires. 1962.
- 68 - WAITE, R. R. :- The Intelligence Test as a Psychodiagnostic Instrument J. of Project. Techniques: 25 : 90-102, março 1961.
- 69 - WASSING, H. E. :- Cognitive Function in Early Infantile Autism: an Examination of Four Cases by Means of the Wechsler Intelligence Scale for Children. Acta Paedopsychiat. (Basel) 32 : 122-135; abril 1965.

- 70 - WECHSLER, D. :- Non-intellective factors in General Intelligence. J. Abnormal and Soc. Psychol. 38 : 100-104; 1943.
- 71 - WECHSLER, D. :- The Measurement of Adult Intelligence. 3a. ed. The Williams and Wilkins Company. Baltimore, 1944.
- 72 - WELMAN, A. I. :- Brain Tumor Patients Tested with Wechsler-Bellevue Scale. Dis. Nerv. Syst. 25 : 746-50. dezembro 1964.
- 73 - WILDE, G. J. S. :- Can Personality be Measured? J. of Psychosom. Res. 8 : 317-318, 1964.
- 74 - WYATT, F. :- The Scoring and Analysis of the Thematic Apperception Test. J. of Psychol. 24 : 319-330, 1947.

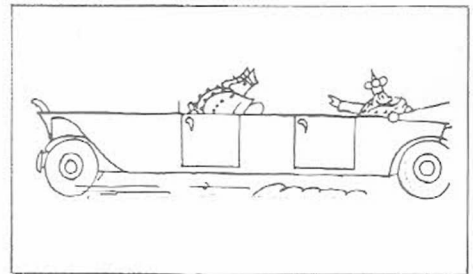
SÉRIE IV



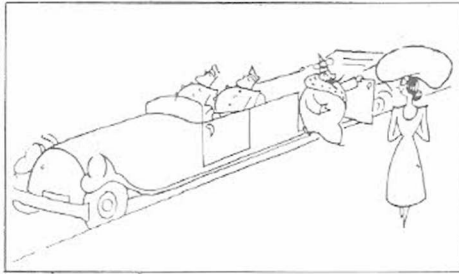
J



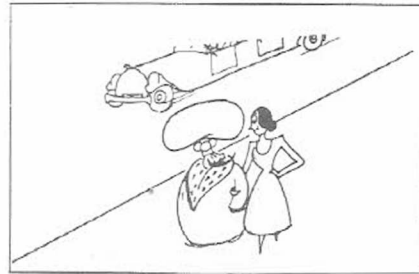
A



N



E

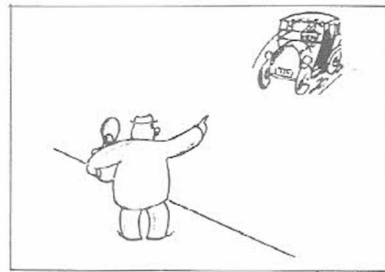


T

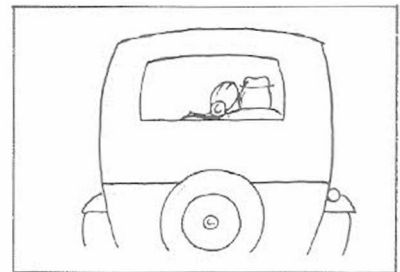
SÉRIE V



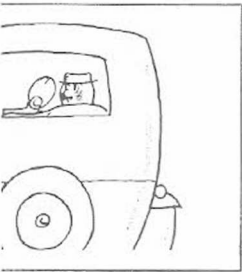
S



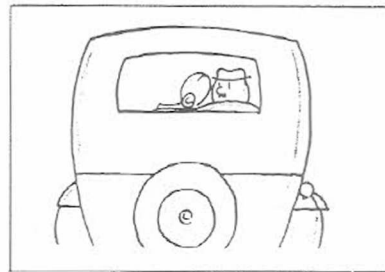
A



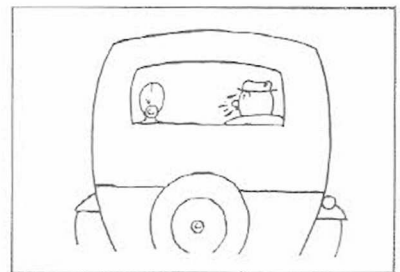
M



U

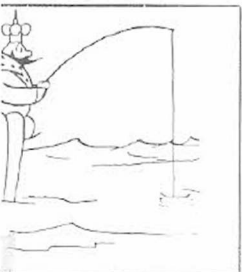


E



L

SÉRIE VI



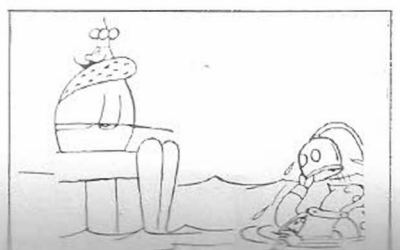
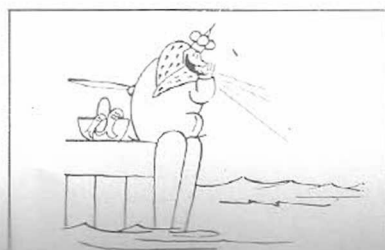
E



F



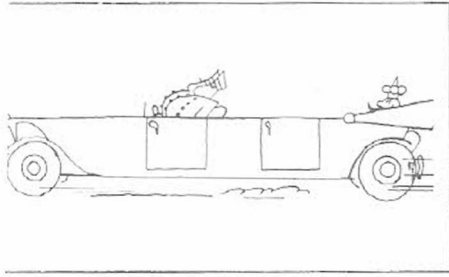
G



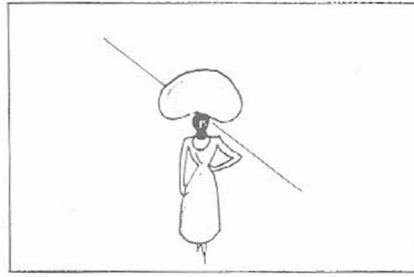
INDICE

	página
PRIMEIRA PARTE: INTRODUÇÃO	
A:- A inteligência e as funções intelectuais	1
B:- A influência dos fatores da personalidade	6
C:- Os testes psicológicos	7
D:- Os testes de Wechsler-Bellevue (W. B.)	10
E:- A projeção e as técnicas projetivas	18
SEGUNDA PARTE: A PESQUISA	
A:- Objetivos	27
B:- Técnica utilizada	28
C:- Escolha da amostra	29
D:- Material da pesquisa	29
E:- Apresentação e interpretação do material da pesquisa ..	33
TERCEIRA PARTE: COMENTÁRIOS E CONCLUSÕES	
A:- Análise geral dos resultados	119
B:- Análise das diferentes séries	124
C:- Conclusões	137
QUARTA PARTE: REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	141

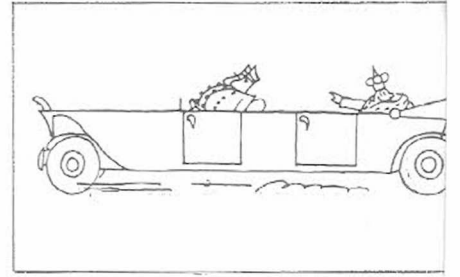
SÉRIE IV



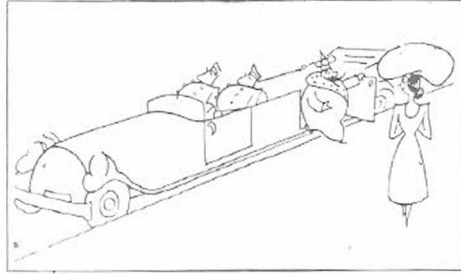
J



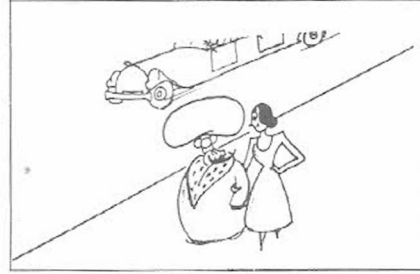
A



N

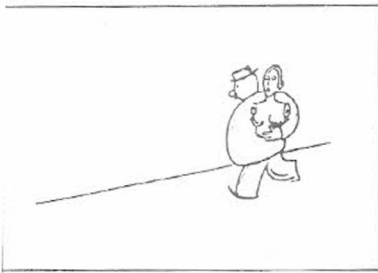


E

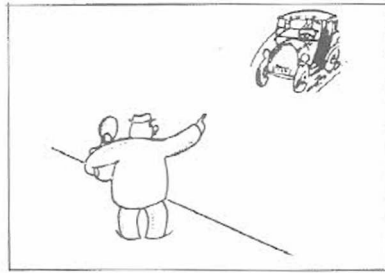


T

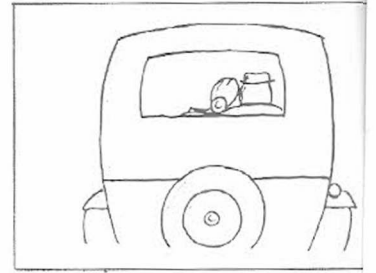
SÉRIE V



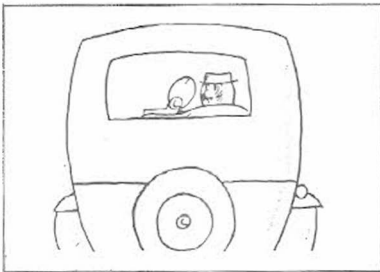
S



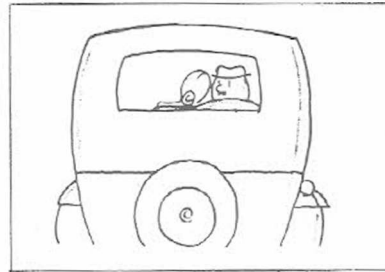
A



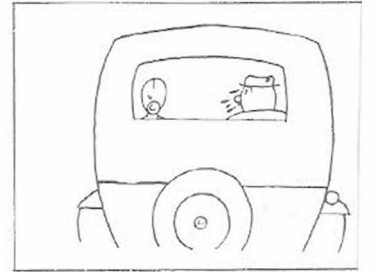
M



U

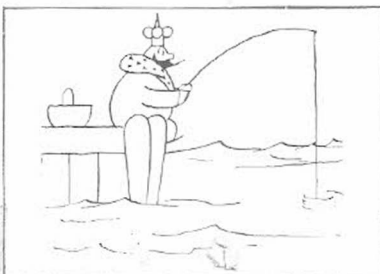


E



L

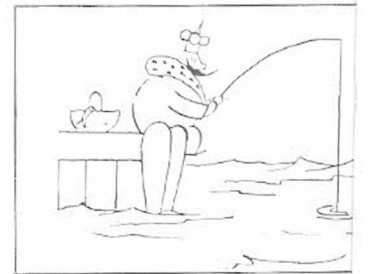
SÉRIE VI



E



F



G

